

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
Instituto de Psicologia – IPS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPGPSI
Mestrado Acadêmico

Carla Magalhães Mikulski

**Para Além dos Contos de Fada: Princesas Disney e Concepções de Gênero na
Perspectiva de Adolescentes**

Salvador – BA

2024

Carla Magalhães Mikulski

**Para Além dos Contos de Fada: Princesas Disney e Concepções de Gênero na
Perspectiva de Adolescentes**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestra em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia do Desenvolvimento

Linha de Pesquisa: Transições Desenvolvimentais e Processos Educacionais

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Juliana Prates Santana

Salvador – BA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI)
Biblioteca Universitária Isaias Alves (BUIA/FFCH)

M636 Mikulski, Carla Magalhães
Para além dos contos de fada: princesas Disney e concepções de gênero na perspectiva de adolescentes / Carla Magalhães Mikulki, 2024.
283 f.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Juliana Prates Santana
Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Psicologia, Salvador, 2024.

1. Psicologia do desenvolvimento. 2. Adolescência. 3. Identidade de gênero.
4. Estereótipos (Psicologia social). 5. Princesas. 6. Disney, personagens de. I. Santana, Juliana Prates. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD: 155.4

Responsável técnica: Hozana Maria Oliveira Campos de Azevedo - CRB/5-1213

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
Instituto de Psicologia – IPS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPGPSI
Mestrado Acadêmico

TERMO DE APROVAÇÃO

**Para Além dos Contos de Fada: Princesas Disney e Concepções de Gênero na
Perspectiva de Adolescentes**

Carla Magalhães Mikulski

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Juliana Prates Santana (Orientadora)

Universidade Federal da Bahia – UFBA

Prof.^a Dr.^a Lia da Rocha Lordelo

Universidade Federal da Bahia – UFBA/UFRB

Prof. Dr. Elder Cerqueira-Santos

Universidade Federal de Sergipe – UFS

Salvador, 08 de maio de 2024.

Dou fé



Prof.^a Dr.^a Juliana Prates Santana

Dedico este trabalho aos meus sobrinhos, Mateus, Hiago e Theo, na esperança de que, ao reconhecerem seus privilégios, possam se tornar agentes ativos na construção de um mundo mais igualitário. Dedico também às pessoas que ousam sonhar e lutar incansavelmente para a construção de um mundo igualitário e que, mesmo diante de desafios, persistem no caminho da justiça e equidade. Dedico também àquelas que, embora contribuam para esse propósito, hesitam em abraçar o rótulo feminista. Que este trabalho sirva como um tributo à coragem e dedicação de todas essas pessoas, inspirando-as a continuar avançando na edificação de uma sociedade mais inclusiva para meninas, meninos e meninos.

Agradecimentos

Com imensa gratidão e um coração pleno de emoções, dedico este momento para expressar meus sinceros agradecimentos, não apenas pela conclusão desta dissertação, mas também por toda a jornada percorrida, repleta de encontros felizes e desafios superados. A todos vocês que, de uma forma ou de outra, contribuíram para moldar a pessoa que sou hoje, quero expressar minha mais profunda gratidão. Se não fosse pela convicção inabalável em quem sou e no que desejo alcançar, este trabalho não teria se concretizado.

Agradeço aos meus pais, que me presentearam com o valor da boa educação e me criaram para enfrentar o mundo com coragem e determinação. À minha mãe, Maria, agradeço por sua torcida, apoio incondicional e por ter desejado, antes do meu nascimento, que eu fosse determinada, independente e segura. Ao meu pai, Bartolomeu, agradeço por ter sido a minha referência empírica de feminismo, por sempre ter incentivado o meu espírito livre, assim como o seu. Sempre lembro de suas últimas palavras para mim em sua partida tão precoce... Sou grata pela sua certeza de que não tinha com o que se preocupar em relação a mim nem ao meu futuro porque eu daria conta. No momento sombrio de minha vida e mesmo agora, quando cheguei a duvidar de minha capacidade de escrever e contar uma história, você foi e continua sendo a voz que diz que eu me basto e que meu futuro será exatamente o que eu quiser que ele seja.

Às minhas amigas, meu mais profundo agradecimento por sua presença constante e pelo apoio incondicional ao longo dos anos. Vocês são minha rede de apoio, o exemplo de que os laços entre mulheres podem ser fortes e duradouros. À Adriana, pelas décadas de amizade. À Joyce e à tia Rai, por me receberem na família e por, ao longo dos anos, estarem presentes torcendo por mim em momentos importantes. Ao *Quinteto* - Clara, Dai, Mai e Naty - expresso minha gratidão por terem me acolhido e por termos construído juntas uma amizade que persiste ao longo dos anos e das distâncias. À Gloritcha, minha mãe perdida que me acolheu em um

momento de vida corporativa bastante adoeceador, mas que me deu forças como gestora e que se mantém próxima, sendo um exemplo de cidadã e de pessoa. À Big, pelo carinho e torcida. Agradeço ao Cassio por, tanto ele quanto Morgy, Piu e Nina, terem proporcionado alívio e afeto nos momentos mais desafiadores dessa trajetória acadêmica. E por falar nesses momentos... Agradeço à minha psicóloga, Ju Sbicigo, e à minha psiquiatra, Dra. Tamara Marrega. Meu autoconhecimento me fez buscá-las preventivamente. Ainda bem! Porque, infelizmente, a necessidade se mostrou real, e feliz de mim por ter ao lado profissionais como vocês.

Agradeço inclusive por ter vivido esses momentos mais desafiadores, afinal, não tenho dúvida de que, se não fossem por eles, não estaria aqui agora escrevendo as palavras de agradecimento à minha orientadora, Juliana. Ju, obrigada por ter me recebido ao cair de paraquedas como sua orientanda e por não ter largado a minha mão. Você foi um bote salva-vidas enquanto eu estava à deriva e se tornou um farol guiando para onde quero seguir rumo à minha jornada acadêmica. Todo agradecimento e reconhecimento são insuficientes para você! Obrigada pelo resgate, pela orientação, por ter viabilizado um trabalho além das minhas expectativas com suas contribuições tão valiosas. Enfim, obrigada por tudo mesmo!

Agradeço aos *Mais que amigos*, *FRIENDS* pelas partilhas e suporte no primeiro ano do mestrado, especialmente Duda e Diva, pelas trocas nos encontros que nos proporcionaram sair um pouco da virtualidade que nos acompanhou durante o curso, e a Lucas pela grande contribuição. Já te disse e você sabe que significou muito pra mim.

Alexandra, Libby e Luan, meu profundo agradecimento pelas contribuições inestimáveis.

À Lilla, agradeço pela paciência em me mostrar que eu já era feminista, mesmo sem perceber. A todas as pessoas que me ensinaram e me ensinam sobre feminismo e interseccionalidade, e àquelas que permitiram que eu compartilhasse meu conhecimento. Sou a prova viva de que, uma vez aberta a porta do conhecimento, não há como voltar atrás.

E, claro, agradeço a todas as adolescentes desta pesquisa e suas respectivas responsáveis, que autorizaram suas participações. Sem vocês, não teria conseguido realizar a pesquisa com dados tão importantes.

Obrigada a todo mundo por fazer parte desta jornada!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

*"Chegou a hora do mundo mudar
Essa história é antiga
Uma princesa não deve falar
Não há o que eu não consiga
Não dá
Eu tenho que ser firme
E podem tentar
Eu não vou me silenciar
Ninguém me cala
Não fico mais quieta
E nada mais me afeta
Decidi, ninguém mais me cala, me cala
É a hora
Nada mais me abala
Ninguém me tira a fala
Eu cansei, ninguém mais me cala"
(Ninguém me cala - Aladdin)*

Resumo

Mikulski, C. M. (2024). *Para Além dos Contos de Fada: Princesas Disney e Concepções de Gênero na Perspectiva de Adolescentes*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia.

Este trabalho se situa na interseção entre gênero, desenvolvimento humano e mídia, tendo como objetivo geral analisar as concepções de gênero na perspectiva de adolescentes autodeclaradas mulheres cisgênero a partir dos filmes das Princesas Disney, com foco nas representações das Princesas Disney e seu impacto na concepção de gênero e na socialização durante a adolescência. Utilizando a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, Estudos de Gênero e Teorias Feministas como base, este estudo qualitativo envolveu a participação de quatro adolescentes de 13 a 17 anos, residentes em três estados de duas regiões do Brasil. Os métodos de produção de dados incluíram *reacts* e entrevistas semiestruturadas e não estruturadas, analisadas a partir da abordagem indutiva centrada na Análise Temática. Os resultados destacam as Princesas Disney como tecnologias de gênero que moldam normas sociais aderentes aos ideais patriarcais, capitalistas e coloniais, contribuindo para uma reflexão crítica sobre papéis e estereótipos de gênero na sociedade. As adolescentes demonstraram uma compreensão crítica das representações de gênero nos filmes e discutiram a influência dessas narrativas em suas próprias concepções de gênero. A análise revelou a influência das animações nas percepções das adolescentes sobre feminilidade, masculinidade e estereótipos de gênero, considerando diversos contextos sociais e culturais. Apesar de algumas evoluções nas representações das Princesas, desafios relacionados à perpetuação de estereótipos de gênero ainda persistem. Este estudo reforça a necessidade de abordagens críticas e educativas para promover uma compreensão mais profunda das dinâmicas de gênero na adolescência, com implicações para intervenções e políticas públicas visando promover uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

Palavras-chave: Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano; Adolescência; Gênero; Papéis de Gênero; Estereótipos de Gênero; Princesas Disney.

Abstract

Mikulski, C. M. (2024). *Beyond Fairy Tales: Disney Princesses and Gender Conceptions from the Perspective of Adolescents*. Master's Thesis, Graduate Program in Psychology, Institute of Psychology, Federal University of Bahia.

This study is situated at the intersection between gender, human development, and media, aiming to analyze gender conceptions from the perspective of self-identified cisgender adolescent girls through Disney Princess movies, focusing on the representations of Disney Princesses and their impact on gender conception and socialization during adolescence. Using the Bioecological Theory of Human Development, Gender Studies, and Feminist Theories as a foundation, this qualitative study involved the participation of four adolescents aged 13 to 17, residing in three states from two regions of Brazil. Data production methods included reacts and semi-structured and unstructured interviews, analyzed using an inductive approach centered on Thematic Analysis. The results highlight Disney Princesses as gender technologies shaping social norms adherent to patriarchal, capitalist, and colonial ideals, contributing to critical reflection on gender roles and stereotypes in society. The adolescents demonstrated a critical understanding of gender representations in films and discussed the influence of these narratives on their own gender conceptions. The analysis revealed the influence of animations on adolescents' perceptions of femininity, masculinity, and gender stereotypes, considering various social and cultural contexts. Despite some evolutions in Princess representations, challenges related to perpetuating gender stereotypes still persist. This study reinforces the need for critical and educational approaches to promote a deeper understanding of gender dynamics in adolescence, with implications for interventions and public policies aimed at promoting a more inclusive and egalitarian society.

Keywords: Bioecological Theory of Human Development; Adolescence; Gender; Gender Roles; Gender Stereotypes; Disney Princesses.

Resumen

Mikulski, C. M. (2024). *Más Allá de los Cuentos de Hadas: Princesas Disney y Concepciones de Género desde la Perspectiva de Adolescentes*. Tesis de Maestría, Programa de Posgrado en Psicología, Instituto de Psicología, Universidad Federal de Bahía.

Este trabajo se sitúa en la intersección entre género, desarrollo humano y medios de comunicación, con el objetivo general de analizar las concepciones de género desde la perspectiva de adolescentes autodeclaradas mujeres cisgénero a partir de las películas de las Princesas Disney, centrándose en las representaciones de las Princesas Disney y su impacto en la concepción de género y en la socialización durante la adolescencia. Utilizando la Teoría Bioecológica del Desarrollo Humano, Estudios de Género y Teorías Feministas como base, este estudio cualitativo involucró la participación de cuatro adolescentes de 13 a 17 años, residentes en tres estados de dos regiones de Brasil. Los métodos de producción de datos incluyeron reacciones y entrevistas semiestructuradas y no estructuradas, analizadas desde un enfoque inductivo centrado en el Análisis Temático. Los resultados destacan a las Princesas Disney como tecnologías de género que moldean normas sociales adherentes a los ideales patriarcales, capitalistas y coloniales, contribuyendo a una reflexión crítica sobre roles y estereotipos de género en la sociedad. Las adolescentes demostraron una comprensión crítica de las representaciones de género en las películas y discutieron la influencia de esas narrativas en sus propias concepciones de género. El análisis reveló la influencia de las animaciones en las percepciones de las adolescentes sobre feminidad, masculinidad y estereotipos de género, considerando diversos contextos sociales y culturales. A pesar de algunas evoluciones en las representaciones de las Princesas, desafíos relacionados con la perpetuación de estereotipos de género aún persisten. Este estudio refuerza la necesidad de enfoques críticos y educativos para promover una comprensión más profunda de las dinámicas de género en la adolescencia, con implicaciones para intervenciones y políticas públicas que buscan promover una sociedad más inclusiva y equitativa.

Palabras clave: Teoría Bioecológica del Desarrollo Humano; Adolescencia; Género; Roles de género; Estereotipos de género; Princesa de Disney.

Résumé

Mikulski, C. M. (2024). *Au-Delà des Contes de Fées: Les Princesses Disney et les Conceptions de Genre du Point de Vue des Adolescents*. Mémoire de Master, Programme de Master en Psychologie, Institut de Psychologie, Université Fédérale de Bahia.

Ce travail se situe à l'intersection entre le genre, le développement humain et les médias, ayant pour objectif général d'analyser les conceptions de genre du point de vue d'adolescentes auto-identifiées comme femmes cisgenres à partir des films des Princesses Disney, en mettant l'accent sur les représentations des Princesses Disney et leur impact sur la conception du genre et la socialisation pendant l'adolescence. En utilisant la Théorie Bioécologique du Développement Humain, les Études de Genre et les Théories Féministes comme base, cette étude qualitative a impliqué la participation de quatre adolescentes de 13 à 17 ans, résidant dans trois États de deux régions du Brésil. Les méthodes de production de données comprenaient des réactions et des entretiens semi-structurés et non structurés, analysés à partir d'une approche inductive centrée sur l'Analyse Thématique. Les résultats mettent en évidence les Princesses Disney comme des technologies de genre qui façonnent des normes sociales conformes aux idéaux patriarcaux, capitalistes et coloniaux, contribuant à une réflexion critique sur les rôles et les stéréotypes de genre dans la société. Les adolescentes ont démontré une compréhension critique des représentations de genre dans les films et ont discuté de l'influence de ces récits sur leurs propres conceptions de genre. L'analyse a révélé l'influence des animations sur les perceptions des adolescentes concernant la féminité, la masculinité et les stéréotypes de genre, en tenant compte de divers contextes sociaux et culturels. Malgré quelques évolutions dans les représentations des Princesses, des défis liés à la perpétuation des stéréotypes de genre persistent encore. Cette étude souligne la nécessité d'approches critiques et éducatives pour promouvoir une compréhension plus approfondie des dynamiques de genre à l'adolescence, avec des implications pour les interventions et les politiques publiques visant à promouvoir une société plus inclusive et égalitaire.

Mots-clés: Théorie Bioécologique du Développement Humain; Adolescence; Genre; Rôles de genre; Stéréotypes de genre; Princesse Disney.

Lista de Figuras

Figura 1 Representação gráfica da TBDH de Bronfenbrenner.....	40
Figura 2 Princesas Disney: Elenco oficial da franquia até julho de 2022.....	96
Figura 3 Mapa temático.....	149
Figura 4 Ilustração das conexões entre o tema Era Uma Vez...: Concepções de Gênero e seus subtemas.....	152
Figura 5 Ilustração das conexões entre o tema Em um Reino não tão Distante...: Contextos de Socialização e seus subtemas.....	171
Figura 6 Ilustração das conexões entre o tema E Viveram Felizes para Sempre?: Sobre as Princesas Disney e seus subtemas.....	204

Lista de Tabelas

Tabela 1	Resultado de bilheteria das animações protagonizadas pelas Disney Princesas	91
Tabela 2	Informações sociodemográficas das participantes	142
Tabela 3	Resumo dos encontros com as participantes	145
Tabela 4	Citações ilustrativas do subtema Pergaminhos Malditos: Papéis de Gênero	155
Tabela 5	Citações ilustrativas do subtema Rótulo Amaldiçoado: Estereótipos de Gênero ...	160
Tabela 6	Citações ilustrativas do subtema Crueldades do Reino: Disparidades e Violência	168
Tabela 7	Citações ilustrativas do subtema Castelo Mágico: Microsistema	179
Tabela 8	Citações ilustrativas do subtema Reino Encantado: Exossistema	187
Tabela 9	Citações ilustrativas do subtema Além da Floresta: Macrossistema	198
Tabela 10	Citações ilustrativas do subtema Heranças Encantadas: Legado Geracional	206
Tabela 11	Citações ilustrativas do subtema Vórtice do Tempo: Opiniões Transformadas ...	211
Tabela 12	Citações ilustrativas do subtema Espelho, Espelho Meu: Identificação Pessoal ..	218
Tabela 13	Citações ilustrativas do subtema Poções de Sabedoria: Interpretações Possíveis	224
Tabela 14	Citações ilustrativas do subtema Revelando o Feitiço: Críticas às Narrativas	236

Lista de Abreviaturas e Siglas

AT	Análise Temática
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CEP-IPS	Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia
CNPq	Núcleo de Estudos sobre Desenvolvimento e Contextos Culturais
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
COVID-19	Coronavirus Disease 2019
CULTS	Investigações em Psicologia Cultural: Cultura, Linguagem, Transições e Trajetórias Desenvolvimentais
IMDB	Internet Movie Database
ISTs	Infecções Sexualmente Transmissíveis
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais ou Transgênero, Queer, Intersexo, Assexual (o + representa o acolhimento às diversas possibilidades de orientação sexual e/ou identidade de gênero que possam existir)
LGPD	Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais
OMS	Organização Mundial da Saúde
PBIC	Programa de Bolsas de Iniciação Científica
PCD	Pessoa com Deficiência
PPCT	Processo-Pessoa- Contexto-Tempo
PPGSI/UFBA	Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia
TALE	Termo de Assentimento Informado Livre e Esclarecido (Criança e Adolescente)
TBDH	Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano

TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
TEN	Teatro Experimental do Negro
UHC	União dos Homens de Cor
WHO	World Health Organization

Sumário

Era Uma Vez.....	20
Início da Jornada (Des)Encantada.....	24
Capítulo 1. Crescer em Contexto: Adolescência sob a Lente Bioecológica e dos Estudos de Gênero.....	33
1.1 Psicologia do Desenvolvimento	34
1.1.1 Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.....	36
1.1.2 Adolescência	44
1.2 Dispositivos de Gênero	80
1.3 Tecnologias de Gênero	87
Capítulo 2. Princesas em Pauta: Disney e a Discussão sobre Gênero e Diversidade	90
2.1. Corte Encantada: As Escolhidas da Disney	93
2.2. Princesas Disney na Linha do Tempo do Feminismo	123
Capítulo 3. O Mapa Metodológico: A Jornada Rumo ao Reino das Descobertas.....	138
3.2 Participantes	141
3.3 Procedimentos de Produção dos Dados.....	144
3.4 Procedimentos de Análise dos Dados.....	145
3.5 Aspectos Éticos	147
Capítulo 4. Desvendando e Explorando o Reino das Descobertas.....	148
Tema 1 - Era Uma Vez...: Concepções de Gênero.....	150
Subtema 1.1 - Pergaminhos Malditos: Papéis de Gênero.....	152
Subtema 1.2 - Rótulo Amaldiçoado: Estereótipos de Gênero	156
Subtema 1.3 - Crueldades do Reino: Disparidades e Violência	162
Tema 2 - Em um Reino não tão Distante...: Contextos de Socialização	170
Subtema 2.1 - Castelo Mágico: Microssistema.....	172

Subtema 2.2 - Reino Encantado: Exossistema.....	182
Subtema 2.3 - Além da Floresta: Macrossistema.....	189
Tema 3 - E Viveram Felizes para Sempre?: Sobre as Princesas Disney.....	202
Subtema 3.1 - Heranças Encantadas: Legado Geracional.....	204
Subtema 3.2 - Vórtice do Tempo: Opiniões Transformadas.....	208
Subtema 3.3 - Espelho, Espelho Meu: Identificação Pessoal.....	212
Subtema 3.4 - Poções de Sabedoria: Interpretações Possíveis.....	220
Subtema 3.5 - Revelando o Feitiço: Críticas às Narrativas.....	225
Capítulo 5. Refletindo sobre a Jornada em Direção ao Reino da Igualdade.....	240
Referências.....	243
Apêndices.....	263
Apêndice A - Roteiro Entrevista Semi-Estruturada (Piloto).....	263
Apêndice B - Roteiro Entrevista Final.....	265
Apêndice C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	267
Apêndice D - Termo de Assentimento Informado Livre e Esclarecido (Criança e Adolescente)	275
Apêndice E - Convite.....	278
Apêndice F – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).....	279

Era Uma Vez...

Cada etapa do meu percurso, permeado por múltiplas identidades e cenários, esculpiu de forma singular a minha visão de mundo. Sou uma mulher cis, parda¹, percebida como branca em determinados contextos, heterossexual, de classe média, com raízes na Bahia e passagens por São Paulo e Pernambuco, até chegar ao Rio de Janeiro, onde me encontro atualmente. Essas vivências não só definem quem sou, mas também influenciam profundamente a forma como percebo o mundo e nele me posiciono.

É intrigante notar que, apesar de dedicar-me ao estudo das Princesas Disney hoje, minha infância nos anos 80, vivida com um espírito moleca, independente e determinado, distanciava-se dos contos de fadas. Talvez a ausência de cinemas na cidade do interior da Bahia onde passei parte de minha infância, os limitados canais de televisão que lá pegavam na ausência de antena parabólica ou a falta de identificação estética com as personagens² possam ter contribuído para essa desconexão, em uma intrincada mistura de razões esquecidas pelo tempo.

Minha trajetória acadêmica, agora refletida nesta dissertação, é um testemunho de uma jornada pessoal e profissional repleta de reviravoltas, aprendizados e descobertas. A escrita das próximas páginas não trilhou um caminho linear; ao contrário, foi marcada por desvios e redirecionamentos que, embora desafiadores, enriqueceram significativamente meu trabalho e meu crescimento como pesquisadora.

¹ Tanto por ser fruto de um casal birracial quanto pela ausência do que foi chamado por Guerreiro Ramos (1995) da *patologia social do "branco" brasileiro*, uma vez que minha consciência da mestiçagem do povo brasileira está preservada, especialmente sendo de Salvador. Importante salientar, no entanto, que, apesar desta autoidentificação e sabendo dos privilégios que a leitura social me proporciona e pela origem socioeconômica familiar, nunca usufruí das políticas de cotas por entender, primeiro, que não se trata apenas de uma questão racial já que aspectos sócio-econômicos são levados em consideração e, segundo, e mais importante, as políticas de cotas têm por objetivo uma reparação histórica com a população negra do país, que é lida e que vive essa realidade socialmente.

² Apesar de saber que não causaria estranhamento se decidisse ser uma Branca de Neve ou Cinderela, o fato é que, apenas recentemente houve uma identificação com uma personagem da Disney, Mirabel Madrigal (Howard & Bush, 2021) que nem princesa é, mas, sem dúvida, teria conquistado o coração da pequena Carla que usava óculos e sempre teve os cabelos cacheados na altura dos ombros.

Diferentemente de alguns que têm a oportunidade de participar do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PBIC) durante a graduação, minha incursão no mundo *stricto sensu* iniciou-se somente após a conclusão do curso. Nesse período, agradeço à professora Virgínia Danazzi, que me possibilitou envolver-me com o grupo de pesquisa *Investigações em Psicologia Cultural: Cultura, Linguagem, Transições e Trajetórias Desenvolvidas* (CULTS) do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia (PPGPSI/UFBA). Expresso minha profunda gratidão à professora Virgínia por abrir as portas desse grupo, permitindo-me participar como ouvinte e, assim, ampliar meu entendimento sobre processos desenvolvimentais e aspectos culturais intrínsecos a esse contexto. Essa experiência foi essencial para minha posterior admissão no mestrado.

A entrada no mestrado representou um marco crucial em minha trajetória, proporcionando-me o contato com diversas teorias, incluindo a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner. Foi durante uma aula ministrada pela professora Juliana Prates Santana, a convite das professoras Virgínia Danazzi e Vivian Volkmer Pontes, que me apaixonei por essa teoria. Esse amor à primeira vista não se limitou apenas à teoria, estendendo-se à professora Juliana, a quem procurei como preceptora no Estágio em Docência alguns semestres depois.

A vida, por vezes, nos conduz por caminhos sinuosos, desdobrando-se em lugares inimagináveis. Os reveses em minha trajetória acadêmica me levaram a trabalhar com a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner sob a orientação da professora Juliana. Confesso que essa reviravolta foi agridoce, pois ocorreu em um momento em que minha pesquisa já estava em andamento e não podia ser reiniciada totalmente, principalmente em respeito às adolescentes que generosamente dedicaram seu tempo para conversar comigo, além dos prazos a serem cumpridos.

Nesse contexto, a escolha das Princesas Disney como foco de minha pesquisa surgiu da interseção entre o acadêmico e o pessoal. Essa jornada foi iniciada pela leitura do livro *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação* de Valeska Zanello (2018), antes mesmo de meu ingresso no mestrado. A obra me fez refletir sobre as tecnologias de gênero e como animações, como *A Pequena Sereia*, perpetuam representações machistas, mesmo em conteúdos voltados para crianças.

Como psicóloga clínica e feminista, apaixonada pelas artes, mergulho na compreensão do impacto das narrativas artísticas no desenvolvimento das meninas. A pesquisa surge de uma mistura de preocupação e curiosidade sobre como crianças e adolescentes, em um contexto social marcado por debates feministas, interpretam os papéis de gênero presentes nas animações das Princesas Disney, especialmente as clássicas. Essa inquietação é inevitável para alguém que compreende a importância do contexto sociocultural, para além das características e temperamento pessoais. Nesse sentido, a interseção entre discussões de gênero e animações, passadas e presentes, levanta indagações sobre a construção de identidades, as percepções e vivências experimentadas por essas jovens.

Considerando os contornos ampliados que o conceito de gênero pode ter, é relevante mencionar que minha compreensão se alinha com a da Organização Mundial da Saúde, que o define como as características socialmente construídas de mulheres, homens, meninas e meninos, incluindo normas, comportamentos e papéis. Gênero difere de sexo, que se refere a características biológicas e fisiológicas, e de identidade de gênero, que é a experiência interna e individual de gênero de uma pessoa (World Health Organization [WHO], s.d.). Além disso, busco incorporar uma perspectiva interseccional, desvendando as complexidades das experiências de gênero, considerando as diversas camadas de opressão e privilégio relacionadas à raça, orientação sexual, classe social e condição física. Reconhecer essa inter-relação é crucial

para compreender a complexidade das vivências humanas e para transformar a disciplina da psicologia, refletindo todas as vozes e experiências.

Adicionalmente, da perspectiva de uma mulher, feminista, amante das artes e psicóloga clínica, é imperativo para mim, enquanto pesquisadora, garantir que as vozes das autoras sejam plenamente reconhecidas, desafiando assim o apagamento feminino em um meio acadêmico frequentemente dominado por homens. Por essa razão, faço questão de citar os nomes completos das autoras em minhas referências, prestando uma homenagem merecida às suas contribuições.

Nesse sentido, afirmo estar imbuída de determinação para contribuir com a transformação da Psicologia, assegurando que ela reflita todas as vozes e experiências. Este estudo representa um passo nessa direção. Ao analisar as concepções de gênero de adolescentes autodeclaradas mulheres cisgênero a partir dos filmes das Princesas Disney, busco contribuir para uma compreensão mais ampla e inclusiva das representações de gênero. O resultado dessa trajetória, tão repleta de mudanças e atores quanto minha vida tem sido, será apresentado na sequência.

Início da Jornada (Des)Encantada

Esta dissertação tem como objetivo analisar as concepções de gênero na perspectiva de adolescentes autodeclaradas mulheres cisgênero a partir dos filmes das Princesas Disney. Para isso, é preciso compreender alguns conceitos, como o de adolescência, do ponto de vista da Psicologia do Desenvolvimento, bem como o de gênero, abarcando especialmente as tecnologias envolvidas neste contexto. Além disso, assumindo que The Walt Disney Company, empresa estadunidense de mídia de massa, possui uma posição de destaque no que se refere a produtos consumidos pelo público infantojuvenil, faz-se necessário conhecer um pouco de sua história, visto que isto poderá auxiliar o entendimento do colonialismo cultural por trás de suas produções, em especial as da franquia Disney Princesa®, amplamente consumidas por meninas, adolescentes e, porque não dizer, mulheres ao redor do mundo.

Sendo assim, a escolha da expressão *Para além dos contos de fada* implica uma abordagem crítica e reflexiva, indicando que o trabalho vai além de uma mera análise das histórias das Princesas Disney. Em vez disso, busca-se explorar suas implicações mais profundas nas concepções de gênero das adolescentes. Isso evidencia a intenção de examinar as narrativas midiáticas de maneira contextualizada e crítica, reconhecendo sua complexidade e influência na concepção de gênero durante a adolescência.

Segundo Nicole Aun e Alessandra Rodrigues (2023), os contos de fadas são narrativas tradicionais que apresentam elementos mágicos, personagens heroicos e moralidades distintas, transmitidas ao longo de gerações em diversas culturas. Essas histórias envolvem desafios, superações e lições de vida, destinadas a entreter, educar e transmitir valores culturais, além de conhecimentos sobre o mundo. Larissa Santos Gomes e Cláudia Yaísa Gonçalves da Silva (2019) destacam que os contos de fadas têm o propósito de despertar a imaginação e a criatividade, proporcionando um espaço para a reflexão e a aprendizagem.

As Princesas Disney, como Cinderela, Branca de Neve e Bela, são profundamente inspiradas nos contos de fadas clássicos, conforme apontado pela pesquisadora Tracey Mollet (2013). A Disney adaptou essas histórias, muitas vezes recriando ou reinterpretando os enredos originais para atrair um público contemporâneo. Embora tenham sido suavizadas em alguns aspectos, essas princesas ainda mantêm características fundamentais dos contos de fadas, como a busca pelo amor verdadeiro e a superação de desafios (Zipes, 2001). Além de sua função de entretenimento, os contos de fadas têm um impacto psicológico significativo, como ressaltado pela escritora Amanda Leduc (2020). Eles permitem aos leitores ou espectadores se identificarem com os personagens e vivenciarem emoções poderosas, contribuindo para a formação da identidade e a compreensão do mundo. Essas histórias também exploram temas universais, como coragem, amor e resiliência, oferecendo reflexões sobre a psique humana e sua relação com as narrativas tradicionais (Rosa Junior & Thies, 2021).

Considerando esses aspectos, o foco desta pesquisa reside na intersecção entre gênero, adolescência e as animações da Disney, reconhecendo a importância deste período para a compreensão da concepção de gênero. Utilizando uma metodologia qualitativa, buscou-se destacar as reverberações dessas experiências através das vozes das próprias adolescentes. O estudo teve como objetivos específicos: 1) explicar os papéis de gênero na perspectiva de adolescentes e suas implicações no cotidiano; 2) descrever a contribuição dos diferentes contextos de desenvolvimento na percepção das adolescentes sobre os papéis de gênero; e 3) investigar a função dos filmes das Princesas Disney na formação de normas sociais de gênero entre adolescentes.

A centralização da perspectiva das adolescentes, utilizando a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH) de Bronfenbrenner (1979/1996, 2005/2011), destaca a importância dos processos proximais e do modelo Processo-Pessoa-Contexto-Tempo (PPCT) no desenvolvimento multidimensional. A compreensão das interações entre fatores biológicos,

psicológicos e sociais é crucial para promover um desenvolvimento saudável (Cerqueira-Santos, Melo Neto & Koller, 2014). Para isso, é fundamental que pais e responsáveis adotem uma abordagem holística, considerando essas influências e oferecendo suporte, estabelecendo limites claros, promovendo escolhas saudáveis e incentivando a saúde mental e sexual dos adolescentes. A pesquisa é instrutiva para orientar intervenções eficazes, considerando a influência da mídia no desenvolvimento saudável e positivo das jovens.

A aplicação da TBDH à análise dos filmes das Princesas Disney permite compreender como os ambientes e sistemas influenciam a concepção de gênero das adolescentes. Esses filmes funcionam como tecnologia de gênero, moldando normas sociais e contribuindo para uma reflexão crítica sobre estereótipos de gênero. De acordo com a autora italiana Teresa de Lauretis (1987), as tecnologias de gênero são processos sociais que produzem subjetividades de gênero, moldando as normas e expectativas para homens e mulheres. Essas tecnologias operam tanto em níveis primários, como a medicina e a educação, quanto em níveis secundários, como a mídia e a cultura, que perpetuam estereótipos de gênero através de representações. Nesse sentido, os filmes das Princesas Disney podem ser vistos como tecnologias de gênero secundárias, que reforçam conceitos patriarcais e normas de gênero, influenciando a maneira como as adolescentes percebem e internalizam seus papéis na sociedade (e.g. Cechin, 2014; Aguiar & Barros, 2015; Coyne, Linder, Rasmussen, Nelson & Birkbeck, 2016; Appolinário & Gonçalves, 2020; Coyne, Linder, Booth, Keenan-Kroff, Shawcroft & Yang, 2021; Renjith, 2022; Sumarsono, Kusumawati, Amalo, Agusalim & Nurisma, 2023).

Assim, e em convergência com o trabalho de Tania Zittoun e Michèle Grossen (2013), uma boa alternativa para pesquisa com adolescentes pode se dar pela mediação através de "artefatos culturais, como filmes, romances, pinturas, espetáculos de dança, etc., que pertencem

à vida social [e] constituem um determinado corpo de conhecimento" (p. 5, tradução nossa³). As autoras consideram esses elementos como agentes sociais ou processos que são capazes de contribuir para o aparecimento de fenômenos de transição e que são utilizados para a construção de significados, além de alguns possuírem características que podem ter aproveitamento simbólico em momentos diversos.

Além disso, segundo Wood (2021), o gênero desempenha um papel intrínseco na expressão artística e na cultura, moldando a forma como as pessoas percebem e interpretam as diversas formas de criação, desde livros e peças teatrais até pinturas e filmes. Segundo o autor, ao longo da história, a arte tem representado o gênero de maneiras diversas e profundas, incitando reflexões e debates acerca das relações entre gênero, sociedade e identidade. De acordo com o sociólogo Michael Mulkay, "toda 'ação cultural' e todo 'produto cultural' ou 'texto' tem de ser tratado como uma fonte ou uma oportunidade para se criarem significados múltiplos ou outros 'textos'" (Mulkay como citado em Wood, 2021, p. 94, destaque no original).

Nesse cenário, as produções da Disney podem ser consideradas artefatos poderosos nesse processo, por serem consumidas por todas as idades, o que ocorre desde muito cedo, especialmente por crianças de um contexto social e financeiro mais favorecido, com acesso a televisores, cinema e/ou internet, por exemplo. Possivelmente, por todo esse alcance, a Disney está no escopo de diversas pesquisas e suas princesas protagonizam um interesse especial em diversas áreas de estudo ao redor do mundo (e.g. Craven, 2002; Hurley, 2005; Mortensen, 2008; Lee, 2009; Barker, 2010; England, Descartes & Collier-Meek, 2011; Bueno, 2012; Mollet, 2013; Baliscei, Calsa & Stein, 2017; Hine, England, Lopreore, Horgan & Hartwell, 2018; Beloso & Fullana, 2019; Chulvi, 2020; Bezerra, Miranda & Pepece, 2020; Begum, 2022).

³ Redação original: [...] cultural artefacts, such as films, novels, paintings, dance shows, etc. that belong to social life and constitute a certain body of knowledge.

Neste contexto, as culturas infantis, conforme Sarmiento (2003, 2021), desempenham um papel crucial, sendo produzidas em interdependência com as culturas sociais e permeadas por relações de classe, gênero e etnia. Para o autor, essas culturas, antigas e historicamente construídas, refletem a marca geracional, moldando o estatuto social e as representações das crianças, destacando-se por sua natureza socialmente produzida e modificada ao longo do tempo. Segundo Sarmiento (2003, 2021), instituições, especialmente a escola, historicamente influenciam a construção social da infância, e as culturas infantis expressam as marcas temporais da sociedade, revelando suas contradições e complexidades. Ao explorar as culturas infantis, nota-se a centralidade de pilares como interatividade, ludicidade e jogo simbólico, demandando uma abordagem que considere a diversidade de formas, processos de significação, estruturas internas e protocolos de comunicação, oferecendo uma perspectiva crítica para compreender o papel das crianças na produção cultural desde a infância (Sarmiento, 2003, 2021).

Tendo em vista que o desenvolvimento de uma pessoa acontece de forma mais ampla considerando questões multifatoriais e contextos diversos, como família, escola e sociedade de uma forma geral (Martins, L. C. & Branco, 2001; Oliveira, 2016; Maia, Venturin, Longhitano, Leite & Gravalos, 2020), será possível indagar sobre como exatamente meninas inseridas numa sociedade como a brasileira, patriarcal e machista (Zanello, 2018), expostas a esses conteúdos, percebem os papéis de gênero ali representados e que, em alguns casos, podem se contrapor com as vivências pessoais nas interações com demais agentes dos ambientes onde estão inseridas. Afinal, é inegável que as animações das Princesas Disney, ao mesmo tempo que representam a sua época, são assistidas por meninas de outras épocas.

Neste sentido, pode-se dizer que há uma interseção entre o comportamento de consumo e questões desenvolvimentais de gênero, conforme apontado por Fabiana Jordão Martinez (2015). Isso ocorre porque, mesmo que a garota não tenha necessariamente assistido às

animações, ela pode ser uma consumidora em potencial dos conteúdos e personagens por estar exposta aos mais diversos objetos disponíveis para consumo, como bonecas, material escolar, adereços, temas para festas de aniversário, dentre muitas outras coisas.

A pesquisa sobre o desenvolvimento humano, com foco na adolescência, é fundamental para entender as complexidades dessa fase da vida e para orientar intervenções eficazes. Ao considerar a perspectiva das adolescentes e incorporar uma abordagem interdisciplinar, podemos promover um desenvolvimento mais saudável e positivo, capacitando as jovens a navegar com sucesso pelas demandas e desafios dessa etapa crucial de suas vidas. Assim, a escolha do tema se justifica tanto social quanto cientificamente pela relevância da Walt Disney Company no consumo infantojuvenil e pelo impacto de suas produções nas concepções de gênero de suas jovens espectadoras. A análise das animações das Princesas Disney sob a perspectiva de adolescentes brasileiras é essencial para compreender como o contexto patriarcal e machista influencia a percepção dos papéis de gênero. Além disso, a compreensão dessas percepções é vital para o desenvolvimento de intervenções e políticas que promovam uma construção social mais crítica e igualitária.

Em vista do que foi dito, assume-se como importante a inserção dos estudos sobre questões de gênero em períodos precoces na vida de jovens como forma de fomentar um olhar crítico a este tema (e.g. Coyne, Linder & Rasmussen et al., 2016; Coyne, Linder, Booth et al., 2021), principalmente porque a adolescência é um período crucial para questões importantes relacionadas ao desenvolvimento das pessoas como um todo (Senna & Dessen, 2012). A compreensão da percepção dos papéis de gênero, mediadas por produções voltadas ao público infantojuvenil, poderá beneficiar profissionais de saúde, educação, arte e comunicação promovendo reflexões acerca, especialmente de estereótipos de gênero, que geram repercussões psicológicas, educacionais e sociais (ver Leaper & Brown, 2014; Blasco & Grau-Alberola,

2019), além de novas formas de intervenção e criação de políticas norteadoras que contribuirão para uma construção social mais crítica e que justificou a realização desta pesquisa.

Sendo assim, esta dissertação está organizada em cinco capítulos que guiam o leitor pelos caminhos teóricos, metodológicos e empíricos que fundamentam este trabalho. Espera-se que a estrutura desta dissertação não apenas facilite a leitura, mas também torne a experiência tão envolvente e gratificante quanto possível, atuando como um catalisador para reflexões e ações que promovam um mundo mais igualitário para meninas e meninos. A intenção é que cada capítulo, com sua abordagem específica e detalhada, possa ser não apenas informativo, mas também inspirador, incentivando a leitora e o leitor a considerar profundamente as questões de gênero e desenvolvimento humano apresentadas.

O primeiro capítulo, intitulado *Crescer em Contexto: A Adolescência Sob a Lente Bioecológica*, oferece uma visão do desenvolvimento humano, enfocando a adolescência e a teoria bioecológica. Ele começa com uma seção sobre a Psicologia do Desenvolvimento, abordando a evolução histórica da disciplina e as contribuições de teóricos notáveis. Detalha-se a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner, explicando suas fases e conceitos-chave, como microsistema e cronossistema, além da importância dos processos proximais e do modelo PPCT. A seção sobre adolescência discute sua definição e os mecanismos de socialização. A noção de dispositivos de gênero é abordada, com ênfase nos dispositivos amoroso, materno e de eficácia, e a última seção define tecnologias de gênero, exemplificando com filmes de princesas da Disney que reforçam padrões patriarcais.

O Capítulo 2, *Princesas em Pauta: Disney e a Discussão sobre Gênero e Diversidade*, examina a evolução das Princesas Disney, refletindo mudanças sociais e culturais em gênero e diversidade. O capítulo contextualiza a importância do feminismo e das novas mídias, introduz a Walt Disney Company e discute a franquia Disney Princesas. Analisa a representação racial

e de gênero e explora a evolução das princesas em termos de independência e diversidade cultural.

O Capítulo 3, *O Mapa Metodológico: A Jornada Rumo ao Reino das Descobertas*, descreve a metodologia desta pesquisa qualitativa, estruturada em cinco seções que apresentam os objetivos, participantes, procedimentos de coleta e análise de dados e aspectos éticos. A produção dos dados incluiu entrevistas semi-estruturadas, uma entrevista piloto e o uso de vídeos de reação (*reacts*) para capturar respostas espontâneas das participantes aos filmes das Princesas Disney. A análise dos dados seguiu uma abordagem indutiva, centrada na Análise Temática.

No Capítulo 4, *Desvendando e Explorando o Reino das Descobertas*, são apresentados os resultados da pesquisa, discutindo três temas e 11 subtemas identificados na análise temática das entrevistas. Os temas são: 1) *Era Uma Vez...: Concepções de Gênero*, com três subtemas *Pergaminhos Malditos: Papéis de Gênero*; *Rótulo Amaldiçoado: Estereótipos de Gênero*; e *Crueldades do Reino: Disparidades e Violência*; 2) *Em um Reino não tão Distante...: Contextos de Socialização*, com três subtemas *Castelo Mágico: Microssistema*, *Reino Encantado: Exossistema* e *Além da Floresta: Macrossistema*; e 3) *E Viveram Felizes para Sempre?: Sobre as Princesas Disney*, com cinco subtemas *Heranças Encantadas: Legado Geracional*, *Vórtice do Tempo: Opiniões Transformadas*, *Espelho, Espelho Meu: Identificação Pessoal*, *Poções de Sabedoria: Interpretações Possíveis* e *Revelando o Feitiço: Críticas às Narrativas*.

Finalmente, o Capítulo 5, *Refletindo sobre a Jornada em Direção ao Reino da Igualdade*, traz as considerações finais, resumindo os principais achados, discutindo implicações e sugerindo direções para futuras pesquisas. Aborda também as limitações do estudo e suas implicações para a educação e políticas públicas, enfatizando a necessidade de uma mídia mais consciente e inclusiva.

Almeja-se que a leitura deste trabalho transcenda a mera absorção de informações, transformando-se em uma jornada de descoberta e compreensão que ressoe nas leitoras e nos leitores e os motive a participar ativamente na construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Que as páginas seguintes possam ser um convite à reflexão crítica e ao diálogo, inspirando mudanças positivas nas percepções e nas práticas relacionadas ao gênero em nossa cultura.

Capítulo 1. Crescer em Contexto: Adolescência sob a Lente Bioecológica e dos Estudos de Gênero

Este capítulo visa estabelecer um alicerce teórico e conceitual para a compreensão dos elementos essenciais que permeiam esta pesquisa, abordando diretamente os conceitos e as dinâmicas que influenciam a formação das concepções de gênero durante a adolescência. Inicialmente, o capítulo apresenta uma visão geral da Psicologia do Desenvolvimento, destacando a evolução histórica da disciplina e as contribuições significativas de teóricos notáveis. A ênfase é dada à TBDH, que oferece uma estrutura para entender como os ambientes e os sistemas sociais interagem e influenciam o desenvolvimento individual ao longo do tempo. Esta teoria é particularmente pertinente para analisar como as experiências com mídias, como os filmes das Princesas Disney, podem afetar as concepções de gênero, especialmente das meninas.

A seção sobre adolescência aprofunda a discussão, explorando os conceitos de puberdade, socialização e relacionamentos, cultura e mídia, sexualidade, e identidade e gênero. Estes tópicos são cruciais para compreender as complexidades do desenvolvimento durante este estágio da vida, especialmente no que diz respeito às questões de gênero e à influência dos dispositivos e tecnologias de gênero. O conceito de dispositivos de gênero é introduzido para explicar como certas estruturas sociais e culturais moldam as expectativas e os comportamentos de gênero. Estes dispositivos operam em vários níveis, desde a família e a escola até a mídia e a cultura mais ampla, influenciando a maneira como os indivíduos percebem a si mesmos e aos outros em termos de gênero.

Por fim, a discussão sobre tecnologias de gênero aprofunda a análise, focando em como processos sociais específicos, incluindo a mídia e as representações culturais, produzem e reforçam subjetividades de gênero. Os filmes das Princesas Disney são examinados como exemplos de tecnologias de gênero secundárias, que perpetuam estereótipos de gênero e normas

patriarcais, influenciando significativamente a percepção das adolescentes sobre seus papéis na sociedade.

A compreensão desses conceitos é essencial para o entendimento da pesquisa, pois ao explorar a interação entre os processos de desenvolvimento, os dispositivos de gênero e as tecnologias de gênero, este capítulo estabelece o contexto necessário para investigar as concepções de gênero entre adolescentes autodeclaradas mulheres cisgênero, destacando a importância de uma abordagem interdisciplinar e bioecológica para compreender as complexidades do desenvolvimento humano e da formação do entendimento de si e dos outros em termos de gênero.

1.1 Psicologia do Desenvolvimento

A Psicologia do Desenvolvimento é o campo da psicologia que estuda o desenvolvimento humano ao longo da vida. Ela se preocupa com os processos que impulsionam tanto o crescimento e a mudança das pessoas em desenvolvimento, em termos de seus pensamentos, emoções, comportamentos e relacionamentos sociais, quanto as constâncias que podem se manifestar de várias formas, como traços de personalidade, interesses e preferências, entre outros; e com os fatores que influenciam esses processos, como a genética, o ambiente e a cultura. Por isso, é considerada uma área interdisciplinar por incorporar conceitos e métodos da psicologia, biologia, sociologia e outras disciplinas (Lerner, Easterbrooks & Mistry, 2003; Brown, C. 2008; Hood, Halpern, Greenberg & Lerner, 2010; Coll, Bearer & Lerner, 2012; Molenaar, Lerner & Newell, 2014; Lerner, 2018).

Os primeiros estudos sobre o desenvolvimento humano foram realizados por filósofos e médicos gregos antigos. Estes estudos se concentravam principalmente no desenvolvimento físico e mental e tinham como objetivo entender as diferenças entre homens e mulheres e entre crianças e adultos (Lerner et al., 2003; Thompson, Hogan & Clark, 2012; Lerner, 2018). No século XIX, a Psicologia do Desenvolvimento começou a se desenvolver como uma disciplina

científica. Este desenvolvimento foi impulsionado pelo trabalho de vários psicólogos, incluindo Jean-Jacques Rousseau, Charles Darwin e Sigmund Freud (Lerner et al., 2003; Brown, C. 2008; Thompson et al., 2012; Lerner, 2018).

A Psicologia do Desenvolvimento estuda o desenvolvimento humano em todas as suas dimensões, incluindo físicas, cognitivas, sociais e emocionais. Isso significa que ela se preocupa com o crescimento físico e motor, desenvolvimento cognitivo, social, emocional, moral, da identidade, da personalidade, da aprendizagem, da saúde mental e da educação (Lerner et al., 2003; Brown, C. 2008; Hood et al., 2010; Molenaar et al., 2014; Lerner, 2018). Além disso, ela abrange todos os estágios da vida, desde a concepção até a morte, e diferentes grupos de pessoas, como crianças, adolescentes, adultos e idosos (Lerner et al., 2003; Hood et al., 2010; Molenaar et al., 2014; Lerner, 2018).

O desenvolvimento humano é influenciado por uma ampla gama de fatores, incluindo biológicos (genética, saúde e nutrição), psicológicos (personalidade, inteligência e motivação) e sociais (família, escola, cultura e sociedade). Esses fatores interagem de maneiras complexas para moldar o desenvolvimento humano. Por exemplo, um bebê que nasce com um problema genético pode ter dificuldades de aprendizagem, mas pode também receber apoio da família e da escola, o que pode ajudá-lo a manejar essas dificuldades (Lerner et al., 2003; Brown, C. 2008; Hood et al., 2010; Coll et al., 2012; Molenaar et al., 2014; Lerner, 2018).

Para David Elkind, no prefácio escrito para o sexto volume do *Handbook of Psychology: Developmental Psychology* (Lerner et al., 2003), a psicologia do desenvolvimento tem se tornado cada vez mais complexa. Isso porque, segundo ele, não faz sentido acreditar que a explicação mais simples para um fenômeno é geralmente a correta, isso porque, ao contrário do positivismo que estava em voga quando o autor estava na escola. O mundo pós-moderno de hoje é muito mais complexo do que se pensava. Para este campo de estudo, não se pode entender o comportamento humano simplesmente observando e experimentando, precisa-se levar em

consideração uma variedade de fatores, incluindo biológicos, psicológicos e sociais, que implicam em um trabalho interdisciplinar para entender este fenômeno. Autores como Freud, Piaget, Erikson, Skinner, Bandura e Bronfenbrenner contribuíram com teorias diversificadas, destacando estágios de desenvolvimento, aprendizado por observação e influência do ambiente (Lerner et al., 2003; Thompson et al., 2012; Lerner, 2018).

Esses avanços na Psicologia do Desenvolvimento, ao longo do tempo, evidenciam a necessidade de considerar fatores biológicos, psicológicos e sociais de forma interdisciplinar para compreender o comportamento humano neste mundo pós-moderno complexo (Lerner et al., 2003; Thompson et al., 2012; Lerner, 2018).

1.1.1 Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano

Urie Bronfenbrenner (1917–2005) nasceu na Rússia e emigrou para os EUA com sua família quando era criança. Ele se formou na Universidade Cornell e recebeu seu PhD em psicologia pela Universidade de Michigan. Bronfenbrenner ensinou psicologia na Universidade Cornell por mais de 40 anos e foi um dos psicólogos mais influentes do século XX (Shelton, 2019). O trabalho de Bronfenbrenner focou no desenvolvimento humano e na influência do ambiente no desenvolvimento. Ele desenvolveu a teoria ecológica do desenvolvimento humano, que é uma abordagem multidimensional para o desenvolvimento humano que enfatiza a interação entre o indivíduo e seu ambiente (Shelton, 2019). A teoria desenvolvida por ele, conhecida atualmente como Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH), é uma evolução de seu trabalho que, segundo Edinete Maria Rosa e Jonathan Tudge (2013), pode ser didaticamente dividido em três fases.

A primeira fase (1973–1979) resultou na publicação, em 1979, do livro *The Ecology of Human Development*⁴. Nesse momento, a teoria ecológica surge com uma perspectiva de

⁴ A sua tradução em português foi lançada em 1996 pela Editora Artes Médicas com o título de *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*.

desenvolvimento humano inédita, visto que leva em conta a pessoa em desenvolvimento, seu ambiente e, especialmente, a interação que acontece entre ambos, por considerar que isso resulta em "uma mudança duradoura na maneira pela qual uma pessoa percebe e lida com o seu ambiente" (Bronfenbrenner, 1979/1996, p. 5). A teoria enfatiza que o desenvolvimento humano se dá através das interações mútuas e recíprocas entre o sujeito em desenvolvimento e o ambiente (Shelton, 2019). Para ajudar a entender sua concepção do ambiente ecológico, Bronfenbrenner (1979/1996) utilizou a representação de uma Matrioska. Assim como as bonecas russas, trata-se de vários sistemas dentro de outros sistemas mais amplos, ou seja, o indivíduo está inserido em um sistema familiar, que está inserido em um sistema comunitário, que está inserido em um sistema cultural, e assim por diante, compreendendo os quatro níveis definidos por ele como microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema (Bronfenbrenner, 1979/1996).

O microssistema é um "complexo de inter-relações dentro do ambiente imediato" (Bronfenbrenner, 1979/1996, p. 8), ou seja, é o sistema mais próximo do indivíduo e inclui as pessoas, objetos, instituições e atividades com as quais o indivíduo interage regularmente. Pode incluir sua família, sala de aula, amigos, vizinhos e qualquer outra pessoa ou lugar que tenha um impacto significativo em sua vida. Nele, acontecem os aprendizados que possibilitam sua transformação, visto que, dependendo da qualidade das interações, tem-se uma influência positiva ou negativa no desenvolvimento. Nas palavras do autor, "um microssistema é um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experienciados pela pessoa em desenvolvimento num dado ambiente com características físicas e materiais específicas" (Bronfenbrenner, 1979/1996, p. 18). Para ele, o conceito de inter-relação pode ser estendido também para as conexões entre ambientes. O mesossistema é a interação entre dois ou mais microssistemas, podendo ser exemplificado com a interação entre a família e as amigas.

Tanto o micro quanto o mesossistema estão em constante mudança, isso porque, à medida que a pessoa cresce e amadurece, seus microssistemas e as interações entre eles também mudam.

O exossistema, por sua vez, é um sistema composto por estruturas que não incluem diretamente o indivíduo em desenvolvimento, "mas nos quais ocorrem eventos que afetam aquilo que acontece no ambiente imediato da pessoa" (Bronfenbrenner, 1979/1996, p. 8). Por exemplo, o trabalho dos pais pode afetar a quantidade de tempo que eles têm para passar com seus filhos, o que pode ter um impacto no desenvolvimento social e emocional da criança. Cabe salientar que, em alguns casos, a delimitação entre micro e exo pode ser sutil, como no exemplo da escola, onde a sala de aula é considerada um microssistema e a escola, enquanto instituição de ensino, pode ser compreendida como um exossistema. Da mesma forma, pode haver distinção similar entre vizinhança e comunidade, algo mais próximo e mais abrangente em relação à pessoa em desenvolvimento, respectivamente.

Por fim, o macrosistema é o sistema mais amplo que influencia o desenvolvimento indiretamente, por meio dos outros níveis anteriores, pois inclui as forças sociais e culturais que afetam o desenvolvimento das pessoas, como a cultura, a economia, a política e a religião. Os níveis mencionados anteriormente "tendem a ser semelhantes, como se fossem construídos do mesmo modelo principal, e os sistemas funcionam de maneira semelhante. Inversamente, entre grupos sociais diferentes, os sistemas constituintes poderiam variar acentuadamente" (Bronfenbrenner, 1979/1996, p. 8).

Rosa e Tudge (2013) apontam que a segunda fase, compreendida entre 1980 a 1993, foi marcada tanto pela atenção dada à agência do indivíduo em seu próprio desenvolvimento quanto pelo foco maior nos processos de desenvolvimento e na passagem do tempo. O tempo, dividido em três níveis, foi incorporado à estrutura postulada na fase anterior com a denominação de cronossistema. Segundo Bronfenbrenner e Morris (1998), o "*microtempo* refere-se à continuidade versus descontinuidade dos episódios de processos proximais

[enquanto que o] *mesotempo* é a periodicidade desses episódios em intervalos de tempo mais amplos, como dias e semanas" (p. 995, tradução nossa⁵, destaque no original). Isso porque esses processos precisam que os ambientes sejam estáveis e previsíveis para que o desenvolvimento aconteça de forma saudável, enquanto a instabilidade e a imprevisibilidade podem impactar negativamente. Por fim, o Isso porque esses processos precisam que os ambientes sejam estáveis e previsíveis para que o desenvolvimento aconteça de forma saudável, enquanto a instabilidade e a imprevisibilidade podem impactar negativamente. Por fim, o Isso porque esses processos precisam que os ambientes sejam estáveis e previsíveis para que o desenvolvimento aconteça de forma saudável, enquanto a instabilidade e a imprevisibilidade podem impactar negativamente. Isso porque esses processos precisam que os ambientes sejam estáveis e previsíveis para que o desenvolvimento aconteça de forma saudável, enquanto a instabilidade e a imprevisibilidade podem impactar negativamente. Por fim, o "*macrotempo* foca nas mudanças de expectativas e eventos na sociedade em geral tanto dentro como entre gerações, pois afetam e são afetados por processos e resultados do desenvolvimento humano ao longo da vida" (Bronfenbrenner & Morris, 1998, p. 995, tradução nossa⁶, destaque no original).

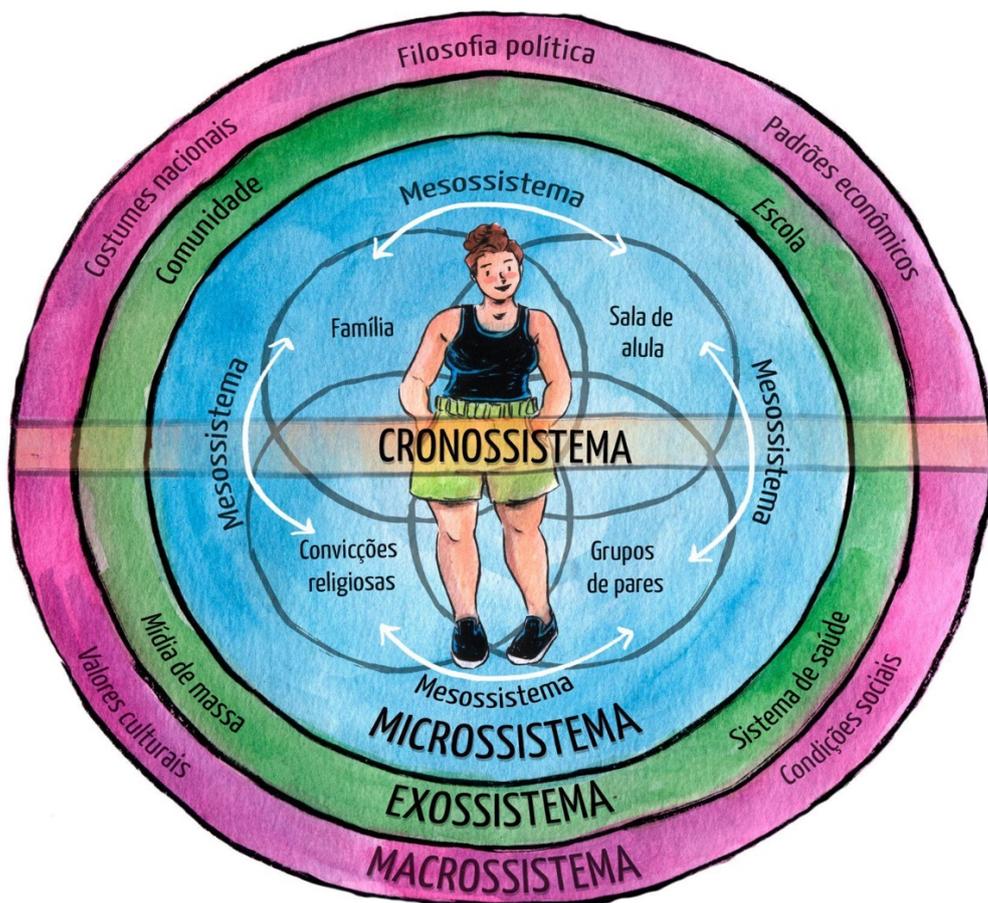
Nesse cenário, as pessoas em desenvolvimento podem experimentar o tempo de forma diferente, dependendo de sua idade, gênero, cultura e outros fatores (Bronfenbrenner & Morris, 2006). Além disso, as mudanças que ocorrem ao longo do tempo podem acontecer diretamente no indivíduo em desenvolvimento (por exemplo, entrar na puberdade, adoecer) ou em seu ambiente (por exemplo, nascimento de um irmão, ir para a escola, separação dos pais), incluir transformações no desenvolvimento físico, cognitivo, social e emocional do indivíduo ou em seu ambiente social, cultural e político e, por fim, ser normativas ou não, ou seja, esperadas ou

⁵ Redação original: *Microtime* refers to continuity versus discontinuity within ongoing episodes of proximal process. *Mesotime* is the periodicity of these episodes across broader time intervals, such as days and weeks.

⁶ Redação original: [...] *Macrotime* focuses on the changing expectations and events in the larger society, both within and across generations, as they affect and are affected by, process and outcomes of human development over the life course.

inesperadas, como a entrada na escola ou a morte súbita ou doença grave de um familiar, respectivamente (Rosa & Tudge, 2013). Pode-se dizer que "a principal característica dessas experiências ou eventos é que 'eles alteram a relação existente entre a pessoa e o ambiente, criando assim uma dinâmica que pode instigar a mudança desenvolvimental'" (Rosa & Tudge, 2013, p. 250, tradução nossa⁷, destaque no original). A Figura 1 sintetiza com alguns exemplos dos cinco níveis que passaram a figurar a partir deste período.

Figura 1 Representação gráfica da TBDH de Bronfenbrenner



Nota: Nossa autoria⁸

⁷ Redação original: The main characteristic of these experiences or events is that "they alter the existing relation between person and environment, thus creating a dynamic that may instigate developmental change" (Bronfenbrenner, 1989, p. 201).

⁸ Ilustração de Cátia Ana B. da Silva. A versão em inglês desta imagem é facilmente encontrada na internet com o título *Bronfenbrenner's Ecological Model of Child Development*, sua autoria, no entanto, não é creditada. Na literatura acessada, contudo, é possível verificar uma imagem similar em Penn (2008, p. 47).

Ainda nessa fase, Bronfenbrenner criou um modelo denominado Pessoa-Processo-Contexto, que depois passou a ser conhecido como Processo-Pessoa-Contexto e introduziu algumas mudanças nos conceitos de microsistema e macrosistema, destacando a importância dos processos que ocorrem em cada um desses contextos (Rosa & Tudge, 2013). No nível do microsistema, por exemplo, foram enfatizadas as características psicológicas, como temperamento, personalidade e sistemas de crença, de todos os indivíduos presentes no ambiente imediato. Já o macrosistema foi redefinido como "o padrão abrangente [...] de uma dada cultura, subcultura ou outra estrutura social estendida [com] sistema de crença semelhante, recursos sociais e econômicos, perigos, estilos de vida, etc. [tais como] classes sociais, grupos étnicos ou grupos religiosos" (Rosa & Tudge, 2013, p. 250, tradução nossa⁹).

Na terceira fase (1993-2006), os processos proximais e o modelo PPCT ganharam destaque na então renomeada Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (Rosa & Tudge, 2013). Nessa teoria, o desenvolvimento é compreendido como um processo de mudança física, cognitiva, social e emocional. Ele é influenciado por uma variedade de fatores, incluindo a genética, o ambiente e as experiências pessoais. O desenvolvimento ocorre ao longo da vida, desde a concepção até a morte, e não é linear, mas sim composto por uma série de mudanças influenciadas pelo contexto histórico.

Durante o ciclo de vida, as características pessoais, tanto biopsicológicas quanto cognitivas, emocionais e comportamentais, influenciam ativamente a forma como as interações se dão com o ambiente e demais indivíduos. Como resultado dessas interações, tem-se o que Bronfenbrenner e Morris (2006) denominaram de "*processos proximais* que operam ao longo do tempo e são postas como os mecanismos primários de produção do desenvolvimento

⁹ Redação original: [...] "the overarching pattern of micro-, meso-, and exosystems characteristic of a given culture, subculture, or other extended social structure" (1993, p. 25). This extended structure refers to a pattern of "similar belief system, social and economic resources, hazards, life-styles, etc. [such as] social classes, ethnic or religious groups" (1989, p. 229).

humano” (p. 795, tradução nossa¹⁰, destaque no original), ou seja, são as interações que ocorrem entre o indivíduo e seu ambiente e que têm um impacto no desenvolvimento.

A TBDH pode ser usada para entender o desenvolvimento de adolescentes em uma variedade de contextos. Além disso, é uma ferramenta valiosa, visto que pode ser usada para identificar os fatores que podem promover o desenvolvimento saudável e para a elaboração de intervenções que ajudem os adolescentes a alcançar seu pleno potencial. Para a pesquisa e objetivos propostos, percebeu-se que a aplicação do modelo final da TBDH nesse processo desenvolvimental específico poderia resultar numa riqueza de possibilidades, tendo em vista a oportunidade de responder questões como: 1) Como se dão as questões de gênero dentro de uma família constituída num período influenciado pelo movimento feminista? 2) Como os sistemas nos quais as meninas estão inseridas discutem os conteúdos de gênero e como elas reagem e influenciam essas discussões? 3) Como essa transformação é influenciada a partir das interações e estímulos provenientes do exossistema ou do macrossistema nos quais essas garotas estão inseridas? 4) Quais leituras e quais significados são construídos a partir do entendimento que essa garota tem do que é ser mulher, a partir dos estímulos recebidos ao longo da vida nos diversos sistemas?

Nesse sentido, compreender as questões de gênero a partir da perspectiva de adolescentes utilizando animações das Princesas Disney e uma teoria desenvolvimental contextualista interacionista, como a proposta por Bronfenbrenner, exige o entendimento dos seguintes elementos em articulação com os modelos do sistema ecológico e do PPCT, a saber:

- os atributos das adolescentes, como sua herança genética e biológica (idade, cor da pele, aparência física, etc.), seus recursos (habilidades, experiências, inteligência, recursos cognitivos e emocionais, recursos sociais e materiais etc.), suas disposições/força

¹⁰ Redação original: [...] *proximal processes*, that operate over time and are posited as the primary mechanisms producing human development.

(temperamento, motivação, persistência, etc.), bem como o resultado de suas interações com outras pessoas e com os ambientes em que estão inseridas;

- o processo desenvolvimental em foco, que diz respeito às questões de gênero, a exemplo da identidade e dos papéis, como resultado de suas interações com outras pessoas, objetos e símbolos, especialmente os presentes nas animações das Princesas Disney;
- o contexto, que se refere a como essas questões de gênero são tratadas, ou não, nos diversos níveis dos sistemas ecológicos, como:
 - microsistema - famílias, salas de aula, colegas da escola, grupos de amigos, amigos de atividades extracurriculares, etc.;
 - mesossistema - a interação entre dois ou mais sistemas mencionados anteriormente, como as famílias e o que acontece nas salas de aula;
 - exossistema - as escolas como um todo, redes sociais, mídias e as produções de Princesas Disney consumidas; e
 - macrossistema - todos os padrões globais do micro, meso e exossistema predominantes em uma cultura, seus valores, políticas e condições sociais relacionadas às questões de gênero do Brasil e de outras localidades, como EUA e Europa, que acabam por influenciar o contexto brasileiro também.
- Por fim, tem-se o tempo representado em espaços como o aqui e agora (contexto mais imediato), os amplos (dias, semanas, meses ou anos) e os ainda mais amplos onde é possível observar mudanças ocorridas na sociedade e na família pelas heranças inter e intrageracionais, como os aqui representados pelo ciclo de vida das adolescentes e os eventos históricos e os marcadores temporais que reverberam sobre elas, a exemplo da puberdade, da recente pandemia da COVID-19 ou ainda as influências e repercussões do movimento feminista em suas vidas e na vida de suas/seus responsáveis, bem como a evolução tecnológica com a expansão da internet e das mídias sociais.

1.1.2 Adolescência

A adolescência é uma construção social que se refere ao período de transição da infância para a vida adulta, uma fase do ciclo vital humano caracterizada por profundas transformações, marcadas por mudanças biológicas, cognitivas, emocionais e sociais (Cerqueira-Santos et al., 2014). De acordo com Cerqueira-Santos e colegas (2014), sua delimitação temporal varia, sendo definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) entre 10 e 19 anos e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente do Brasil entre 12 e 18 anos.

Cerqueira-Santos e colaboradores (2014) pontuam que a psicologia, comprometida em aprimorar a compreensão da adolescência e fornecer ferramentas para lidar com suas questões, enfrenta desafios ao definir essa fase. Para os autores, enquanto as mudanças biológicas na puberdade são universais, os critérios para definir a adolescência vão além do desenvolvimento físico, envolvendo também mudanças cognitivas, sociais e perspectivas sobre a vida. Ao longo do tempo, segundo eles, a visão da adolescência passou por diversas abordagens na psicologia, sendo inicialmente concebida como uma fase natural e universal do desenvolvimento, marcada por conflitos e tensões. No entanto, a psicologia moderna tem questionado essa perspectiva, reconhecendo a diversidade cultural e a influência de estereótipos preconceituosos na definição da adolescência (Cerqueira-Santos et al., 2014).

A falta de parâmetros globais, especialmente para definir o término da adolescência, destaca a necessidade de considerar aspectos sociopsicológicos na sua definição (Cerqueira-Santos et al., 2014). A cultura, conforme descrito por Cerqueira-Santos e colegas (2014), desempenha um papel crucial na expressão da adolescência, sendo definida mais por características sociais e econômicas do que por aspectos físicos e hormonais. Por isso, os autores advertem que é essencial revisar a visão preconceituosa da adolescência como um período conturbado e violento. Afinal, é um equívoco rotular todos os adolescentes como passando por crises, pois nem todos enfrentam tempestades e tormentas nessa fase.

Nesse sentido, Cerqueira-Santos e colaboradores (2014) indicam como fundamental considerar a diversidade de experiências para evitar estereótipos que podem limitar a compreensão desse período fundamental no desenvolvimento humano. Os autores apresentam uma crítica contundente à psicologia presente em manuais que, muitas vezes, legitima desigualdades, responsabilizando os jovens por suas ações e, frequentemente, utilizando como referência um único ícone: o homem branco burguês ocidental, limitando assim a compreensão das experiências de outros grupos culturais. A adolescência é um fenômeno multifacetado que transcende definições estritas e a psicologia, ao confrontar estereótipos e preconceitos, deve abraçar a diversidade de experiências juvenis, contribuindo para a construção de uma compreensão mais holística dessa fase do desenvolvimento humano (Cerqueira-Santos et al., 2014).

Na sequência, serão apresentados os temas deste processo mais pertinentes para a discussão proposta posteriormente.

1.1.2.1 Puberdade. A puberdade, como descrita por Lehmler (2018) e Cerqueira-Santos (2021), marca um período de rápidas transformações físicas culminando na maturidade sexual. Durante essa fase crucial da adolescência, meninos e meninas experimentam um crescimento acelerado, o desenvolvimento dos órgãos reprodutores, a maturação de características sexuais secundárias e o início da produção de esperma e menstruação (Papalia & Martorell, 2024). Esse processo complexo envolve interações entre o sistema endócrino, o sistema nervoso e o sistema reprodutivo, sendo os hormônios os principais impulsionadores das mudanças físicas. A idade de início é influenciada por fatores genéticos, ambientais e nutricionais (Susman, Dorn & Schiefelbein, 2003).

Conforme enfatizado por Diane E. Papalia e Gabriela Alicia Martorell (2024), esses fatores podem resultar em puberdade precoce ou tardia. Em relação aos fatores genéticos, crianças com histórico familiar de puberdade precoce ou tardia têm maior probabilidade de

apresentar esses problemas. Em relação aos fatores ambientais, a exposição a certos produtos químicos ou radiação está associada ao risco de puberdade precoce, assim como baixo peso ao nascer, desnutrição ou baixo nível de atividade física ao risco de puberdade tardia. Além disso, algumas doenças ou condições médicas, como tumores cerebrais, síndrome de McCune-Albright, hipotireoidismo ou síndrome de Turner, podem causar puberdade precoce ou tardia, respectivamente (Papalia & Martorell, 2024).

Embora a puberdade seja um processo universal, como apontado por Elizabeth J. Susman e Alan Rogol (2004), sua manifestação varia cultural e socialmente. Segundo os autores, os primeiros sinais de puberdade geralmente aparecem entre os 8 e 9 anos de idade nas meninas e entre os 10 e 11 anos de idade nos meninos. Lehmilller (2018) destaca a substancial heterogeneidade no momento do início da puberdade, com ocorrências documentadas de puberdade precoce e tardia. O autor salienta que variações étnicas e culturais também contribuem para a diversidade no início da puberdade. As mudanças físicas nessa fase são causadas pela ação dos hormônios sexuais, que levam ao desenvolvimento dos órgãos sexuais, pelos, voz mais grave e aumento da massa muscular, entre outras transformações, podendo ser uma fonte de ansiedade para os adolescentes preocupados com a aparência e a forma como são percebidos pelos outros (Papalia & Martorell, 2024).

De acordo com Papalia e Martorell (2024), o cérebro também passa por um período de grande crescimento e desenvolvimento, através de uma segunda onda de produção excessiva de massa cinzenta, especialmente nos lobos frontais, seguida de poda de neurônios excedentes. Segundo as autoras, a mielinização contínua dos lobos frontais facilita a maturação do processamento cognitivo, resultando no desenvolvimento da capacidade de pensar de forma abstrata e hipotética, e de resolver problemas de forma lógica, inaugurando o interesse adolescente por questões filosóficas e morais. Além disso, como as áreas límbicas do cérebro

amadurecem primeiro e os lobos frontais amadurecem mais lentamente, isso predispõe os adolescentes à impulsividade e ao comportamento de risco (Papalia & Martorell, 2024).

A adolescência desencadeia mudanças biológicas e sociais significativas, inaugurando um período de grande experimentação. Papalia e Martorell (2024) afirmam que os jovens começam a se distanciar dos pais e a se identificar com seus pares, desenvolvendo uma identidade pessoal e autonomia, processo que pode ser difícil e conflituoso. As autoras indicam que é nesse momento também que essas pessoas começam a se interessar por relacionamentos românticos e a formar seus próprios grupos de amigos. As amizades, especialmente entre meninas, tornam-se mais íntimas, estáveis e solidárias durante esse período (Papalia & Martorell, 2024).

Além do impacto desses fatores biológicos no desenvolvimento psicológico, fatores ambientais, como a cultura, a família e os amigos, também desempenham um papel importante nesse contexto (Susman & Rogol, 2004; Papalia & Martorell, 2024). Adolescentes que têm um bom relacionamento com seus pais, participam de atividades extracurriculares e têm um senso de propósito na vida são mais propensos a ter um desenvolvimento psicossocial positivo (Papalia & Martorell, 2024). Para a maioria, a adolescência representa uma transição suave, no entanto, para algumas pessoas, pode ser uma fase de grandes desafios, decorrentes dessas mudanças físicas e hormonais, do desenvolvimento da identidade pessoal, dos relacionamentos com os pais e pares, das escolhas educacionais e vocacionais e dos comportamentos de risco (Susman et al., 2003; Papalia & Martorell, 2024).

Esses desafios, como observado por Papalia e Martorell (2024), podem incluir a pressão dos pares e a influência que os amigos exercem sobre as escolhas e comportamentos dos adolescentes que não são adequados para sua idade, como fumar, beber, usar drogas ou ter relações sexuais desprotegidas, aumentando a vulnerabilidade a infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e gravidez precoce. As autoras apontam que problemas de saúde mental,

como ansiedade e depressão comuns na adolescência, também podem fazer com que os jovens se sintam tensos, preocupados, desconfortáveis, tristes, desesperançosos e desinteressados por atividades que normalmente eram prazerosas. Além disso, nesse período, estão mais expostos, tanto como vítimas quanto como perpetradores, à violência que pode ocorrer na escola, em casa ou na comunidade, e também ao abuso de drogas e álcool, um problema comum na adolescência que pode levar a problemas de saúde física e mental, bem como problemas de comportamento (Papalia & Martorell, 2024).

A adolescência é um período importante da vida, marcado por grandes transformações. A parentalidade positiva e o apoio social de professores e profissionais de saúde são instrumentos fundamentais para que os jovens possam navegar por esse período de transição e desenvolver um senso de identidade pessoal saudável. Susman e suas colegas (2003), assim como Papalia e Martorell (2024), afirmam que é importante que esses adultos estejam presentes e forneçam suporte, estabelecendo limites e expectativas claras, conversando sobre seus sentimentos e preocupações, incentivando escolhas saudáveis, oferecendo apoio e encorajamento, estabelecendo um bom modelo de comportamento, promovendo a saúde através da educação sexual, do acesso à contracepção e aos serviços de saúde mental, e, se necessário, procurando ajuda profissional para contribuir com essas tarefas.

No entanto, a experiência da puberdade e da adolescência não é uniforme e é profundamente influenciada por fatores macrossociais, como raça, classe e gênero. Nesse sentido, é importante destacar que, embora valiosos, tanto o trabalho de Susman e suas colegas (2003) quanto de Papalia e Martorell (2024) são manuais estadunidenses que, por vezes, não dialogam plenamente com a realidade brasileira. A gravidez na adolescência, por exemplo, é um fenômeno que não pode ser desvinculado dessas dimensões sociais (Cerqueira-Santos, 2021). No Brasil, a gravidez na adolescência é mais prevalente entre meninas pobres, refletindo não apenas questões de acesso a informações e serviços de saúde reprodutiva, mas também as

expectativas sociais e as limitadas oportunidades econômicas disponíveis para essas jovens. Para muitas, a maternidade na adolescência é vista como um caminho viável ou até desejável, dadas as circunstâncias socioeconômicas (Pinheiro, Pereira & Freitas, 2019; Cerqueira-Santos, 2021).

Além disso, conforme apontado por Cerqueira-Santos (2021), a adolescência é atravessada por questões de gênero e orientação sexual, que moldam de maneira significativa a vivência e a socialização sexual dos jovens. Segundo o autor, a iniciação sexual, por exemplo, é um evento marcante que está imbricado em normas de gênero e pode ser influenciado pela presença de parceiros mais velhos, especialmente para meninas, associando-se a uma série de comportamentos sexuais de risco, que incluem o uso inconsistente de preservativos e o envolvimento em relações sexuais desprotegidas. De acordo com Ana Laura Sica Cruzeiro e colegas (2010) e Larissa Ferraz Reis (2021), esses comportamentos aumentam a vulnerabilidade das adolescentes a ISTs e gravidez não planejada, destacando a necessidade de intervenções que abordem não apenas a educação sexual, mas também o suporte social e emocional.

A desigualdade social amplia o risco de gravidez na adolescência, com meninas de menor escolaridade e condições socioeconômicas mais precárias apresentando maiores taxas de gravidez (Pinheiro et al., 2019; Cerqueira-Santos, 2021). Essa realidade aponta para a necessidade de políticas públicas que promovam a equidade de acesso à educação de qualidade, saúde reprodutiva e oportunidades econômicas, visando quebrar o ciclo de pobreza e permitir que jovens, especialmente meninas, possam planejar seu futuro com maior autonomia (Pinheiro et al., 2019).

Em suma, a puberdade e a adolescência representam um período de intensas mudanças físicas, emocionais e sociais na vida dos jovens, marcado por uma complexa interação de fatores biológicos, ambientais e sociais. As transformações físicas durante a puberdade,

impulsionadas pelos hormônios, desencadeiam não apenas o desenvolvimento dos órgãos sexuais, mas também alterações no cérebro, influenciando o comportamento e a tomada de decisões. No entanto, a experiência dessa fase não é homogênea, sendo profundamente moldada por contextos sociais como raça, classe e gênero. No Brasil, a realidade da gravidez na adolescência destaca a necessidade urgente de políticas públicas que abordem não apenas questões de saúde reprodutiva, mas também desigualdades sociais, proporcionando oportunidades educacionais e econômicas equitativas. O apoio parental, educacional e social é crucial para auxiliar os jovens durante esse período, ajudando-os a enfrentar os desafios e a desenvolver uma identidade saudável e autônoma.

1.1.2.2 Socialização e relacionamentos. O desenvolvimento adolescente é influenciado por uma série de fatores, incluindo a socialização e o ambiente interpessoal. Kuczynski e De Mol (2015) explicam que a socialização é a forma pela qual os indivíduos aprendem as normas, valores e comportamentos esperados de sua sociedade. Para os autores, trata-se de um processo dinâmico, complexo e bidirecional, no qual os indivíduos e seus ambientes interagem e se influenciam mutuamente. Isso acontece através de uma variedade de fontes, incluindo os pais, os colegas, as escolas e a mídia (Kuczynski & De Mol, 2015).

Segundo Nurmi (2004), essa socialização pode ser conceituada em termos de quatro mecanismos: exploração e planejamento, compromisso, reconstrução de objetivos e atribuição causal. De acordo com o autor, através desses mecanismos os adolescentes exploram diferentes opções e fazem planos para o futuro, podem experimentar diferentes papéis sociais, como ser um estudante, um atleta ou um membro de um grupo de amigos, além de poderem explorar diferentes carreiras e interesses. Também assumem compromissos com seus objetivos e metas, podendo se comprometer a ir para a faculdade, conseguir um emprego ou se casar. Se não forem bem-sucedidos, podem ajustar seus objetivos, mudar de ideia sobre o que querem fazer com suas vidas ou enfrentar obstáculos que os impedem de alcançar seus objetivos. Além disso,

atribuem suas experiências a causas internas ou externas, moldando suas visões sobre inteligência, talento e sorte (Nurmi, 2004).

A influência dos pares é particularmente significativa durante a adolescência. Karine Brito dos Santos e Sheila Giardini Murta (2016), por exemplo, destacam que a influência dos pares é crucial para entender a violência no namoro e que a educação por pares é um componente eficaz em programas preventivos, encorajando comportamentos saudáveis entre adolescentes. Segundo as autoras, os adolescentes tendem a formar relacionamentos com pares que compartilham interesses e valores semelhantes, o que pode ter um impacto tanto positivo quanto negativo em seu desenvolvimento. A pressão dos pares pode levar a comportamentos de risco, mas também pode promover comportamentos pró-sociais e de apoio (Santos, K. B. & Murta, 2016). A socialização da sexualidade é outro aspecto importante da vida adolescente. Cerqueira-Santos e Ramos (2018) discutem como os jovens aprendem e negociam a sexualidade dentro de seus grupos sociais, o que é fundamental para a formação de sua identidade sexual e para o desenvolvimento de relações interpessoais saudáveis. No item dedicado à sexualidade, esse tipo de socialização será melhor explorado.

Conforme W. Andrew Collins e Laursen (2008), o estudo da adolescência passou de uma abordagem individualista e centrada na família para uma abordagem mais relacional e multifacetada. Pesquisadores agora reconhecem que adolescentes de diferentes idades têm necessidades e capacidades diferentes em termos de relacionamentos, e que os relacionamentos extrafamiliares são tão importantes quanto os familiares para o seu desenvolvimento. Para os autores, a pesquisa sobre a adolescência está se tornando mais inclusiva e holística, pois cada vez mais se reconhece que o desenvolvimento adolescente é influenciado por uma variedade de fatores, incluindo as percepções e expectativas de seus pares, a estrutura de sua família e as mudanças que estão ocorrendo em seus corpos.

Essa abordagem mais inclusiva ajuda a entender melhor a natureza e a importância do funcionamento psicológico durante a adolescência, além de possibilitar o desenvolvimento de intervenções e programas de apoio que podem ser mais eficazes para adolescentes. W. Andrew Collins e Laursen (2008) sugerem que pesquisas sobre a adolescência precisam se concentrar mais nos processos de desenvolvimento e nos processos psicológicos. Isso significa que os pesquisadores precisam examinar como os adolescentes se desenvolvem ao longo do tempo e como os processos psicológicos, como a autorregulação e a busca de gratificação, influenciam esse desenvolvimento. Além disso, precisam examinar como os contextos, como as famílias, as redes de pares e as escolas, influenciam o desenvolvimento na adolescência. Ao examinar esses processos, é possível obter uma compreensão mais completa da natureza e do curso do desenvolvimento nesse período (Collins, W. A. & Steinberg, 2008).

As amigadas, a família e outros adultos significativos desempenham um papel importante no desenvolvimento emocional, cognitivo e social. Isso porque podem fornecer apoio, orientação e oportunidades de aprendizado que são essenciais para o desenvolvimento saudável de adolescentes, como desenvolver suas habilidades sociais e de pensamento crítico (comunicar-se de forma eficaz, resolver conflitos e trabalhar em equipe), além de aprender sobre valores, ética e responsabilidade (Collins, W. A. & Steinberg, 2008). De acordo com Cristina Nunes, Ana Teresa Martins, Ana Susana Almeida e Cátia Martins (2009), os pares e os grupos de amigos também desempenham um papel crucial na socialização dos adolescentes, proporcionando um espaço de pertencimento, identificação e experimentação. Para as autoras, as relações com os pares possibilitam aos jovens explorar diferentes facetas de sua identidade, desenvolver autonomia e negociar valores e comportamentos. Contudo, tais relações podem ser fontes de conflito, pressão social e exposição a comportamentos de risco (Nunes, Martins, Almeida & Martins, 2009).

Nesse cenário, B. Bradford Brown (2004) afirma que os adolescentes tendem a formar relacionamentos com pares que são aceitos por outros pares e que são semelhantes a eles em termos de idade, gênero, interesses e valores. Segundo o autor, apesar de as amizades poderem ser uma força poderosa para o bem na vida dos adolescentes, também podem ser uma fonte de estresse e conflito. As relações positivas podem ajudar os adolescentes a se desenvolverem e crescerem, oferecendo apoio emocional, socialização, aprendizado de novas habilidades, experimentação de novas coisas e maneiras de lidar com o estresse e a ansiedade, por exemplo. Por outro lado, as relações negativas podem provocar isolamento social e prejudicar o bem-estar, como abuso, bullying, drogas e álcool, violência ou ainda influenciar a adoção de comportamentos de risco, como o uso de drogas e álcool, sexo sem proteção e violência. A família pode ajudar os adolescentes a formarem relações positivas entre pares, incentivando-os a se envolverem em atividades extracurriculares, a fazerem amigos de diferentes origens e a conversarem sobre suas amizades (Brown, B. B. 2004).

Conforme W. Andrew Collins e Laursen (2004), o relacionamento familiar é um dos mais importantes da vida. Para os autores, ele influencia o bem-estar emocional e social dos adolescentes e pode ter um grande impacto em seu desenvolvimento acadêmico e profissional. Margaret Kerr, Håkan Stattin, Gretchen Biesecker e Laura Ferrer-Wreder (2003) afirmam que o relacionamento com os pais muda significativamente durante a adolescência, já que os adolescentes passam mais tempo com seus pares e menos tempo com seus familiares. Para as autoras, essas mudanças podem causar tensão nos relacionamentos com os pais, mas também são uma parte normal do desenvolvimento, visto que os adolescentes estão procurando desenvolver sua própria identidade e encontrar seu lugar no mundo. No entanto, ambas as relações são importantes para o desenvolvimento dos adolescentes, pois os pais fornecem amor, apoio e orientação, enquanto os pares fornecem amizade, aceitação e um senso de pertencimento (Kerr, Stattin, Biesecker & Ferrer-Wreder, 2003).

Segundo Jacquelynne S. Eccles (2004), a escola é outra parte importante na experiência de socialização e nos relacionamentos dos adolescentes, visto que, desde que entram na escola pela primeira vez até que concluem sua educação formal, passam mais tempo lá do que em qualquer outro lugar fora de suas casas (Eccles, 2004). Para a autora, apesar de a escola poder ajudar os adolescentes a desenvolverem suas habilidades sociais e a aprenderem sobre diferentes culturas e perspectivas, ela também pode ser uma fonte de estresse e conflito. Alguns dos desafios incluem bullying, pressão dos pares, falta de motivação, dificuldades de aprendizagem, pressão acadêmica e expectativas conflitantes. Já algumas oportunidades envolvem aprender novos conhecimentos e habilidades, fazer amigos e desenvolver um senso de identidade e responsabilidade (Eccles, 2004).

Além disso, as escolas não apenas afetam o desenvolvimento dos alunos de forma imediata, mas também de forma indireta (Eccles, 2004). Elas são sistemas complexos que interagem com diferentes níveis de influência, desde a sala de aula até o bairro e o contexto social mais amplo. Essas influências podem ter um impacto significativo no desenvolvimento dos alunos, tanto acadêmico quanto socioemocional. As questões abordadas em cada um dos níveis demonstram sua complexidade e impacto no desenvolvimento através das experiências diárias dos alunos. Segundo a autora, existem quatro níveis de influência no ensino e na aprendizagem: o nível da sala de aula, o nível do prédio da escola, o nível do distrito escolar e o nível das escolas inseridas em sistemas sociais mais amplos.

Eccles (2004) destaca que cada nível se concentra em aspectos específicos. No nível da sala de aula, o foco está nas crenças e práticas de ensino do professor, nas relações professor-aluno, na natureza e design das tarefas e na instrução, e na natureza e estrutura de atividades em sala de aula e grupos. O desenvolvimento dos alunos é otimizado quando o ambiente de aprendizagem é desafiador, mas também suportivo; oferece oportunidades para aprender e dominar material significativo; reconhece e apoia a autonomia e a iniciativa dos alunos; e

promove um senso de competência e de conexão social (Eccles, 2004). Essas características da sala de aula podem ajudar no desenvolvimento socioemocional e intelectual. O nível do prédio da escola dedica-se ao clima organizacional e às práticas em toda a escola, como acompanhamento acadêmico, horário de início das aulas e a oferta de atividades extracurriculares, que também são fatores importantes que podem influenciar o desenvolvimento dos adolescentes (Eccles, 2004).

Já no nível do distrito escolar, o interesse está nas configurações entre as séries escolares que criam experiências particulares de transição escolar para os alunos. Segundo Eccles (2004), as mudanças ambientais que ocorrem na transição para o ensino médio podem ser particularmente prejudiciais, pois podem aumentar o foco na competição e na comparação social, diminuir a autonomia e a escolha, e perturbar o relacionamento entre alunos e professores. Por fim, no nível das escolas inseridas em sistemas sociais mais amplos, discutem-se questões como recursos escolares, bem como os vínculos das escolas com os pais e com o mercado de trabalho.

Eccles (2004) aponta ainda que cada um desses níveis de influência desempenha um papel importante no sucesso dos alunos e, por isso, é importante considerar todos os níveis ao planejar e implementar programas educacionais. A autora avalia que o desenvolvimento escolar ideal acontece quando as instituições de ensino mudam em sincronia com as mudanças nos indivíduos e quando estão conectadas com as famílias, comunidades e outros sistemas sociais. No entanto, as experiências na escola também são influenciadas pelo contexto cultural e social mais amplo, e as escolas não estão apoiando a aprendizagem ideal ou a preparação para o desenvolvimento adulto para todos os jovens (Eccles, 2004).

A socialização dos adolescentes no Brasil configura-se como um processo intrincado, influenciado por diversos fatores sociais, culturais, econômicos e familiares. O contexto brasileiro, permeado por profundas desigualdades sociais, incide diretamente nas experiências

de socialização dos jovens, manifestando-se em disparidades no acesso à educação, saúde, lazer e segurança, delineando realidades distintas que perpassam a vivência dos adolescentes no país. A família, considerada a primeira instância de socialização, desempenha um papel central nesse processo. Segundo Gisele Ribeiro Paschoal e Taís Nader Marta (2012), a diversidade de configurações familiares no Brasil, como nucleares, extensas, monoparentais e homoafetivas, reflete a pluralidade da sociedade. Essas distintas estruturas familiares oferecem diversas possibilidades de socialização, moldando a construção da identidade e os relacionamentos dos adolescentes (Paschoal & Marta, 2012).

Além do núcleo familiar, a escola figura como outro espaço fundamental para a socialização dos adolescentes. Alessandra Krauss Wiczorkiewicz e Joel Haroldo Baade (2020) apontam que, para além de seu papel no desenvolvimento cognitivo e acadêmico, a instituição escolar é um ambiente de interação social, onde os jovens estabelecem vínculos com pares e adultos, desenvolvem habilidades sociais e são expostos a valores e normas sociais. Entretanto, as desigualdades educacionais no Brasil exercem impacto significativo nas experiências de socialização dos adolescentes, com notáveis diferenças na qualidade da educação entre diferentes regiões e contextos sociais (Wiczorkiewicz & Baade, 2020).

Assim, a socialização dos adolescentes no Brasil revela-se como um processo complexo, espelhando as desigualdades e diversidades da sociedade brasileira. As experiências dos jovens são profundamente influenciadas pelo contexto social, econômico e cultural, bem como pelas relações estabelecidas com a família, escola e pares. O reconhecimento dessa complexidade é essencial para orientar o desenvolvimento de políticas públicas e práticas educacionais e sociais que promovam o bem-estar e o desenvolvimento integral dos adolescentes no país.

1.1.2.3 Cultura e Mídia. A cultura, compreendida como um conjunto de crenças, valores, normas e comportamentos compartilhados, é influenciada pela mídia de maneira

significativa (Mistry & Dutta, 2015; Correia & Porto Junior, 2020). A mídia não é uma entidade isolada, mas está entrelaçada nas práticas sociais, valores e crenças de uma sociedade, refletindo e perpetuando as normas culturais, ao mesmo tempo que tem o potencial de desafiá-las e transformá-las. Assim, a mídia é tanto produto quanto produtora da cultura, atuando como um campo de batalha para a negociação de significados e identidades, incluindo as identidades de gênero.

De acordo com as professoras Jayanthi Mistry e Ranjana Dutta (2015), a cultura é um componente essencial na formação de como as pessoas pensam, sentem e agem ao longo de suas vidas. A cultura fornece, portanto, um contexto dentro do qual os indivíduos interpretam experiências, desenvolvem habilidades e constroem conhecimento. Portanto, a cultura não é apenas um pano de fundo, mas um participante ativo no processo de desenvolvimento humano (Mistry & Dutta, 2015). Os valores culturais podem influenciar as escolhas que os adolescentes fazem sobre sua educação, suas carreiras, seus relacionamentos e seu estilo de vida. Para Mistry e Dutta (2015), isso pode afetar o desempenho acadêmico, fornecendo aos indivíduos um conjunto de valores e crenças sobre a importância da educação. Por exemplo, em algumas culturas, a educação é valorizada muito mais do que em outras, e isso pode levar a diferenças no desempenho acadêmico entre os alunos de diferentes origens.

Além disso, a cultura fornece aos indivíduos um senso de identidade, um sentido de pertencimento e um conjunto de valores e crenças que os guiam em suas vidas, afetando a maneira como as pessoas pensam sobre si mesmas, sobre os outros e sobre o mundo ao seu redor (Mistry & Dutta, 2015). Por exemplo, em algumas culturas, a família é muito importante, e os membros da família são muito próximos uns dos outros. Além disso, o comportamento também pode ser influenciado pela cultura, como no caso de adolescentes de culturas que valorizam a obediência e estão mais propensos a seguir as regras de seus pais e professores (Mistry & Dutta, 2015).

A mídia, por sua vez, desempenha um papel crucial na formação de estereótipos de gênero, em um processo que é tanto complexo quanto dinâmico. As representações midiáticas vão além de meramente espelhar a realidade social, elas ativamente participam na criação e no reforço de normas e expectativas de gênero que permeiam a sociedade. Conforme discutido em estudos como o de Thayse de Oliveira Silva e Lebiã Tamar Gomes Silva (2017), a mídia influencia a maneira como os indivíduos se veem e veem os outros, contribuindo para a socialização e para a construção de identidades de gênero. As autoras apontam que este fenômeno é recíproco, pois a mídia também é moldada pelas crenças e práticas do público que a consome, criando um ciclo de influência mútua entre a produção de conteúdo e a percepção social. Assim, a relação entre mídia e estereótipos de gênero é caracterizada por uma circularidade, onde a produção, representação e recepção de conteúdos estão interligadas e são co-construídas pelos indivíduos e pela cultura na qual estão inseridos (Silva, T. de O. & Silva, L. T. G. 2017).

A análise das pesquisadoras L. Monique Ward e Petal Grower (2020) indica que jovens expostos a conteúdos midiáticos estereotipados têm maior probabilidade de desenvolver crenças estereotipadas sobre gênero. Por exemplo, as crianças que assistem a muitos desenhos animados são mais propensas a acreditar que os homens são mais fortes e agressivos do que as mulheres (Ward, L. M. & Grower, 2020). Para as autoras, tanto o reforço quanto a modelagem podem influenciar os estereótipos de gênero. No primeiro, as pessoas em desenvolvimento são mais propensas a acreditar que esses estereótipos são precisos quando veem personagens que se conformam com eles. No segundo, elas são mais propensas a imitar esses comportamentos quando veem personagens que se envolvem em comportamentos estereotipados de gênero.

Os estereótipos de gênero na mídia, que frequentemente reforçam noções binárias e restritivas de masculinidade e feminilidade, limitam a diversidade de expressões de gênero e contribuem para a manutenção de desigualdades. A análise das representações de homens e

mulheres em jornais e revistas, conforme discutido pelas professoras Paula Melani Rocha e Karina Janz Woitowicz (2013), evidencia como a mídia não apenas reflete, mas também reforça as desigualdades existentes na sociedade, promovendo uma visão limitada e muitas vezes distorcida dos papéis de gênero. Além disso, como apontado por Janine Mello e Danusa Marques (2019), o papel da mídia no enfrentamento das desigualdades de gênero é crucial, destacando a necessidade de um olhar crítico para a construção de discursos que promovam o desenvolvimento social democrático e a igualdade de gênero.

Portanto, a educação midiática, conforme explorado por Andréa Doyle (2022), é reconhecida como uma estratégia valiosa para atenuar os impactos negativos dos estereótipos de gênero veiculados pela mídia. Essa abordagem educacional envolve o desenvolvimento de habilidades críticas que capacitam os indivíduos a analisar, avaliar e criar conteúdo midiático de forma consciente e reflexiva (Doyle, 2022). Por meio da educação midiática, segundo a autora, é possível questionar e desmontar estereótipos de gênero, fomentando uma compreensão mais rica e variada das identidades de gênero. Este processo educativo é essencial para promover a desconstrução de estereótipos e para encorajar uma análise crítica das representações midiáticas (Correia & Porto Junior, 2020; Doyle, 2022).

Nesse sentido, para L. Monique Ward e Petal Grower (2020), os pais e demais adultos próximos aos jovens podem ser agentes importantes no combate aos estereótipos de gênero comumente propagados pelas mídias. As pesquisadoras apontam que os estereótipos de gênero são crenças sobre as características, comportamentos e papéis que são apropriados para homens e mulheres, frequentemente comunicados pela mídia, e que podem ter um impacto significativo no desenvolvimento das identidades de gênero de crianças e adolescentes.

Em consonância com esta revisão, Wood (2021) afirma que, embora os estereótipos de gênero possam fornecer uma estrutura para entender o mundo, frequentemente perpetuam desigualdades, prejudicando a saúde física e mental. Para o autor, a adesão rígida a esses

estereótipos limita a experiência humana, dificulta a igualdade de oportunidades e contribui para problemas de saúde. Além disso, a exploração das relações complexas entre representações de gênero e suas repercussões na saúde exige uma abordagem ampla, que vá além da inevitabilidade biológica e investigue os papéis e fatores sociais que moldam as dinâmicas de gênero.

Em síntese, a interconexão entre cultura, mídia e estereótipos de gênero destaca a necessidade de uma abordagem crítica e educacional para promover uma compreensão mais inclusiva e igualitária das identidades de gênero. A conscientização dos pais, educadores e indivíduos, aliada à educação midiática, desempenha um papel crucial na desconstrução de estereótipos prejudiciais e na promoção de uma sociedade mais igualitária.

1.1.2.4 Sexualidade. Nos últimos anos, o discurso sobre gênero, sexualidade e orientação sexual ganhou destaque em várias esferas da sociedade, transcende fronteiras de experiências pessoais e coletivas, abrangendo uma ampla gama de perspectivas. De acordo com Cerqueira-Santos (2021), essa discussão reflete uma crescente conscientização sobre a relevância dessas temáticas, embora a contribuição da Psicologia do Desenvolvimento para o entendimento dessas questões tenha sido limitada até o momento. Apesar disso, é digno de nota que a perspectiva psicológica sobre a sexualidade humana evoluiu consideravelmente, expandindo sua compreensão para além das práticas sexuais em si (Cerqueira-Santos & Ramos, 2018; Cerqueira-Santos, 2021).

A sexualidade, enquanto comportamento, vai além de seu aspecto meramente físico, influenciando diversos âmbitos da vida humana, e é moldada por fatores individuais e sociais (Cerqueira-Santos, 2021). A aprendizagem sobre sexualidade emerge como um processo complexo, abrangendo vários componentes interligados, como sexo biológico, orientação sexual, papel de gênero, identidade de gênero e expressão de gênero.

Segundo Wood (2021), o sexo biológico refere-se às características fisiológicas e genéticas que definem os seres humanos como masculinos ou femininos ao nascer. Segundo o autor, "nosso gênero atribuído baseia-se [...] na inspeção visual de nossa anatomia usando o pênis, mais visível, como critério principal. Sua presença significa 'É um menino!'; sua ausência significa 'É uma menina!'" (Wood, 2021, p. 29, destaque no original). O autor ressalta ainda que

Isso não é especialmente científico, mas, mesmo assim, é o que acontece. Embora seja bastante importante, para muitas pessoas, a forma do genital é apenas uma definição parcial do sexo. O sexo biológico também é definido por cromossomos, hormônios, a função do sistema reprodutivo e o sexo dos órgãos internos acessórios - os precursores embrionários das estruturas reprodutivas. (Wood, 2021, p. 19)

Por outro lado, a orientação sexual descreve a atração emocional, romântica, sexual ou afetiva que uma pessoa sente por outra. Essa atração pode ser direcionada a indivíduos do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou, ainda, pode não existir, como no caso de pessoas assexuais. Trata-se de um aspecto intrínseco e variável entre os seres humanos (Wood, 2021). Os papéis de gênero, por sua vez,

[...] descrevem e prescrevem padrões de comportamento distintos, fornecendo uma estrutura para como interagimos com os outros, como devemos nos encaixar, como nos vestimos, nossos maneirismos, nossa voz, bem como nossos encontros sexuais, parceiros possíveis, prosperidade econômica e até mesmo nossa personalidade. Os papéis de gênero podem diferir entre culturas diferentes em qualquer momento. Eles também podem mudar no decorrer do tempo dentro da mesma cultura. (Wood, 2021, p. 30)

Já a identidade de gênero

se refere à internalização das expectativas do papel de gênero e ao que significa se identificar como uma menina ou um menino, uma mulher ou um homem. Isso envolve compreender e aceitar que se espera que homens e mulheres sejam diferentes uns dos outros e se comportem de maneiras contrárias. (Wood, 2021, p. 30)

Trata-se da percepção interna e profunda que cada pessoa tem sobre seu próprio gênero, podendo ou não corresponder ao sexo designado ao nascer. Ela pode ser congruente com o sexo biológico, no caso de pessoas cisgêneras, ou divergente, como em pessoas transgêneras, não-binárias, entre outras. Importante sublinhar que a identidade de gênero diz respeito a aspectos internos, algo distinto da expressão de gênero, que

É como os indivíduos representam ou expressam sua identidade de gênero para os outros, muitas vezes por meio de comportamento, roupas, estilo de cabelo e características da voz ou do corpo. Não existe necessariamente uma correspondência entre o gênero que nos foi atribuído, o modo como o internalizamos e a maneira como o expressamos. (Wood, 2021, p. 31)

A complexidade da sexualidade também é alimentada por estereótipos que se originam da crença equivocada na inseparabilidade dos diferentes elementos que a compõem (Cerqueira-Santos, 2021). Conforme argumentado por Cerqueira-Santos (2021), a variação no peso atribuído à sexualidade entre os indivíduos é resultado de uma interação complexa entre experiências pessoais, desenvolvimento emocional, influências sociais e culturais, além das características únicas de cada pessoa. Em outras palavras, a sexualidade se revela como um fenômeno multideterminado, entrelaçando fatores biológicos, cognitivos, culturais e subjetivos em sua formação.

Essa variação na importância atribuída à sexualidade é evidenciada pela diversidade de experiências e vivências de cada pessoa. O ambiente em que alguém cresce, as influências familiares, sociais e culturais que recebe, assim como seu desenvolvimento emocional ao longo

da vida, contribuem para moldar sua percepção e valorização da sexualidade. Por exemplo, enquanto em algumas culturas a sexualidade pode ser vista como um tema tabu e privado, em outras ela pode ser celebrada como parte essencial da identidade pessoal e do bem-estar emocional. Além disso, o próprio processo de desenvolvimento humano, conforme salientado por Cerqueira-Santos (2021), implica mudanças contínuas na percepção e interação do indivíduo com o mundo ao seu redor. Durante a infância e a adolescência, questões relacionadas à identidade sexual, orientação sexual e autoestima emergem e influenciam a forma como a sexualidade é vivenciada e valorizada ao longo da vida adulta.

Segundo Lehmler (2018), o início da curiosidade sexual é perceptível mesmo antes do início da puberdade, embora uma escalada significativa seja observada durante e após essa fase de desenvolvimento. Ele afirma que a formação da identidade sexual na adolescência envolve múltiplos processos, com a atração sexual emergindo por volta dos 10 anos, independentemente da orientação sexual. Para Savin-Williams e Diamond (2004), a complexidade do desejo sexual é evidente, pois combina um interesse em objetos sexuais com um impulso para buscá-los. Eles explicam que esses desejos englobam a proceptividade, ou o desejo de iniciar atividade sexual, e a receptividade, ou a capacidade de ficar excitado ao se deparar com estímulos específicos. Essa distinção é essencial, pois a variabilidade no desejo sexual proceptivo está fortemente relacionada aos hormônios gonadais, enquanto a receptividade está menos intimamente ligada à variação hormonal (Savin-Williams & Diamond, 2004).

Diane E. Papalia e Gabriela Alicia Martorell (2024), por sua vez, reforçam que fatores cognitivos também merecem destaque, já que a maturação do córtex pré-frontal influencia significativamente a capacidade de autocontrole sexual de um adolescente. As autoras salientam que, à medida que aspectos cognitivos e emocionais se entrelaçam, a identidade sexual emerge como um contribuinte poderoso para a paisagem das experiências sexuais adolescentes. Ressalta-se ainda que essa interação é ampliada pela hipótese de intensificação

de gênero, que postula que expectativas baseadas em gênero exercem influência significativa sobre os comportamentos (Papalia & Martorell, 2024). Além disso, sobre as distinções de gênero, Savin-Williams e Diamond (2004) afirmam que as adolescentes frequentemente relatam experiências sexuais que podem se opor à sua orientação sexual, demonstrando fluidez e adaptação em relação a formas diversas de sexualidade. Evidências empíricas indicam que distinções em relação ao início dos desejos sexuais existem entre meninos e meninas, sendo que os meninos se tornam conscientes de seus interesses e impulsos vários anos antes de suas colegas do sexo feminino.

Ainda nessa perspectiva de gênero, Cerqueira-Santos (2021) ressalta que, particularmente, a presença de parceiros mais velhos, especialmente entre as meninas, está relacionada a uma maior propensão à iniciação sexual precoce e à adoção de comportamentos de risco. Nesse contexto, a pesquisa com adolescentes no Brasil emerge como uma vertente relevante, orientada para a elaboração de políticas que abordem adequadamente as necessidades e as particularidades desse grupo etário, afastando-se da tendência de medicalização da sexualidade (Cerqueira-Santos & Ramos, 2018; Cerqueira-Santos, 2021). Abordar tópicos como desejos e motivações sexuais internas, atividades sexuais solitárias e em parceria, e fatores individuais e contextuais que moderam a expressão sexual dos adolescentes contribui para compreender as motivações por trás do comportamento sexual dos adolescentes, o que pode resultar em intervenções e esforços de prevenção verdadeiramente eficazes (Savin-Williams & Diamond, 2004).

Como sugestão de Savin-Williams e Diamond (2004), estudos longitudinais que acompanhem os desejos e comportamentos sexuais desde a infância até a idade adulta forneceriam informações valiosas sobre o desenvolvimento da sexualidade na adolescência. Além disso, a escassez de pesquisas sobre as ligações psicológicas e biocomportamentais entre afeição emocional e desejo sexual é uma limitação para essa compreensão. Os múltiplos fatores

que influenciam a sexualidade na adolescência devem ser considerados para uma compreensão abrangente dos comportamentos sexuais (Savin-Williams & Diamond, 2004). Assim, é essencial integrar não apenas mudanças biológicas, mas também transformações cognitivas, emocionais, sociais e culturais (Savin-Williams & Diamond, 2004; Lehmiller, 2018; Cerqueira-Santos, 2021). Nesse sentido, Savin-Williams e Diamond (2004) reconhecem que existe uma notável escassez de informações detalhadas sobre as dimensões qualitativas dos desejos sexuais crescentes dos adolescentes e as primeiras experiências sexuais. Conseqüentemente, eles alertam que perguntas fundamentais sobre a trajetória normativa do desenvolvimento sexual, desde a pré-puberdade até a idade adulta jovem, permanecem sem resposta.

Para Cerqueira-Santos (2021), a compreensão da sexualidade humana ao longo do ciclo de vida demanda uma análise holística e contextualizada, abrangendo tanto os aspectos físicos, emocionais e cognitivos quanto os sociais. Segundo ele, a construção da sexualidade, permeada por múltiplas instituições e práticas sociais, é um processo contínuo e fluido que se constitui por meio de interações entre os elementos biológicos e sociais. Nesse sentido, eventos inesperados ou não normativos podem se constituir como desafios à estabilidade da sexualidade adulta, ampliando ainda mais a complexidade inerente a esse fenômeno (Cerqueira-Santos, 2021).

Dessa forma, Cerqueira-Santos e Ramos (2018) e Cerqueira-Santos (2021) apontam que, ao se considerar as múltiplas dimensões que envolvem a sexualidade humana, emerge a necessidade de uma abordagem abrangente e interdisciplinar que incorpore não apenas os aspectos biológicos e psicológicos, mas também os contextos sociais e culturais que dão forma a essa experiência complexa e multifacetada. Os autores reiteram que a iniciação sexual, fenômeno inerente a esse período, é suscetível à influência de fatores de gênero, orientação sexual, estrato social, afiliação religiosa e interações sociais. Além disso, ressaltam que, dentro do cenário acadêmico, a discussão sobre diversidade sexual se apresenta mais proeminente

entre adolescentes urbanos e com acesso à educação formal. Não obstante, é imperativo reconhecer que a socialização em contextos não urbanos ou cidades de menor porte assume uma relevância significativa, uma vez que os elementos influenciadores podem se diferenciar substancialmente (Cerqueira-Santos & Ramos, 2018; Cerqueira-Santos, 2021).

Sobre essa interseccionalidade relacionada à sexualidade na adolescência, Lehmiller (2018) aponta que o *status* socioeconômico mais baixo dos pais, por exemplo, pode potencialmente afetar a supervisão adulta, resultando possivelmente em uma associação entre puberdade precoce e iniciação sexual antecipada. Jovens da comunidade LGBTQIA+ podem experimentar esse processo de desenvolvimento de maneira distinta, pois, segundo Lehmiller (2018), eles não reconhecem imediatamente sua orientação sexual, havendo um intervalo de anos entre a primeira atração e a eventual identificação e rotulação de sua sexualidade. Isso representa um desenvolvimento próprio dessas pessoas, frequentemente iniciando na adolescência e estendendo-se até a vida adulta para alguns.

Outro exemplo apresentado por Lehmiller (2018) diz respeito às pessoas com deficiências. Ele menciona que deficiências físicas podem constituir um fator adicional que modula a idade de início das relações sexuais, com distintas deficiências apresentando efeitos diversos. Segundo ele, observa-se que as deficiências que impactam as funções dos membros podem não exercer influência tão pronunciada sobre o desenvolvimento sexual quanto aquelas relacionadas a deficiências visuais, pois "as deficiências visuais podem dificultar mais o encontro de parceiros e/ou o reconhecimento de muitos dos sinais sociais comuns relevantes para o sexo e o namoro" (Lehmiller, 2018, "Biopsychosocial Influences...", tradução nossa¹¹).

O discurso sobre a sexualidade na adolescência, para Savin-Williams e Diamond (2004), é marcado por normas sociais e sistemas de valores prevalentes que geralmente

¹¹ Redação original: [...] visual impairments may make it more difficult to meet partners and/or to recognize many of the common social cues relevant to sex and dating.

caracterizam a expressão sexual na adolescência como perigosa e que requer adiamento ou prevenção até uma fase posterior de maturidade ou dentro das fronteiras do casamento. Segundo os autores, essas intervenções geralmente utilizam como justificativa a suposição de que a maturidade equipará os jovens para gerenciar as complexidades e riscos associados às interações sexuais. Estudos convencionais relacionados à sexualidade na adolescência são circunscritos por ética de pesquisa e normas sociais que arriscam patologizar comportamentos normais, contribuindo assim para sentimentos de vergonha e culpa entre os adolescentes (Savin-Williams & Diamond, 2004).

Além disso, as políticas públicas voltadas para adolescentes têm se concentrado em temas emergentes, como a gravidez precoce devido ao uso inadequado de contraceptivos, ISTs, abortos, além do desempenho acadêmico comprometido, abandono escolar, abuso de substâncias e envolvimento em comportamentos ilegais ou desviantes (Savin-Williams & Diamond, 2004; Cerqueira-Santos & Ramos, 2018; Lehmilller, 2018; Cerqueira-Santos, 2021; Papalia & Martorell, 2024). Nesse sentido, é urgente uma mudança em direção à contextualização e normalização dos sentimentos sexuais dos adolescentes, fomentando a responsabilidade sexual e reconhecendo o contexto sociocultural das interações sexuais nessa fase da vida, reconhecendo-a como uma parte normal do desenvolvimento humano (Savin-Williams & Diamond, 2004; Cerqueira-Santos & Ramos, 2018; Lehmilller, 2018; Cerqueira-Santos, 2021).

Para Savin-Williams e Diamond (2004), a atual mudança na pesquisa psicológica em direção a uma ênfase nas dimensões positivas da experiência humana e resiliência, embora notável, tem sido gradual no âmbito da sexualidade na adolescência. Cerqueira-Santos (2021), por sua vez, considera que os padrões contemporâneos de comportamentos sexuais entre os adolescentes, incluindo relações casuais, a diversidade de modelos de relacionamento, bem como a promoção da equidade de gênero e orientação sexual, refletem a evolução das

concepções sociais. No âmbito da sexualidade na adolescência, Lehmiller (2018) sinaliza que compreender o papel da educação sexual é fundamental, pois ela molda a base sobre a qual atitudes, comportamentos e identidades sexuais são construídos. No entanto, ele reconhece que, embora sua intenção seja fornecer esclarecimento, a prevalência de estereótipos e concepções equivocadas muitas vezes lança uma sombra sobre sua eficácia.

Lehmiller (2018) salienta ainda que as interações parentais, incluindo a qualidade das relações entre pais e filhos, o apoio parental e a supervisão exercida pelos pais, exercem influência substancial sobre o comportamento e a educação sexual dos adolescentes. Os autores apontam que igualmente cruciais são as relações interpessoais com os pares que podem atuar como canais para o discurso sexual, além de terem um possível impacto sobre o comportamento sexual, visto que as crenças e atitudes compartilhadas têm impacto sobre as experiências de namoro precoce e o momento em que ocorre a estreia sexual na adolescência, por exemplo.

Nesse contexto, para Papalia e Martorell (2024), as escolas desempenham um papel crucial na educação sexual dos adolescentes, facilitando discussões sobre normas sexuais, comportamentos e responsabilidades. No entanto, elas reconhecem que existem desafios inerentes a essas instituições, como as variações culturais nas normas de sexualidade que influenciam a criação e a implementação dos currículos para a educação sexual. Programas e intervenções escolares podem contribuir para moldar o conhecimento e as atitudes sexuais, tanto de forma positiva quanto negativa (Papalia & Martorell, 2024).

É importante ressaltar que a mídia, especialmente sua vertente sexualizada, tem sido alvo de estudos sobre sua influência no comportamento sexual de adolescentes (Savin-Williams & Diamond, 2004; Lehmiller, 2018; Papalia & Martorell, 2024). Diante disso, Papalia e Martorell (2024) alertam para a possível confusão causada pela prevalência de mensagens contraditórias na sociedade e na mídia, afetando as decisões sexuais dos adolescentes. Além disso, as tecnologias emergentes têm ampliado essa influência da mídia, explorando a internet

e suas implicações nas atitudes e comportamentos sexuais dos jovens (Savin-Williams & Diamond, 2004; Lehmiller, 2018; Papalia & Martorell, 2024).

Com o advento da era digital, surgem preocupações quanto ao consumo de informações sexuais, especialmente com o envio de sexting e o acesso a conteúdos explícitos, exigindo atenção de educadores e formuladores de políticas (Lehmiller, 2018; Papalia & Martorell, 2024). Essa realidade digital se integra ao processo complexo de formação da identidade sexual dos adolescentes, à medida que exploram espaços virtuais que moldam suas identidades em evolução (Savin-Williams & Diamond, 2004; Lehmiller, 2018; Papalia & Martorell, 2024).

Nesse cenário, a cultura exerce um papel fundamental na influência sobre as percepções e comportamentos dos adolescentes em relação à sexualidade. A mídia, como parte intrínseca da cultura contemporânea, não apenas reflete, mas também molda as normas sociais e as expectativas em torno da sexualidade e dos papéis de gênero (Mistry & Dutta, 2015; Correia & Porto Junior, 2020). Nesse sentido, a cultura fornece o contexto no qual os adolescentes interpretam as mensagens midiáticas, desenvolvem suas identidades sexuais e constroem seus valores e crenças sobre a sexualidade (Mistry & Dutta, 2015).

Assim como influencia a percepção dos adolescentes sobre gênero, a mídia desempenha um papel significativo na formação de suas atitudes e comportamentos sexuais. A exposição a representações sexualizadas na mídia pode moldar as expectativas e normas em torno da sexualidade, influenciando nas decisões e experiências sexuais dos jovens (Ward, L. M. & Grower, 2020). Dessa forma, destaca-se a importância da educação midiática para promover uma compreensão crítica e saudável da sexualidade e dos papéis de gênero na sociedade (Doyle, 2022).

As intenções sexuais figuram como indicadores potentes do comportamento sexual futuro dos adolescentes, em que diferenças individuais nos motivos para buscar o sexo estão alinhadas com a natureza das interações sexuais realizadas e as medidas protetoras adotadas

(Savin-Williams & Diamond, 2004). À medida que pesquisadores e educadores se esforçam para iluminar as complexidades desse cenário dinâmico, avanços adicionais no conhecimento certamente contribuirão para uma compreensão aprimorada e resultados positivos para essa população (Papalia & Martorell, 2024). É importante reconhecer que, embora as questões relacionadas à sexualidade adolescente sejam de fato complexas e multifacetadas, uma maioria significativa de adolescentes exibe atitudes e comportamentos sexuais saudáveis (Papalia & Martorell, 2024).

Isso acontece porque ambientes propícios e acolhedores despontam como facilitadores do desenvolvimento de uma sexualidade mais autônoma e saudável, embora ainda persistam desafios em termos de preconceito e exclusão, evidenciando a necessidade de abordagens mais inclusivas e igualitárias (Cerqueira-Santos & Ramos, 2018; Cerqueira-Santos, 2021). Além disso, a interação entre cultura, mídia e sexualidade na adolescência enfatiza a necessidade de uma abordagem abrangente e educativa para orientar os jovens na compreensão de suas identidades sexuais e na interpretação das mensagens midiáticas. A conscientização dos adultos, juntamente com uma educação midiática inclusiva e igualitária, é essencial para mitigar os potenciais efeitos negativos da exposição midiática na formação sexual dos adolescentes, promovendo relações saudáveis e respeitadas.

1.1.2.5 Identidade e Gênero. O processo contínuo de formação das identidades individuais, de acordo com Colling (2018), é moldado por uma série de questionamentos diários e reflexões sobre diversos aspectos pessoais, tais como gênero, local de nascimento, residência, educação, gostos, entre outros. A identidade cultural, como afirmado pelo autor, surge da interação complexa entre múltiplos fatores e processos, como composição biológica, contexto histórico, político e econômico, linguagem, símbolos e representações, além das lutas por representação adequada. As identidades raciais citadas por ele, por exemplo, não são

estritamente definidas por fatores biológicos, mas sim por processos culturais que atribuem valor a determinados corpos e pessoas.

As identidades, como pontos de convergência entre discursos, práticas e processos que influenciam subjetividades, são construídas em relação a outros e dependem de opostos para adquirir significado (Colling, 2018). A linguagem, conforme Colling (2018), desempenha um papel crucial na formação dessas identidades, permitindo a expressão pessoal e a percepção pelos outros. Além disso, o autor ressalta que símbolos e representações são responsáveis pela valoração ou marginalização de diferentes identidades, destacando a importância das lutas por representação adequada promovidas por movimentos sociais e ativistas. Vale ressaltar que as identidades coletivas não são homogêneas e frequentemente geram debates internos, refletindo a fluidez inerente ao processo. Em última análise, as identidades individuais e coletivas são construções dinâmicas e evolutivas que mudam ao longo do tempo, acompanhando o crescimento e evolução pessoal das pessoas (Colling, 2018).

Nesse contexto, a adolescência marca o início da busca pela identidade de gênero e pelo estabelecimento da própria identidade, influenciada por fatores individuais e culturais. Para Wood (2021), as transformações das noções de gênero ao longo da vida são complexas, começando com uma fase de relativa indiferenciação, seguida pela polarização e posterior flexibilização dessas visões, especialmente entre as mulheres. Ele afirma que a percepção e interpretação do mundo ao redor desempenham um papel crucial na formação das ações e comportamentos individuais. Dentro desse cenário, as noções de sexo e gênero emergem como elementos essenciais que moldam as lentes através das quais as interações com o ambiente são filtradas (Wood, 2021).

De acordo com Alice Abadi e Nathália Lobo (2018), a compreensão do conceito de gênero como uma construção histórica e não absoluta, intrinsecamente ligada ao sexo e a articulações de natureza complexa, é fundamental para uma apreciação abrangente das

dinâmicas sociais contemporâneas. Nesse contexto, é crucial reconhecer que a sexualidade transcende o escopo da procriação, incorporando dimensões de gênero e significados culturalmente atribuídos. Segundo as pesquisadoras, autores como Rubin, Butler e Weeks ressaltam a natureza performativa do gênero, destacando a sua interseção com as manifestações culturais. A identidade de gênero, por sua vez, é um aspecto profundamente pessoal, independente das normas sociais e da anatomia corporal (Abadi & Lobo, 2018).

O conceito de sexo incorpora uma dupla conotação, abrangendo tanto uma atividade física quanto um estado biológico. A primeira dimensão se refere ao engajamento em intimidade física, seja com parceiros humanos ou, em alguns casos, até mesmo com objetos inanimados (Wood, 2021). Por outro lado, a conotação biológica do sexo é atrelada à classificação binária de macho ou fêmea e se refere às características físicas de um indivíduo, como genitais, cromossomos e hormônios, frequentemente determinada com base na aparência genital no momento do nascimento (Galambos, 2004; Berenbaum, Martin & Ruble, 2008; Wood, 2021). No entanto, existem pessoas cujos corpos não se encaixam claramente nas categorias de masculino ou feminino. Essas pessoas são conhecidas como intersexuais.¹²

De acordo com Wood (2021),

gênero é a interpretação sociocultural (e psicológica) de nosso sexo biológico, isto é, como compreendemos a biologia na vida diária. Enquanto "macho" e "fêmea" são distinções biológicas, "masculino" e "feminino" são distinções de gênero. Segundo a visão "linha dura", a masculinidade resulta de ser macho e a feminilidade resulta de ser fêmea. (Wood, 2021, p. 14, destaque no original)

¹² Segundo a Associação Brasileira de Intersexos ([ABRAI], s.d.), a intersexualidade abrange indivíduos cujas características sexuais congênitas não se alinham com normas sociais e médicas estabelecidas para corpos masculinos ou femininos. Essa complexidade envolve variáveis como cromossomos, anatomia reprodutiva, hormônios e características secundárias. A compreensão tradicional de cromossomos XY (masculinos) e XX (femininos) é desafiada por avanços na biologia molecular, revelando interações genéticas complexas. Gene SRY, antes tido como definidor masculino, é agora acompanhado por SF-1, WT1, WNT4 e DAX1, redefinindo a determinação sexual. A intersexualidade transcende a binariedade cromossômica, promovendo discussões sobre terminologia, direitos humanos e uma visão mais abrangente da diversidade de sexos.

Contudo, as identidades de gênero podem se manifestar de maneiras diversas e não estritamente ligadas à dicotomia biológica (Wood, 2021).

Colling (2018) pontua que a categoria de gênero surgiu no contexto biotecnológico no final dos anos 40, relacionado à modificação hormonal e cirúrgica do sexo de bebês intersexuais. No feminismo, essa ideia evoluiu como uma ferramenta analítica para destacar disparidades e hierarquias de gênero e desnaturalizar concepções convencionais (Colling, 2018). Simone de Beauvoir (1949/2009) também contribuiu para desafiar a noção de que a condição feminina é inata, argumentando que se trata de um processo de tornar-se mulher. Essa perspectiva, segundo Colling (2018), foi aprofundada por diversas feministas anglo-saxãs, incluindo Joan Scott, que estabeleceu uma distinção fundamental entre gênero e sexo, rejeitando as premissas do determinismo biológico e destacando a influência das construções sociais e históricas nas características biológicas. Dessa forma, a noção de gênero emergiu como um instrumento valioso de análise histórica e política, permitindo a identificação e denúncia das complexas relações e assimetrias de gênero na sociedade (Colling, 2018).

Ainda de acordo com Colling (2018), o movimento feminista queer, influenciado por Judith Butler, introduziu uma nova abordagem ao sistema sexo-gênero ao explorar implicações epistemológicas e políticas. Os estudos queer, que surgiram nos EUA durante a década de 1980, constituem um campo multidisciplinar que questiona as normas sociais de gênero e sexualidade e contesta perspectivas patologizantes e integra estudos de sexualidade e gênero (Colling, 2018). Gênero tem sido estudado por acadêmicos de diversas disciplinas, incluindo psicologia, sociologia e antropologia, que, em sua maioria, concordam tratar-se de uma construção social que envolve papéis, identidades e expressões que são considerados masculinos e femininos (Papalia & Martorell, 2024). Por sua vez, esses elementos que dialogam com a temática desenvolvimental são influenciados por uma variedade de fatores, incluindo fatores biológicos, psicológicos e sociais (Galambos, 2004; Berenbaum et al., 2008; Papalia & Martorell, 2024).

Os fatores biológicos incluem o sexo cromossômico, hormonal e anatômico. Nancy L. Galambos (2004), Sheri A. Berenbaum, Carol Lynn Martin e Diane N. Ruble (2008) e Wood (2021) explicam que o sexo cromossômico é determinado pelos cromossomos sexuais, que são os cromossomos X e Y. Os hormônios sexuais, como a testosterona e o estrogênio, também influenciam o gênero. Esses hormônios são produzidos pelos órgãos reprodutivos e pelas glândulas suprarrenais. O sexo anatômico é determinado pelas características físicas dos órgãos reprodutivos e das características secundárias sexuais, como a massa muscular, a distribuição da gordura e a voz. Essas mudanças físicas podem ser um grande desafio para os adolescentes, pois eles precisam se adaptar a um novo corpo e a uma nova identidade (Berenbaum et al., 2008).

De acordo com Berenbaum e colegas (2008), os fatores psicológicos que influenciam o desenvolvimento da adolescência incluem a formação de uma identidade pessoal, o desenvolvimento de relacionamentos íntimos e a formação de um sistema de valores. Os adolescentes estão começando a se perguntar quem são e o que querem da vida. Eles também estão começando a desenvolver relacionamentos mais íntimos com seus amigos e parceiros românticos. Além disso, os adolescentes estão começando a desenvolver seu próprio sistema de valores, o que pode levar a conflitos com seus pais e outros adultos (Berenbaum et al., 2008).

Galambos (2004) inclui a identidade e a expressão de gênero também nos fatores psicológicos. A identidade de gênero é a percepção que uma pessoa tem de si mesma, podendo ser masculina, feminina, não binária, ou seja, não se identificar nem como homem nem como mulher, visto que existem muitas maneiras diferentes de ser dentro do espectro homem/mulher ou mesmo fora dele. Trata-se de uma questão de autoidentificação e não é necessariamente baseada no sexo biológico. A expressão de gênero, por sua vez, é a maneira como uma pessoa expressa seu gênero através de sua aparência, comportamento e fala, podendo ser masculina, feminina ou andrógina. Galambos (2004) inclui ainda nesses fatores os estereótipos de gênero,

que são as crenças sobre as características e comportamentos que são típicos de homens e mulheres, construídos a partir dos papéis de gênero cuja influência social estabelece as expectativas sobre como homens e mulheres devem se comportar.

Já os fatores sociais são influenciados pela cultura, já que cada uma tem diferentes normas e expectativas de gênero, e incluem a família, os amigos, a escola e a mídia (Galambos, 2004; Berenbaum et al., 2008). A família é uma das principais influências no desenvolvimento de gênero na adolescência, podendo transmitir valores e crenças sobre gênero para crianças e adolescentes, além de poder também influenciar seus comportamentos e expectativas. Os adolescentes tendem a imitar os comportamentos e valores de seus pares, e também podem ser influenciados pelos estereótipos de gênero que suas amizades propagam. A escola também pode influenciar o desenvolvimento de gênero, uma vez que professores podem transmitir valores e crenças sobre gênero para seus alunos e influenciar o comportamento deles através de suas expectativas e ações. Por fim, a influência da mídia pode ocorrer pela exposição a uma variedade de mensagens de gênero transmitidas através da televisão, dos filmes, da música e da internet.

Para Wood (2021), a discussão em torno das concepções de gênero invariavelmente se volta para a indagação acerca da suposta naturalidade dos papéis de gênero, os quais são frequentemente associados a uma predestinação biológica, onde a presença de genitais específicos dá origem a categorias imutáveis de masculinidade e feminilidade. Esse enfoque equivocado propaga a noção de que o corpo humano é essencialmente uma máquina que engendra as distinções de gênero. Contrapondo essa perspectiva, Butler (1990/2022) fundamenta uma visão alternativa, concebendo o gênero como uma prática, performances estilizadas que ocorrem em meio a um ambiente rigidamente estruturado. A ideia de gênero como performance desloca o foco do corpo como um determinante inato para o gênero,

passando a vê-lo como uma tela na qual a cultura inscreve suas representações de identidade de gênero (Butler, 1990/2022).

No contexto desses debates, a psicóloga Sandra Bem, como mencionado por Wood (2021), apresenta três lentes conceituais que permitem uma análise mais aprofundada das percepções de gênero. O essencialismo biológico coloca as diferenças na biologia reprodutiva como a pedra angular da distinção de gênero, onde os genitais se tornam os passaportes que legitimam a identidade de gênero. Por meio do androcentrismo, a masculinidade é posicionada como dominante, relegando a feminilidade a uma posição subalterna. A polarização de gênero, por sua vez, configura a masculinidade e a feminilidade como opostos binários mutuamente excludentes, perpetuando uma visão de soma zero em relação aos papéis e comportamentos de gênero (Bem como citado em Wood, 2021). Wood (2021) conclui que o exame das lentes propostas por Sandra Bem e as perspectivas de Judith Butler revela a construção multifacetada e mutável do gênero, destacando sua natureza performática e socialmente influenciada. Essa análise ressalta a importância de reconhecer e questionar as narrativas tradicionais sobre gênero, promovendo um entendimento mais holístico e inclusivo das identidades de gênero e das complexas interações entre indivíduos e sociedade.

Dentro deste contexto, Wood (2021) afirma ainda que a relação entre gênero e saúde revela conexões profundas entre representações de gênero e consequências para a saúde física e mental. Há diferenças significativas de gênero na imagem corporal durante a puberdade, influenciadas por padrões de beleza. Segundo Papalia e Martorell (2024), as meninas tendem a ter imagens corporais negativas e insatisfação com seus corpos mais do que os meninos. Isso provavelmente se deve a uma série de fatores, incluindo a forma como a mídia retrata a magreza, o aumento da gordura corporal que ocorre nas meninas durante a puberdade e a ênfase na aparência que é colocada nas meninas na sociedade. Em contraste, os meninos tendem a ter imagens corporais mais positivas durante a puberdade. Isso provavelmente se deve ao aumento

da massa muscular que ocorre nos meninos, bem como à ênfase na força física e no atletismo que é colocada nos meninos na sociedade (Papalia & Martorell, 2024).

No contexto ocidental, segundo Wood (2021), a concepção estereotipada da feminilidade idealizada, frequentemente promovida pela mídia, se reflete na associação entre magreza e padrões de beleza, o que, por sua vez, influencia a prevalência de transtornos alimentares, como a anorexia nervosa e a bulimia nervosa, em garotas e mulheres. Para ele, o ideal de corpo feminino, frequentemente perpetuado por representações irrealistas em meios de comunicação, desencadeia o desejo de conformidade com esses padrões e a busca por melhorias na imagem corporal e autoestima, muitas vezes através de dietas restritivas.

É fundamental entender que sexo, gênero, identidade de gênero e expressão de gênero são conceitos distintos e não são determinados pelo sexo biológico de uma pessoa. A relação entre sexo e gênero transcende a mera correspondência linguística, exercendo influência marcante sobre as percepções, comportamentos e interações humanas (Colling, 2018; Wood, 2021). A compreensão clara dessas distinções é crucial para apreciar a diversidade das identidades de gênero e para evitar a perpetuação de visões restritas e estereotipadas da experiência humana (Wood, 2021).

Colling (2018) explica que a diversidade de gênero transcende o tradicional binarismo homem-mulher, abarcando uma ampla gama de identidades, como cisgênero, transgênero, transexual, travesti, pessoa não binária, gênero fluido e transgênero. Cisgênero refere-se aos indivíduos cuja identidade de gênero está em conformidade com o gênero atribuído no nascimento, enquanto a cisgeneridade representa a norma social que pressupõe a cisgeneridade como padrão. Em contrapartida, transgênero refere-se às pessoas que não se identificam com o gênero atribuído no nascimento e que podem optar ou não por redesignação sexual. Sob o guarda-chuva das pessoas transgêneras estão aqueles que transitam entre gêneros

convencionais, incorporando identidades como não binárias e de gênero fluido, contribuindo para a constante construção e expressão de gênero (Colling, 2018).

Colling (2018) e Wood (2021) ressaltam ainda que as identidades de gênero não são análogas à orientação sexual, visto que pessoas trans podem identificar-se como heterossexuais, homossexuais, bissexuais, pansexuais, assexuais, entre outras. Contudo, a sociedade muitas vezes interpreta e rotula de forma inadequada as identidades de gênero, perpetuando normas limitantes e desconsiderando a autodeterminação das pessoas na definição de suas próprias identidades de gênero. Nesse contexto, faz-se necessário mencionar a LGBTfobia tendo em vista as consequências nocivas tanto para a saúde física quanto mental e que torna ainda mais desafiador lidar com as mudanças importantes que acontecem durante a adolescência.

A LGBTfobia, conforme explicado por Colling (2018), é um termo usado para descrever a repulsa, medo ou preconceito contra pessoas da comunidade LGBTQIA+. Ela hierarquiza as sexualidades, promovendo a heterossexualidade como norma, e pode se manifestar como violência verbal, psicológica, simbólica ou física. Importante frisar que ela não afeta apenas essas pessoas. Diversas manchetes ilustram que essa violência também aflige heterossexuais que não se conformam com essas normas impostas socialmente ou mesmo que possam ser lidos, ainda que equivocadamente, performando (e.g. Cardilli, 2011; R7, 2015; Estadão, 2017; Querino, 2018; Carvalho, 2020; Correio Braziliense, 2023) ou portando algo que possa fazer alguma referência à comunidade (e.g. Campos, 2019; Efraim, 2020).

Ademais, no contexto das orientações sexuais, a compreensão das categorias homossexual, bissexual, pansexual e assexual é essencial para mapear a diversidade de experiências e expressões humanas no que se refere aos interesses sexuais e/ou afetivos (Colling, 2018). Conforme explicado por Colling (2018) e Wood (2021), na homossexualidade o interesse é por pessoas do mesmo sexo/gênero; na bissexualidade, o interesse é tanto por pessoas do mesmo sexo/gênero quanto pelo oposto; na pansexualidade, o interesse é por

peças independentemente da identidade de gênero ou sexo; e, por fim, na assexualidade, existe uma escala de interesse sexual mínimo ou ausente que pode ou não ser acompanhada de desinteresse afetivo. Assim como na identidade de gênero, a orientação sexual também é autodeclaratória. Essa multiplicidade, interconexão e intersecção entre identidades de gênero e orientações sexuais cria uma teia complexa de experiências, como exemplificado por indivíduos que desafiam as convenções de gênero, como gays afeminados, lésbicas masculinizadas, transexuais e travestis, promovendo uma compreensão mais abrangente da diversidade humana (Colling, 2018).

O desenvolvimento de gênero e da sexualidade na adolescência é um processo contínuo que é influenciado por uma variedade de fatores. Os adolescentes experimentam uma variedade de mudanças físicas, psicológicas e sociais durante este período. Essas mudanças podem levar a uma reavaliação da identidade de gênero, papéis de gênero e estereótipos de gênero. A teoria da performatividade de gênero constitui uma abordagem fundamental na compreensão das construções identitárias de gênero. Butler (1990/2022) critica a tradicional e rígida demarcação entre sexo (entendido como uma categoria natural) e gênero (visto como uma construção cultural), sustentando que o corpo nunca se encontra desvinculado das normas culturais que regem as concepções de gênero. A autora destaca que a sociedade impõe normas de gênero e sexualidade desde os estágios iniciais da vida, como é evidenciado pela prática de identificação do sexo de um bebê antes mesmo de seu nascimento, por meio de ultrassonografias.

Butler (1990/2022) vai além ao argumentar que a heterossexualidade compulsória e a heteronormatividade perpetuam a coerência entre sexo, gênero, desejo e prática sexual, com implicações para aqueles que desafiam essas normas. A teoria da performatividade proposta pela autora sugere que a repetição ritualizada das normas sociais gera sujeitos que internalizam e se conformam a essas mesmas normas, enquanto aqueles que se afastam dessas convenções enfrentam consequências como a negação de direitos, o desrespeito e, em muitos casos, a

violência. Nesse sentido, Berenbaum e colaboradoras (2008) alertam que os adolescentes também podem experimentar uma variedade de desafios relacionados ao desenvolvimento de gênero, incluindo a pressão dos pares, a discriminação e o preconceito. Por isso, é importante que os adolescentes tenham acesso a informações e apoio através dos pais, professores, profissionais de saúde mental e outros adultos que trabalham com adolescentes e que estes os ajudem a aprender sobre o tema, a entender sua própria identidade de gênero e a desenvolver comportamentos de gênero saudáveis.

Em síntese, a prevalência do binarismo de gênero e dos estigmas sociais exerce influência significativa sobre o desenvolvimento da sexualidade na juventude, impactando a maneira como os indivíduos experienciam e expressam sua identidade. Abadi e Lobo (2018) alertam que a discriminação, manifestando-se em múltiplos níveis, desde a cultura até as relações interpessoais, tem o potencial de moldar a percepção dos jovens sobre si mesmos e seu lugar na sociedade. Esse acúmulo de mensagens negativas, presentes nos âmbitos cultural, institucional, interpessoal e individual, resulta em consequências profundas para a saúde mental e o bem-estar dos jovens, ilustrando a necessidade premente de abordagens mais inclusivas e sensíveis às complexidades das identidades de gênero e sexualidade (Abadi & Lobo, 2018).

1.2 Dispositivos de Gênero

Conforme elaborado por Michel Foucault (1977/1998), a noção de dispositivo é fundamental para analisar a interação entre poder, conhecimento e práticas sociais em uma sociedade. Ele emprega esse conceito para descrever uma complexa rede de elementos interconectados que trabalham em conjunto para moldar e controlar a compreensão do mundo pelas pessoas, bem como para exercer poder sobre os indivíduos e a sociedade como um todo. Através do termo dispositivo, ele tenta

demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis,

medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (Foucault, 1977/1998, p. 244)

Um dispositivo é mais do que uma simples ferramenta ou instrumento físico, é uma rede complexa de relações, práticas, instituições e discursos que funcionam de forma integrada para exercer poder, produzir conhecimento e moldar a subjetividade das pessoas (Foucault, 1977/1998). Essa rede não é estática, visto que ela evolui e se adapta ao longo do tempo em resposta a mudanças nas relações de poder e nas estruturas sociais. A adoção do dispositivo como elemento de análise permitiu que Foucault explorasse as práticas históricas e os modos de subjetivação que constituem o modo de ser moderno. O poder disciplinar que antes predominava foi sucedido pelo biopoder, uma manifestação de controle que se estende além do indivíduo, alcançando populações e regulando fenômenos globais (Foucault, 1979/1998).

O conceito de dispositivo de sexualidade pode ser visto como uma aplicação específica dessa ideia mais ampla. Foucault (1976/1999) utiliza essa noção para examinar como a sociedade contemporânea, em particular a sociedade burguesa do século XIX, abordou a sexualidade. Ele argumenta que a sociedade passou por uma transformação significativa na forma como entendia e regulava a sexualidade.

No contexto do dispositivo de sexualidade, Foucault (1976/1999) explora como elementos como a medicina, a psiquiatria, a moralidade, a educação e o controle estatal se unem para influenciar a maneira como a sexualidade é percebida e vivenciada. Ele destaca que essa rede não apenas reprime a sexualidade, mas também a produz e a torna objeto de conhecimento e controle. O dispositivo de sexualidade é, portanto, uma forma de examinar como o poder, o conhecimento e as práticas sociais se entrelaçam para moldar as experiências e as normas sexuais na sociedade (Foucault, 1976/1999). Essas ideias fazem parte do arcabouço teórico

utilizado pela professora Valeska Zanello (2018) para apresentar os dispositivos de gênero, especificamente o amoroso, materno e da eficácia, um conjunto de saberes, práticas e discursos utilizados como ferramentas de controle social que visam regular as relações de poder e que contribuem para a manutenção da desigualdade de gênero.

Segundo Zanello (2018), o dispositivo amoroso é uma complexa construção social e histórica que regula as relações afetivas e sexuais e que se adapta às mudanças culturais e temporais. Ela explica que o amor romântico, elemento central deste dispositivo, emergiu no século XIX e, desde então, tem sido uma norma social amplamente aceita. Contudo, no século XXI, apesar do amor romântico continuar sendo importante para muitas pessoas, novos modelos de relacionamento têm surgido, desafiando as tradicionais concepções de amor e relacionamento (Zanello, 2018).

Outra característica deste dispositivo, apresentada por Zanello (2018), é que ele exerce uma forte influência na construção da feminilidade, impondo características e comportamentos específicos às mulheres. De acordo com ela, as mulheres são socializadas para serem românticas, sensíveis e cuidadoras, sendo frequentemente pressionadas a buscar o amor e o casamento, o que pode levá-las a se submeter aos desejos masculinos, normalizando comportamentos associados à objetificação das mulheres, bem como à violência contra as mulheres (Zanello, 2018). A mídia, a religião e a psicologia desempenham um papel importante na perpetuação do dispositivo amoroso. Essas instituições produzem e reforçam representações e discursos que naturalizam e legitimam a ordem heterossexual e patriarcal (Zanello, 2018).

Conforme explicado por Zanello (2018), a mídia é uma das principais instituições responsáveis pela propagação do dispositivo amoroso. Segundo ela, os meios de comunicação de massa, como a televisão, o cinema e a internet, estão repletos de imagens e narrativas que representam o amor romântico como a única forma válida de amor. Além disso, costumam ser estereotipadas e heteronormativas, apresentando as mulheres como passivas e dependentes e os

homens como ativos e protetores. De acordo com Zanello (2018), muitas religiões pregam que o casamento é um sacramento sagrado e que o amor romântico é o caminho para a felicidade, podendo induzir as pessoas a acreditar que só podem ser completas se estiverem em um relacionamento amoroso. Por fim, a autora tece uma crítica à psicologia tradicional, que também costuma associar o amor romântico à saúde mental e ao bem-estar, o que pode levar as pessoas a acreditar que precisam estar em um relacionamento amoroso para serem felizes e saudáveis.

O dispositivo materno, conforme explicado por Zanello (2018), regula as relações entre mães e filhos, impondo expectativas de cuidado, amor e abnegação às mães. Segundo a professora, as mães são socializadas para priorizar os interesses de seus filhos, muitas vezes sacrificando seus próprios interesses. Esse dispositivo contribui para a divisão sexual do trabalho, à medida que atribui às mulheres a principal responsabilidade pelo cuidado dos filhos e das tarefas domésticas, levando a uma sobrecarga que afeta a vida das mulheres (Zanello, 2018).

Zanello (2018) explica que a representação das mulheres por esse dispositivo, tendo o cuidado com o outro como parte constituinte de sua natureza, resulta em implicações até para aquelas que não são nem pretendem ser mães. Isso porque, segundo ela, "uma mulher, ainda que sem filhos, será interpelada (...) a cuidar de seu pai doente, primo, irmão, namorado etc. [e] a abandonar seus próprios projetos em função dos outros (...)" (Zanello, 2018, p. 153). Além disso, o dispositivo materno pode ter um impacto negativo na saúde mental das mães ao exercer uma pressão considerável para que sejam mães perfeitas, levando-as a se sentirem pressionadas, culpadas e envergonhadas se não conseguem cumprir todas as expectativas (Zanello, 2018).

A religião, a medicina e a psicologia, conforme exposto por Zanello (2018), desempenham papéis significativos na perpetuação do dispositivo materno, reforçando as normas e expectativas associadas à maternidade. Para ela, muitas religiões pregam que a

maternidade é um sacramento sagrado e que as mulheres são as únicas que podem dar à luz e criar filhos. A autora evidencia ainda que a medicina e a psicologia tradicionais costumam endossar a ideia de instinto materno, associando a maternidade à identidade feminina e, com isso, reforçando a crença de que as mulheres são incompletas se não forem mães. Nas palavras da professora,

a psiquiatria e a psicologia ofereceram e oferecem, ainda hoje, grande contribuição para o processo de patologização das experiências das mulheres mães por meio do fenômeno da psiquiatrização e do psicologismo [cujo] fenômeno que tem crescido, mundialmente, nesse sentido, é o da "depressão pós-parto". (Zanello, 2018, p.171, destaque no original)

Os dispositivos amoroso e materno, conforme alertado por Zanello (2018), contribuem para a construção social da feminilidade, impondo características e comportamentos esperados das mulheres. Essas normas, segundo ela, podem levar à discriminação e ao preconceito contra aquelas que não se encaixam nos padrões esperados de gênero. Além disso, esses dispositivos naturalizam a desigualdade de gênero e reforçam a divisão sexual do trabalho, sobrecarregando as mulheres com responsabilidades domésticas e de cuidado. Em congruência com o trabalho de Zanello, a renomada acadêmica feminista Silvia Federici (2019) afirma que a análise do trabalho doméstico e reprodutivo não remunerado, enquanto elemento intrínseco ao sistema de exploração das mulheres, assume uma importância crucial na redefinição das dinâmicas de gênero na sociedade contemporânea.

Em seu ensaio *O que eles chamam de amor, nós chamamos de trabalho não pago*, Federici (2019) apresenta uma desconstrução contundente da romantização do trabalho doméstico e reprodutivo, enfatizando suas implicações na perpetuação da desigualdade de gênero e na opressão das mulheres. A autora sustenta que essas tarefas, frequentemente disfarçadas como uma expressão de amor e cuidado, são, na verdade, um mecanismo central de exploração capitalista e controle patriarcal. Em uma crítica profunda à invisibilidade desse

trabalho, Federici (2019) expõe como a economia global depende da contribuição não remunerada das mulheres em tarefas domésticas, uma realidade frequentemente eclipsada pelo discurso tradicional de amor e altruísmo.

O trabalho não pago das mulheres, conforme analisado por Federici (2019), é um componente-chave da economia global, que não apenas mantém o sistema funcionando, mas também reforça as disparidades socioeconômicas existentes. Ela destaca que o patriarcado e o capitalismo estão intrinsecamente entrelaçados na exploração do trabalho doméstico. A romantização dessa prática desvaloriza o trabalho das mulheres e perpetua a desigualdade de gênero. A autora argumenta que a noção de que o trabalho doméstico é uma manifestação de amor encobre as relações de poder subjacentes e invisibiliza as pressões sociais que forçam as mulheres a realizar tais atividades.

A desconstrução do amor romântico é fundamental para o processo de alcançar a igualdade de gênero e a autonomia das mulheres (Zanello, 2018; Federici, 2019). As autoras reforçam que a ideia de que o trabalho doméstico é uma demonstração de amor é uma estratégia que mantém o status quo, permitindo a exploração contínua das mulheres. Federici (2019) propõe uma mudança de perspectiva, que reconheça o valor intrínseco do trabalho doméstico e reprodutivo e exija sua remuneração justa. A luta pela valorização do trabalho não pago é, segundo Federici (2019), uma luta feminista por autonomia econômica e igualdade de gênero.

No que diz respeito aos homens, Zanello (2018) apresenta o dispositivo da eficácia que define as características e comportamentos esperados em relação à masculinidade. Os homens, segundo ela, são socializados para serem fortes, assertivos e produtivos. Eles são pressionados a alcançar sucesso na carreira e a serem provedores de suas famílias. Zanello (2018) explica que o dispositivo da eficácia define características e comportamentos esperados dos homens que são considerados masculinos e que isto pode levar à discriminação e ao preconceito contra os homens que não se encaixam nos padrões esperados. Por exemplo, os homens que não são

fortes e musculosos podem ser discriminados ou ridicularizados. Os homens que não são assertivos ou que não se expressam de forma dominante podem ser vistos como fracos ou inadequados. E os homens que não são bem-sucedidos na carreira ou que não são bons provedores podem ser vistos como um fracasso.

Zanello (2018) pontua que este dispositivo pode levar à violência de gênero ao associar a masculinidade à força e à agressividade, e que os homens que não se encaixam nos padrões esperados podem ser vítimas de violência, como o bullying e a violência doméstica. Por exemplo, os homens, heterossexuais ou não, que não se identificam com papéis de gênero tradicionais podem ser vítimas de violência homofóbica ou transfóbica. Além disso, esse dispositivo contribui para a naturalização da desigualdade de gênero ao representar os homens como superiores às mulheres, podendo levar a preconceitos e discriminação contra as mulheres (Zanello, 2018). Por exemplo, os homens podem ser vistos como mais inteligentes, mais capazes e mais aptos a liderar. As mulheres, por outro lado, podem ser vistas como menos capazes, menos inteligentes e mais adequadas para as tarefas domésticas e de cuidado.

Assim como os dispositivos que recaem sobre as mulheres, o dispositivo da eficácia pode ter um impacto negativo na saúde mental dos homens, levando a sentimentos de ansiedade, depressão e isolamento (Zanello, 2018). Os homens podem sentir-se pressionados a serem perfeitos física, social e financeiramente, e podem se sentir culpados se não conseguem cumprir todas as expectativas. Eles podem também se sentir isolados e solitários, pois podem não se sentir capazes de compartilhar seus sentimentos e experiências com os outros (Zanello, 2018).

Zanello (2018) aponta que a desconstrução desses dispositivos requer uma série de ações concretas. A educação é fundamental para isto, visto que as pessoas precisam aprender que esses dispositivos são construções sociais e que não refletem a realidade do amor, da maternidade e dos homens. O debate sobre a violência de gênero também é importante. É

preciso conscientizar as pessoas de que a violência de gênero é um problema real e que afeta homens e mulheres. Os estereótipos de gênero também precisam ser questionados. É preciso mostrar que as mulheres e os homens são capazes de realizar qualquer tarefa, independentemente de sua identidade de gênero. Por fim, é importante oferecer apoio às mulheres e aos homens que estão enfrentando dificuldades decorrentes desses dispositivos (Zanello, 2018).

1.3 Tecnologias de Gênero

A professora italiana Teresa de Lauretis (1987) define tecnologia de gênero como qualquer aparato ou processo que, de forma codificada, produz subjetividades de gênero. Ela argumenta que as tecnologias de gênero são um fenômeno complexo e multifacetado, indispensável para a constituição do sujeito de gênero. Essas tecnologias, segundo a professora, podem ser encontradas em todas as esferas da vida social, produzem as categorias binárias de homem e mulher e as identidades que lhes são atribuídas, além de serem responsáveis por moldar as normas e expectativas que regem o comportamento dos homens e das mulheres. No caso específico dos filmes de animação de princesas da Disney, Aline Machado e Tânia Zimmermann (2022) entendem que

são produtos culturais e comerciais de um sistema capitalista, ávido por lucros, e, portanto, não devem ser consumidos como inocentes desenhos de animação, mas, sim, como artefatos culturais repletos de conceitos patriarcais, burgueses e coloniais enraizados nessas mídias. (p. 36)

De Lauretis (1987) distingue entre tecnologias de gênero primárias e secundárias. As tecnologias de gênero primárias são aquelas que produzem subjetividades de gênero a partir da diferença sexual e incluem, por exemplo, a medicina, que atribui aos corpos certos atributos e funções; a psicologia, que associa certos traços de personalidade e comportamento a cada gênero; e, por fim, a educação, que reforça as normas e expectativas de gênero no contexto

escolar (de Lauretis, 1987). Em contrapartida, as tecnologias de gênero secundárias, para a professora, são aquelas que produzem subjetividades de gênero a partir da diferença sexual já produzida pelas tecnologias de gênero primárias como, por exemplo, a mídia e a cultura, que representam e perpetuam os estereótipos de gênero, criando imagens e representações de homens e mulheres que são internalizadas pelos indivíduos (de Lauretis, 1987).

Nesse contexto, Zanello (2018) reitera que as tecnologias de gênero e os dispositivos de gênero se relacionam de forma circular. Segundo ela, as tecnologias de gênero produzem efeitos que reforçam os padrões que as originaram, e esses padrões são, por sua vez, materializados pelos dispositivos de gênero. A professora brasileira apresenta ainda o *looping effect* como um fenômeno que ocorre quando as tecnologias de gênero produzem efeitos que reforçam os próprios padrões que as originaram. Ou seja, o *looping effect* é um mecanismo importante para entender a relação entre as tecnologias de gênero e os dispositivos de gênero, visto que estes são as práticas e instituições que dão concretude àquelas (Zanello, 2018).

Conforme exemplificado por Zanello (2018), as tecnologias de gênero que reforçam a ideia de que as mulheres possuem um instinto materno e aptidões natas para o cuidado, além de serem mais sensíveis e emotivas do que os homens, podem levar a uma situação em que as mulheres são sobrecarregadas com as responsabilidades domésticas e de cuidado, são mais propensas a serem discriminadas no mercado de trabalho ou a sofrer violência doméstica. Esses efeitos, por sua vez, reforçam a ideia de que as mulheres são responsáveis por cuidar da casa e dos filhos, são mais sensíveis e emotivas, e/ou que homens são mais fortes e agressivos, o que alimenta as tecnologias de gênero que produzem esses efeitos (Zanello, 2018).

Clara Monteiro e Valeska Zanello (2015) afirmam que as animações de princesas Disney podem ser consideradas exemplos clássicos de tecnologias de gênero. Essas produções reproduzem e reforçam os padrões de desigualdade de gênero, contribuindo para a manutenção da ordem patriarcal (Monteiro & Zanello, 2015; Zanello, 2018). Essas animações costumam

apresentar as personagens como cuidadoras, passivas e belas. Esses padrões de representação podem ter um impacto negativo na vida das meninas e mulheres, visto que podem levá-las a acreditar que precisam dessas características para serem aceitas, e a subestimar suas habilidades e potencialidades (Monteiro & Zanello, 2015).

Os conceitos de dispositivo amoroso e dispositivo materno também são relevantes para entender as animações de princesas Disney (Monteiro & Zanello, 2015; Zanello, 2018). Essas animações costumam reforçar a ideia de que o amor romântico é o único caminho para a felicidade e que a maternidade é o destino natural das mulheres, podendo ter um impacto poderoso na subjetividade de meninas e mulheres, já que, desde a infância, podem levá-las a acreditar em certos papéis e expectativas de gênero (Monteiro & Zanello, 2015; Zanello, 2018). Na sequência do trabalho, a partir da apresentação de cada personagem, bem como do enredo das histórias, será possível compreender de forma prática e detalhada como as tecnologias de gênero operam desde muito cedo na vida, especialmente das meninas, com repercussões ao longo de todo o ciclo desenvolvimental.

Capítulo 2. Princesas em Pauta: Disney e a Discussão sobre Gênero e Diversidade

A Walt Disney Company teve seu início na Califórnia com os irmãos Walt e Roy Disney, quando fundaram o estúdio de animação The Walt Disney Studios, em 1923 (Gabler, 2016). Desde então, a empresa estabeleceu uma forte conexão com contos de fadas, como evidenciado pelo lançamento, em 1937, do filme *Branca de Neve e os Sete Anões*, o primeiro longa-metragem totalmente animado a utilizar a tecnologia Technicolor (Mollet, 2013). Além disso, o estúdio foi pioneiro ao introduzir trilhas sonoras originais e canções em seus filmes, o que contribuiu significativamente para o desenvolvimento desse tipo de arte na cultura popular (Pallant, 2010). A visão detalhada da história da Disney, apresentada por Gabler (2016), revela como a empresa, ao longo de seus mais de 100 anos de existência, expandiu-se para uma miríade de setores do entretenimento, como filmes, televisão, parques temáticos, produtos de consumo e mídia digital.

Nesse cenário, apesar das adversidades enfrentadas, como a queda nos lucros durante os primeiros meses da pandemia de COVID-19 em 2020, a empresa se adaptou e encontrou oportunidades de crescimento, especialmente através do aumento das assinaturas em seus serviços de *streaming* Disney+, Star+, ESPN+ e Hulu (Lang, 2021). O Relatório Financeiro Anual do Ano Fiscal de 2022 revela um aumento significativo nas receitas da empresa, alcançando 82,7 bilhões de dólares, impulsionado não apenas pela retomada das atividades afetadas pela pandemia, mas também pelo sucesso em várias frentes de negócios, incluindo bilheteria de filmes, transmissões de TV, serviços de streaming e vendas de produtos licenciados, especialmente da franquia Disney Princesas, uma das mais populares e lucrativas da empresa (Iger et al., 2022).

A franquia Disney Princesas destaca-se como um dos pilares dessa hegemonia cultural e econômica. O sucesso dessas personagens não se limita apenas ao seu impacto nas bilheterias, conforme evidenciado pelo faturamento global dos filmes consolidado pela *Internet Movie*

Database ([IMDB], s.d.), apresentado na Tabela 1, mas se estende ao vasto mercado de produtos licenciados, gerando significativas receitas por meio de *royalties*.

Tabela 1 Resultado de bilheteria das animações protagonizadas pelas Disney Princesas

Ano	Filme	CI	Ranking						Faturamento (em US\$)
			EUA			Global			
			a	b	c	a	b	c	
1937	Branca de Neve e os Sete Anões	G	d	17	259	d	d	d	184.925.486 ^e
1950	Cinderela	G	d	47	859	d	74	1.826	96.383.330 ^f
							f	f	
1959	A Bela Adormecida	G	d	85	1.754	d	d	d	51.600.000 ^e
1989	A Pequena Sereia	G	13	33	658	13	38	824	211.343.479
1991	A Bela e a Fera	G	3	11	183	1	15	306	424.967.620
1992	Aladdin	G	1	12	189	1	10	229	504.050.219
1995	Pocahontas	G	4	25	442	4	20	441	346.079.773
1998	Mulan	G	13	32	579	6	26	522	304.320.254
2009	A Princesa e o Sapo	G	31	36	724	25	29	606	267.045.765
2010	Enrolados	PG	10	63	228	8	46	180	592.462.816
2012	Valente	PG	8	48	155	13	54	209	538.983.207
2016	Moana	PG	11	42	142	12	35	145	682.685.900

Nota: Dados de 13 de maio de 2023

CI - Classificação Indicativa conforme a Motion Picture Association (MPAA)

G - Audiência Geral, segundo informação do site da MPAA: "Nada que ofendesse os pais pela visualização pelos filhos" (s.d.)

PG - Orientação Parental Sugerida, pois "os pais são instados a dar 'orientação parental'. Pode conter alguns materiais que os pais podem não gostar para seus filhos pequenos" (MPAA, s.d.)

^a Posição no ano de seu lançamento

^b Posição no ranque com os filmes de mesma classificação indicativa

^c Posição levando em consideração todos os filmes de todas classificações indicativas

^d As informações que constam no site são a partir de 1977

^e Valores domésticos dos EUA

^f Estão sendo considerados relançamentos muitos anos depois do lançamento oficial

Embora a Disney seja amplamente reconhecida por sua inovação, criatividade e entretenimento, é fundamental destacar que a empresa também enfrentou e continua enfrentando críticas substanciais ao longo do tempo. O conceito de *Disneyficação da sociedade*

é crucial para compreender o impacto da Walt Disney Company no contexto da globalização e hegemonia cultural (Bryman, 2004). A disseminação dos valores, narrativas e estéticas associados à Disney em várias esferas da cultura e da sociedade contemporânea foi facilitada pelo processo de globalização (Kiyomi, 2000; Rahayu, Abdullah & Udasmoro, 2015).

Enquanto as Princesas Disney continuam a ser uma fonte significativa de receita e influência cultural para a empresa, elas também enfrentam críticas pela adaptação de contos de fadas e mitos de diversas culturas, muitas vezes simplificando e distorcendo narrativas para atender a interesses comerciais, perpetuando estereótipos e ideais problemáticos (Anjirbag, 2018; Khalid, 2015). Além disso, a exposição precoce das crianças ao *branding*¹³ da Disney as torna consumidoras ávidas de produtos relacionados aos filmes, contribuindo para a perpetuação de modelos de consumo capitalistas e influenciando também sua percepção sobre gênero e identidade (Cechin, 2014; Coyne, Linder & Rasmussen et al., 2016; Hine, England et al., 2018).

Críticos como a autora Frances Clarke Sayers (1986, citada por Bryman, 2004) ainda acusam a empresa de eliminar o potencial imaginativo das crianças ao adoçar os contos de fadas e simplificar a complexidade da vida real. Além disso, as Princesas Disney enfrentam críticas por sua representação dos papéis de gênero e estereótipos, perpetuando ideais de feminilidade e masculinidade tradicionais (Moreira & Portela, 2018). Nesse sentido, é importante pontuar que existe um aparente esforço do estúdio em avançar em relação a essas questões, introduzindo

¹³ De acordo com Kamila Uberto e Hans Peder Behling, *branding* é um conjunto de estratégias de gestão de marca que visa construir e fortalecer a imagem de uma empresa, produto ou serviço perante o seu público-alvo. Eles explicando que diferentemente da marca, que pode ser entendida como a representação simbólica (nome, logo, slogan) que identifica e diferencia um produto ou serviço no mercado, o *branding* envolve um processo mais amplo e profundo, incluindo a definição de valores, missão, visão, personalidade da marca e a criação de uma experiência única para o consumidor, com o objetivo de gerar uma percepção positiva e estabelecer uma conexão emocional duradoura com o público. Segundo os autores, um dos aspectos chave do *branding* da Disney é a criação de um universo mágico que transcende seus filmes e personagens, estendendo-se a parques temáticos, produtos de consumo, experiências interativas e muito mais. A marca se posiciona como fonte de inspiração e fantasia, promovendo valores como a família, a amizade, a coragem e a superação de desafios. Essa abordagem permite que a Disney crie uma conexão emocional forte com seu público, fazendo com que crianças e adolescentes não apenas consumam seus produtos, mas se identifiquem com os valores e histórias apresentados, desejando fazer parte desse mundo mágico. (Uberto & Behling, 2023)

personagens mais diversificados e representações mais progressistas (Hine & England et al., 2018), ressignificando o papel social da mulher e moldando-o de acordo com os ideais do momento (Aguiar & Barros, 2015).

A figura da princesa evoluindo de uma donzela indefesa para uma heroína valente, por exemplo, pode refletir mudanças na percepção de gênero ao longo do tempo (Morais, 2018). No entanto, essa transformação muitas vezes se traduz em uma versão comercializada do feminismo, onde a *princesa empoderada* ainda está presa a ideais de beleza e comportamento tradicionalmente femininos (Bueno, 2012). Essa perspectiva crítica convida a uma reflexão mais profunda sobre o impacto da Disney na sociedade e na cultura, levantando questões importantes sobre poder, hegemonia e representação.

2.1. Corte Encantada: As Escolhidas da Disney

A franquia das Princesas da Disney surgiu em 2000 a partir de um insight do então presidente de produtos de consumo da Disney, Andy Mooney. Durante a espera em uma fila para uma apresentação do *Disney on Ice*, Mooney notou que muitas crianças e algumas mães estavam vestidas com roupas genéricas das princesas da Disney (Leduc, 2020). Desde então, a franquia reuniu personagens femininas icônicas das animações da Disney, e atualmente esse seleto grupo é composto por Branca de Neve, Cinderela, Aurora (Bela Adormecida), Ariel, Bela, Jasmine, Pocahontas, Mulan, Tiana, Rapunzel, Mérida, Moana e Raya¹⁴ (Jernigan, 2022). As personagens e os filmes geram interesse não apenas do público que assiste e consome seus produtos, mas também em diversas áreas de estudo acadêmicas.

Uma das áreas que mais se destaca, embora não seja a única, são os estudos feministas. Esses estudos analisam as representações de gênero, papéis e estereótipos, bem como o sexismo e o machismo presentes nas animações das princesas (e.g. England et al., 2011; Wohlwend,

¹⁴ Importante ressaltar que, por Raya ter sido incluída no elenco da franquia em 2022, depois do início da pesquisa e dos primeiros encontros com as participantes, as informações sobre o filme bem como o perfil da personagem não serão apresentados ao longo deste trabalho.

2012a; Wohlwend, 2012b; Aguiar & Barros, 2015; Coyne, Linder & Rasmussen et al. 2016; Potgieter & Potgieter, 2016; Streiff & Dundes, 2017; Hine, Ivanovic & England, 2018; Hine & England et al., 2018; Santos, R. da S., Cid & Rocha, 2019; Dundes, 2020; Hollowell, 2020; Wilke, 2020; Coyne, Linder & Booth et al., 2021; Rosenzweig, 2021; Salgado & Carvalho, 2021; Begum, 2022; Manaworapong & Bowen, 2022).

O lançamento do filme *A Princesa e o Sapo*, em 2009, e o frenesi em torno da apresentação da primeira princesa negra da Disney, por exemplo, motivaram uma série de publicações com perspectivas diversas. Algumas dessas publicações lembraram o passado racista da população estadunidense, corroborado por algumas decisões criativas da empresa, mas destacaram alguns avanços positivos em relação à representação dessa população, especialmente das mulheres. No entanto, também apontaram que a representação do negro ainda é problemática quando vista do ponto de vista branco (e.g. Barker, 2010; Breaux, 2010; Lester, 2010; Baliscei et al., 2017). Apesar de algumas melhorias, não se pode negar que decisões equivocadas continuaram sendo tomadas, como a limitação do tempo de tela em que Tiana aparece na forma humana, já que a personagem passa a maior parte do tempo como uma sapa. Além disso, os valores atribuídos à personagem, relacionados ao trabalho duro, especificamente na cozinha e no serviço em um restaurante, destoam quando comparados com as princesas anteriores que se envolviam principalmente com questões da realeza e/ou dos campos de batalha (e.g. Gehlawat, 2010; Gregory, 2010; Dundes & Streiff, 2016).

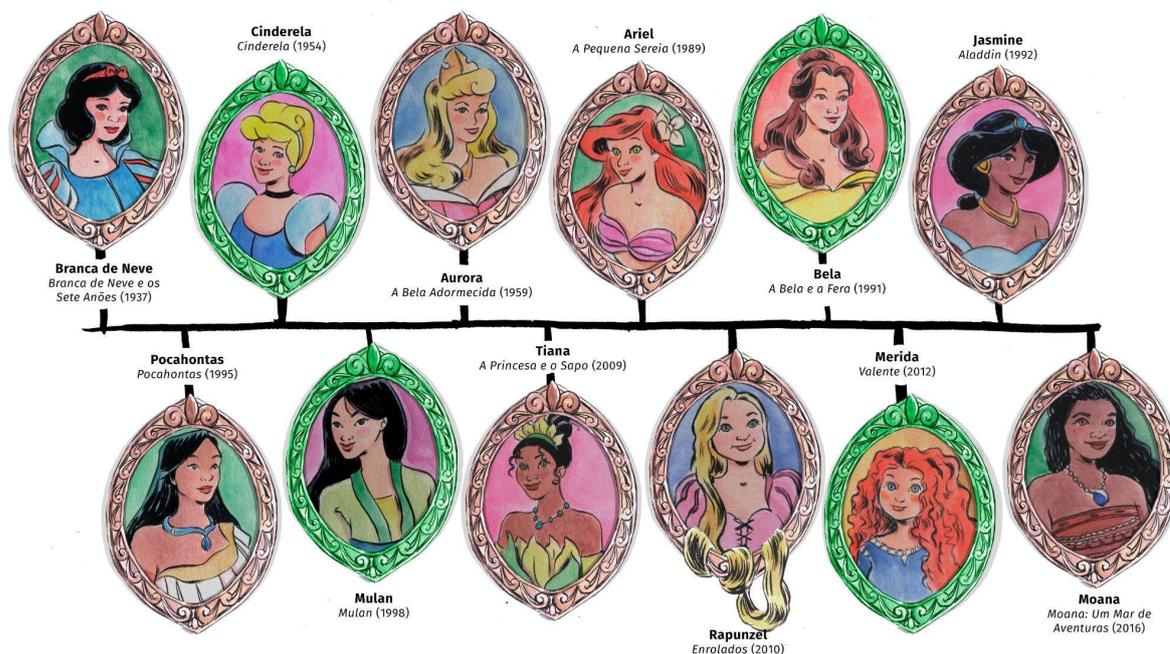
Além das análises feministas e raciais, alguns estudos se dedicaram a explorar aspectos mais técnicos das animações, como o estilo artístico conhecido como Disney-formalismo, que se refere à maneira como os estúdios produzem seus desenhos, incluindo a criação de texturas e movimentos naturais de cabelos, além do processo de criação dos figurinos, considerados elementos importantes para as narrativas cinematográficas (ver Pallant, 2010; Ward, K., Simmons, Milne, Yosumi & Zhao, 2010; Simmons, Ward, Yosumi, Leo & Zhao, 2011;

Kalmakurki, 2018). Outros estudos aproveitaram para investigar questões mais sociais, como a representação de povos, costumes e culturas distintas (e.g. Ferguson, 2016; Blumlo, 2017; Pérez, 2021), e até mesmo debater como filmes como *Moana* incorporam a crise climática, explorando a relação entre os seres humanos e o meio ambiente, destacando tanto a responsabilidade humana quanto a possibilidade de restauração e reconciliação com a natureza (ver Midkiff & Austin, 2021).

Não se pretende esgotar todas as possibilidades de análises e discussões a partir das animações das princesas. Afinal, ao longo de 100 anos, elas continuam atraindo espectadores e provocando estudos. No entanto, espera-se que este breve retrospecto com alguns trabalhos publicados a partir da segunda década do século XXI possa indicar a importância de continuar examinando suas narrativas, que ainda são pertinentes e úteis para abordar temas relevantes, estabelecendo uma ponte entre as pesquisas e o público em geral. A Figura 2 mostra a imagem de todas as princesas da franquia e, na sequência, serão descritas algumas características dessas personagens¹⁵, suas jornadas pessoais e algumas representações de papéis e estereótipos de gênero presentes nas animações, que são de interesse para esta pesquisa.

¹⁵ Raya não será abordada devido a motivos previamente explicados.

Figura 2 Princesas Disney: Elenco oficial da franquia até julho de 2022



Branca de Neve. O filme *Branca de Neve e os Sete Anões*, de 1937, é uma adaptação do conto de fadas *Schneewittchen* (em alemão), que foi escrito pelos Irmãos Grimm e publicado pela primeira vez em 1812 como parte da coleção *Kinder- und Hausmärchen* (Contos de Fadas para Crianças e Adultos, em tradução livre) (Kalmakurki, 2018). O filme representa um ponto de virada na história do cinema como o primeiro longa-metragem de animação produzido pela Walt Disney Productions (Hand, 1937). Ele oferece uma visão dos valores e estereótipos de gênero predominantes na sociedade da época, além de apresentar características que influenciaram as futuras princesas da Disney (Aguiar & Barros, 2015; Martinez, 2015).

A representação de Branca de Neve como uma jovem de beleza cativante e ingenuidade notável, com sua pele alva, cabelos escuros e longos, olhos castanhos e lábios vermelhos como a rosa (Hand, 1937), reflete a idealização da feminilidade da época, marcada pela doçura, gentileza e compaixão (Aguiar & Barros, 2015). A trama central do filme gira em torno da inveja da Rainha Má pela beleza de Branca de Neve, desencadeando uma série de eventos que

exploram as interações entre os personagens (Mota, Silva & Araujo, 2019; Aun & Rodrigues, 2023). A narrativa envolve a tentativa de assassinato da jovem pela Rainha Má e sua fuga para a floresta, onde encontra abrigo na casa dos sete anões. O envenenamento de Branca de Neve pela maçã oferecida pela Rainha disfarçada intensifica o enredo, culminando na necessidade do *beijo do verdadeiro amor* para despertá-la do sono profundo. Estes eventos são cruciais para entender o desenvolvimento do enredo e as interações entre os personagens ao longo do filme (Mota et al., 2019).

Sob a perspectiva de Nicole Aun e Alessandra Rodrigues (2023), cada elemento da história revela camadas profundas de opressão e desigualdade de gênero, destacando como os valores patriarcais são inculcados desde a infância. Segundo as autoras, este conto também serve como uma poderosa lente para analisar as dinâmicas do patriarcado capitalista. Desde o início, a figura da madrasta de Branca de Neve personifica a obsessão pela beleza e a inveja entre mulheres, reforçando a ideia de que o valor feminino está intrinsecamente ligado à sua aparência física. Esse padrão perpetua a competição e a rivalidade entre mulheres, desviando o foco de questões mais substanciais e fortalecendo os estereótipos de gênero (Aun & Rodrigues, 2023).

Sheila Rubio Méndez e Santiago Sevilla-Vallejo (2022) também abordam a representação dos papéis de gênero no filme, destacando como os personagens masculinos e femininos são retratados de acordo com as normas sociais da época. Branca de Neve assume o papel tradicional de dona de casa, realizando tarefas domésticas enquanto os homens trabalham fora de casa. A dualidade entre Branca de Neve e a madrasta reflete a visão idealizada da mulher como esposa perfeita versus a mulher solitária que busca validação masculina.

Na narrativa, a madrasta é retratada como a vilã que busca a beleza a qualquer custo, representando o estereótipo de que as mulheres competem entre si pela aparência (Méndez & Sevilla-Vallejo, 2022). A beleza é representada como um modelo único, onde a mulher deve

ser jovem, magra e de pele branca. Segundo Méndez e Sevilla-Vallejo (2022), por outro lado, Branca de Neve é apresentada como uma figura passiva, cujo único objetivo é encontrar o amor e ser salva por um homem. Ela é representada como ingênua e dependente, reforçando estereótipos de gênero tradicionais. Quanto aos homens, existem três estereótipos principais: o caçador, os anões e o príncipe (Méndez & Sevilla-Vallejo, 2022). O caçador é inicialmente retratado como violento, mas demonstra ter um lado bom ao poupar Branca de Neve. Os anões são representados como homens desajeitados e trabalhadores, enquanto o príncipe é o típico *príncipe encantado*, cujo único propósito é salvar a princesa. Os homens são retratados como heróis que salvam as mulheres em todas as situações, reforçando a ideia da dependência feminina em relação aos homens.

Ademais, a história de Branca de Neve, conforme discutido por Aun e Rodrigues (2023), evidencia questões de capacitismo ao retratar os anões como infantilizados e desprovidos de sexualidade devido ao seu nanismo. Ao descrever os anões como incapazes de ter sexualidade ou relações adultas, o conto reforça visões limitadas e opressivas sobre a identidade e a autonomia das pessoas com deficiência. Além disso, essa representação sugere que sua condição física os torna menos competentes e aptos para realizar atividades consideradas normais para adultos, contribuindo para a perpetuação de estereótipos prejudiciais sobre pessoas com deficiência (Aun & Rodrigues, 2023).

Outra consequência dessa representação está relacionada à divisão de trabalho e à desvalorização do trabalho doméstico no contexto do patriarcado capitalista (Aun & Rodrigues, 2023). Ao atribuir rotineiramente o trabalho doméstico às mulheres e desconsiderar sua importância, o conto contribui para a naturalização de estruturas opressivas. Isso ocorre à medida que o cuidado é visto como responsabilidade exclusivamente feminina, enquanto os homens ocupam espaços de poder e visibilidade no âmbito público e político.

Essa invisibilidade do trabalho contribui para a manutenção de estruturas opressivas, onde as mulheres são mantidas em papéis tradicionais enquanto os benefícios de seu trabalho são usurpados pelo sistema capitalista. Essa análise crítica do filme permite uma compreensão mais ampla das questões de gênero e poder presentes na sociedade da época e sua relevância para o contexto contemporâneo (Federici, 2019; Aun & Rodrigues, 2023).

Cinderela. A história de Cinderela, popularizada pela adaptação da Disney de 1950, tem raízes muito mais antigas e diversificadas do que muitos podem imaginar. Uma das primeiras variantes conhecidas da história surgiu na China, por volta de 860 a.C., onde já apresentava elementos centrais que reconhecemos hoje, como a heroína maltratada que, eventualmente, encontra justiça e felicidade (Moioli, 2018). A narrativa também teve presença na Grécia Antiga, conforme documentado por Strabo (63 a.C. - 24 d.C.), que escreveu sobre uma escrava forçada a se casar com um rei, demonstrando a ampla disseminação e variação do conto através de diferentes culturas e épocas (Zipes, 2001).

No entanto, a versão mais conhecida no Ocidente foi escrita por Charles Perrault em 1697, introduzindo elementos icônicos como a fada madrinha e o sapatinho de cristal (Zipes, 2001). A versão dos Irmãos Grimm, mais sombria e sem a presença da fada madrinha, ganhou destaque posteriormente, com a descrição das meias-irmãs de Cinderela que cortam partes dos pés para caber no sapato de cristal (Zipes, 2001). Além disso, relatos indicam que a história pode ter origens ainda mais antigas, remontando ao Antigo Egito e à Grécia, como a história de Ródope (Beaupré, 1920). Assim, a história de Cinderela é um mosaico de narrativas que atravessaram séculos e culturas, adaptando-se aos valores e contextos de cada época, com a versão da Disney sendo apenas uma das muitas interpretações dessa história.

Na versão do filme da Disney, Cinderela é retratada como uma jovem de cabelos loiros e olhos azuis, cuja vida é marcada pela opressão e pelos abusos de sua madrasta e suas duas filhas. Ela é representada como gentil, doce e otimista, com um espírito resiliente, mesmo diante

de adversidades (Jackson, Luske & Geronimi, 1950). Após a morte de seu pai, Cinderela é submetida a uma vida de servidão como criada por sua madrasta, Lady Tremaine, e suas meias-irmãs, Anastasia e Drizella. Com a ajuda mágica de sua Fada Madrinha, Cinderela consegue comparecer ao baile real, onde conhece o Príncipe Encantado. No entanto, ela precisa deixar o baile antes da meia-noite, quando o feitiço se desfaz, perdendo seu sapatinho de cristal no processo. O príncipe utiliza o sapatinho para encontrá-la novamente, e eles vivem felizes para sempre (Jackson et al., 1950).

Pamela Colby O'Brien (2015) destaca a representação de Cinderela como a personificação do ideal feminino da época, com sua beleza, gentileza e passividade em destaque (O'Brien, 2015). Essa representação reflete as concepções tradicionais de feminilidade, onde as mulheres são vistas como submissas e dependentes dos homens para alcançar a felicidade e a realização pessoal. O relacionamento de Cinderela com o Príncipe Encantado exemplifica essa ideologia, apresentando o amor romântico como o objetivo final de sua vida, em vez de buscar ativamente sua própria libertação (O'Brien, 2015). Essa representação limitada do poder feminino no filme reflete as ideologias dominantes da época em relação ao papel das mulheres na sociedade e influencia a construção da identidade da personagem principal, refletindo os ideais românticos e patriarcais predominantes na sociedade da época (O'Brien, 2015).

Nesse sentido, Aun e Rodrigues (2023) argumentam que, por trás da aparente inocência dessa narrativa, estão enraizadas lógicas patriarcais que perpetuam desigualdades de gênero e naturalizam formas de opressão. A história do baile real, por exemplo, onde o príncipe escolherá sua futura esposa em uma espécie de vitrine, ilustra como as mulheres são tratadas como objetos de escolha masculina, reforçando a noção de que seu valor está atrelado à sua capacidade de agradar aos homens (Zanello, 2022; Aun & Rodrigues, 2023). Ao analisar a história de Cinderela sob a perspectiva crítica proposta por Aun e Rodrigues (2023), é possível perceber como as narrativas aparentemente inocentes podem servir como instrumentos de socialização

que moldam as percepções e comportamentos das pessoas, contribuindo para a manutenção das estruturas de poder dominantes na sociedade.

Aurora. Conforme Rosane Maria Cardoso e Viviane da Silva Dutra (2016), o filme *A Bela Adormecida*, de 1959, é uma adaptação do conto de fadas homônimo do século XVII, que possui três versões distintas escritas por Giambattista Basile, Charles Perrault e os Irmãos Grimm. A trama é centrada na história de Aurora, uma princesa amaldiçoada destinada a dormir até ser despertada por um beijo de amor verdadeiro (Geronimi, 1959). A protagonista, Aurora, é caracterizada como uma figura encantadora e graciosa, possuindo atributos físicos típicos das princesas Disney da época, como cabelos loiros longos e olhos violetas (Appolinário & Gonçalves, 2020). Além disso, ela é frequentemente retratada com um vestido deslumbrante, com uma saia volumosa e um corpete justo, um estilo de vestimenta comum entre as princesas dos contos de fadas (Kalmakurki, 2018).

Em termos de personalidade, Aurora é representada como doce, gentil e sonhadora, sendo criada por três fadas bondosas, Flora, Fauna e Primavera, que a protegem na floresta (Geronimi, 1959). Essa representação de Aurora reflete os estereótipos de gênero predominantes na cultura da época, onde as mulheres eram frequentemente retratadas como figuras passivas, com seu destino determinado por forças externas (England et al., 2011). Em particular, Aurora é mostrada como dependente do *beijo de amor verdadeiro* de um príncipe para romper a maldição, perpetuando a ideia de que as mulheres são frágeis e necessitam dos homens para sua felicidade e realização (Sumarsono et al., 2023).

Adicionalmente, a história de Aurora também reflete a ênfase na beleza física e no romance como objetivos principais das mulheres (Ferreira, V. C. de M. & Gonçalves, 2019). Apesar de ser celebrada por sua beleza e elegância, Aurora tem pouco controle sobre seu próprio destino, pois sua jornada é dominada por eventos externos e decisões tomadas por outros personagens. Essa representação reforça a ideia de que as mulheres devem se conformar com

os papéis tradicionais de gênero, em vez de buscar sua própria agência e autonomia (Reilly, 2016).

Além disso, Aun e Rodrigues (2023) destacam a complexidade subjacente ao conto, particularmente em relação à normalização da violência sexual contra mulheres desacordadas, como simbolizado pela personagem adormecida. As autoras apontam como essa narrativa perpetua a perigosa ideia de que mulheres inconscientes ou embriagadas são alvos aceitáveis de violência sexual. Aun e Rodrigues (2023) criticam ainda a romantização dos homens na cultura popular, inclusive dos estupradores, que muitas vezes são retratados como príncipes encantados ou inocentes. Elas resumem essa problemática mentalidade com a frase "Ela estava bêbada, pediu. Fim." (Aun & Rodrigues, 2023, p. 85), destacando como essa justificativa é profundamente prejudicial e precisa ser desafiada.

Ariel. O filme *A Pequena Sereia*, de 1989, é uma adaptação do conto de fadas literário escrito por Hans Christian Andersen em 1837 (Mollet, 2013), apresentando uma história multifacetada que combina romance, aventura e música (Musker & Clements, 1989). No centro desta narrativa está Ariel, uma sereia jovem e curiosa que sonha com uma vida fora das profundezas do mar. Ariel é retratada como uma sereia de longos cabelos ruivos e olhos azuis (Mollet, 2013), cuja beleza é notável, mas o que mais se destaca nela é sua personalidade vibrante e determinada (Musker & Clements, 1989).

Desde o início do filme, Ariel é apresentada como alguém que desafia as normas estabelecidas em sua sociedade submarina. Ela é curiosa e apaixonada pelo mundo humano, colecionando artefatos e explorando naufrágios em busca de tesouros (Musker & Clements, 1989). No entanto, sua personalidade também revela uma certa ingenuidade e impulsividade, especialmente quando se trata de seguir seus desejos. Essas características são evidentes quando ela se apaixona à primeira vista pelo príncipe Eric, um humano, e decide fazer um acordo com

a bruxa do mar, Úrsula, para se tornar humana e conquistar o coração do príncipe (Musker & Clements, 1989).

A trama segue Ariel em sua jornada para conquistar o amor de Eric, enfrentando desafios e obstáculos ao longo do caminho. Ela enfrenta a oposição de seu pai, o Rei Tritão, que teme pela segurança de sua filha e desaprova seu desejo de se tornar humana. Além disso, Úrsula, a antagonista do filme, usa artimanhas para frustrar os planos de Ariel, levando-a a fazer escolhas difíceis e a aprender importantes lições sobre responsabilidade e amor verdadeiro (Musker & Clements, 1989).

A representação de Ariel no filme *A Pequena Sereia* é algo paradoxal em termos de papéis de gênero e estereótipos. Por um lado, Ariel desafia o papel tradicional da princesa passiva, mostrando-se como uma protagonista ativa e determinada, que busca realizar seus próprios desejos e tomar decisões que moldam seu destino (Appolinário & Gonçalves, 2020; Aun & Rodrigues, 2023). Ela é uma personagem que busca sua própria independência e felicidade, em vez de esperar ser resgatada por um príncipe encantado (Appolinário & Gonçalves, 2020; Aun & Rodrigues, 2023).

No entanto, uma análise mais aprofundada revela que, apesar de sua aparente rebeldia, Ariel ainda é moldada por padrões de gênero que reforçam a idealização da feminilidade. Aun e Rodrigues (2023) argumentam que a busca de Ariel por um príncipe humano e sua disposição para renunciar à sua voz em troca de pernas refletem uma narrativa que valoriza a conformidade e a submissão feminina em relação aos desejos masculinos. Além disso, a representação do corpo de Ariel também é objeto de crítica por contribuir para a idealização de um corpo feminino magro e fisicamente atraente, o que perpetua os padrões de beleza inatingíveis e prejudiciais (Aun & Rodrigues, 2023).

Isso levanta questões sobre a representação das mulheres nos contos de fadas da Disney e como essas narrativas podem influenciar as percepções das crianças sobre gênero e

relacionamentos (Appolinário & Gonçalves, 2020). Como observado por Fernanda de Abreu Appolinário e Fernanda Cristina Nanci Izidro Gonçalves (2020), a representação das princesas da Disney desempenha um papel significativo na formação das expectativas de gênero nas crianças, podendo reforçar estereótipos de gênero e normas sociais. A canção Corações Infelizes, por exemplo, apresenta essas questões de gênero de maneira bastante explícita, como no trecho em que Úrsula canta:

O homem abomina tagarelas / Garota caladinha ele adora / Se a mulher ficar falando / O dia inteiro e fofocando / O homem se zanga, diz adeus e vai embora / Não! / Não vá querer jogar conversa fora / Que os homens fazem tudo pra evitar / Sabe quem é mais querida? / É a garota retraída! / E só as bem quietinhas vão casar! (Musker & Clements, 1989, 00:43:23, versão dublada)

Bela. O filme *A Bela e a Fera*, de 1991, é uma adaptação do conto de fadas francês *La Belle et la Bête*, escrito por Gabrielle-Suzanne Barbot de Villeneuve em 1740 e posteriormente reescrito e simplificado por Jeanne-Marie Leprince de Beaumont em 1756 (Aguiar & Barros, 2015; Simionato, 2022). Na animação, Bela é representada como uma personagem multifacetada. No que diz respeito às características físicas, ela é descrita como uma jovem mulher com cabelos longos e castanhos e olhos da mesma cor. Sua beleza é mais do que apenas superficial; ela emana confiança e determinação, em vez de depender exclusivamente de sua aparência exterior (Simionato, 2022).

Em relação à personalidade, Bela é notável por sua inteligência, coragem e bondade. Ela é retratada como uma leitora ávida, demonstrando um amor pela literatura e um desejo de explorar além dos limites de sua pequena aldeia (Baliscei, 2020b). Sua coragem é evidente quando ela se oferece para trocar de lugar com seu pai como prisioneira da Fera, mostrando um senso altruísta de sacrifício em nome do amor filial (Salgado & de Carvalho, 2021). Além disso, sua bondade é destacada em sua interação com os habitantes do castelo encantado, onde ela

consegue enxergar além das aparências assustadoras e descobrir a humanidade por trás das formas animais (Trousdale & Wise, 1991).

A trama do filme gira em torno do encontro de Bela com a Fera, um príncipe amaldiçoado que foi transformado em uma criatura horrenda como punição por sua arrogância e falta de compaixão (Rivera, 2022). À medida que Bela e a Fera passam mais tempo juntos, um vínculo começa a se desenvolver entre eles, baseado na compreensão mútua e na aceitação além das aparências físicas (Benhamou, 2023). O filme explora temas de amor verdadeiro, redenção e aceitação, culminando em um final feliz onde a Fera é transformada de volta em um príncipe humano graças ao amor de Bela (Trousdale & Wise, 1991).

No que diz respeito à representação de papéis de gênero e estereótipos, o filme é muitas vezes celebrado por sua abordagem aparentemente progressista em relação aos papéis de gênero. Em vez de ser retratada como uma donzela em perigo à espera de ser resgatada por um príncipe encantado, Bela é independente, determinada e capaz de tomar suas próprias decisões (Moreira & Portela, 2018). Sua paixão pela leitura e seu desejo de aventura a distinguem como uma protagonista que valoriza o intelecto e a experiência pessoal sobre as convenções sociais (Lemos & Barth, 2020).

No entanto, a leitura tradicional da história é desafiada pela perspectiva de Aun e Rodrigues (2023), que questionam as dinâmicas de poder presentes na narrativa, indicando que esse tipo de filme muitas vezes pode iludir espectadores, apresentando uma história de amor aparentemente inocente enquanto, na verdade, perpetua ideais prejudiciais sobre relacionamentos. Um exemplo fornecido pelas autoras é a inversão de papéis entre Bela e a Fera. Enquanto Bela é retratada como uma figura insubordinada e corajosa, a Fera assume o papel do sequestrador, mantendo Bela em cárcere privado. Esta dinâmica sugere uma relação de poder desigual, onde a violência é disfarçada como amor e proteção. Além disso, a ideia de que Bela é *recompensada* por seu amor pela Fera é questionada, visto que essa recompensa é

uma ilusão, pois Bela é presa e responsabilizada pelo cárcere em que vive (Aun & Rodrigues, 2023).

De acordo com Baliscei (2020b), a Fera, inicialmente retratada como agressiva e dominadora, pode ser interpretada como um exemplo de masculinidade tóxica, onde um homem controlador e possessivo é romantizado como o interesse amoroso da heroína. Esse padrão de relacionamento pode enviar mensagens prejudiciais sobre o que constitui um relacionamento saudável e equilibrado. Além disso, a falsa sensação de apoio oferecida pelos objetos animados no castelo destaca a falta de uma verdadeira rede de apoio para Bela, evidenciando a solidão e o isolamento em que ela se encontra. Para Aun e Rodrigues (2023), essa narrativa perpetua a ideia de que o amor justifica a violência e a submissão, contribuindo para a naturalização de relacionamentos abusivos.

Ademais, a representação de Bela e outros personagens reflete a reprodução de noções coloniais e modernas de gênero. Gabrielle Simionato (2022) argumenta que o filme pode perpetuar uma visão binária e hierárquica de gênero, colocando homens e mulheres em papéis rígidos e desiguais. Isso pode limitar a diversidade de expressão de gênero e reforçar ideias prejudiciais sobre as relações entre os sexos. O filme também pode reforçar estereótipos de beleza e comportamento, apesar dos avanços na representação feminina. Bela, enquanto celebrada por sua inteligência e independência, ainda se encaixa em padrões convencionais de beleza, com cabelos longos, pele clara e uma figura esbelta (Ferreira, V. C. de M. & Gonçalves, 2019). Isso pode contribuir para a perpetuação de ideais estéticos inatingíveis para muitas jovens, reforçando a importância da aparência física sobre outras qualidades.

Além disso, a passividade inicial de Bela em relação à sua situação na aldeia pode ser interpretada como uma falta de agência feminina em sua própria narrativa (Reilly, 2016). Sua decisão de se tornar prisioneira da Fera para salvar seu pai pode ser vista como uma escolha forçada, em vez de uma demonstração de autonomia e poder de decisão. Por fim, Gaston é

retratado como um exemplo extremo e negativo de masculinidade, sendo hiper-masculino, narcisista e agressivo (Baliscei, 2020a). Sua representação pode reforçar ideias prejudiciais sobre o que significa ser um homem, contribuindo para a percepção de que a masculinidade está ligada à força física e à dominação.

Jasmine. O filme *Aladdin*, de 1992, é uma adaptação do conto *Aladim e a Lâmpada Maravilhosa*, que faz parte da coletânea *As Mil e Uma Noites*, uma compilação de histórias do Oriente Médio e do sul da Ásia, compilada durante a Idade de Ouro Islâmica (Bourenane, 2020). A versão mais conhecida no Ocidente foi traduzida por Antoine Galland no início do século XVIII, que foi o primeiro a incluir a história de Aladim em sua versão das *Mil e Uma Noites* (Bourenane, 2020).

A Princesa Jasmine, figura central nesse conto, é a primeira princesa da Disney a ter uma representação não-branca e com traços físicos diferentes das anteriores. Ela é retratada como uma princesa que deseja se libertar das restrições da vida na realeza, ter controle sobre seu próprio destino, se casar por amor e ter a oportunidade de escolher seu próprio futuro (Andrade, Peixoto & Dantas, 2022). A aparência física de Jasmine é notável por sua elegância e graciosidade, mas sua verdadeira força reside em sua personalidade intrépida e independente. Desde o início do filme, Jasmine é apresentada como uma personagem que desafia as normas sociais e as expectativas impostas a ela como princesa (Bueno, 2012). Ela anseia por liberdade e aventura, desejando explorar o mundo além dos muros do palácio e escapar das limitações de seu status real (Zimmermann & Machado, 2021). Sua busca por autenticidade e individualidade a coloca em conflito direto com as convenções sociais de seu tempo e com as expectativas de seu pai, o Sultão de Agrabah (Baliscei, 2020a).

A trama de *Aladdin* se desenrola quando Jasmine foge do palácio disfarçada para experimentar a vida fora dos portões dourados de Agrabah. É nesse momento que ela conhece Aladdin, um jovem ladrão que rouba para sobreviver nas ruas da cidade (Musker & Clements,

1992). A conexão instantânea entre Jasmine e Aladdin transcende as barreiras sociais e revela a verdadeira essência de seus personagens (Hurley, 2005). Eles se apaixonam e, juntos, enfrentam vários desafios para derrotar Jafar, o vilão da história, e encontrar uma maneira de ficarem juntos, superando as diferenças sociais que os separam (Reilly, 2016). Ao longo do filme, Jasmine demonstra coragem e determinação, desafiando as convenções de gênero ao se recusar a ser tratada como um prêmio a ser conquistado por um pretendente rico (Musker & Clements, 1992). Ela é uma protagonista ativa em sua própria história, tomando decisões e assumindo riscos para alcançar seus objetivos (Moreira & Portela, 2018).

Embora a representação de Jasmine desafie alguns estereótipos de gênero ao mostrar uma princesa com ambições pessoais, desejo de liberdade e ação, é importante reconhecer que também há representações de papéis e estereótipos de gênero presentes (England et al., 2011). Por exemplo, a representação de Jasmine como uma mulher de aparência exótica e sensual pode ser problemática, pois contribui para a objetificação e fetichização das mulheres de culturas não ocidentais (Kiyomi, 2000). Além disso, embora Jasmine seja retratada como uma personagem forte e determinada, sua história ainda é centrada em torno do personagem masculino, Aladdin, e ela só consegue se libertar de seu papel de princesa com a ajuda dele (Beltrán, 2017).

Para Aun e Rodrigues (2023), a história revela uma complexa dinâmica entre os personagens principais. A princesa encantadora se vê envolvida em um relacionamento com Aladdin, um jovem que mente para ela sobre sua identidade social e suas posses materiais. Essa relação problemática entre os protagonistas, segundo as autoras, levanta questões sobre os padrões de masculinidade representados por Aladdin, que se baseiam na mentira e na manipulação. Além disso, Aun e Rodrigues (2023) ressaltam como essa história romantiza relacionamentos fundamentados em mentiras e comportamentos inadequados, lançando luz sobre as mensagens prejudiciais transmitidas a jovens espectadores.

A despeito de não ter sido o foco deste trabalho, é importante mencionar que, com o lançamento do *live-action* em 2019, a Disney buscou contrapor alguns desses estereótipos, como a alteração do epílogo de Jasmine, que mudou de apenas se casar com Aladdin para se casar e se tornar a próxima sultana de Agrabah (ver Ritchie, 2019; Andrade et al., 2022; Kasto & Saptanto, 2022).

Pocahontas. Ao contrário das produções descritas até o momento, o filme *Pocahontas*, de 1995, não é uma adaptação direta de uma obra literária específica, mas sim baseado em eventos históricos e na vida de Pocahontas, uma mulher indígena da tribo Powhatan, conhecida por sua associação com a colonização inglesa em Jamestown, Virgínia (Blumlo, 2017). A história de Pocahontas e sua interação com os colonos ingleses, especialmente com John Smith, tem sido recontada de várias formas ao longo dos anos, incluindo livros, peças e filmes (Almeida, 2020). No entanto, a versão da Disney é uma interpretação livre e altamente ficcionalizada desses eventos históricos que, em prol da narrativa cinematográfica, incorpora elementos de romance, aventura e música para adaptar a história a um público mais amplo e jovem (Aguiar & Barros, 2015). Mesmo assim, existem questões a serem consideradas em relação à representação de Pocahontas e a maneira como o filme aborda questões históricas e culturais sensíveis (Almeida, 2020).

No filme, Pocahontas é retratada como uma jovem mulher de espírito livre, corajosa e curiosa sobre o mundo além de sua tribo. Ela é retratada como uma jovem mulher de beleza exótica e natural, desenhada com características físicas idealizadas, como longos cabelos negros e uma figura esbelta (Kiyomi, 2000). Sua aparência é marcada por traços étnicos que denotam sua herança indígena (Moreira & Portela, 2018). Pocahontas é descrita como corajosa, independente e curiosa, características que a distinguem das outras personagens femininas da Disney até então (England et al., 2011). Ela possui uma forte conexão com a natureza e também

é apresentada como uma mediadora entre culturas, buscando a paz e a compreensão entre seu povo e os colonos ingleses (Maia et al., 2020).

A trama central do filme gira em torno do encontro entre Pocahontas e os colonizadores ingleses liderados por John Smith, que chegam às costas da América do Norte em busca de ouro e riquezas (Buescher & Ono, 1996). A história se desenrola em meio aos conflitos culturais e ideológicos entre os nativos americanos e os colonizadores europeus (Gabriel & Goldberg, 1995). Apesar disso, Pocahontas e John Smith desenvolvem um romance proibido, enfrentando a oposição de ambas as comunidades (Kiyomi, 2000). Por conseguinte, o cerne do filme reside na mensagem de tolerância, respeito e compreensão mútua entre diferentes culturas (Moreira & Portela, 2018). Pocahontas emerge como uma figura central nesse contexto, agindo como uma mediadora entre os dois grupos conflitantes e defendendo a paz e a harmonia (Blumlo, 2017).

É importante notar, entretanto, que a representação da Disney de Pocahontas e sua história tem sido criticada por sua falta de precisão histórica e por perpetuar estereótipos simplificados sobre os povos indígenas (Almeida, 2020). A representação de Pocahontas no filme reflete uma tentativa de modernizar o papel das princesas Disney, apresentando uma protagonista mais ativa e independente em comparação com as princesas dos filmes anteriores da Disney (Machida & Mendonça, 2020). Ela não espera ser resgatada por um herói, mas sim toma as rédeas de sua própria narrativa e busca ativamente resolver os conflitos ao seu redor (Ferreira, V. C. de M. & Gonçalves, 2019).

No entanto, é importante reconhecer que o filme ainda incorre em algumas simplificações e estereótipos (Reilly, 2016). A personagem, por exemplo, ainda é enquadrada dentro de uma narrativa romântica que centraliza sua relação com um homem como um elemento crucial de sua história (Wilke, 2020). Além disso, a representação de Pocahontas como uma figura extremamente sexualizada e exótica pode ser vista como problemática,

perpetuando noções colonialistas e fetichistas sobre mulheres indígenas (Hurley, 2005). Além disso, o romance entre Pocahontas e John Smith pode ser interpretado como uma idealização da colonização europeia, minimizando as verdadeiras consequências devastadoras que teve para os povos indígenas (Buescher & Ono, 1996; Kiyomi, 2000; Blumlo, 2017; Almeida, 2020).

Mulan. A animação *Mulan*, de 1998, é uma adaptação da lenda chinesa de Hua Mulan, uma história que tem sido contada e recontada através de várias gerações na China, principalmente por meio do poema narrativo *A Balada de Mulan* (Guinta, 2018). Esta lenda, que se acredita ter sido composta durante a dinastia do Norte e do Sul (420–589 d.C.), narra a corajosa decisão de uma jovem mulher de se disfarçar de homem para tomar o lugar de seu pai idoso no exército, uma trama que desafia as normas de gênero e destaca a lealdade familiar (Ferreira, V. C. de M. & Gonçalves, 2018).

Mulan é apresentada como uma personagem complexa, cuja determinação, coragem e inteligência desafiam as expectativas de gênero de sua sociedade, não se encaixando no papel tradicional feminino de submissão e delicadeza, preferindo expressar sua individualidade e força (Manaworapong & Bowen, 2022). Ela é uma jovem que valoriza profundamente sua família e está disposta a fazer sacrifícios significativos por aqueles que ama (Begum, 2022). Fisicamente, Mulan é retratada de maneira menos sexualizada em comparação com outras princesas Disney, com a ênfase colocada em sua habilidade e competência, em vez de sua aparência (Ferreira, V. C. de M. & Gonçalves, 2018).

O filme segue a jornada de Mulan, que se disfarça de homem para lutar no exército imperial no lugar de seu pai doente (Bancroft & Cook, 1998). Ao longo da história, ela enfrenta diversos desafios, incluindo a pressão para se conformar aos papéis de gênero estereotipados da sociedade chinesa e a necessidade de manter sua identidade em segredo (Méndez & Sevilla-Vallejo, 2022). Ao longo do filme, Mulan prova ser uma guerreira habilidosa e uma estrategista

astuta, destacando-se entre os soldados e desempenhando um papel crucial na derrota dos Hunos, salvando a China de uma invasão estrangeira e sendo honrada como uma heroína.

Mulan questiona e subverte diversos clichês comuns em histórias de princesas da Disney. A protagonista é ativa, salvando a si mesma e seu país, sem depender de um príncipe encantado (Giunta, 2018). O filme aborda questões de igualdade de gênero, empoderamento feminino e o direito das mulheres de tomar suas próprias decisões (Manaworapong & Bowen, 2022). Para Aun e Rodrigues (2023), a narrativa destaca a coragem de Mulan ao desafiar as expectativas de sua família e comunidade, optando por se disfarçar de homem para proteger sua cidade em tempos de guerra. Essa representação ressalta a importância da autonomia e da busca pela própria identidade, mesmo diante das pressões sociais para se conformar com papéis de gênero predefinidos.

No entanto, a análise de Aun e Rodrigues (2023) revela nuances sobre as estruturas patriarcais que permeiam a história de Mulan. A narrativa ressalta as dificuldades enfrentadas pelas mulheres para serem reconhecidas em espaços de poder historicamente dominados por homens. Mulan, ao se tornar o melhor soldado do exército, evidencia a necessidade de as mulheres se destacarem excepcionalmente para serem levadas a sério em campos tradicionalmente masculinos. As autoras destacam ainda que essa narrativa pode servir tanto para desafiar quanto para perpetuar estereótipos de gênero. Ainda que Mulan represente uma figura de resistência feminina, seu final sugere que mesmo as conquistas individuais das mulheres podem ser subjugadas pelo romance e pelo patriarcado (Aun & Rodrigues, 2023). Isso demonstra que o filme ainda contém elementos de feminilidade tradicional, como a presença do interesse romântico entre Mulan e o capitão Shang, embora esse aspecto seja mais sutil em comparação com outras histórias de princesas da Disney (Bancroft & Cook, 1998; Giunta, 2018; Begum, 2022; Manaworapong & Bowen, 2022).

Assim, embora seja reconhecido pela representação positiva da força feminina e da capacidade das mulheres de alcançarem seus objetivos, o filme é criticado por ainda perpetuar alguns estereótipos de gênero, racismo e Disneyficação da história original (Dundes & Streiff, 2016; Giunta, 2018). Algumas críticas argumentam que Mulan ainda é apresentada como uma exceção à norma em vez de desafiar ativamente a norma, e que a representação dos personagens chineses é estereotipada e insensível à cultura (Méndez & Sevilla-Vallejo, 2022).

Tiana. O filme *A Princesa e o Sapo*, de 2009, não é uma adaptação direta de uma obra literária específica, mas é livremente inspirado no romance *The Frog Princess* de E.D. Baker, que por sua vez é baseado no conto de fadas *O Príncipe Sapo*, dos Irmãos Grimm (Gregory, 2010; Lester, 2010). No entanto, a história do filme difere significativamente do livro e do conto de fadas original, apresentando personagens e enredos originais. *A Princesa e o Sapo* marca um momento significativo na história das animações da Disney por apresentar a primeira princesa negra, Tiana. Este filme não apenas introduz uma personagem principal afro-americana, mas também se destaca por sua abordagem em relação aos papéis de gênero e estereótipos, tanto raciais quanto de gênero (Musker & Clements, 2009).

Tiana é retratada como uma jovem determinada, inteligente e trabalhadora, cujo maior sonho é abrir seu próprio restaurante, seguindo os passos de seu falecido pai, um objetivo que ela persegue com tenacidade ao longo da animação (Musker & Clements, 2009). Desde o início do filme, sua personalidade é evidenciada por sua ética de trabalho incansável e sua capacidade de se adaptar às adversidades da vida (Baliscei et al., 2017). Ela é retratada como alguém que valoriza a independência e a autossuficiência (Tavares, 2021).

Em termos de características físicas, Tiana é representada como uma mulher negra de pele escura e cabelos cacheados (Musker & Clements, 2009). Sua representação desafia os padrões de beleza eurocêntricos predominantes em muitas das princesas anteriores da Disney (Lester, 2010). Sua representação física e personalidade refletem uma mudança significativa na

forma como as princesas Disney são retratadas, valorizando a autonomia, a independência e a realização de objetivos pessoais e profissionais (Tavares, 2021).

O filme se passa em Nova Orleans durante a década de 1920 e segue a história de Tiana, uma jovem garçonete que sonha em ter seu próprio restaurante (Musker & Clements, 2009). A animação mostra que Tiana cresceu em uma família trabalhadora e aprendeu o valor do trabalho duro desde cedo, ajudando seus pais em seu negócio de venda de *beignets*¹⁶ (Barker, 2010). A trama começa quando Tiana conhece o Príncipe Naveen, que foi transformado em sapo por um feiticeiro (Musker & Clements, 2009). Na tentativa de ajudar o príncipe a voltar à sua forma humana, ela se vê em uma jornada mágica e acaba se transformando em uma sapa também. Juntos, eles embarcam em uma aventura para encontrar Mama Odie, uma sábia curandeira que pode ajudá-los a reverter o feitiço e voltar à forma humana (Ferguson, 2016). Tiana enfrenta desafios adicionais em sua jornada devido às barreiras sociais e econômicas que existiam na época, especialmente para as pessoas negras (Gehlawat, 2010).

O filme *A Princesa e o Sapo* tem sido objeto de análise crítica em relação à representação da personagem Tiana e às dinâmicas de poder, raça e gênero presentes na narrativa. Aun e Rodrigues (2023) observam que a personagem inicialmente desperta questionamentos, especialmente sobre a forma como a branquitude determina os espaços de poder na história. Segundo as autoras, por exemplo, a personagem Tiana, uma mulher negra trabalhadora, é retratada como uma figura que precisa lutar para alcançar seus objetivos, enquanto os personagens brancos são frequentemente associados a posições de poder e privilégio. A análise crítica ressalta como essa diferenciação é reforçada ao longo do filme, perpetuando estereótipos e desigualdades raciais. Porém, Aun e Rodrigues (2023) reconhecem que, ao longo do filme, torna-se evidente a importância das referências culturais e familiares

¹⁶ São uns bolinhos quadrados clássicos de New Orleans que lembram o sonho, mas não possuem recheio (Martins, A. 2018).

transmitidas por Tiana, apesar das críticas iniciais. A valorização da trilha sonora do filme e sua conexão com a cultura negra são aspectos ressaltados pela análise.

A representação de Tiana em *A Princesa e o Sapo* desafia os estereótipos tradicionais de gênero e raça de várias maneiras (Tavares, 2021). Primeiramente, Tiana é uma mulher negra em uma posição de protagonismo, o que por si só já representa um avanço significativo em termos de representatividade racial nas animações Disney (Lester, 2010). Além disso, Tiana é retratada como uma mulher independente e trabalhadora, que não depende de um príncipe ou de um casamento para alcançar seus sonhos e objetivos, oferecendo uma mensagem poderosa para o público, especialmente para meninas e mulheres, sobre empoderamento e autorrealização (Tavares, 2019). Essa caracterização subverte o estereótipo da *dama em apuros* frequentemente associado às princesas Disney.

Embora tenha recebido elogios por abordar temas relacionados à diversidade cultural e representação racial, o filme também recebeu críticas por apresentar estereótipos culturais e raciais, como a representação da cultura afro-americana através de elementos como jazz, vodu e comidas típicas (e.g. Barker, 2010; Ferguson, 2016; Pérez, 2021). Além disso, críticas persistem em relação à representação da personagem como sapa por grande parte da história, o que reflete a desumanização dos corpos negros. Aun e Rodrigues (2023) argumentam que essa representação contribui para a percepção dos corpos negros como desprovidos de humanidade, enquanto os príncipes negros são retratados como preguiçosos e descompromissados. Essa dinâmica evidencia a influência da branquitude na construção narrativa do filme, perpetuando estereótipos e desigualdades raciais. O papel atribuído às mulheres na narrativa também é objeto de crítica. Aun e Rodrigues (2023) apontam que, apesar de Tiana ser representada como uma mulher trabalhadora e persistente em busca de seus objetivos, a romantização do papel feminino como responsável pelo sucesso e fracasso dos relacionamentos, enquanto os homens são desresponsabilizados, perpetua padrões de gênero prejudiciais.

Rapunzel. O filme *Enrolados*, de 2010, é uma adaptação moderna do conto de fadas *Rapunzel*, originalmente publicado pelos Irmãos Grimm em sua coletânea *Contos de Grimm* (Khalid, 2015). A história de *Rapunzel* é conhecida por sua protagonista, que possui longos cabelos mágicos e é mantida presa em uma torre por uma bruxa malvada. A adaptação da Disney traz uma versão atualizada e com elementos originais, mantendo a essência do conto clássico enquanto introduz personagens novos e uma trama expandida (Greno & Howard, 2010).

Rapunzel, a protagonista da animação, é caracterizada por sua personalidade doce, inocente e curiosa, sendo retratada como uma jovem criativa e talentosa, com habilidades artísticas, que demonstra coragem e empatia, especialmente quando se depara com a dor e o sofrimento de outras pessoas (Aguiar & Barros, 2015). Rapunzel também é corajosa e determinada, mostrando uma grande vontade de alcançar seus sonhos e descobrir sua verdadeira identidade, o que a leva a buscar a liberdade além das paredes da torre em que foi mantida por anos (Khalid, 2015). Fisicamente, Rapunzel é retratada com olhos verdes e longos cabelos loiros mágicos que possuem o poder de curar e rejuvenescer (Simmons et al., 2011).

A trama de *Enrolados* gira em torno da jornada de Rapunzel para descobrir sua verdadeira identidade e herança, após passar toda a sua vida confinada em uma torre por sua captora, Gothel (Beltrán, 2017). A história começa na véspera de seu 18º aniversário, quando Rapunzel expressa o desejo de deixar a torre para ver as lanternas flutuantes que são lançadas anualmente no reino em sua homenagem, embora ela não saiba disso. Com a ajuda de Flynn Rider, um ladrão que encontra refúgio em sua torre, Rapunzel embarca em uma aventura que a leva a confrontar Gothel, descobrir sua verdadeira identidade como a princesa perdida do reino e, eventualmente, reencontrar seus pais biológicos (Beltrán, 2017).

A animação apresenta representações que refletem uma tentativa de subverter os papéis de gênero tradicionais, combinando, entretanto, elementos tradicionais e modernos (Rivera,

2022). Por um lado, a história possui elementos clássicos dos contos de fadas, como a princesa em perigo, a bruxa malvada, o padrão de beleza feminina frequentemente promovido pela Disney e a ideia de que o amor romântico é um componente essencial para a sua felicidade e realização. Por outro lado, Rapunzel é uma personagem forte e determinada que se recusa a ser apenas uma donzela indefesa à espera de um príncipe encantado, sendo uma protagonista corajosa e ativa em busca de sua própria liberdade e identidade, o que desafia as expectativas de passividade e submissão tradicionalmente associadas às mulheres (Rivera, 2022). Além disso, Flynn Rider é retratado como um herói com características mais humanas e vulneráveis, desafiando alguns estereótipos masculinos comuns e se diferenciando dos tradicionais príncipes encantados, subvertendo a ideia do príncipe salvador, visto que é Rapunzel quem salva a sua vida (Aguiar & Barros, 2015; Beltrán, 2017; Rivera, 2022).

Merida. O filme *Valente*, de 2012, não é uma adaptação de uma obra literária específica. Ele é uma história original criada por Brenda Chapman, Mark Andrews, Steve Purcell e Irene Mecchi. A animação é conhecida por sua narrativa que se concentra em temas como a independência e a relação entre mãe e filha, ambientada em um reino fictício na Escócia medieval (Andrews & Chapman, 2012).

Merida, a protagonista dessa animação, é uma jovem princesa cuja personalidade forte e independente desafia os estereótipos tradicionais de gênero frequentemente associados às princesas da Disney. Ela é uma princesa corajosa e determinada, que valoriza sua independência e liberdade e prefere explorar as montanhas e florestas da Escócia a cumprir os papéis sociais esperados de uma princesa (Dundes, 2020). Em termos de características físicas, Merida é retratada como uma jovem de cabelos ruivos e cacheados, olhos azuis e um espírito livre que se reflete em sua postura e movimentos (Andrews & Chapman, 2012). Ela é habilidosa no arco e flecha, uma atividade incomum para princesas dos contos de fadas tradicionais, mas que representa sua determinação e destreza. Sua personalidade é retratada como forte, teimosa e

obstinada, mas também compassiva e amorosa em relação à sua família (Silva, D. G. G. & Martini, 2015).

A trama de *Valente* gira em torno do desejo de Merida de controlar seu próprio destino, especialmente em relação ao casamento arranjado que sua mãe, a rainha Elinor, está tentando orquestrar (Andrews & Chapman, 2012). Merida se recusa a aceitar as expectativas impostas a ela pela sociedade e desafia abertamente as convenções de gênero, especialmente no que diz respeito ao seu futuro conjugal. Sua jornada a leva a um encontro com uma bruxa misteriosa, cujo feitiço desencadeia uma série de eventos que desafiam tanto Merida quanto sua mãe a repensar suas perspectivas e prioridades (Andrews & Chapman, 2012; Dundes, 2020).

Valente é considerado um marco da Disney/Pixar. O sucesso de público e crítica lhe rendeu o Oscar de Melhor Animação em 2013, tornando Brenda Chapman, que co-dirigiu a animação, a primeira mulher a ganhar o Oscar nesta categoria. Além disso, o filme é reconhecido por abordar questões relevantes, como a liberdade de escolha, a importância do diálogo e da compreensão entre gerações, e a desconstrução de papéis de gênero rígidos, especialmente em um filme de princesa. Embora tenha recebido algumas críticas por não ser tão disruptivo quanto parecia ser (e.g. Dundes, 2020; Merdeka, 2023), a animação foi amplamente referenciada pelo fato de ter apresentado uma protagonista feminina forte, corajosa e independente, subvertendo as representações tradicionais de papéis e estereótipos de gênero de princesa (Silva, D. G. G. & Martini, 2015; Vitorelo & Pelegrini, 2018; Souza & Mello, 2021).

A representação de Merida desafia os estereótipos de gênero de várias maneiras significativas. Enquanto as princesas anteriores da Disney muitas vezes foram retratadas como passivas e dependentes de um príncipe encantado para salvá-las, Merida é apresentada como uma protagonista ativa e determinada, capaz de resolver seus próprios problemas (Souza & Mello, 2021). Sua habilidade com o arco e flecha, sua recusa em se submeter aos desejos de

sua família em relação ao casamento e sua busca pela liberdade pessoal a distinguem como uma personagem que desafia as expectativas tradicionais de gênero. Além disso, o relacionamento entre Merida e sua mãe, a rainha Elinor, é fundamental para o desenvolvimento da trama e para a mensagem do filme sobre a importância da comunicação e do respeito mútuo entre as gerações (Vitorelo & Pelegrini, 2018). A maneira como Merida e Elinor aprendem a entender e apreciar as perspectivas uma da outra oferece uma abordagem mais complexa e realista das relações familiares do que muitas narrativas de princesas anteriores (Souza & Mello, 2021).

Por outro lado, como ressaltado por Aun e Rodrigues (2023), a figura da rainha Elinor personifica as normas e regras sociais que restringem a liberdade da filha ao impor as expectativas e comportamentos considerados adequados para uma princesa, como a obediência às tradições e a aceitação de um casamento arranjado. Para as autoras, essa representação não se limita apenas à esfera familiar, mas também se estende à sociedade retratada no filme, onde as mulheres são frequentemente vistas como responsáveis por manter a ordem e a tradição, enquanto os homens são retratados de forma infantilizada e desinteressante. Essa dicotomia de gênero reforça estereótipos patriarcais e influencia as expectativas sociais em relação ao papel das mulheres na sociedade (Aun & Rodrigues, 2023).

Outra crítica feita por Aun e Rodrigues (2023) diz respeito à tendência dos contos de fadas em retratar as mulheres independentes como solitárias, enquanto aquelas que buscam relacionamentos sacrificam sua autonomia. Essa dicotomia, para as autoras, reflete uma limitação imposta pela sociedade às opções das mulheres. Dessa forma, narrativas como a de *Valente*, apesar de retratar mulheres poderosas, podem esvaziar o significado original de conceitos como empoderamento e autonomia (Aun & Rodrigues, 2023).

Moana. O filme *Moana: Um Mar de Aventuras*, de 2016, não é uma adaptação direta de uma obra literária específica, mas sim uma criação original dos Estúdios Walt Disney. O filme é inspirado em diversas histórias e mitologias polinésias e apresenta elementos culturais

dessa região, como a navegação e a importância do oceano (Benites, 2018). A personagem Moana é uma jovem líder que embarca em uma jornada épica para salvar seu povo, refletindo temas de autodescoberta e heroísmo (Musker & Clements, 2016).

Moana é uma jovem que se destaca por sua coragem, curiosidade, força física, determinação, habilidades de navegação e conexão profunda com o oceano (Ferreira, V. C. de M. & Gonçalves, 2019). O filme conta a história dessa jovem que vive na ilha fictícia de Motunui, no Pacífico Sul. Desde criança, Moana sente uma forte conexão com o mar, mas seu pai, o chefe da ilha, proíbe os moradores de navegarem além dos recifes. No entanto, quando sua ilha é ameaçada por uma escuridão que se aproxima, Moana decide desobedecer a seu pai e embarcar em uma jornada para encontrar o semideus Maui e devolver um objeto mágico à deusa Te Fiti, a fim de salvar sua ilha e seu povo (Musker & Clements, 2016).

Moana é retratada como uma jovem polinésia, com longos cabelos escuros e vestimentas típicas da cultura das ilhas do Pacífico, refletindo sua herança cultural (Gutiérrez, 2020). No entanto, sua verdadeira essência vai além da aparência física, destacando-se por sua determinação, coragem e compaixão. Ela é inteligente, curiosa, obstinada e tem um espírito aventureiro, não hesitando em desafiar as expectativas sociais para seguir seu coração e cumprir sua missão de salvar sua ilha. Moana é retratada como uma líder natural, capaz de inspirar e mobilizar os outros com sua determinação e bondade. Ela não é apenas corajosa em face do perigo, mas também demonstra empatia e compaixão pelos outros, mostrando-se disposta a se sacrificar pelo bem de sua comunidade e do meio ambiente (Hyland, 2020).

Moana: Um Mar de Aventuras é elogiada por desafiar muitos dos estereótipos de gênero tradicionalmente associados às princesas da Disney. Ao contrário das princesas anteriores, cujas histórias muitas vezes giravam em torno de encontrar o amor verdadeiro ou esperar para serem resgatadas por um príncipe, sua história não é impulsionada pelo romance, mas sim pelo desejo de proteger sua comunidade, explorar seu próprio potencial e descobrir seu verdadeiro

propósito na vida (Seybold, 2021). Moana não tem um interesse amoroso e não é salva por um príncipe encantado. Em vez disso, ela é uma protagonista que toma as rédeas de seu próprio destino, a heroína de sua própria história, tomando suas próprias decisões e desafiando as expectativas sociais, provando que as mulheres podem ser tão corajosas e capazes quanto os homens (Morais, 2018; Gutiérrez, 2020). Existe ainda o reconhecimento de que o pai de Moana atuou como um personagem pró-feminista diante de seu posicionamento ao final do filme (ver Hollowell, 2020).

O filme *Moana: Um Mar de Aventuras* tem sido objeto de diferentes análises sob uma perspectiva feminista. Para Aun e Rodrigues (2023), há uma divisão entre aqueles que enaltecem a protagonista Moana como um exemplo de força feminina, culturalmente consciente, que busca e valoriza suas raízes e tradições polinésias, e a avó como uma guardiã do saber ancestral, e aqueles que apontam que, apesar do destaque dado às personagens femininas, a trama ainda orbita em torno de figuras masculinas, como Maui, cujas ações impulsionam a história. As autoras apontam ainda que o patriarcado também é identificado como um tema presente no filme, evidenciado pela imposição de regras pelo pai de Moana e pela relutância inicial de Maui em ajudá-la. Assim, a jornada de Moana é vista como um desafio às estruturas patriarcais, ao mesmo tempo em que revela a solidão enfrentada por mulheres que desafiam essas normas (Aun & Rodrigues, 2023).

É importante salientar, contudo, que, para além das questões de gênero, assim como outras produções que representam culturas e povos distintos, *Moana: Um Mar de Aventuras* foi alvo tanto de elogios quanto de críticas. Parte dos estudiosos do Pacífico elogiaram a representação por se sentirem representados e pela visibilidade da região alcançada através de uma produção da Disney (e.g. Tamaira & Fonoti, 2018; Hyland, 2020). Algumas críticas se referem à apropriação cultural, à forma estereotipada de representação de pessoas e lugares, enquanto outras apontam as relações de trabalho desiguais entre roteiristas e diretores brancos

dos EUA e os consultores culturais indígenas da Oceania (e.g. Anjirbag, 2018; Armstrong, 2018; Yoshinaga, 2019).

Ao analisar essas histórias, é impossível ignorar os diversos significados que permeiam as narrativas tão familiares para as pessoas, especialmente crianças e adolescentes que crescem consumindo esse conteúdo. A jornada das princesas através do mundo encantado da Disney revela padrões e repetições que refletem não apenas as narrativas populares, mas também as estruturas sociais e ideológicas de seu tempo e contexto cultural. Desde a presença da magia e do sagrado até a construção dos vilões e a dinâmica entre os personagens, cada elemento contribui para a compreensão mais profunda das mensagens transmitidas.

Um aspecto crucial a ser considerado, conforme salientado por Aun e Rodrigues (2023), é a forma como diferentes culturas são representadas e interpretadas nessas histórias. Enquanto a magia e o sagrado europeus muitas vezes são romantizados e desvinculados de conotações negativas, práticas como o vodu são estigmatizadas e associadas à vilania. Essa dicotomia revela não apenas preconceitos culturais, mas também dinâmicas de poder e colonialismo que moldam as percepções dominantes (Aun & Rodrigues, 2023).

Além disso, Aun e Rodrigues (2023) lembram que a análise das narrativas das princesas possibilita o questionamento das noções de individualismo e comunidade, especialmente no que diz respeito ao sagrado e ao poder feminino. Enquanto as histórias muitas vezes enfatizam a jornada pessoal da protagonista em busca de autoconhecimento e autonomia, elas tendem a relegar a importância da comunidade e do cuidado mútuo. As autoras alertam que a luta contra o patriarcado, o colonialismo e outras formas de opressão é contínua e multifacetada. O capitalismo patriarcal colonial tem uma habilidade notável de cooptar até mesmo as narrativas mais subversivas e transformá-las em produtos consumíveis que mantêm o status quo. Nesse contexto, a resistência exige não apenas coragem e determinação, mas também uma constante

vigilância e uma disposição para desafiar as estruturas de poder estabelecidas, como será apresentado na próxima seção.

2.2. Princesas Disney na Linha do Tempo do Feminismo

Ao longo dos séculos, os contos de fadas foram sujeitos a adaptações que refletiam os valores predominantes das sociedades em que eram contados. Nicole Aun e Alessandra Rodrigues (2023) argumentam que, com a popularização das histórias pela Disney, essas narrativas foram suavizadas para atender a um público mais amplo, especialmente crianças, resultando em uma idealização do amor romântico, muitas vezes associado à violência disfarçada de afeto. Essas adaptações, embora aparentemente inofensivas, reforçam padrões patriarcais e capitalistas que moldam as percepções de poder na sociedade (Aun & Rodrigues, 2023).

As estruturas patriarcais e capitalistas, segundo as autoras, são interdependentes, alimentando-se mutuamente para manter o poder masculino e a opressão. Essas normas sociais e institucionais não apenas refletem, mas também moldam as interações sociais e políticas. Portanto, desafiar o patriarcado e o capitalismo requer uma abordagem coletiva que reconheça sua interconexão e impacto generalizado (Aun & Rodrigues, 2023).

No contexto das narrativas das princesas da Disney, é possível perceber como essas histórias são utilizadas como ferramentas para perpetuar padrões de comportamento que se alinham aos ideais patriarcais e capitalistas. Essa manipulação das narrativas não apenas reforça a submissão e a conformidade, mas também limita a liberdade e o empoderamento das mulheres, conforme discutido por Aun e Rodrigues (2023). Apesar das críticas persistentes em relação a estereótipos e apropriação, a evolução nas representações das princesas, especialmente a partir dos anos 2000, reflete uma tentativa de abordar questões de gênero, diversidade e tradição cultural, representando um passo importante rumo a narrativas mais inclusivas e libertadoras.

Utilizando os exemplos das animações, é possível ilustrar as principais características e reivindicações do que ficou conhecido como ondas do feminismo. Segundo a pesquisadora Bruna Franchini, essa categorização é utilizada para fins didáticos como forma de marcar “um momento histórico relevante de efervescência militante e/ou acadêmica onde determinadas pautas e questões das mulheres se insurgiram e dominaram o debate” (2018, para. 1). Além disso, de acordo com a filósofa brasileira Ilze Zirbel, a opção pela metáfora da onda foi feita com o objetivo de

dar visibilidade a certas pautas ou momentos históricos específicos. Tais momentos representariam o “ponto alto” ou de maior força de cada onda. No entanto, assim como uma onda marítima é formada por um conjunto de fenômenos, podemos pensar as ondas do feminismo de maneira mais orgânica e não como algo que desponta, repentinamente, na realidade social e, certo tempo depois, desaparece. Podemos pensá-las de maneira mais contínua, geradas pela ação de milhares de mulheres, de diferentes locais, etnias, gerações e visões de mundo. (2021, pp.10-11, destaque no original)

Ademais, é importante reconhecer e esclarecer que, apesar de o feminismo poder ser definido como “um movimento que luta pela igualdade social e de direitos para as mulheres e busca combater o modelo social baseado no patriarcado e os abusos e a violência contra as mulheres” (Botelho, 2022, seção O que é o Feminismo?), ele não é homogêneo. Ainda que o termo *interseccionalidade* tenha sido introduzido no final do século XX durante a terceira onda do feminismo, sua essência, especialmente quando se pensa em gênero, raça e classe social, já estava presente desde a primeira onda, visto que a feminilidade esperada, a realidade experienciada e, conseqüentemente, as reivindicações das mulheres brancas de classe média eram completamente distintas das mulheres negras pobres/escravizadas (Franchini, 2018; Breen & Jordahl, 2019; Zirbel, 2021).

A luta das mulheres negras, apesar de sempre ter existido, passou a ganhar contornos mais evidentes décadas depois, com a ascensão dessas mulheres nas produções acadêmicas e no ativismo social. No Brasil, por exemplo, a partir de 1888, com a abolição da escravatura, as mulheres se reuniram em associações e organizações, como a *União dos Homens de Cor* (UHC) e *Teatro Experimental do Negro* (TEN), que tinham como objetivo desenvolver “diversas estratégias de luta a favor da população negra” (Domingues, 2007, p. 101). Em 1950, com a criação do Conselho Nacional das Mulheres Negras, o feminismo negro brasileiro emergiu e ultrapassou fronteiras com as contribuições, por exemplo, da filósofa, antropóloga, escritora, política, professora e ativista antirracista Lélia Gonzalez, crítica contumaz do feminismo hegemônico europeu e estadunidense (Domingues, 2007). A professora Cláudia Pons Cardoso afirma que o feminismo negro “ao abordar os processos de opressão das mulheres negras, das mulheres situadas na margem, dá sentido à centralidade da luta feminista, ao enfrentamento do racismo patriarcal heteronormativo” (Cardoso, C. P. 2019, p. 11).

Além disso, embora o movimento tenha conseguido ultrapassar diversas fronteiras mundo afora, as realidades das mulheres também são heterogêneas e suas conquistas variam a depender das especificidades sociais, culturais e econômicas de cada região e país (Franchini, 2018; Breen & Jordahl, 2019; Zirbel, 2021; Botelho, 2022). Essas observações são pertinentes para entender a complexidade do tema e, para além das ondas, compreender qual corrente está sendo levada em consideração, afinal, “cada movimento feminista tem uma forma de ação que condiz com sua existência” (Botelho, 2022, seção “Por que não devemos?”) e com interesses que podem ser mais ou menos ampliados dependendo do lugar de onde parte o discurso (Breen & Jordahl, 2019; Zirbel, 2021; Botelho, 2022). Essas colocações são importantes para sinalizar a impossibilidade de aprofundar essa temática no contexto deste trabalho e para explicitar que, por se tratar de produções de uma empresa estadunidense, adotar-se-á como referencial a evolução do movimento feminista naquele país.

Nesse contexto, pode-se afirmar que, no decorrer dos anos, as Princesas Disney passaram por mudanças significativas, desde as princesas clássicas até as princesas rebeldes, chegando às princesas contemporâneas (Aguiar & Barros, 2015). É possível estabelecer uma conexão entre essas transformações e as ondas do feminismo, que refletem a evolução dos ideais na busca por representatividade e igualdade de gênero (Moreira & Portela, 2018; Lemos & Barth, 2020; Machida & Mendonça, 2020; Matos, 2020; Tasmin, 2020; Zimmermann & Machado, 2021; Machado & Zimmermann, 2022). Conforme descrito anteriormente, pode-se observar que as semelhanças na forma como as princesas foram retratadas e como suas histórias e jornadas foram contadas coincidem com os períodos de intrepidez feminista na sociedade ao longo do tempo (Moreira & Portela, 2018; Tasmin, 2020).

Inicialmente, as princesas clássicas (Aguiar & Barros, 2015), como Branca de Neve, Cinderela e Aurora, criadas entre 1937 e 1959, foram retratadas de acordo com padrões de beleza e expectativas que a sociedade impunha às mulheres daquela época (Reilly, 2016; Machida & Mendonça, 2020; Matos, 2020). Suas histórias enfatizavam a importância da beleza, da passividade e da busca pelo amor romântico. Eram representadas como princesas belas, brancas e magras, com aparências delicadas, doces, submissas e habilidosas nos afazeres domésticos, cuja principal realização estava associada a serem salvas por um príncipe, casar e viver feliz para sempre (Hand, 1937; Jackson et al., 1950; Geronimi, 1959).

Essas representações refletem a mentalidade predominante da época, na qual o papel das mulheres era limitado e submisso aos homens, representando o modelo de feminilidade ideal: bela, passiva e dependente (Piscitelli, 2009; Machida & Mendonça, 2020; Matos, 2020). Conforme discutido no contexto da tecnologia de gênero, as produções culturais como as animações das princesas seguem uma agenda aderente aos ideais patriarcais, capitalistas e coloniais (Machado & Zimmermann, 2022). O filme de Branca de Neve foi lançado em uma

época em que a luta das mulheres por igualdade, liberdade e maior participação na vida pública começou a ganhar espaço no Ocidente (Breen & Jordahl, 2019; Zirbel, 2021).

Se, por um lado, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), as ações do movimento foram atenuadas nos países envolvidos nos conflitos, por outro, com o alistamento dos homens, as mulheres assumiram papéis diferentes na sociedade (Machida & Mendonça, 2020; Zirbel, 2021). Esse contexto favoreceu o ativismo feminista, que, após o término da guerra e o retorno dos homens, se opôs ao esperado retorno das mulheres às atividades domésticas (Breen & Jordahl, 2019; Machida & Mendonça, 2020). Nesse cenário, foram lançados os filmes de Cinderela e Aurora, que, juntamente com os guias de como ser uma boa esposa, colaboraram para reforçar os estereótipos dos papéis de gênero esperados das mulheres daquele período (Reilly, 2016; Machida & Mendonça, 2020).

A segunda onda do feminismo, compreendida entre as décadas de 1960 e 1980, foi influenciada pelo movimento de contracultura e pelos movimentos sociais da época. Isso ocorreu porque, apesar dos avanços na conquista de direitos legais e políticos em grande parte dos países, percebeu-se que apenas isso não garantia a igualdade almejada pelo movimento (Franchini, 2018; Breen & Jordahl, 2019; Machida & Mendonça, 2020; Tasmin, 2020; Zirbel, 2021; Botelho, 2022). Seu início foi marcado por uma série de protestos contra os concursos de beleza nos Estados Unidos realizados por grupos como *The Redstockings* e o *New York Radical Feminists*, que tinham como objetivo “demonstrar que os concursos de beleza tratavam as mulheres como objetos, perpetuando a noção de que a aparência tem mais valor do que o que a mulher pensa” (Franchini, 2018, A segunda onda: o pessoal é político!).

Nesse contexto, as feministas dessa onda questionavam o papel da mulher na sociedade, na família e no trabalho, denunciando a opressão patriarcal e o sexismo, lutando por direitos reprodutivos e promovendo discussões sobre sexualidade (Franchini, 2018; Breen & Jordahl, 2019; Zirbel, 2021; Botelho, 2022). As princesas rebeldes (Aguiar & Barros, 2015) dessa época

representam um avanço em relação às princesas anteriores, uma vez que começaram a mostrar mais personalidade, inteligência, independência, objetivos próprios, insatisfação diante das imposições sociais e/ou familiares que lhes eram impostas, além do desejo de romper com os estereótipos de gênero (Reilly, 2016; Machida & Mendonça, 2020).

Apesar disso, elas ainda foram retratadas de forma sexualizada, com corpos esbeltos, reforçando a valorização da aparência física, e os desfechos de suas histórias indicavam finais semelhantes aos das princesas anteriores, como no caso de Ariel, Bela e Jasmine, que se casam com seus pares românticos (Musker & Clements, 1989; Trousdale & Wise, 1991; Musker & Clements, 1992). Embora Pocahontas e Mulan não tenham tido finais explícitos como os anteriores, ainda é possível notar a promessa de um futuro semelhante para essas personagens (Gabriel & Goldberg, 1995; Bancroft & Cook, 1998). Pode-se dizer que, apesar de essas princesas serem consideradas rebeldes (Lemos & Barth, 2020; Machida & Mendonça, 2020) e demonstrarem competências nas mais diversas áreas, assim como na vida real, a liberdade e igualdade foram limitadas, e a autonomia só passou a fazer parte das histórias posteriores (Reilly, 2016; Lemos & Barth, 2020; Machida & Mendonça, 2020).

Até agora, percebe-se que houve uma lacuna entre as representações das Princesas Disney e as reivindicações feministas. Ou seja, as críticas àquilo que a personificação da primeira geração de princesas representava só foram consideradas na geração seguinte que, apesar disso, já estava, de certa forma, defasada com relação à efervescência social provocada pelas demandas da segunda onda do movimento feminista. Esse vácuo pode ter sido mitigado com o intervalo entre Mulan e Tiana, cujos filmes foram lançados em 1998 e 2009, respectivamente. Esse hiato pode ter contribuído para que se passasse a ver mais diversidade nas animações da terceira geração de princesas.

Essa diversidade, impulsionada especialmente pelas feministas negras, passou a incorporar o movimento que, em sua terceira onda a partir da década de 1990, também é

caracterizado por um forte foco na diversidade e na inclusão, reconhecendo que as mulheres têm experiências diferentes, dependendo da sua raça, etnia, classe social, orientação sexual e deficiência (Zirbel, 2021; Botelho, 2022). Além disso, outras preocupações desse período incluem a violência sexual e doméstica; a discriminação no trabalho e na educação; imagens estereotipadas de mulheres na mídia; falta de representação de mulheres na liderança política e empresarial; falta de acesso à saúde reprodutiva e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (Franchini, 2018; Breen & Jordahl, 2019; Zirbel, 2021; Botelho, 2022). Pode-se dizer que o avanço das tecnologias, da internet e das redes sociais possibilitou uma série de transformações ao movimento feminista. Para a professora Ilze Zirbel (2021),

Questões que eram pensadas em pequenos grupos (como os problemas atrelados ao capacitismo e ao etarismo ou enfrentados por pessoas trans e feministas comunitaristas e indígenas) entraram na pauta de variados grupos de feministas. As ferramentas teóricas possibilitaram um aprofundamento da análise das variadas e simultâneas formas de opressão vivenciadas por uma mesma mulher, assim como da questão das diferenças e da diversidade internas ao movimento feminista. As novas mídias, por sua vez, possibilitaram a disseminação dessas análises e ideias para além das fronteiras locais de uma maneira acelerada. (p. 22)

Esse cenário de maior visibilidade e conectividade entre as feministas possibilita inferir que seria cada vez mais complicado para produções, como as da Disney, ignorar as preocupações mencionadas, em especial a forma como as meninas e mulheres, bem como seus anseios e possibilidades de estar e atuar no mundo, são representadas. Esse atendimento, é claro, passa por aspirações financeiras, visto que, com o passar do tempo, as mulheres começaram a ocupar espaço no mercado de trabalho e fazer parte, como elemento importante, do mercado consumidor (ver Brandão, 2023), mesmo com a precarização do trabalho e a desigualdade salarial que ainda figuram como pauta do movimento (Zirbel, 2021).

Dentro dessa perspectiva, chega-se às princesas contemporâneas nas figuras de Tiana, Rapunzel, Merida e Moana, que representam "uma nova identidade feminina: a mulher ativa, aguerrida, determinada e capaz de enfrentar a nova realidade social sem, necessariamente, precisar de um homem ao seu lado" (Aguiar & Barros, 2015, p. 13). Apesar das críticas mencionadas anteriormente, Tiana representa a diversidade de uma princesa autônoma, empenhada e decidida a buscar sua ascensão social através de seus próprios esforços, sem esperar por um príncipe encantado (Machado & Zimmermann, 2022). Rapunzel, por sua vez, não apenas desejou ser livre como, na contramão das histórias de suas predecessoras, salvou a vida do príncipe, que, no caso, trata-se de um ladrão (Aguiar & Barros, 2015).

Neste universo das princesas, as duas últimas, Merida e Moana, podem ser consideradas as mais subversivas. A primeira, através dos confrontos com sua mãe, deixa bem explícita sua insatisfação com as expectativas sociais e os papéis de gênero esperados para uma princesa da Escócia medieval (Aguiar & Barros, 2015; Machado & Zimmermann, 2022). O ápice fica por conta de seu discurso memorável durante a competição para decidir com qual primogênito dos clãs convidados ela se casará: "Eu sou Merida, primogênita descendente do clã Dun Brock. E pela minha própria mão, eu vou lutar!" (Andrews & Chapman, 2012, 00:26:04). Já Moana, na tentativa de se afastar do estereótipo atrelado às princesas, quando assim chamada pelo semideus Maui, responde enfaticamente: "Olha, um, eu não sou princesa. Eu sou a filha do chefe!" (Musker & Clements, 2016, 00:52:06). Em ambas as animações, além das tensões e do foco maior nas relações familiares, as protagonistas não possuem interesses românticos, desafiam veementemente os papéis de gênero que se esperam delas e lutam pelo direito de poderem ser e fazer o que quiserem (Matos, 2020; Zimmermann & Machado, 2021; Machado & Zimmermann, 2022).

Embora, ao longo dos anos, os filmes tenham se tornado mais progressistas em termos da representação de personagens femininas, eles ainda perpetuam alguns estereótipos

prejudiciais, especialmente levando-se em consideração que todas as animações, independentemente de sua época, ainda são consumidas sem nenhum alerta quanto às representações ultrapassadas, condizentes com outras épocas. Por isso, é importante que essas animações sejam consumidas criticamente e que os espectadores estejam cientes dos estereótipos que os filmes perpetuam. Afinal, a mensagem transmitida através de princesas retratadas como bonitas, frágeis e dependentes de homens para salvá-las, vistas em papéis domésticos, como mães e esposas, pode ter um impacto negativo nas meninas, levando-as a acreditar que elas não são capazes de alcançar o seu pleno potencial.

As ações do movimento feminista têm reverberado na Disney, que passou a criar personagens femininas mais fortes e independentes. Como resultado, suas princesas mais recentes são mais propensas a ser aventureiras, inteligentes e autossuficientes. No entanto, ainda há muito a ser feito para criar personagens femininas que sejam verdadeiramente representativas da diversidade de experiências das mulheres, especialmente em termos de diversidade étnica, representação racial e imagem corporal.

O conceito de interseccionalidade foi concebido pela jurista e ativista Kimberlé Crenshaw em 1989 para descrever como as identidades sociais de uma pessoa, como raça, gênero, classe social, orientação sexual e deficiência, se interseccionam e criam experiências únicas e específicas. Em seu trabalho de 1989, a autora discute a interseccionalidade e a marginalização das mulheres negras na lei antidiscriminação, na teoria feminista e na política antirracista. Para ela, a interseccionalidade, como abordagem que reconhece a interconexão de diferentes formas de opressão, como raça, gênero, classe e sexualidade, desempenha um papel fundamental na compreensão das complexas dinâmicas de discriminação e marginalização que as mulheres negras enfrentam (Crenshaw, 1989; Crenshaw, 2016). Essa abordagem é essencial para revelar como as diferentes formas de opressão se cruzam e se reforçam mutuamente,

desafiando o modelo de análise de eixo único que tem predominado na lei antidiscriminação, na teoria feminista e na política antirracista (Crenshaw, 1989; Crenshaw, 2016).

Para Crenshaw (1989), o modelo de análise de eixo único, ao não reconhecer a interconexão de raça e gênero, distorce a experiência das mulheres negras, marginalizando-as ainda mais nas discussões e ações voltadas para a igualdade de gênero e a igualdade racial. Nesse contexto, a interseccionalidade surge como uma ferramenta crítica para garantir que as vozes das mulheres negras sejam ouvidas e que não sejam mais marginalizadas na lei antidiscriminação, na teoria feminista e na política antirracista. Além disso, Crenshaw (1989) ressalta a importância da auto-representação, colaboração, empatia, autenticidade, criatividade, reflexão, coragem e esperança como elementos complementares na narrativa feminista e interseccional, destacando sua capacidade de desafiar as normas culturais e sociais que perpetuam a desigualdade.

A narrativa feminista, conforme descrito por Kaisa Ilmonen (2020), é uma poderosa forma de contar histórias que desafia as normas culturais e sociais, buscando representar as experiências das mulheres de maneira mais realista e inclusiva. Para ela, a integração dessas perspectivas, a narrativa feminista e a interseccionalidade, constitui formas poderosas de resistência e empoderamento que não apenas desafiam as normas vigentes, mas também promovem a igualdade, servindo como mecanismos de resistência, empoderamento e esperança em busca de um mundo mais equitativo e inclusivo.

Sobre isso, Chimamanda Ngozi Adichie (2009) argumenta que narrativas desempenham um papel fundamental na formação da perspectiva de mundo das pessoas, especialmente durante a infância. Para a escritora nigeriana, este processo de construção da visão de mundo é sensível à narrativa única, que, por sua vez, pode engendrar estereótipos e desumanização de outros indivíduos. Adichie (2009) alerta sobre a necessidade de reconhecer a importância de se familiarizar com uma multiplicidade de narrativas sobre lugares e pessoas, considerando que o

poder exerce influência sobre quem detém o controle das narrativas e como essas são delineadas, uma vez que, no cotidiano, a complexidade das vidas e culturas emerge através de múltiplas narrativas sobrepostas, que, por sua vez, influenciam a percepção das pessoas.

Adichie (2009) lembra que as histórias compartilhadas e ouvidas sobre outros seres humanos são, em muitas ocasiões, incompletas e podem, inadvertidamente, resultar em estigmatização e preconceito, além de ser instrumentalizadas para justificar opressão. Nesse sentido, a autora conclui que a apreciação da diversidade e a promoção da igualdade requerem a exploração de uma ampla gama de narrativas, a fim de compreender plenamente a identidade das pessoas. Dessa forma, a prudência na análise das narrativas consumidas e transmitidas, bem como o exame crítico das narrativas que cercam a própria identidade, tornam-se alicerces cruciais para a construção de um mundo mais justo, inclusivo, compassivo, criativo, esperançoso, solidário, pacífico e amoroso (Adichie, 2009).

Ana Machida e Carlos Magno Mendonça (2020) exploram a interseção entre cultura pop e lógica mercadológica, destacando como os produtos culturais refletem e influenciam as percepções sociais. Eles observam que, embora as produções culturais muitas vezes se conformem às normas sociais, também há uma negociação constante entre elementos normativos e transgressores, impactando as representações culturais e as percepções individuais sobre identidade de gênero, raça e classe. Os filmes da Disney estão em constante conformidade com as normas da sociedade ocidental, contribuindo para a disseminação e reiteração dessas normas (Machida & Mendonça, 2020).

Isso demonstra, segundo Machida e Mendonça (2020), que a produção e a recepção de produtos culturais estão intrinsecamente ligadas aos processos de comunicação e experiências culturais, e que os sujeitos desempenham um papel ativo na construção e modificação das representações culturais, afetando as maneiras como percebem a si mesmos e aos outros. Além disso, as mudanças nas representações culturais também influenciam as percepções dos

indivíduos em relação à identidade de gênero, raça e classe, destacando a importância de analisar criticamente as produções culturais para compreender e subverter as desigualdades presentes nas representações e significações culturais (Machida & Mendonça, 2020).

Como mencionado anteriormente, é possível observar questões de gênero nos discursos dos filmes das princesas Disney (Zimmermann & Machado, 2021). Já em relação à raça, o filme *A Princesa e o Sapo* tem sido objeto de estudo por apresentar a primeira princesa negra de animação da Disney e, portanto, tem sido analisado em relação aos atravessamentos de gênero, raça e classe e ao protagonismo de Tiana (Tavares, 2019; Tavares, 2021). Por outro lado, não se pode deixar de sublinhar as críticas relacionadas aos estereótipos culturais e raciais (e.g. Gehlawat, 2010; Gregory, 2010; Baliscai, et al., 2017; Pérez, 2021; Benhamou, 2023), que, muito provavelmente, estão relacionados às questões pontuadas por Adichie (2009), que alerta sobre a importância de ouvir muitas histórias diferentes sobre as pessoas para entender quem elas realmente são.

Se por um lado existe a possibilidade de se apontar problemas na representação dos atravessamentos de gênero, raça e classe em uma princesa como Tiana, o mesmo não pode ser dito sobre a representação de princesas com deficiência ou que não seguem uma lógica heteronormativa, porque tais protagonistas não existem. Dessa forma, a análise dessas questões só é possível através de personagens secundários, que podem fornecer uma noção do imaginário da Disney sobre esses temas.

Carolina Garrido (2017) realizou uma investigação sobre a representação de pessoas com deficiência (PCDs) nas produções de animação e constatou a tendência de retratá-las como personagens secundários, com representações negativas ou cômicas e essencialmente definidas por suas deficiências. Uma das animações utilizadas no trabalho da autora foi *Valente*, cujo rei Fergus, pai de Merida, que é amputado de uma perna, representa a tendência de as PCDs serem personagens predominantemente masculinas, brancas e adultas. Garrido (2017) afirma que a

representação de PCDs em produções de animação permanece insatisfatória, com estereótipos contribuindo para a perpetuação de preconceitos e discriminações na sociedade.

No livro *Disfigured: On Fairy Tales, Disability, and Making Space* (2020, Desfigurado: sobre contos de fadas, deficiência e criação de espaço, em tradução livre), a escritora canadense Amanda Leduc aborda a relação entre contos de fadas e deficiência, questionando o modo como as histórias reforçam estereótipos negativos e apagam a presença de personagens com deficiência. A análise engloba contos de fadas desde os Irmãos Grimm até a Disney, demonstrando como essas narrativas exercem influência sobre as expectativas e comportamentos do público. A autora compartilha também sua própria história de vida e como sua deficiência a levou a questionar a representação de personagens com deficiência nos contos de fadas.

Leduc (2020) corrobora a ideia de que os filmes da Disney frequentemente apresentam elementos de deficiência para efeito cômico ou trágico e afirma que as representações negativas podem ensinar às crianças que a deficiência é algo a ser ridicularizado ou evitado, além de contribuir para a exclusão social de pessoas com deficiência. Embora as heroínas da Disney frequentemente enfrentem obstáculos em suas jornadas, a autora afirma que, apesar das tentativas da Disney de diversificar suas histórias com princesas de diferentes origens étnicas, a questão da deficiência raramente é abordada em suas narrativas, algo que permanece quando se observa outras representações diversas.

A noção de que a animação é um meio poderoso que pode ser usado para promover a inclusão e a diversidade também é defendida por Ramalho (2020), que, em sua pesquisa, buscou mapear personagens diversos, que destoam da heteronormatividade, sem rotulá-los quanto à orientação sexual ou identidade de gênero. Ele afirma que a representação de personagens LGBTQIA+ é rara no cinema de animação e que, apesar dos avanços recentes, esses personagens ainda são frequentemente representados de forma indireta ou simbólica. Uma

hipótese levantada pelo autor é que isso pode ser explicado por uma série de fatores, incluindo a censura, a pressão de grupos conservadores e o medo da rejeição do público. Para Ramalho (2020), apesar dos desafios, a representação de personagens LGBTQIA+ no cinema de animação é uma oportunidade importante. Os filmes de animação podem ajudar a criar um mundo mais inclusivo e representativo, onde todas as pessoas sejam aceitas e respeitadas, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Dentre os vários filmes analisados pelo autor, estão 8 dos 12 filmes mencionados neste trabalho. A título de exemplo, cabe mencionar os ratos Jaq e Tatá, de Cinderela (Jackson et al., 1950), que o autor identifica como sendo personagens diversos, visto que são diferentes dos demais ratos antropomórficos masculinos do filme, tanto fisicamente quanto psicologicamente, e Tatá, em particular, apresenta características do estereótipo do homem afeminado. Entre os personagens analisados por Ramalho (2020) estão o Governador Ratcliffe e Wiggins, de Pocahontas (Gabriel & Goldberg, 1995), que, segundo ele, são representações negativas de personagens diversos. No caso do Governador Ratcliffe, ele é o vilão da história, ganancioso, manipulador e xenófobo. Tanto ele quanto seu ajudante são representados como homens afeminados, com roupas extravagantes, trejeitos delicados e interesses femininos, o que é algo negativo porque reforça estereótipos sobre homens afeminados (Ramalho, 2020).

Esses e outros achados sobre vilões corroboram o trabalho de Caynnã de Camargo Santos (2015), que focou especificamente nesse tipo de personagem. As análises realizadas pelo autor revelam uma tendência de representação negativa dos vilões em relação a identidades de gênero não heteronormativas, que são retratadas como transgressoras dos padrões tradicionais de masculinidade e feminilidade. Para ele, essa representação suscita preocupações sobre possíveis influências negativas nas visões e julgamentos morais das crianças em relação a identidades de gênero alternativas. Caynnã de Camargo Santos (2015) observou que o sistema heteronormativo usa o vilão como uma figura oposta para rotular práticas e identidades de

gênero como ruins e indesejáveis, frequentemente punindo esses personagens de maneira severa nos enredos das animações Disney.

Caynã de Camargo Santos (2015) reconhece ainda a matriz heterossexual como um princípio organizador presente nas narrativas, identificando o Queer como uma identidade que vai além das categorias binárias tradicionais de gênero. Nesse contexto, ele afirma que os vilões Disney não apenas questionam as normas de gênero, mas desestabilizam a própria norma de gênero, resistindo à categorização e desafiando a dicotomia masculino/feminino, apesar de, frequentemente, serem estigmatizados como uma forma de proteger a norma e as relações de dominação.

Os trabalhos referenciados nesta seção concordam que as representações simbólicas de identidades de gênero desviantes, de pessoas com deficiência ou de origens raciais, étnicas e sociais alheias à normatividade imposta têm implicações significativas na vida cotidiana de grupos marginalizados, uma vez que as produções artísticas possuem impactos materiais que organizam a vida social. Portanto, o reconhecimento simbólico desempenha um papel fundamental na busca por mudanças estruturais na sociedade, conectando o simbólico e o político na luta por direitos e igualdade. Isso porque a exibição de personagens que representam a diversidade no cinema de animação pode ser vista como uma pedagogia cultural. Os filmes de animação são um meio poderoso que pode ser usado para promover a inclusão e a compreensão de diferentes culturas, identidades e corpos. Ao apresentar esses personagens de forma positiva e representativa, os filmes de animação podem ajudar a quebrar os estereótipos e a promover a aceitação da diversidade.

Capítulo 3. O Mapa Metodológico: A Jornada Rumo ao Reino das Descobertas

Este trabalho teve como objetivo geral analisar as concepções de gênero na perspectiva de adolescentes autodeclaradas mulheres cisgênero a partir dos filmes das Princesas Disney. Assim, busca-se analisar a interseção entre gênero, desenvolvimento humano e mídia, com foco nas representações das Princesas Disney e seu impacto na concepção de gênero e na socialização de adolescentes. Para isso, contou-se ainda com objetivos específicos: 1) explicar os papéis de gênero na perspectiva de adolescentes e suas implicações no cotidiano; 2) descrever a contribuição dos diferentes contextos de desenvolvimento na percepção das adolescentes sobre os papéis de gênero; e 3) investigar a função dos filmes das Princesas Disney na formação de normas sociais de gênero entre adolescentes.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, a qual, de acordo com Prodanov e Freitas (2013), "considera que existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito [...] que não pode ser traduzida em números" (p. 70). Além disso, trata-se de uma pesquisa idiográfica, uma vez que buscou construir "generalizações com base na evidência de casos sistêmicos individuais" (Valsiner, 2012, p. 321).

A estrutura para a realização da produção de dados contou com três momentos com abordagens acadêmicas distintas¹⁷. Primeiro, adotou-se a estrutura de entrevista semiestruturada (Apêndice A), visto que, embora algumas perguntas tenham sido elaboradas previamente com base em algumas cenas dos filmes a serem discutidos com as participantes, não houve uma rigidez no roteiro, e algumas questões que surgiram espontaneamente durante os encontros foram exploradas livremente (Sampieri, Collado & Lucio, 2013). Essa estrutura, no entanto, foi revista em um segundo momento, após o piloto, cujos dados também foram considerados na análise, e as entrevistas subsequentes foram totalmente não padronizadas ou

¹⁷ Foi iniciada considerando a perspectiva da Psicologia Cultural (Valsiner, 2012), mas, no decorrer da trajetória, adotou-se a perspectiva da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner 1979/1996, 2005/2011).

não estruturadas (Prodanov & Freitas, 2013), pois a conversa com as participantes aconteceu de maneira completamente espontânea, seguindo o formato de vídeo de reação, explicado na sequência. Por fim, no terceiro momento, retomou-se a estrutura de entrevista semiestruturada (Apêndice B), que, embora tivesse como objetivo incrementar conteúdos pertinentes para uma melhor discussão entre os dados e a teoria, não deixou de explorar temas que porventura surgissem voluntariamente a partir dos relatos das garotas.

Inicialmente, pensou-se em utilizar alguns recursos e atividades¹⁸, conforme descritos nos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e de Assentimento Informado Livre e Esclarecido (Criança e Adolescente) (TALE), Apêndices C e D, respectivamente. No entanto, após a realização de uma entrevista piloto e discussão dos conteúdos emergentes na orientação, decidiu-se utilizar o formato de vídeo de reação, mais conhecido como *react*. Esse formato registra as reações e os comentários espontâneos enquanto alguém assiste ou ouve algo (Cortes, 2022).

No caso das participantes, os vídeos escolhidos para o *react* foram os filmes indicados por elas como seus favoritos e aqueles que menos gostam. Devido ao tempo necessário para realizar, transcrever e analisar as entrevistas nesse formato, decidiu-se remover os outros recursos do procedimento de produção dos dados, a fim de explorar todo o conteúdo das animações, preservando a autonomia das adolescentes em relação às cenas e temas a serem comentados. Em outras palavras, cada filme foi assistido em encontros individuais onde cada participante teve a oportunidade de escolher os trechos das animações que decidia pausar para tecer comentários.

Após essa primeira alteração metodológica, foram realizadas novas consultas em bases on-line, sem encontrar referências específicas que tenham utilizado esse formato para coleta de

¹⁸ Planejou-se usar recortes dos filmes indicados no TALE como o favorito das participantes, fotos de festas de aniversário, além de algo produzido pelas adolescentes para mediar as entrevistas e o procedimento de produção dos dados.

dados em pesquisas. No entanto, é possível fazer uma comparação com metodologias como o vídeo feedback, que, segundo Meharg e Woltersdorf (1990), é uma evolução natural da modelagem utilizada desde os anos 1920 como técnica terapêutica e educacional para promover mudanças comportamentais. Além disso, conteúdos digitais têm sido utilizados em contextos acadêmicos, como o estudo de Aprilia Harrysma Dewi (2016), que utilizou *reacts* do YouTube como recurso de aprendizagem de inglês para alunos indonésios, ou o estudo realizado por Cíntia Ferreira e colaboradores (2021), que explorou conteúdos, informações de tráfego e comentários de usuários em páginas de mulheres que promovem divulgação científica no YouTube. Essas informações indicam não apenas o alinhamento acadêmico com metodologias que consideram a realidade dinâmica da contemporaneidade, mas também destacam a intenção de utilizar formatos mais atrativos, especialmente para o público adolescente, resultando em um provável ineditismo metodológico.

Diante dessa singularidade, como forma de mitigar e de preencher lacunas que pudessem surgir em decorrência de uma possível baixa adesão ao método pelas participantes, foram elaborados tópicos guia durante a exibição das animações. Segundo Gaskell (2000/2008), esse recurso é parte vital do processo de pesquisa e necessário para alcançar os objetivos e propósitos do estudo. Esse procedimento foi realizado por meio de anotações de cenas consideradas pertinentes no contexto dos filmes, a fim de estimular discussões ao término de sua exibição. Essa decisão foi tomada não por receio de que o método pudesse ser aversivo para as participantes, mas sim como forma de enriquecer as entrevistas. Levando em conta a experiência profissional no atendimento clínico a adolescentes, considerou-se que nem todas as meninas poderiam ter um perfil mais ativo e comunicativo que se encaixasse melhor nessa dinâmica, o que poderia afetar o procedimento de produção dos dados durante as entrevistas.

3.2 Participantes

Trata-se de uma amostra de participantes voluntárias, também conhecida como autosselecionada (Sampieri et al., 2013), visto que as adolescentes e suas mães responderam voluntária e ativamente ao convite de participação na pesquisa (Apêndice E). A convocação foi feita por meio de vídeos nas redes sociais da pesquisadora, Instagram e Facebook, e divulgada entre seus contatos e grupos no WhatsApp, juntamente com o link de acesso ao TCLE. Além disso, foi solicitado a essas pessoas que divulgassem amplamente aos seus contatos, o que possibilitou uma rede mais abrangente além das pessoas próximas à pesquisadora. Esse esforço resultou positivamente na seleção de garotas de quatro cidades diferentes de duas regiões do país.

Apesar do grande número de pessoas que acessaram o TCLE e demonstraram interesse em participar da pesquisa, apenas quatro adolescentes atenderam aos critérios de inclusão, a saber: a) ser do sexo feminino; b) ter entre 12 e 18 anos¹⁹; c) ter ou ter tido interesse pelos filmes das Princesas Disney; d) ter assistido a pelo menos uma das produções; e) possuir acesso à internet para a realização da pesquisa; e f) possuir disponibilidade para participar das entrevistas²⁰.

Participaram da pesquisa quatro adolescentes, cujas informações sociodemográficas são apresentadas na Tabela 2 a seguir. Todas as participantes demonstraram conhecer e gostar, em diferentes graus, das produções das princesas. As motivações específicas, contudo, variaram, incluindo: a) curiosidade e desejo de compartilhar suas opiniões sobre o tema; b) amor pelas produções da Disney transmitido entre gerações na família; c) interesse em participar da

¹⁹ Considerou-se as idades estabelecidas no Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990).

²⁰ Infelizmente, uma participante, única que havia assistido a todos os filmes das Princesas Disney e demonstrou mais paixão e entusiasmo com as animações, se recusando inclusive a selecionar a animação que menos gosta por gostar de todas, acabou ficando de fora da pesquisa por incompatibilidade de agenda e seu intercâmbio para outro país quando da coleta de dados com as participantes.

pesquisa devido a um contato prévio com a pesquisadora em um contexto de formação clínica; e d) ser da família de alguém próximo à pesquisadora.

Tabela 2 *Informações sociodemográficas das participantes*

	Bela	Cinderela	Merida	Mulan
Idade ^a	17	14	14	13
Tipo de escola ^a	Pública	Particular	Pública	Particular
Raça/Etnia familiar ^b	Branca	Branca	Mulata	Negra
Renda ^c	2 a 4	10 a 20	-	4 a 10
Família ^d	Mais de 6	3 a 4	5 a 6	Mais de 6

^a Informações fornecidas pelas participantes.

^b Autodeclaração familiar feita pelas mães.

^c Renda familiar, em salários mínimos, informada pela mãe. A que não tem informação preferiu não dizer.

^d Fornecido pelas mães, refere-se à quantidade de pessoas morando na mesma casa.

Inicialmente, foi solicitado que cada participante escolhesse a própria identificação. No entanto, devido a algumas dificuldades na sugestão de nomes e ao fato de cada uma delas ter eleito uma animação distinta como sua favorita, foi sugerido, e aceito por elas, que se identificassem com o nome da protagonista de seus filmes preferidos. Um aspecto interessante percebido nesse processo de nomeação das participantes foi o fato de, em alguma medida, compartilharem características com as protagonistas e/ou suas histórias.

Apesar de Bela, 17 anos, se identificar fortemente com a protagonista Merida de *Valente*, cuja história ressoa suas experiências familiares, optou-se por adotar o codinome Bela. Essa escolha não apenas decorre do fato de outra participante já ter selecionado *Valente* como seu filme favorito, mas também da identificação pessoal de Bela (17 anos) com a protagonista de *A Bela e a Fera*. Assim como a personagem do filme, Bela (17 anos) se destaca por ser diferente em sua comunidade, compartilhando a paixão pela leitura, características que a tornam única. Sua visão positiva do relacionamento entre Bela e a Fera, enxergando-o como uma oportunidade de crescimento mútuo, também influenciou essa escolha. Além disso, Bela (17

anos) desafia narrativas tradicionais sobre relacionamentos, valorizando conexões significativas em diversas áreas de sua vida, indo além do âmbito amoroso.

Cinderela (14 anos), por sua vez, escolheu o filme *Cinderela*, possivelmente por ter celebrado seu primeiro aniversário com o tema da animação, estabelecendo uma conexão afetiva desde a infância. A participante revela uma ligação especial com a animação, refletindo traços de personalidade semelhantes à protagonista, como seu temperamento tímido e sua paciência. A cena favorita envolvendo a fada madrinha pode indicar o desejo de momentos encantadores e otimistas, alinhados com as características da protagonista.

Já Merida (14 anos) prefere a animação *Valente* devido à sua conexão com a protagonista, indicando uma afinidade com a resistência da personagem às expectativas sociais. Sua escolha reflete experiências pessoais relacionadas à falta de comunicação entre Merida e sua mãe, destacando a importância da compreensão mútua. A identificação com Merida como a única mulher com irmãos sugere uma sensação de desigualdade nas relações familiares, refletindo a limitação percebida em comparação aos irmãos. O apreço pela cena final indica um anseio por resolução e união familiar.

Por fim, Mulan (13 anos) revela uma ligação especial com as princesas desde a infância, especialmente com Branca de Neve, com quem era frequentemente comparada devido à sua pele branca e cabelos escuros. Essa conexão inicial estabeleceu seu amor pelas histórias de princesas. No entanto, a escolha de *Mulan* como seu filme favorito foi motivada pela admiração pela protagonista, representando a força feminina e a independência. A participante valoriza a mensagem de que uma mulher não precisa de um príncipe encantado para ser forte, sendo influenciada por essa representação. A apreciação pelo amor que Mulan (13 anos) demonstra por sua família reflete a importância do amor familiar como um tema significativo para ela.

3.3 Procedimentos de Produção dos Dados

As participantes foram contatadas depois que as responsáveis responderam ao TCLE e, após o aceite do TALE, foram agendados os encontros virtuais. Para a produção dos dados e gravação em vídeo das entrevistas, foi utilizada a plataforma de reunião virtual Zoom. A entrevista piloto foi a única que se diferenciou das demais em virtude dos recortes das cenas escolhidas previamente e assistidas em conjunto com a adolescente para subsidiar a discussão. Apesar disso, a adolescente assistiu à animação completa no novo formato adotado. Importante mencionar que a escolha da participante do piloto se deu levando em consideração o contato prévio que a pesquisadora teve com a adolescente em contexto acadêmico anterior, como paciente da clínica-escola.

O estabelecimento de um estudo de caso piloto pode ser relevante porque, segundo Yin (2001), ele “auxilia os pesquisadores na hora de aprimorar os planos para a coleta de dados, tanto em relação ao conteúdo dos dados, quanto aos procedimentos que devem ser seguidos” (p. 100). De fato, a partir dessa experiência, tanto a forma quanto o conteúdo a ser trabalhado foram alterados, focando na exibição completa das animações e retirando outros elementos previstos no projeto base desta pesquisa. Assim, para as entrevistas seguintes, não houve utilização de nenhum recurso estruturado previamente, visto que a ideia do *react* é captar reações espontâneas das participantes e, mesmo os tópicos-guia (Gaskell, 2000/2008) anotados para subsidiar a conversa ao final da exibição dos filmes, foram feitos sem planejamento prévio, à medida que se assistia às animações junto com elas. O resumo dos encontros com cada participante pode ser verificado na Tabela 3 a seguir.

Tabela 3 *Resumo dos encontros com as participantes*

Participante	Encontro	Data	Atividade	Duração
Bela ²¹	1	10/06/22	Entrevista Piloto	1 h 08 min 32 s
	2	17/06/22	React - A Bela e a Fera	3 h 03 min 08 s
	3	12/07/22	React - Valente	2 h 03 min 40s
	4	20/04/23	Entrevista semiestruturada	1 h 09 min 13 s
Cinderela	1	22/07/22	React -Cinderela	1 h 28 min 28 s
	2	29/07/22	React -Valente	1 h 39 min 24 s
	3	05/04/23	Entrevista semiestruturada	31 min 53 s
Merida	1	06/07/22	React -Valente	2 h 11 min 44s
	2	15/07/22	React -Cinderela	1 h 29 min 25s
	3	27/03/23	Entrevista semiestruturada	52 min 08 s
Mulan	1	23/06/22	React -Mulan	2 h 28 min 01 s
	2	29/07/22	React -Pocahontas	1 h 29 min 58 s
	3	19/04/23	Entrevista semiestruturada	1h 07 min 50 s

3.4 Procedimentos de Análise dos Dados

Os dados foram apurados através de uma abordagem indutiva, centrada na Análise Temática (AT), por meio de uma codificação reflexiva realizada seguindo seis etapas, conforme proposto por Virginia Braun e Victoria Clarke (2006, 2013) e Virginia Braun, Victoria Clarke, Nikki Hayfield e Gareth Terry (2019). Conforme explicado pelas autoras, a abordagem indutiva busca descobrir e compreender os significados e padrões emergentes nos dados qualitativos coletados, permitindo que os temas e categorias surjam diretamente dos próprios dados. Nessa abordagem, não se parte de um quadro teórico preexistente, permitindo a descoberta de novos

²¹ Ela indicou 2 animações como sendo as favoritas, então conversamos sobre elas, mas não foi possível a realização de um 4º encontro para conversarmos sobre o filme que ela menos gosta porque ela estava em período agitado em virtude da preparação para o vestibular.

insights e perspectivas a partir dos dados analisados (Braun & Clarke, 2006, 2013; Braun et al., 2019).

Na AT, a codificação reflexiva é um processo que vai além da mera classificação de unidades de análise. Segundo explicação de Braun e suas colegas (2019), ela envolve uma reflexão crítica sobre as interpretações da pesquisadora, levando em consideração suas próprias perspectivas, crenças e experiências, bem como o contexto dos dados qualitativos. Nessa abordagem, a pesquisadora não apenas categoriza as unidades de análise, mas também questiona suas próprias suposições e preconceitos, buscando estar aberta a diferentes perspectivas. Isso significa que a análise é um processo flexível e adaptativo, em que as interpretações são constantemente revisadas e refinadas à medida que a pesquisadora adquire uma compreensão mais aprofundada dos dados (Braun et al., 2019).

Além disso, para Braun e colaboradoras (2019), este tipo de codificação envolve a análise das interações entre os temas identificados, bem como a consideração das múltiplas camadas de significado presentes nos dados. As autoras apontam que, na codificação reflexiva, a pesquisadora busca não apenas capturar a superfície dos dados, mas também entender as sutilezas e complexidades subjacentes. Dessa forma, é possível uma análise mais profunda e abrangente dos temas emergentes, contribuindo para uma compreensão mais completa do fenômeno estudado, ajudando a minimizar vieses e a garantir a confiabilidade e precisão das interpretações realizadas (Braun et al., 2019).

Foram realizadas as seis etapas da AT, conforme preconizado pelas autoras. A primeira etapa foi a *familiarização com os dados*, por meio da leitura e releitura dos materiais coletados, permitindo que a pesquisadora se tornasse familiarizada com o conteúdo e o contexto dos dados. Na segunda etapa, foi realizada a *codificação inicial*, na qual a pesquisadora identificou unidades de análise relevantes e as codificou de forma descritiva, sem realizar interpretações antecipadas. Essa etapa permitiu uma organização preliminar dos dados coletados.

Em seguida, ocorreu a *geração de temas*, onde a pesquisadora identificou agrupamentos e conexões entre as unidades de análise, emergindo assim os temas principais. Essa etapa foi conduzida de forma exploratória e aberta, buscando identificar os temas que emergiram diretamente dos dados. Depois dessa etapa, houve uma *revisão e refinamento dos temas*. O objetivo dessa etapa foi organizar e estruturar os temas identificados, eliminando redundâncias e garantindo uma representação clara e completa dos dados.

Na sequência, a *codificação reflexiva* foi realizada em conjunto entre a pesquisadora e colegas de seu grupo de pesquisa. As codificações foram discutidas, visando alcançar um entendimento comum que melhor atendesse aos objetivos propostos nesta pesquisa. Por fim, com a definição final dos temas e códigos adotados, foi possível elaborar o mapa temático e o relatório, apresentados no capítulo subsequente, identificando os temas e códigos designados com suas respectivas interpretações juntamente com citações diretas do conteúdo apurado, proporcionando uma análise reflexiva e aprofundada dos dados coletados.

3.5 Aspectos Éticos

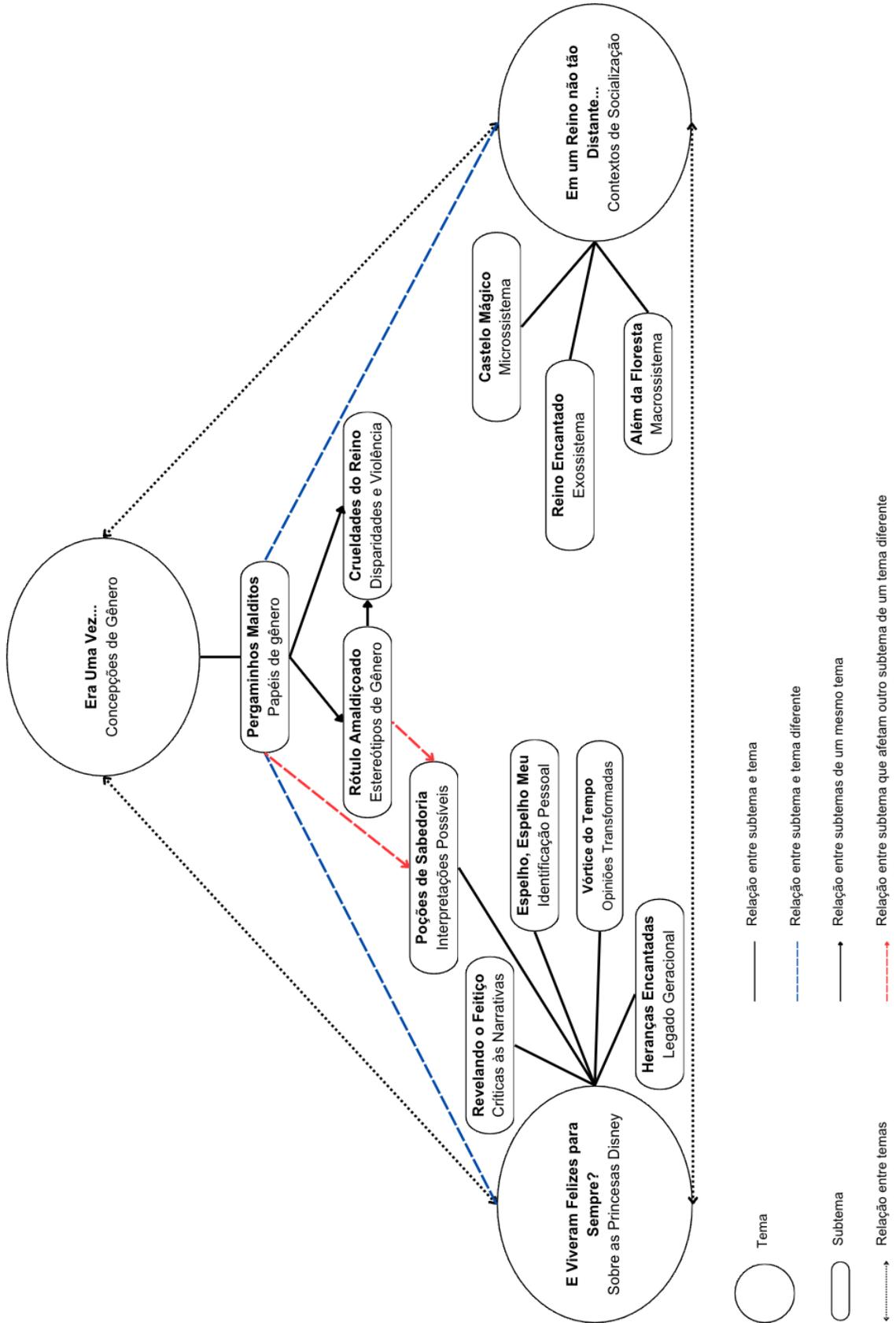
A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da UFBA (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética – CAAE – nº 53302621.1.0000.5686), de acordo com o parecer nº 5.425.420 (Apêndice F). Foram atendidos os requisitos das Resoluções nº 466/2012 e 510/2016, bem como o Ofício Circular nº 2/2021, do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012, 2016, 2021). Por se tratar de uma pesquisa com menores de idade, tanto as participantes quanto suas responsáveis deram seu de acordo, respectivamente, no TALE e TCLE. Além das informações sobre a pesquisa (objetivos, justificativas e os procedimentos adotados) e advertência sobre possíveis riscos e/ou benefícios, o TCLE contou com formulário para coleta de dados básicos, respeitando a Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018, Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD) (Brasil, 2018).

Capítulo 4. Desvendando e Explorando o Reino das Descobertas

A partir da AT dos dados, foi possível identificar três temas principais e 11 subtemas cujos nomes foram inspirados nos contos de fadas, seguidos por rótulos que oferecem pistas sobre o conteúdo de cada um. O primeiro tema, intitulado *Era uma vez...: Concepções de gênero*, está relacionado ao conceito de PPCT, destacando a interconexão entre os aspectos pessoais, sociais e culturais na construção das concepções de gênero das adolescentes e suas experiências relacionadas a isso; e abrange três subtemas: *Pergaminhos Malditos: Papéis de Gênero*; *Rótulo Amaldiçoado: Estereótipos de Gênero*; e *Crueldades do Reino: Disparidades e Violência*.

O segundo tema, chamado *Em um Reino não tão Distante...: Contextos de Socialização*, está articulado com a TBDH, utilizada como base teórica do trabalho, e inclui três subtemas: *Castelo Mágico: Microssistema*, *Reino Encantado: Exossistema* e *Além da Floresta: Macrossistema*. Já o terceiro tema, intitulado *E Viveram Felizes para Sempre?: Sobre as Princesas Disney*, também se articula com a TBDH e está diretamente ligado às Princesas Disney, outro fundamento do trabalho, abrangendo cinco subtemas: *Heranças Encantadas: Legado Geracional*; *Vórtice do Tempo: Opiniões Transformadas*; *Espelho, Espelho Meu: Identificação Pessoal*; *Poções de Sabedoria: Interpretações Possíveis*; e *Revelando o Feitiço: Críticas às Narrativas*. Na sequência, serão apresentados detalhadamente os temas e subtemas. Apresenta-se na Figura 3 o mapa temático decorrente da AT dos dados.

Figura 3 Mapa temático



As linhas indicam o vínculo entre os temas e seus respectivos subtemas. Além disso, as setas associadas às linhas sólidas, pontilhadas ou tracejadas evidenciam as conexões entre subtemas do mesmo tema, entre subtemas de temas diversos e entre subtema de um tema específico com outros temas. Essa representação é resultado da análise das citações que acompanham cada subtema, revelando uma notável relação entre as temáticas propostas, como evidenciado nas relações entre o subtema *Pergaminhos Malditos: Papéis de Gênero* e os demais subtemas no tema *Era Uma Vez...: Concepções de Gênero*. O mesmo pode ser observado na estreita relação entre o subtema *Poções de Sabedoria: Interpretações Possíveis* com os outros dois temas. Além disso, destaca-se uma conexão sólida entre os temas, justificando a inclusão de setas bidirecionais para representar tais relações.

Tema 1 - Era Uma Vez...: Concepções de Gênero

O tema *Era Uma Vez...: Concepções de Gênero* é uma exploração multifacetada das percepções individuais e sociais sobre gênero, destacando como as adolescentes compreendem e vivenciam o ser homem ou mulher na sociedade. As reflexões das participantes revelam que o entendimento de gênero é profundamente influenciado por fatores sociais, familiares e interpessoais.

As jovens reconhecem que as expectativas de gênero são impostas pela sociedade e que a família, os amigos e os padrões culturais são agentes significativos nessa imposição. Por exemplo, elas desafiam a ideia de que certas atividades devem ser definidas pelo gênero, apontando que tais limitações são fruto de preconceitos sociais. As pressões familiares, muitas vezes ancoradas em padrões patriarcais, afetam a maneira como as mulheres são orientadas a se comportar e se apresentar.

Os relatos das participantes também abordam a persistência de estereótipos de gênero, como a cobrança excessiva em relação à aparência, comportamento e escolhas pessoais. A imposição de padrões de beleza é criticada por ser prejudicial à saúde mental e ao bem-estar

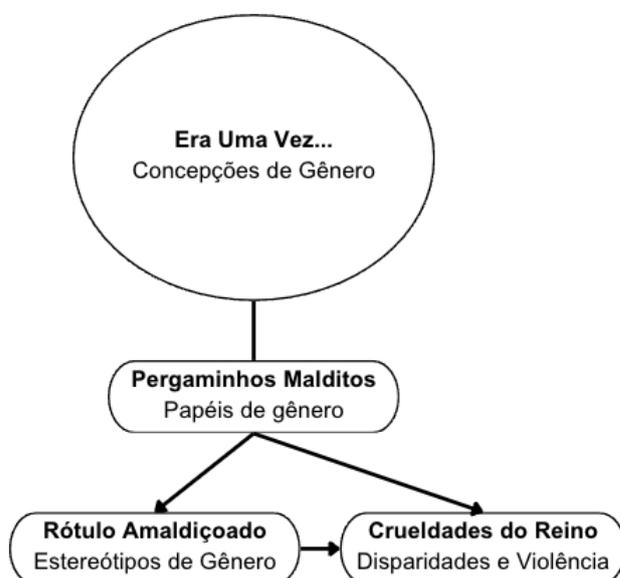
das mulheres. As experiências na escola, com restrições de vestimenta baseadas no gênero, refletem a manutenção de normas tradicionais e a desigualdade de gênero. As percepções de gênero estão entrelaçadas com experiências cotidianas, influências sociais e narrativas culturalmente enraizadas.

Os estudos de Abadi e Lobo (2018), Butler (1990/2022), Colling (2018), Wood (2021) e Zanello (2018) fornecem uma base teórica para compreender as inter-relações entre gênero, sexualidade, saúde mental, cultura e subjetividade. Os relatos das participantes ilustram a aplicação prática desses conceitos na vida cotidiana, oferecendo uma visão crítica e reflexiva sobre as normas sociais, expectativas culturais e desigualdades de gênero.

A compreensão deste tema revela que o subtema *Pergaminhos Malditos: Papéis de Gênero* é central, pois as normas sociais criam tanto as desigualdades quanto as expectativas simplificadas e generalizadas de características e comportamentos associados a homens e mulheres. Há também uma relação entre o subtema *Rótulo Amaldiçoado: Estereótipos de Gênero* que amplifica o *Crueldades do Reino: Disparidades e Violência*. A Figura 4 ilustra as relações entre este tema e seus subtemas.

Na sequência, serão apresentados em detalhes, com trechos das citações das adolescentes, os três subtemas interconectados deste tema: *Pergaminhos Malditos: Papéis de Gênero*; *Rótulo Amaldiçoado: Estereótipos de Gênero*; e *Crueldades do Reino: Disparidades e Violência*. A discussão desses subtemas, enriquecida pelas vozes das participantes, proporcionará uma análise mais profunda das dinâmicas de gênero e suas implicações na vida das adolescentes.

Figura 4 Ilustração das conexões entre o tema *Era Uma Vez...: Concepções de Gênero* e seus subtemas



Subtema 1.1 - Pergaminhos Malditos: Papéis de Gênero

O subtema *Pergaminhos Malditos: Papéis de Gênero* mergulha nas complexas normas sociais e expectativas que moldam comportamentos tradicionalmente atribuídos a homens e mulheres. As perspectivas das participantes oferecem *insights* perspicazes, questionando estereótipos de gênero e evidenciando a influência da sociedade na perpetuação dessas normas.

Merida (14 anos), por exemplo, destaca a flexibilidade das capacidades individuais em relação às atividades atribuídas a cada gênero, questionando por que certas tarefas são consideradas inerentes a homens ou mulheres. Ela argumenta: "Tipo, por que a mulher não consegue levantar uma casa e um homem sim? Eu acho que os dois conseguem, o que impede mais são a sociedade e os preconceitos mesmo" (Merida, 14 anos). Esta perspectiva ressoa os trabalhos de Galambos (2004) e de Berenbaum e colegas (2008), destacando a maleabilidade das capacidades independentemente do sexo biológico e como as expectativas sociais moldam as escolhas e identidades de gênero durante a adolescência.

A fala de Merida (14 anos) ilustra a visão de Butler (1990/2022) sobre a performatividade de gênero, enfatizando que as normas sociais podem ser desafiadas. A discussão pode ser expandida considerando a perspectiva de Zanello (2018) sobre saúde mental, gênero e dispositivos culturais, à medida que Merida (14 anos) menciona as pressões sociais relacionadas ao comportamento feminino.

Outra fala de Merida (14 anos), "Minha mãe já acha que mulheres devem se comportar bem, bem vestidinha [...] já vai ficar aquela fama de mulher da noite", ilustra como as normas de gênero são reforçadas dentro do ambiente familiar. Como Butler (1990/2022) argumenta, as normas de gênero são performativas e são continuamente reforçadas através de práticas diárias, como as instruções de comportamento e aparência dadas pela mãe de Merida. Essa dinâmica familiar não só perpetua estereótipos de gênero, mas também tem implicações profundas para a saúde mental das adolescentes, como discutido por Zanello (2018), ao criar uma pressão constante para cumprir padrões sociais restritivos.

A conexão entre pressões sociais e estereótipos de comportamento também pode ser relacionada a estudos sobre como as expectativas sociais durante a adolescência moldam as percepções e comportamentos de gênero, destacando a importância de compreender o impacto dessas pressões na formação da identidade (Galambos, 2004). Além disso, considerando a análise de Aguiar e Barros (2015) sobre a representação feminina nos contos de fadas da Disney, pode-se entender esse tipo de influência externa que contribui para as pressões sociais enfrentadas por mulheres, como evidenciado na fala de Merida.

Por sua vez, Bela (17 anos) aborda a pressão social sobre as mulheres para conformarem-se a papéis tradicionais, em suas palavras: "As pessoas têm sonhos, mas muitas fazem isso por pressão, tipo, 'ah, o certo é uma mulher casar com um homem, ter filhos, obedecer o marido, ficar em casa, enquanto o marido trabalha'" (Bela, 17 anos). Essa observação se alinha aos estudos de Galambos (2004) sobre o desenvolvimento de papéis de

gênero na adolescência, revelando como as expectativas sociais moldam as escolhas e identidades de gênero dos jovens. Essa perspectiva também encontra respaldo no trabalho de Hood et al. (2010), que explora a influência do ambiente social no comportamento e desenvolvimento humano. Por outro lado, mesmo sendo referido na literatura o papel das expectativas sociais externas sobre o comportamento/desenvolvimento dos adolescentes, é possível perceber uma resistência das adolescentes participantes desse estudo em se ajustarem a essas normas.

A fala de Bela (17 anos) insere-se no contexto das representações de gênero na mídia, especialmente no que tange às heroínas dos contos de fadas da Disney. Aguiar e Barros (2015) discutem como as narrativas culturais influenciam as percepções de gênero desde a infância, destacando as pressões sociais que Bela (17 anos) menciona e como estas são assimiladas. A abordagem feminista de Appolinário e Gonçalves (2020) aprofunda a análise sobre o papel feminino nas princesas da Disney, revelando as camadas das expectativas sociais impostas às mulheres e como são veiculadas e reforçadas pelas histórias culturais, além de enriquecer a compreensão de como as narrativas midiáticas contribuem para a formação das expectativas de gênero e valores transmitidos culturalmente e seus impactos sobre a saúde mental (Zanello, 2018). Além disso, a visão de Bela (17 anos) dialoga com a discussão de Maria Alves de Toledo Bruns e João Paulo Zerbinati (2018) sobre adolescência, gênero e violência, enriquecendo a compreensão das interseções complexas entre pressões sociais, formação de identidade e comportamento adolescente.

Bela (17 anos), ao mencionar a influência da mídia nas representações de papéis de gênero, destaca: "Tem até novela que eu assisto [...], tem uns personagens que estão mais conservadores e tem alguns que já são mais atualizados" (Bela, 17 anos). Essa citação evidencia a percepção que a adolescente tem sobre a persistência de expectativas tradicionais em narrativas ficcionais e na realidade (Aguiar & Barros, 2015). Além disso, ao observar que

"Minha mãe tinha muito essa questão de o que a gente tem que passar para outras pessoas" (Bela, 17 anos), a jovem aborda a transmissão de valores de gênero de geração para geração, relacionando-se com estudos sobre o desenvolvimento humano que destacam como as gerações anteriores influenciam as visões de gênero transmitidas às mais jovens (e.g. Collins, W. A. & Laursen, 2004; Lerner, 2018; Cerqueira-Santos, 2021).

Ao analisar as citações, apresentadas integralmente na Tabela 4, fica evidente que a interação entre indivíduos, sociedade e construções culturais desempenha um papel fundamental na formação das identidades de gênero, oferecendo *insights* valiosos sobre os desafios associados aos papéis de gênero.

Tabela 4 Citações ilustrativas do subtema *Pergaminhos Malditos: Papéis de Gênero*

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
"Em questão de um não conseguir fazer o que o outro faz, não [concordo que haja atividade definida pelo gênero]. Tipo, por que a mulher não consegue levantar uma casa e um homem sim? Eu acho que os dois conseguem, o que impede mais são a sociedade e os preconceitos mesmo." (Merida, 14 anos)	Desafia a ideia de que certas atividades são inerentemente masculinas ou femininas, sugerindo que as capacidades individuais não são determinadas pelo gênero, mas sim limitadas por preconceitos sociais.
"Eu acho que todo mundo pode tudo. Eu acho que tipo, a distinção de gênero é mais pelo que a sociedade impõe porque tipo, uma mulher tem as mesmas capacidades de um homem." (Merida, 14 anos)	Afirma que a distinção de gênero é uma imposição social, não uma diferença real de capacidades. Isso reflete a perspectiva de que as normas de gênero são construídas e mantidas pela sociedade, influenciando como as pessoas percebem suas próprias habilidades e possibilidades.
"Minha mãe já acha que mulheres devem se comportar bem, bem vestidinha, não deve sair com tantos caras, essas coisas, porque até a sociedade condena mulheres que curtem a vida e saem ficando com um e outro, já vai ficar aquela fama de mulher da noite, de mulher que não é direita e tal. Então, por causa disso, a minha mãe já fala para mim, me comportar melhor, já com meus irmãos não é assim, ela já deixa os meus irmãos mais soltos para agirem do jeito que eles querem." (Merida, 14 anos)	Ilustra o duplo padrão de gênero no contexto familiar, onde as mulheres são pressionadas a manter uma reputação <i>respeitável</i> enquanto os homens têm mais liberdade. Mostra ainda como as normas patriarcais são reforçadas dentro da família, perpetuando estereótipos de gênero e criando desigualdades.

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
<p>"As pessoas têm sonhos, mas muitas fazem isso por pressão, tipo, 'ah, o certo é uma mulher casar com um homem, ter filhos, obedecer o marido, ficar em casa, enquanto o marido trabalha.'" (Bela, 17 anos)</p>	<p>Destaca como as normas sociais pressionam as mulheres a seguirem caminhos tradicionais de vida, moldando suas escolhas e identidades. Essa observação reflete o impacto das expectativas de gênero na adolescência e como essas pressões sociais podem limitar as aspirações e os sonhos das mulheres.</p>
<p>"Tem até novela que eu assisto [...], tem uns personagens que estão mais conservadores e tem alguns que já são mais atualizados, vamos dizer assim. E tem muito disso, de 'ah, uma mulher tem de casar com um homem', não só nessa novela, mas em várias outras, em situações reais também principalmente de que a mulher tem que casar com um homem, ter filhos com ele." Bela, 17 anos)</p>	<p>Reconhece a influência da mídia na perpetuação de estereótipos de gênero e expectativas tradicionais. As novelas, como forma de mídia cultural, reforçam as normas sociais sobre o papel das mulheres no casamento e na família, influenciando a percepção pública sobre gênero.</p>
<p>"Minha mãe tinha muito essa questão de o que a gente tem que passar para outras pessoas, que a gente tem que se manter respeito e esse tipo de comentário. De que a gente não podia fazer as coisas sem pensar no que as outras pessoas vão falar, porque ser princesa, né? Como em Valente, uma princesa não usa armas, uma princesa não dá risada, gargalhadas de qualquer jeito. Foi uma coisa que eu me identifiquei porque assim, eu compreendo minha mãe, ela foi criada assim, então, eu tenho para mim, que a mãe da Merida, ela foi criada de um jeito e acabou se transformando desse jeito porque talvez ela não tinha nenhum outro espelho do que era ser princesa, sabe? Então acho que ela passa isso de mãe pra filha e ela vai querer que siga adiante, mas, como a gente sabe, não é bem assim, não é bem desse jeito, são diversas gerações." (Bela, 17 anos)</p>	<p>Discute a transmissão intergeracional das normas de gênero, mostrando como as expectativas são passadas de mãe para filha. A fala também destaca a internalização dessas normas e a dificuldade de romper com padrões culturais profundamente enraizados, mesmo quando se reconhece que eles não correspondem às realidades e aspirações individuais.</p>

Subtema 1.2 - Rótulo Amaldiçoado: Estereótipos de Gênero

O subtema *Rótulo Amaldiçoado: Estereótipos de Gênero* explora a percepção das adolescentes em relação às pressões de gênero e ao papel dos estereótipos no desenvolvimento. As participantes demonstram uma consciência aguçada das influências desses estereótipos em suas vidas, sugerindo uma compreensão profunda das complexidades envolvidas. Embora reconheçam a existência dessas influências, algumas adolescentes parecem falar como se estivessem *imunes* a elas, o que levanta questões intrigantes sobre a dinâmica entre a consciência dos estereótipos e sua influência real no comportamento e nas concepções das

jovens. Essa aparente contradição destaca a necessidade de uma análise mais aprofundada sobre como os estereótipos de gênero moldam não apenas as percepções, mas também as experiências e escolhas das adolescentes.

Bela (17 anos), ao expressar sua crítica contundente — "Não existem comportamentos ou coisas que só meninas devem fazer ou que só meninos devem fazer. Eu não acho normal, nem um pouco" (Bela, 17 anos) —, reflete sobre as pressões sociais de gênero enfrentadas durante a adolescência. Sua crítica ressoa o estudo de Blasco e Grau-Alberola (2019), que destaca como as expectativas sociais moldam o comportamento dos jovens em relação às normas de gênero predefinidas. A declaração de Bela (17 anos) reflete uma consciência crítica desses estereótipos de gênero e questiona a validade de atribuir certos comportamentos ou atividades exclusivamente a meninos ou meninas.

Além disso, a visão de Bela (17 anos) também se alinha com os argumentos de Judith Butler (1990/2022) sobre a natureza socialmente construída dos papéis de gênero. Butler argumenta que os comportamentos e identidades de gênero são produtos de normas sociais e culturais, e não de características biológicas inerentes. Portanto, a declaração de Bela sugere uma rejeição consciente dessas normas de gênero predefinidas, enfatizando a importância de desafiar e subverter os padrões tradicionais de comportamento de gênero, ao mesmo tempo em que reconhece os desafios persistentes enfrentados por jovens na busca por uma identidade de gênero autêntica e livre de restrições sociais.

Mulan (13 anos), por sua vez, aborda a distinção de atividades esportivas associadas a meninas e meninos: "ah, não, menina tem que fazer academia e menino jogar bola" (Mulan, 13 anos). Essa observação se alinha aos estudos de Berenbaum e colaboradores (2008), que discutem como os interesses e habilidades são frequentemente direcionados pelas expectativas de gênero. Ademais, a visão da jovem sobre a pressão para conformidade com padrões de beleza — "Eu acho que homem [...] é mais largado e mulher mais coisadinha, delicada, e eu acho que

é mais por pensar o que os outros vão pensar" (Mulan, 13 anos) — encontra respaldo nas análises de Wood (2021) sobre como a sociedade impõe padrões distintos para homens e mulheres, muitas vezes prejudicando a autoestima feminina. É possível ampliar a discussão sobre estereótipos de gênero na adolescência, mostrando como esses estereótipos permeiam diversas áreas da vida dos adolescentes e impactam seu desenvolvimento (Hood et al., 2010; Lerner, 2018; Blasco e Grau-Alberola, 2019).

A crítica de Bela (17 anos) aos estereótipos masculinos destaca a limitação imposta às expressões da masculinidade: "É estereótipo, de falar que homem de verdade é assim, tem que ser desse jeito" (Bela, 17 anos). Esta observação ressoa as análises de Galambos (2004), que explora como esses estereótipos afetam o desenvolvimento de adolescentes, restringindo suas experiências e expressões emocionais. Além disso, é possível relacionar a perspectiva de Bela (17 anos) aos estudos que oferecem uma compreensão mais ampla de como estereótipos de gênero influenciam o desenvolvimento da identidade e comportamento dos adolescentes (Berenbaum et al., 2008; Hood et al., 2010). A citação também pode ser assimilada às discussões de Butler (1990/2022) sobre a construção social dos papéis de gênero e como os estereótipos contribuem para a formulação de identidades sexuais e de gênero, proporcionando uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas culturais que influenciam as percepções de masculinidade. Além disso, ao considerar a relação entre estereótipos de gênero e violência, a abordagem de Bruns e Zerbinati (2018) pode oferecer contribuições significativas sobre como as expectativas de comportamento masculino podem contribuir para a perpetuação de normas prejudiciais.

A citação evocada por Bela (17 anos), "prenda suas cabritas que o meu bode está solto", ilustra estereótipos de gênero que envolvem o controle masculino sobre as mulheres. Esta observação está em consonância com a análise de Aguiar e Barros (2015) sobre a necessidade de desconstruir conceitos prejudiciais associados à masculinidade e feminilidade. Além disso,

ao contextualizar essa expressão em relação a outras pesquisas (e.g. Butler 1990/2022; Galambos, 2004; Hood et al., 2010), é possível obter uma compreensão mais abrangente de como esses estereótipos de gênero se manifestam em diversos cenários e influenciam o desenvolvimento emocional e comportamental dos adolescentes.

Bela (17 anos) também discute a influência das representações de gênero nos filmes da Disney, ao afirmar: “[...] no nosso dia a dia a gente aprende muito [como a mãe de Merida fala] 'ah, uma princesa não se veste desse jeito, se comporta desse jeito' e [...] as pessoas não podem usar roupas curtas ou transparentes ou que mostrem o corpo porque é uma forma de denegrir [faz aspas com as mãos] a imagem”. Essa observação conecta-se às discussões sobre as representações de gênero nos filmes da Disney (Appolinário & Gonçalves, 2020) e como essas produções podem contribuir para a interiorização de estereótipos de gênero (Blasco & Grau-Alberola, 2019) e seus consequentes efeitos no desenvolvimento de adolescentes (Hood et al., 2010).

Por fim, Cinderela, aos 14 anos, aponta para a possibilidade de que os filmes das Princesas Disney contribuam para reforçar ideias restritivas sobre os papéis de gênero. Essa reflexão alinha-se com o trabalho de Berenbaum e colegas (2008), que discute como as representações na mídia podem influenciar o desenvolvimento da identidade de gênero na adolescência. Ao examinar a influência dessas representações, é fundamental considerar também as análises de Bruns e Zerbinati (2018) sobre adolescência, gênero e violência, fornecendo uma compreensão mais abrangente das dinâmicas psicossociais envolvidas.

Adicionalmente, as reflexões de Cinderela (14 anos) dialogam com as contribuições de Hood e colaboradores (2010), que fornecem uma visão abrangente sobre o desenvolvimento na adolescência, destacando como fatores sociais, como as representações de gênero nos meios de comunicação, podem moldar a identidade e o comportamento dos adolescentes. A crítica de Cinderela (14 anos) às representações de gênero nos filmes da Disney também se conecta com

as discussões de Abadi e Lobo (2018) sobre juventude, gênero e sexualidade, contextualizando as observações da participante em uma moldura mais ampla de desenvolvimento psicossocial na adolescência.

A análise deste subtema demonstra a compreensão coletiva das participantes de que os estereótipos de gênero não apenas estruturam percepções sociais, mas também têm implicações significativas na saúde e bem-estar. Em conjunto, as citações, descritas inteiramente na Tabela 5, evidenciam as disparidades de gênero presentes nas construções sociais que interferem na formação de identidades e comportamentos, revelando a influência profundamente enraizada de representações simplificadas associadas aos estereótipos de gênero.

Tabela 5 *Citações ilustrativas do subtema Rótulo Amaldiçoado: Estereótipos de Gênero*

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
"Não existem comportamentos ou coisas que só meninas devem fazer ou que só meninos devem fazer. Eu não acho normal, nem um pouco." (Bela, 17 anos)	Desafia diretamente os estereótipos de gênero, afirmando que comportamentos não devem ser definidos pelo gênero. Isso reflete uma visão progressista e crítica sobre as normas sociais, alinhada com a ideia de que as capacidades e interesses individuais devem ser valorizados acima das expectativas impostas pela sociedade.
"Tem [distinção em atividades de meninas e meninos], tipo, em relação a esporte, digamos, tipo, "ah, não, menina tem que fazer academia e menino jogar bola", entendeu?" (Mulan, 13 anos)	Reconhece a existência de estereótipos de gênero nas atividades esportivas, destacando como a sociedade impõe diferentes expectativas para meninos e meninas. Essa observação evidencia a persistência de estereótipos que limitam as escolhas e oportunidades com base no gênero.
"Ah, eu realmente, tipo assim, tenho um pouco de dúvida em relação a isso, do porquê da mulher ter que ser desse jeito toda, se arrumar toda, se maquiar toda, ajeitar o cabelo, passa duas horas na frente do espelho lá, passando a maquiagem, ajeitando o cabelo, escolhendo uma roupa para ver como é que vai ficar em você. Eu acho que homem, tipo assim, é mais largado e mulher mais coisadinha, delicada e eu acho que é mais por pensar o que os outros vão pensar, entendeu? Porque a maior coisa que tem, tipo assim, é você andar na rua, você vê uma	Questiona os estereótipos de gênero relacionados à aparência e à pressão social para que as mulheres se apresentem de uma determinada maneira. Ela reconhece o duplo padrão existente, onde as mulheres são julgadas mais severamente pela aparência do que os homens, revelando uma crítica

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
mulher bagunçada, assim, o povo vai falar. Infelizmente é isso. O povo pode ver o homem bagunçado, o povo não vai falar nada. Eu acho isso bastante chato." (Mulan, 13 anos)	ca às normas que reforçam essas expectativas desiguais.
"Realmente homem e mulher têm uma diferença muito grande, porque assim, nós mulheres daqui de casa, demoramos super pra poder se arrumar. Já meu tio, ele tá de boa, ele não liga muito para as coisas. Mulher gosta de se emperiquitar toda, gosta de fazer aquele charme, gosta de se ajeitar, um perfume ali, um perfume aqui. Mas eu acho que o meu tio tem em comum com a gente é que ele é bastante vaidoso." (Mulan, 13 anos)	Observa as diferenças nas práticas de vaidade entre homens e mulheres, mas também reconhece que essas práticas não são exclusivas a um gênero, ao notar a vaidade de seu tio. Isso sugere uma percepção de que os estereótipos de gênero não são absolutos e podem ser desafiados por indivíduos que não se conformam com essas expectativas.
"Comigo, de escutar que não é um comportamento feminino, é muito de 'ah, você, por ser uma mulher, né, não deveria tá fazendo esse tipo de coisa, de tá saindo sem seu namorado, porque isso não é um comportamento, de assim, não só de homem, mas de ser uma mulher de verdade'." (Bela, 17 anos)	Relata como é confrontada com estereótipos de gênero que definem o que é considerado comportamento adequado para uma mulher. Destaca ainda como as normas sociais restringem a liberdade das mulheres, impondo comportamentos específicos para serem vistas como <i>verdadeiras mulheres</i> .
"É estereótipo, de falar que homem de verdade é assim, tem que ser desse jeito. Tanto do lado de fora, força física e comportamentos, quanto por dentro, o pensamento de 'ah, homem não faz esse tipo de coisa, isso é coisa de mulher.'" (Bela, 17 anos)	Discute como os estereótipos de gênero também afetam os homens, impondo uma imagem rígida de masculinidade que limita comportamentos e expressões emocionais. Sugere ainda uma crítica aos padrões restritivos que definem tanto a masculinidade quanto a feminilidade.
"Eu já escutei muito certos comportamentos que eu tive de que não eram comportamentos muito femininos, que eu não deveria agir assim. E também já escutei de alguns amigos meus que tinham alguns comportamentos que as pessoas falavam 'ah, isso é um comportamento muito feminino, você não deveria ter'. Principalmente com os homens tem isso." (Bela, 17 anos)	Destaca a polivalência dos estereótipos de gênero, mostrando como comportamentos são rotulados como inadequados para um determinado gênero. Ela sublinha que os homens, em particular, são frequentemente criticados por exibir comportamentos considerados <i>femininos</i> , revêlando a rigidez das normas de gênero.
"Eu já ouvi uma frase ['prenda suas cabritas que o meu bode está solto']. [...] Eu acho isso muito revoltante muito mesmo." (Bela, 17 anos)	Expressa indignação ao relatar uma frase que exemplifica a objetificação e o controle das mulheres, enquanto os homens são vistos como livres e indomáveis.
"[...] no nosso dia a dia a gente aprende muito [como a mãe de Merida fala] 'ah, uma princesa não se veste desse jeito, se comporta desse jeito' e [...] as pessoas não podem usar roupas	Discute como as normas de vestuário reforçam os estereótipos de gênero, regulando o comportamento das um-

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
curtas ou transparentes ou que mostrem o corpo porque é uma forma de denegrir [faz aspas com as mãos] a imagem." (Bela, 17 anos)	Iheres com base em sua aparência. As expectativas sobre como uma <i>princesa</i> deve se vestir refletem as pressões para manter uma imagem respeitável, limitando a liberdade de expressão das mulheres.
"[Bela] nessa Vila, é considerada a estranha, né? Por todo mundo ser igual e ela ser diferente do igual. E, umas das coisas, que hoje em dia até acontece, eu sei que já aconteceu comigo algumas vezes, que é essa questão de gostar de leitura, que nesse tempo, né? Nesse desenho, do tempo dela, mulher não deveria ler livros, ter ideias... E isso já aconteceu comigo, não diretamente de falarem que mulheres não podem, né? Ler livros, ter ideias e pensar. [...] Eu já ouvi um pessoal falando que eu era diferente assim do normal das pessoas daqui. [...] E eu me identifiquei muito com isso, por conta disso, dela ser mais diferente, né?" (Bela, 17 anos)	Relaciona a experiência de ser considerada <i>estranha</i> por gostar de leitura com as expectativas de gênero, refletindo como os estereótipos de gênero desencorajam as mulheres de buscar conhecimento e ter ideias próprias. Destaca ainda a resistência a essas normas e a valorização da individualidade.
"Eu acho que a maioria [dos filmes das princesas Disney podem contribuir para reforçar essas ideias dos papéis de gênero na sociedade] sim. Tem muito que eles lutam pelo reino assim, a menina só fica lá ou que a menina vai cozinhar e eles ficam lá." (Cinderela, 14 anos)	Reconhece que os filmes das Princesas Disney frequentemente reforçam estereótipos de gênero, apresentando personagens femininas em papéis passivos enquanto os masculinos são ativos e heroicos. Isso ilustra como as narrativas culturais podem perpetuar expectativas tradicionais de gênero.

Subtema 1.3 - Crueldades do Reino: Disparidades e Violência

O subtema *Crueldades do Reino: Disparidades e Violência* destaca as desigualdades percebidas entre os gêneros, incluindo experiências de violência de gênero. Esta discussão abrangente e complexa envolve aspectos sociais, culturais e psicológicos. As experiências compartilhadas pelas participantes fornecem percepções sobre expectativas e estereótipos de gênero no cotidiano, enriquecendo nossa compreensão das dinâmicas de gênero e das formas de violência simbólica presentes na sociedade.

Bela (17 anos), ao questionar a expectativa de que as mulheres corrijam o comportamento masculino, reflete estereótipos prejudiciais. "Acho que as mulheres, meninas, não são centros de reabilitação. Muita gente fala assim 'eu sei que ele é todo errado, mas se você namorar com ele e ensinar, ele aprende'" (Bela, 17 anos), dialoga com as teorias de Butler

(1990/2022), destacando como essas expectativas são construídas e internalizadas socialmente (Galambos, 2004; Berenbaum et al., 2008; Blasco e Grau-Alberola, 2019).

A crítica de Merida (14 anos) à objetificação das mulheres com base na vestimenta: "As meninas são muito mais cobradas por isso [pelas roupas que usam]. Porque normalmente quando a menina tá usando roupa curta, as pessoas falam nas costas dela que ela tá parecendo aquelas mulheres que se vendem em troca de dinheiro" (Merida, 14 anos), ilustra a violência simbólica que contribui para a objetificação feminina. Isso demonstra como a cultura e os processos de subjetivação estão interligados, sugerindo que a estigmatização com base na aparência pode impactar negativamente a saúde mental das mulheres (Zanello, 2018).

Mulan (13 anos) também aborda a questão da vestimenta feminina e como ela é usada para julgar e controlar o comportamento das meninas em sua escola:

Na minha escola mesmo, menina não pode ir de short, tem que todo dia ir de calça ou com short da escola e não poder tipo ir com um short comportado, sabe? Não pode porque "ah, sei lá o quê, vai atijar os meninos". Uma coisa que, tipo, eles deveriam brigar com os meninos por ter feito tal coisa e não com as meninas por estarem vestindo uma roupa. (Mulan, 13 anos)

A crítica de Mulan (13 anos) destaca a complexidade das normas de gênero e o papel dessas normas na perpetuação da desigualdade. Essa situação mostra como esses estereótipos são internalizados desde cedo, moldando a percepção de si e dos outros (Blasco & Grau-Alberola, 2019). Ao abordar a culpabilização das meninas pelo comportamento dos meninos, Mulan (13 anos) encontra ressonância nas discussões sobre o desenvolvimento de gênero que exploram como as expectativas sociais contribuem para a formação da identidade de gênero (Berenbaum et al., 2008). Adicionalmente, ao criticar as restrições impostas às meninas na escola, especialmente em relação à vestimenta, Mulan (13 anos) questiona a lógica subjacente a essas normas de gênero. A proibição de shorts para meninas, enquanto os meninos podem

andar sem camisa, destaca como as normas de vestimenta são aplicadas de maneira desigual com base no gênero, alinhando-se com a perspectiva de Butler (1990/2022) sobre a performatividade de gênero, onde as práticas cotidianas, como a escolha da roupa, contribuem para a criação e reforço das identidades de gênero.

Além disso, ao expressar sua raiva em relação à responsabilização das meninas pelo comportamento dos meninos, Mulan (13 anos) aponta para a maneira como as normas de gênero são internalizadas e reproduzidas na sociedade. Butler (1990/2022) argumenta que a performance de gênero é uma repetição constante de normas culturalmente prescritas, e a indignação de Mulan (13 anos) sugere uma resistência a essa repetição. Por fim, a crítica de Mulan (13 anos) à postura da diretora que defende os meninos, em vez de proteger as meninas, ilustra a forma como as instituições, incluindo as educacionais, são agentes na regulamentação e reprodução das normas de gênero. Butler destaca que a performatividade de gênero ocorre não apenas no nível individual, mas também nas interações sociais e nas estruturas institucionais.

Essa discussão continua através da observação de Mulan (13 anos) sobre a subalternização histórica das mulheres que, segundo ela, "infelizmente até hoje tem [comentários como] 'vou querer uma mulher para poder me dar comida, limpar a minha casa, ficar me esperando de braços abertos'" (Mulan, 13 anos). Além disso, seu outro comentário revela a internalização de padrões de beleza restritivos, que impõem às mulheres a busca incessante pela perfeição física. Segundo ela, "a sociedade toda bota esses padrões de beleza, e a mulher acaba indo atrás da perfeição, perfeição, perfeição que pode prejudicar ela mais ainda, tanto a saúde mental dela quanto o corpo dela, a saúde dela mesmo, o bem-estar dela" (Mulan, 13 anos). Seus comentários evidenciam a internalização de padrões de beleza restritivos e como a busca incessante pela perfeição pode prejudicar a saúde mental das mulheres (Abadi & Lobo, 2018; Zanello, 2018; Wood, 2021).

Ainda sobre esse tema, Bela comenta que "tanto homens quanto mulheres são cobrados demais para ter o corpo perfeito" (Bela, 17 anos). No entanto, ela aponta para uma outra faceta das expectativas sociais atribuídas aos homens, destacando a rejeição a comportamentos considerados *femininos*. Segundo a participante, com relação às expectativas sociais atribuídas aos homens "também em questão de 'ah, agir desse jeito que nem mulherzinha não é legal [...] Não tem pra quê a gente se submeter a coisas que elas fazem, a gente tem que ser maior', no caso, menosprezando, diminuindo o ser mulher" (Bela, 17 anos). A expressão *agir desse jeito que nem mulherzinha não é legal* carrega consigo uma conotação pejorativa, sugerindo que características associadas às mulheres são inferiores ou inadequadas para os homens. Ao afirmar que "não tem pra quê a gente se submeter a coisas que elas fazem", a participante denuncia que os comportamentos femininos são vistos como submissos ou fracos. Essa perspectiva perpetua estereótipos de gênero, contribuindo para a desigualdade e limitando a expressão e realização das pessoas com base em sua identidade de gênero. Essa observação é apoiada por Zanello ao discutir a concepção da *Casa do Homens*, proposta por Welzer-lang

para ser iniciado na masculinidade, o pequeno *infans* deve atravessar provas, proporcionadas por outros homens, que interpelam o combate e o abandono de todos os aspectos que os associem às mulheres. [...] Quanto mais se acede a cômodos superiores nessa "casa", mais aquele homem passa a executar as provas para outros homens. É importante frisar que nunca se chega a uma prova definitiva da masculinidade e sempre se é convocado a performá-la. [...]

É nessa casa simbólica, cheia de passagens para cômodos "superiores", que se aprende todo o capital de performances para se tornar um "homem". A educação se faz por um mimetismo de violências: contra si mesmo (embrutecimento físico e/ou emocional), contra outros homens (competições) e contra as mulheres em geral. (Zanello, 2018, pp. 222-223, destaque no original)

Dentre os vários problemas oriundos dessa lógica da construção da masculinidade, está o fato de que “quanto mais naturalizada uma violência, pela força do hábito, mais invisibilizada ela se torna” (Zanello, 2018, p. 121).

A experiência compartilhada por Merida (14 anos) sobre as permissões diferenciadas entre ela e seus irmãos mais velhos lança luz sobre a internalização precoce de estereótipos de gênero, sugerindo que, desde a infância, normas culturais e familiares moldam as expectativas de comportamento com base no gênero, perpetuando desigualdades (Berenbaum et al., 2008; Blasco & Grau-Alberola, 2019). A fala de Merida (14 anos) reflete essa perspectiva ao questionar por que o mundo é percebido como perigoso para ela, mas não para seus irmãos. A percepção de perigo exclusiva para ela destaca a necessidade de uma reflexão mais profunda sobre como essas percepções são formadas e como elas impactam as experiências de meninas desde tenra idade.

Além disso, a narrativa de Merida (14 anos) ilustra a consciência da jovem sobre as disparidades de gênero nas permissões concedidas pela mãe, apontando para a influência das normas de gênero na tomada de decisões parentais (Galambos, 2004). A explicação da mãe de Merida (14 anos), baseada na percepção de perigo exclusivo para as mulheres, sugere que a internalização de estereótipos de gênero desde a infância é um processo complexo que afeta as percepções de perigo, as oportunidades concedidas, bem como a manutenção de desigualdades ao longo do tempo. Sobre essas distinções, Merida (14 anos) é taxativa ao afirmar que “[...] todo mundo pode tudo [...], a distinção de gênero é mais pelo que a sociedade impõe porque tipo, uma mulher tem as mesmas capacidades de um homem” (Merida, 14 anos).

Por fim, Bela (17 anos) compartilhou várias experiências que refletem as percepções de gênero com as quais ela se depara no dia a dia. Por exemplo, ela descreve situações em que seu pai estabelece permissões e restrições diferentes para ela com base em seu gênero: “[ele dizia]: 'eu vou deixar o seu irmão ou teu primo ir porque eles são meninos e não tem nenhum problema

nisso'. [...] aí eu me questionava 'é porque eu sou uma menina ou que eu sou nova ainda?'. Ele não respondia, mas eu sei..." (Bela, 17 anos). Essa experiência dialoga com a discussão de Galambos (2004) sobre o desenvolvimento de gênero na adolescência, indicando como as expectativas tradicionais podem limitar as atividades das adolescentes.

Além disso, Bela (17 anos) relata um diálogo com um amigo que contrasta com as visões de seu pai. Enquanto seu pai usa o argumento de *porque você é menina* para justificar suas restrições, o amigo de Bela (17 anos) expressa preocupação com sua segurança, reconhecendo os riscos adicionais que as meninas enfrentam em comparação com os meninos. Essa divergência destaca como as percepções de gênero podem variar entre os indivíduos e influenciar suas interações sociais. Por outro lado, a experiência de assédio relatada por Bela (17 anos) destaca uma forma alarmante de violência de gênero, demonstrando comportamentos invasivos que frequentemente ocorrem em espaços públicos:

Teve uma situação que aconteceu comigo [...] ele ficava o tempo todo tocando no meu cabelo, eu tirava a mão dele do meu cabelo, ele ficava tentando puxar assunto aí eu colocava um fone fingindo que não estava ouvindo. [...] tava todo mundo olhando no ônibus com a cara "você quer ajuda?". E tinha um homem que tava do meu lado, né? Fazendo essa cara para mim só que eu não conseguia mesmo virar a cara para falar para ele "eu quero ajuda". (Bela, 17 anos)

A situação revela a complexidade enfrentada por vítimas, especialmente a dificuldade em buscar ajuda, como evidenciado pela reação dos outros passageiros. Os trabalhos de Bruns e Zerbinati (2018) e Abadi e Lobo (2018) fornecem *insights* sobre a interseção entre adolescência, gênero e violência. A partir dessas perspectivas, pode-se entender as experiências de Bela (17 anos) como exemplos das maneiras pelas quais as desigualdades de gênero se manifestam na violência e na restrição de oportunidades para as adolescentes.

As citações completas, disponíveis na Tabela 6, delineiam as desigualdades de gênero e as experiências de violência que permeiam as vivências cotidianas das participantes, proporcionando uma análise mais aprofundada das experiências compartilhadas por elas.

Tabela 6 Citações ilustrativas do subtema *Crueldades do Reino: Disparidades e Violência*

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
"Acho que as mulheres, meninas, não são centros de reabilitação. Muita gente fala assim 'eu sei que ele é todo errado, mas se você namorar com ele e ensinar, ele aprende.' Não acho que seja assim que funciona, mas às vezes é a única solução, né?" (Bela, 17 anos)	Critica a ideia de que as mulheres devem assumir a responsabilidade de <i>consertar</i> os homens problemáticos, sublinhando a injustiça e a carga emocional imposta às mulheres em relacionamentos.
"As meninas são muito mais cobradas por isso [pelas roupas que usam]. Porque normalmente quando a menina tá usando roupa curta, as pessoas falam nas costas dela que ela tá parecendo aquelas mulheres que se vendem em troca de dinheiro." (Merida, 14 anos)	Destaca o julgamento moral severo e as críticas que as meninas enfrentam em relação à sua vestimenta, evidenciando a discriminação de gênero e a objetificação feminina. Ilustra ainda como a sociedade impõe padrões rígidos e desiguais, controlando a expressão e a liberdade das mulheres.
"Na minha escola mesmo, menina não pode ir de short, tem que todo dia ir de calça ou com short da escola e não poder tipo ir com um short comportado, sabe? Não pode porque "ah, sei lá o quê, vai atijar os meninos". Uma coisa que, tipo, eles deveriam brigar com os meninos por ter feito tal coisa e não com as meninas por estarem vestindo uma roupa, entendeu? Uma coisa que acontece muito, que me deixa com muita raiva, é quando em vários filmes e séries, acontece da diretora tipo defender, não as meninas, mas os meninos por estarem olhando a menina de forma errada, isso me deixava com muita raiva porque tipo, eu não tenho culpa da roupa que eu uso, é uma roupa normal como a dos os meninos, tipo, os meninos podem andar sem camisa, agora menina não pode usar roupa mostrando a barriga, entendeu?" (Mulan, 13 anos)	Aponta a hipocrisia e a injustiça das regras escolares que penalizam as meninas pela vestimenta, em vez de responsabilizar os meninos por seu comportamento. Critica a cultura de culpabilização da vítima, onde as meninas são responsabilizadas pelas ações dos meninos, perpetuando a desigualdade de gênero e a vigilância sobre o corpo feminino.
"Antigamente, como você viu em Mulan, né? Mulher não tinha muita voz para poder falar. Infelizmente até hoje tem 'vou querer uma mulher para poder me dar comida, limpar a minha casa, ficar me esperando de braços abertos.'" (Mulan, 13 anos)	Relaciona a representação histórica da submissão feminina com as expectativas contemporâneas de gênero, onde as mulheres ainda são frequentemente vistas como responsáveis pelo trabalho doméstico e pela satisfação das necessidades dos homens. Evidencia ainda a persistência de padrões patriarcais que restringem a autonomia feminina.

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
<p>"Eu acho horrível. Eu vou te falar a verdade, eu acho péssimo isso tanto para a autoestima das mulheres, né? Eu odeio esse padrão de beleza que os homens instalam para as mulheres tanto os homens, a sociedade toda bota esses padrões de beleza, e a mulher acaba indo atrás da perfeição, perfeição, perfeição que pode prejudicar ela mais ainda, tanto a saúde mental dela quanto o corpo dela, a saúde dela mesmo, o bem-estar dela." (Mulan, 13 anos)</p>	<p>Critica os padrões de beleza impostos às mulheres, destacando os efeitos negativos na autoestima e saúde mental feminina. Reconhece como essas expectativas irreais são prejudiciais e perpetuam a pressão para alcançar uma perfeição inatingível, impactando negativamente o bem-estar das mulheres.</p>
<p>"Tanto homens quanto mulheres são cobrados demais para ter o corpo perfeito. Mulher, barriga chapada, seios, nádegas maiores, cintura fina; homens, músculos, musculoso, com pelos. Também em questão de 'ah, agir desse jeito que nem mulherzinha não é legal [...] Não tem pra quê a gente se submeter a coisas que elas fazem, a gente tem que ser maior', no caso, menosprezando, diminuindo o ser mulher." (Bela, 17 anos)</p>	<p>Destaca como os padrões de beleza afetam tanto homens quanto mulheres, mas também aponta como a masculinidade é definida em oposição à feminilidade, perpetuando a depreciação do feminino. Reflete ainda a pressão para conformar-se a ideais corporais e a hierarquia de gênero que valoriza a masculinidade em detrimento da feminilidade.</p>
<p>"A minha mãe normalmente deixa meus irmãos mais velhos fazerem coisas que eu não posso. Eu sempre pergunto para ela o porquê, aí ela fala que o mundo é perigoso, mas se é perigoso para mim, também é pros meus irmãos e eu nunca entendi isso ou o porquê disso, ser perigoso para mim e não para eles." (Merida, 14 anos)</p>	<p>Questiona a proteção excessiva que recebe em comparação aos seus irmãos, evidenciando uma disparidade de gênero na liberdade concedida aos meninos e meninas. Ilustra ainda a internalização das normas de proteção que limitam a autonomia feminina sob o pretexto de segurança, perpetuando desigualdades de gênero.</p>
<p>"[...] todo mundo pode tudo [...], a distinção de gênero é mais pelo que a sociedade impõe porque tipo, uma mulher tem as mesmas capacidades de um homem." (Merida, 14 anos)</p>	<p>Desafia a ideia de que as capacidades são determinadas pelo gênero, argumentando que as diferenças são impostas socialmente. Essa visão crítica reflete uma compreensão das construções sociais de gênero e a defesa da igualdade de oportunidades.</p>
<p>"[...] [além disso, quando eu tinha] 14, 15 anos, ele [pai] falava 'ah, você tava até tarde da noite numa festa, isso não é coisa que menina tem que fazer', [ou] 'ah, eu vou deixar o seu irmão ou teu primo ir porque eles são meninos e não tem nenhum problema nisso'. [...] aí eu me questionava 'é porque eu sou uma menina ou que eu sou nova ainda?'. Ele não respondia, mas eu sei [que é porque sou menina], tenho quase certeza [...]." (Bela, 17 anos)</p>	<p>Descreve a discriminação de gênero nas regras impostas pelo pai, que restringem sua liberdade com base no fato de ser menina. Evidencia ainda a aplicação de normas diferentes para meninos e meninas, perpetuando a desigualdade e limitando a autonomia feminina.</p>
<p>"Justificar, justificar [usar o argumento de 'ah porque você é menina'], acho que não. Mas assim, por um lado, dependendo das pessoas, eu consigo compreender um pouco. Porque assim, eu tenho um melhor amigo e ele não pensa do mesmo jeito que meu pai. Quando meu pai falava 'não porque você não pode,</p>	<p>Reflete sobre a justificação da proteção baseada no gênero, reconhecendo a preocupação com a segurança, mas criticando a aplicação desigual das regras. Mostra como essas justi-</p>

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
<p>você é menina', meu amigo falava 'cuidado que tá tarde e não é que eu concorde com teu pai de que você é a menina e não pode, mas eu fico preocupado porque normalmente os alvos de maldade no mundo é para meninas'." (Bela, 17 anos)</p>	<p>ficativas perpetuam a ideia de que as meninas são mais vulneráveis, reforçando a desigualdade de gênero.</p>
<p>"Teve uma situação que aconteceu comigo [...] ele ficava o tempo todo tocando no meu cabelo, eu tirava a mão dele do meu cabelo, ele ficava tentando puxar assunto aí eu colocava um fone fingindo que não estava ouvindo. [...] tava todo mundo olhando no ônibus com a cara 'você quer ajuda?'. E tinha um homem que tava do meu lado, né? Fazendo essa cara para mim só que eu não conseguia mesmo virar a cara para falar para ele 'eu quero ajuda'." (Bela, 17 anos)</p>	<p>Descreve uma situação de assédio, destacando a dificuldade de pedir ajuda e a pressão social para lidar com o assédio de maneira passiva. Ilustra a vulnerabilidade das mulheres em espaços públicos e a falta de suporte efetivo, evidenciando a violência de gênero e a necessidade de intervenções mais ativas.</p>

O tema *Era Uma Vez...: Concepções de Gênero* revela a complexidade das concepções de gênero entre adolescentes, destacando como a interação entre fatores sociais, culturais e familiares influencia a percepção e vivência do gênero. As participantes desafiam ativamente os papéis e estereótipos de gênero impostos, refletindo um movimento em direção à igualdade e à diversidade de gênero.

A discussão sobre *Pergaminhos Malditos: Papéis de Gênero, Rótulo Amaldiçoado: Estereótipos de Gênero e Crueldades do Reino: Disparidades e Violência* ilustra a inter-relação entre esses aspectos e como eles afetam a vida das adolescentes. Este entendimento prepara o terreno para uma exploração mais aprofundada dos contextos de socialização, no tema *Em um Reino não tão Distante...: Contextos de Socialização*, onde será examinado como diferentes ambientes e interações sociais continuam a moldar e influenciar as concepções de gênero e identidade.

Tema 2 - Em um Reino não tão Distante...: Contextos de Socialização

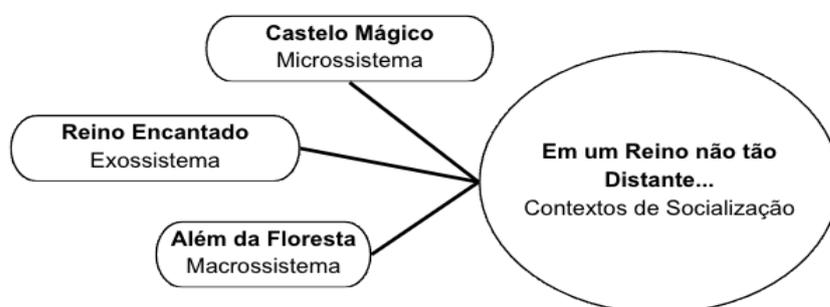
O tema *Em um reino não tão distante: Contextos de socialização* explora a complexidade da socialização de gênero, destacando como esta é influenciada por uma variedade de ambientes e sistemas. Através das experiências compartilhadas pelas participantes, torna-se evidente que a família, a religião, a sociedade, a escola e os amigos

desempenham papéis significativos na transmissão e internalização das normas e expectativas de gênero.

Essas influências, conforme relatado, não apenas moldam a compreensão e formação de opiniões sobre gênero, mas também sublinham a percepção de que o gênero é construído social, histórica e culturalmente, e não meramente determinado biologicamente. A partir das falas das participantes, pode-se afirmar que há um consenso sobre a natureza social do gênero, contrapondo-se à ideia de que este esteja intrinsecamente ligado à biologia. Este entendimento é crucial para desvendar a complexidade da socialização de gênero, evidenciando como as normas e expectativas são ensinadas e aprendidas em múltiplos contextos.

Este tema se desdobra em três subtemas interconectados que serão detalhadamente explorados: *Castelo Mágico: Microssistema*, *Reino Encantado: Exossistema* e *Além da Floresta: Macrossistema*. Na sequência, a apresentação desses subtemas, representados pela Figura 5, permitirá uma compreensão mais rica e detalhada das diversas maneiras pelas quais a socialização de gênero ocorre, destacando a interação entre microssistemas, exossistema e macrossistema no desenvolvimento e na formação da identidade de gênero das adolescentes.

Figura 5 Ilustração das conexões entre o tema *Em um Reino não tão Distante...*: Contextos de Socialização e seus subtemas



Subtema 2.1 - Castelo Mágico: Microssistema

O subtema *Castelo Mágico: Microssistema* explora a influência do ambiente imediato e direto no qual as adolescentes interagem, como a família, a sala de aula e o círculo de amigos, nas perspectivas de gênero das adolescentes. Esses espaços desempenham um papel crucial na socialização de gênero, pois é neles que as interações cotidianas e os modelos de comportamento são vivenciados e observados, exercendo influência direta na construção da identidade de gênero e na internalização de estereótipos.

Através das experiências relatadas pelas participantes, fica evidente a complexidade da socialização de gênero dentro do microssistema, destacando a interação entre os indivíduos e seu ambiente mais próximo como um fator crucial na construção de suas identidades, inclusive a de gênero. Merida (14 anos), por exemplo, proporciona uma visão elucidativa sobre como as expectativas familiares moldam as percepções e comportamentos relacionados ao gênero. Ela enfatiza a forte influência da família, especialmente da mãe, na definição dos papéis de gênero ao mencionar que:

Talvez a família influencie, tipo, nos papéis de gênero, tipo, a minha mãe quer que eu aja mais como uma menina, tipo, que eu me arrume mais, que eu vista roupas que a sociedade considera pro meu gênero, então eu acho que a família influencia muito nisso, na questão de ser de um jeito. (Merida, 14 anos)

Ela observa que sua mãe espera que ela se comporte de maneira mais feminina, seguindo normas de vestimenta e comportamento que a sociedade associa ao seu gênero. Essa influência é consistente com a teoria de Bronfenbrenner (1979/1996, 2005/2011), que enfatiza o papel do microssistema familiar na socialização de gênero. Além disso, no caso de Merida (14 anos), as expectativas da mãe em relação ao comportamento feminino e as impostas aos seus irmãos podem ser interpretadas como diferentes normas familiares, refletindo as características individuais.

Segundo a TBDH, essas características são elementos fundamentais que moldam o curso do desenvolvimento, compostas de três tipos: os atributos pessoais, que incluem características biológicas e físicas como idade, sexo e estado fisiológico; a história pessoal, que se refere às experiências vividas pela pessoa; e a configuração do sistema de crenças, que abrange as convicções e valores que orientam o comportamento. Esses aspectos são cruciais para entender como cada pessoa interage com os diferentes contextos e sistemas em que está inserida. Enquanto a mãe de Merida (14 anos) impõe normas mais rígidas a ela, baseadas em suas crenças sobre o comportamento feminino, seus irmãos podem desfrutar de maior liberdade, o que demonstra como essas características influenciam as interações familiares e moldam o desenvolvimento individual. Ela descreve:

Minha mãe [...] acha que mulheres devem se comportar bem, bem vestidinha, não deve sair com tantos caras, essas coisas, porque até a sociedade condena mulher [...] ela já fala para mim, me comportar melhor, já com meus irmãos não é assim, ela já deixa os meus irmãos mais soltos para agirem do jeito que eles querem. (Merida, 14 anos)

Essa disparidade de tratamento ilustra as disparidades de gênero dentro do microsistema familiar e destaca como normas específicas direcionadas às meninas podem influenciar a internalização de papéis de gênero desde cedo (Berenbaum et al., 2008). Merida (14 anos) também reconhece que os pais são influenciados por uma mentalidade enraizada em uma sociedade patriarcal e machista, refletindo a influência de gerações passadas e normas culturais arraigadas e presentes no macrosistema. Essa observação sugere uma transmissão intergeracional de normas de gênero e destaca a importância de considerar o contexto cultural mais amplo na socialização de gênero que, além de contribuir para a construção das identidades de gênero das adolescentes, influencia diretamente sua compreensão e expressão da sexualidade (Cerqueira-Santos, 2021).

Mulan (13 anos), por outro lado, compartilha uma perspectiva de família mais flexível em relação aos papéis de gênero, destacando a liberdade de escolha em sua família. Ela menciona que "na minha família mesmo [...] não tem esse negócio de 'ah, você vai fazer isso, você tem que ser aquilo'. Não, é o que você quiser, o que você for feliz" (Mulan, 13 anos), reforçando a ideia de que diferentes microssistemas familiares exercem influências variadas na construção das identidades de gênero das adolescentes.

A jovem destaca ainda a importância do diálogo familiar na formação de opiniões sobre questões relacionadas ao gênero, apontando que as conversas em família são espaços onde esses temas podem ser discutidos e refletidos. Ela afirma que em seu contexto familiar "conversa um pouco de tudo, sabe? A gente sempre tem assunto eu vou deitar conversando e isso às vezes é um dos assuntos por ser uma agressão à pessoa, a gente acha isso totalmente ridículo, péssimo... Infelizmente acontece muito hoje essas coisas" (Mulan, 13 anos). Além das influências familiares, as experiências de Mulan (13 anos) também apontam para a interação com o macrosistema, especialmente ao discutir a postura de sua bisavó em relação ao papel tradicional da mulher:

A gente às vezes até conversa aqui em casa muito porque minha bisavó é uma pessoa um pouco restrita a certas coisas, sabe? Em relação a essas coisas de antigamente, tipo, para ela mulher tem que fazer seu papel de mulher, entendeu? Tem que cozinhar, ter o seu marido, seus filhos, ficar em casa cuidando dos seus filhos, tá lá para servir o seu marido.
(Mulan, 13 anos)

Esse comentário pode ser entendido através do conceito de cronossistema, que se refere às mudanças e transições ocorridas ao longo do tempo em uma pessoa e em seus ambientes (Bronfenbrenner & Morris, 1998, 2006). A compreensão desse conceito é essencial para analisar como as mudanças sociais ao longo do tempo afetam a construção das identidades de gênero e as expectativas associadas a essas identidades. A bisavó de Mulan (13 anos) expressa

uma visão que remete a *coisas de antigamente*, ilustrando como as atitudes em relação aos papéis de gênero podem ser persistentes ao longo do tempo, refletindo valores culturais enraizados em períodos passados.

Outra fala de Mulan (13 anos), no entanto, demonstra o atravessamento do cronossistema em seu microsistema familiar, ao longo das gerações de sua família, o que pode ilustrar também as mudanças sofridas no macrosistema. Segundo ela:

Sempre que bisa fala isso, minha avó sempre acaba falando "mãe, hoje em dia as coisas são diferentes, as coisas são mais atualizadas, ninguém mais quer um homem pra ficar... Um homem que banque você. Todo mundo que ser independente. Hoje em dia as coisas são diferente". Minha avó já é bem atualizada, minha tia também, minha mãe também, tudo atualizado. (Mulan, 13 anos)

O papel do microsistema familiar também é ressaltado por Bela (17 anos), que compartilha a importância das figuras femininas fortes em sua família, como sua mãe e tia, na formação de suas opiniões e escolhas. Ela menciona que "umas das pessoas que eu me inspirei nisso foi a minha mãe e a minha tia, que é psicóloga também. [...] Então, através dos ensinamentos que eu tive, da minha tia e da minha mãe, fui procurar as pessoas que pensassem do mesmo jeito" (Bela, 17 anos). Este relato sublinha a importância das interações face a face no microsistema, onde o desenvolvimento humano é profundamente afetado pelas relações mais próximas (Bronfenbrenner & Morris, 2006; Bronfenbrenner, 2005/2011).

A influência familiar também é evidente quando Bela (17 anos) contrasta as normas de gênero entre sua família materna e paterna, mostrando como diferentes microsistemas podem ter impactos divergentes no desenvolvimento de concepções sobre gênero. Ao falar sobre uma situação que aconteceu em sua família paterna e que a fez, pela primeira vez, questionar os papéis de gênero, ela comentou que "[...] quando eu escutei, quando eu tinha uns 10, 9 anos, né,

eu ficava assim 'não faz nenhum sentido...'. Na minha cabeça, achei totalmente errado, não sei o porquê, mas eu achei" (Bela, 17 anos).

Este último relato de Bela serve para ilustrar também o conceito de mesossistema, que, segundo Bronfenbrenner (1979/1996, 2005/2011), abrange as interações entre os diversos contextos em que o indivíduo atua, incluindo as relações entre diferentes microsistemas. Por exemplo, a família materna e a família paterna. Nesse contexto, as interações entre dois ou mais ambientes nos quais a pessoa está inserida permitem identificar conexões e desconexões entre esses microsistemas de desenvolvimento. No caso de Bela (17 anos), as famílias são divergentes no que se refere às concepções de gênero. Seu relato revela como a exposição a diferentes perspectivas familiares contribuiu para a formação de suas opiniões, mesmo quando essas opiniões eram desafiadoras para as normas estabelecidas.

Ao discutir a persistência de papéis de gênero desde a infância, Cinderela (14 anos) sugere que a falta de exposição a diferentes experiências pode influenciar a continuidade desses papéis. Ela menciona que quando a criança é pequena, os pais tendem a direcionar suas atividades e, conforme "a pessoa vai ficando mais velha, acho que ali pelos 10, assim, que ela começa ver que ela poderia fazer outras coisas [...]" (Cinderela, 14 anos). Esse entendimento coincide com o comentário anterior de Bela (17 anos) sobre quando passou a ser mais questionadora e ressoa a perspectiva do desenvolvimento na adolescência e suas transformações biológicas, cognitivas, emocionais, psicológicas e sociais, que são, dentre outras coisas, influenciadas por fatores ambientais (e.g. Bronfenbrenner, 1979/1996, 2005/2011; Galambos, 2004; Susman & Rogol, 2004; Cerqueira-Santos et al., 2014; Papalia & Martorell, 2024).

Ao mencionar a influência dos amigos na conformidade com padrões de gênero, Cinderela (14 anos) destaca a relevância dos diversos microsistemas na construção das identidades e na socialização de adolescentes (Bronfenbrenner, 1979/1996, 2005/2011). Isso ressalta a importância das relações de pares na formação da identidade e internalização de

normas sociais, incluindo expectativas de comportamento de gênero (Brown, B. B. 2004; Blasco & Grau-Alberola, 2019). Os adolescentes encontram nos grupos de pares um espaço para experimentar e desafiar as expectativas de gênero impostas pela sociedade (Brown, B. B. 2004; Galambos, 2004). Nesses contextos de interação entre pares, os jovens podem explorar e expressar livremente suas identidades de gênero, subvertendo estereótipos e construindo formas alternativas de ser e se relacionar. Esse processo é fundamental para o desenvolvimento de uma compreensão mais ampla e inclusiva das identidades de gênero (Abadi & Lobo, 2018; Bruns & Zerbinati, 2018). Além disso, a influência dos pares pode oferecer apoio emocional e social aos indivíduos que desafiam as normas de gênero, ajudando-os a enfrentar a discriminação e a pressão social.

A sala de aula e o contato com os colegas na escola também são ambientes imediatos importantes quando se fala de microsistemas dentro do contexto de desenvolvimento de adolescentes, podendo ser tanto um fator de risco quanto de proteção no que se refere à experimentação dos adolescentes sobre gênero e sexualidade. Bela (17 anos), por exemplo, destaca alguns comentários que ouviu de colegas, como o fato de haver:

meninas lá de cabelo curtinho, sabe? Estilo Joãozinho, como chamam, e sempre falavam [...] 'ah, isso deveria ser só coisa de menino', como uma opinião também querendo definir a sexualidade dessa pessoa por ser de um jeito mais "masculino", com certeza, ela também gosta de outras meninas. Então, era sempre assim, aquela forma ditada, sabe? (Bela, 17 anos, aspas incluídas manualmente pela participante)

Mulan (13 anos), por sua vez, além de já ter presenciado comentários similares, complementa a discussão ao expor desafios enfrentados por colegas LGBTQIA+ na escola, ilustrando como a expressão de gênero pode levar a uma resistência por parte de educadores em reconhecer identidades diversas, além de indicar que violências de gênero sofridas na escola também são perpetradas pelos adultos:

Inclusive, até hoje tem muita coisa, tipo, na minha escola, tipo, tem um monte de meninos e meninas hoje da comunidade LGBT e que, tipo, a pessoa lá na escola corta o cabelo super curtinho, diz que tá igual de homem. A pessoa na escola, tipo, não se identifica com o nome e acaba tendo essa questão de pedir pro professor pedir para poder chamar de outro tipo de nome e acabar até sendo desrespeitado porque o professor acaba não querendo chamar ou a diretora acaba não aceitando e é isso que acontece bastante. (Mulan, 13 anos)

Mulan (13 anos) também compartilha experiências no contexto de sala de aula que, segundo ela, contribuem para a discussão e percepção da evolução das questões de gênero, em disciplinas como filosofia e história, por exemplo. As contribuições de Bela e Mulan evidenciam como as normas sociais moldam percepções sobre a sexualidade com base na expressão de gênero (Cerqueira-Santos, 2021; Wood, 2021) e a influência que o ambiente imediato, como a sala de aula e a interação com os colegas, pode ter na discussão das questões de gênero e na formação da identidade de gênero (Bronfenbrenner, 1979/1996, 2005/2011; Collins, W. A. & Laursen, 2004).

As falas das participantes indicam que, no microssistema, as adolescentes são ativamente envolvidas em processos de aprendizagem e interpretação de gênero, onde as normas são, não apenas impostas, mas também questionadas e negociadas. Isso ressalta a dinâmica do microssistema como um espaço de interação direta que é essencial para a socialização de gênero, onde as jovens constroem suas identidades através de um processo ativo de engajamento com os valores e expectativas de gênero presentes em seu ambiente imediato.

A análise do *Castelo Mágico: Microssistema* é enriquecida pelo referencial teórico de Bronfenbrenner (1979/1996, 2005/2011), que destaca a importância dos ambientes imediatos na formação do desenvolvimento humano. Através das experiências relatadas pelas participantes, mostradas em detalhes na Tabela 7, percebe-se a influência marcante da

socialização de gênero dentro do microsistema, emergindo como um elemento crucial na construção da identidade de gênero.

Tabela 7 Citações ilustrativas do subtema *Castelo Mágico: Microsistema*

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
<p>"Talvez a família influencie, tipo, nos papéis de gênero, tipo, a minha mãe quer que eu aja mais como uma menina, tipo, que eu me arrume mais, que eu vista roupas que a sociedade considera pro meu gênero, então eu acho que a família influencia muito nisso, na questão de ser de um jeito."(Merida, 14 anos)</p>	<p>Reconhece a forte influência da família na definição dos papéis de gênero. Sua mãe espera que ela se comporte de maneira mais feminina, alinhando-se às expectativas sociais de gênero.</p>
<p>"Minha mãe pensa de uma forma bem única dela mesma. Tipo, ela já acha que mulheres devem se comportar bem, bem vestidinha, não deve sair com tantos caras, essas coisas, porque até a sociedade condena mulher, porque a sociedade condena mulheres que curtem a vida e saem ficando com um e outro, já vai ficar aquela fama de mulher da noite, de mulher que não é direita e tal. Então, por causa disso, a minha mãe, ela já pensa de uma forma bastante diferente. Então ela já fala para mim, me comportar melhor, já com meus irmãos não é assim, ela já deixa os meus irmãos mais soltos para agirem do jeito que eles querem." (Merida, 14 anos)</p>	<p>Destaca a disparidade de tratamento entre ela e seus irmãos, evidenciando como as normas de gênero são aplicadas de forma desigual dentro do microsistema familiar. Isso reflete a internalização de estereótipos de gênero desde cedo.</p>
<p>"Como eu disse, normalmente os nossos pais, como eles vêm de uma criação antiga dos nossos avós, eles já pensam de acordo com a sociedade antiga que era uma sociedade patriarcal e machista. Então eu acho que ela influencia bastante [na manutenção dos papéis de gênero] desse jeito." (Merida, 14 anos)</p>	<p>Reconhece a influência das gerações anteriores e das normas culturais patriarcais na manutenção dos papéis de gênero.</p>
<p>"[...] E tipo assim, na minha família mesmo, tipo assim, não tem esse negócio de 'ah, você vai fazer isso, você tem que ser aquilo'. Não, é o que você quiser, o que você for feliz, entendeu? Tipo, acho que isso também acontece muita coisa. Ah, em relação é que eu falei mesmo, eu acho que é só isso mesmo que acaba influenciando, que acaba dizendo que vai ser um orgulho se a pessoa for assim e acaba muita gente tendo medo de acabar não... desapontando a família, entendeu?" (Mulan, 13 anos)</p>	<p>Descreve uma abordagem mais flexível em sua família, onde a liberdade de escolha é valorizada.</p>
<p>"Sim, um pouco, né? Porque realmente homem e mulher tem uma diferença muito grande, de homem não se emperiquitar todo, sabe? Não faz aquele negócio... Eu vejo muitas diferenças, porque assim, nós mulheres daqui de casa, demoramos super pra poder se arrumar. Já meu tio, ele tá de boa, ele não liga muito para as coisas, ele faz tudo. Mulher gosta de se emperiquitar toda, gosta de fazer aquele charme, gosta de se ajeitar, um perfume ali, um perfume aqui. Mas eu acho que o meu tio tem bastante comum com a gente é que ele</p>	<p>Reconhece as diferenças de comportamento entre homens e mulheres em sua família, mas também nota que seu tio compartilha traços de vaidade comuns às mulheres. Isso ilustra a complexidade das normas de gênero dentro do microsistema familiar.</p>

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
bastante vaidoso. Assim com as coisinhas dele, é bastante vaidoso." (Mulan, 13 anos)	
"Assim, a gente [família] conversa um pouco de tudo, sabe? A gente sempre tem assunto eu vou deitar conversando e isso às vezes é um dos assuntos por ser uma agressão à pessoa, a gente acha isso totalmente ridículo, péssimo... Infelizmente acontece muito hoje essas coisas." (Mulan, 13 anos)	Enfatiza a importância do diálogo familiar sobre diversas questões, incluindo agressões e desigualdades de gênero. Isso destaca o papel do microsistema familiar na formação de opiniões e valores relacionados ao gênero.
"A gente às vezes até conversa aqui em casa muito porque minha bisã é uma pessoa um pouco restrita a certas coisas, sabe? Em relação a essas coisas de antigamente, tipo, para ela mulher tem que fazer seu papel de mulher, entendeu? Tem que cozinhar, ter o seu marido, seus filhos, ficar em casa cuidando dos seus filhos, tá lá para servir o seu marido." (Mulan, 13 anos)	Observa a influência das gerações mais velhas, como sua bisã, que mantém visões tradicionais sobre os papéis de gênero. Isso demonstra a persistência de normas de gênero ao longo do tempo no microsistema familiar.
"Sempre que bisã fala isso, minha avó sempre acaba falando 'mãe, hoje em dia as coisas são diferentes, as coisas são mais atualizadas, ninguém mais quer um homem pra ficar... Um homem que banque você. Todo mundo que ser independente. Hoje em dia as coisas são diferentes'. Minha avó já é bem atualizada, minha tia também, minha mãe também, tudo atualizado." (Mulan, 13 anos)	Descreve como diferentes gerações em sua família interagem com as normas de gênero, com sua avó e mãe adotando visões mais modernas. Isso ilustra a influência do microsistema familiar na evolução das atitudes em relação ao gênero.
"Um das pessoas que eu me inspirei nisso foi a minha mãe e a minha tia, que é psicóloga também. [...] Isso vai aflorando bastante. Então, através dos ensinamentos que eu tive, da minha tia e da minha mãe, fui procurar as pessoas que pensassem o mesmo jeito. Aí encontrei tu, encontrei outras pessoas, tem a psicóloga de minha amiga também e foi através dessas pessoas. Eu fui caçando assim, e sempre lia sobre opiniões das pessoas, tanto como eu pensava tanto como eu não pensava, para tentar entender porque pensavam desse jeito. Então, sempre que alguém fala de algum assunto que fica assim, mais fechado, eu sempre falo 'ah, pode falar à vontade porque eu sou uma pessoa que, assim, eu gosto de escutar de tudo, diversas opiniões, diversas formas de pensar', mas é através disso, de várias opiniões diferentes que eu vou e faço a minha opinião, crio a minha opinião." (Bela, 17 anos)	Destaca a influência positiva de figuras femininas fortes em sua família na formação de suas opiniões sobre gênero. Isso sublinha a importância das interações no microsistema familiar no desenvolvimento de uma compreensão crítica sobre questões de gênero.
"Quando eu tinha, no ápice dos 13 anos, eu era muito afoita, falava muito, era assim, não tinha filtro comigo, quando eu escutava alguma coisa, eu já debatia sobre isso, mesmo sem ter muitas fontes e sem ter muito conhecimento das coisas, eu já falava, já abria a boca para falar e não queria nem saber. E eu escutava muito de tipo "ah, você só pensa assim porque a sua mãe também pensa, porque a sua avó também pensa, porque a sua tia também pensa", só que eu também tive o outro lado da família que eu convivia também. E assim, a primeira coisa que eu escutei assim, não foi nem de minha família de parte de mãe,	Reflete sobre a influência contrastante das famílias materna e paterna em suas opiniões sobre gênero. Isso ilustra a interação entre diferentes microsistemas e como essas experiências moldam a construção de suas identidades e opiniões.

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
<p>foi de minha família paterna que, quando eu escutei, quando eu tinha uns 10, 9 anos, né, eu ficava assim "não faz nenhum sentido na minha cabeça, achei totalmente errado, não sei o porquê, mas eu achei". E quando eu comentei isso com a minha família materna, elas falaram que tinham essa mesma opinião, me explicaram e fez muito mais sentido do que o que minha família paterna falava. Então, assim, lógico que pode ser, ter um pouco da influência da minha família materna, dos meus, minhas opiniões, meus pensamentos, serem assim, só que, eles me ensinaram e aí eu só concordei, eu achei que esse era o correto."(Bela, 17 anos)</p>	
<p>"Minha mãe tinha muito essa questão de o que a gente tem que passar para outras pessoas, que a gente tem que se manter respeito e esse tipo de comentário. De que a gente não podia fazer as coisas sem pensar no que as outras pessoas vão falar, porque ser princesa, né? Como em Valente, uma princesa não usa armas, uma princesa não dá risada, gargalhadas de qualquer jeito. Foi uma coisa que eu me identifiquei porque assim, eu compreendo minha mãe, ela foi criada assim, então, eu tenho para mim, que a mãe da Merida, ela foi criada de um jeito e acabou se transformando desse jeito porque talvez ela não tinha nenhum outro espelho do que era ser princesa, sabe? Então acho que ela passa isso de mãe pra filha e ela vai querer que siga a diante, mas, como a gente sabe, não é bem assim, não é bem desse jeito, são diversas gerações." (Bela, 17 anos)</p>	<p>Reconhece a transmissão intergeracional de normas de gênero, exemplificada pela mãe da Merida em <i>Valente</i>. Isso destaca como as normas culturais e familiares são perpetuadas ao longo do tempo.</p>
<p>"Teve uma amiga minha que postou uma frase assim 'somos espelhos dos nossos pais'. Inconscientemente, algumas coisas sim, mas os pais querem que a gente viva aquilo que eles não viveram ou fazem a gente viver a mesma coisa. No caso de Merida, ter um pretendente, casar [...] não foi para a vida dela, foi pra vida da mãe, que a mãe queria isso. Só que não é bem desse jeito que as coisas funcionam mais." (Bela, 17 anos)</p>	<p>Discute a ideia de que as expectativas dos pais muitas vezes refletem seus próprios desejos e experiências, destacando a pressão intergeracional para conformar-se a certos papéis de gênero. Isso ilustra como as normas de gênero são transmitidas e desafiadas ao longo do tempo.</p>
<p>"Eu acho que como se a pessoa quando ela é pequena, mais pequena, né, quando ela é maior aí ela já acaba desistindo, mas quando é pequena, os pais querem isso, ela vai fazer isso, aí ela acaba que faz isso e continua fazendo isso sempre porque nunca teve aquela outra experiência. [...] Quando a pessoa vai ficando mais velha, acho que ali pelos 10, assim, que ela começa ver que ela poderia fazer outras coisas, mas que os pais às vezes não apresentam, não deixam, enfim." (Cinderela, 14 anos)</p>	<p>Sugere que a falta de exposição a diferentes experiências desde a infância pode influenciar a continuidade dos papéis de gênero. Isso reflete a importância do microsistema na formação das identidades e na socialização de gênero.</p>
<p>"Ou porque amigos também, né? 'Ah, meus amigos fazem isso'." (Cinderela, 14 anos)</p>	<p>Destaca a influência dos amigos na conformidade com padrões de gênero, ressaltando a relevância dos diversos microsistemas na construção das identidades e na socialização de adolescentes.</p>

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
<p>"[...] sobre esses papéis que a gente tá conversando, eu já vi bastante coisa [na escola], [...] eu já vi bastante alguns comentários, tinha bastante meninas lá de cabelo curtinho, sabe? Estilo Joãozinho, como chamam, e sempre falavam 'ah...', juntavam também não só opinião deles, como 'ah, isso deveria ser só coisa de menino', como uma opinião também querendo definir a sexualidade dessa pessoa por ser de um jeito mais "masculino", com certeza, ela também gosta de outras meninas. Então, era sempre assim, aquela forma ditada, sabe?" (Bela, 17 anos)</p>	<p>Relata experiências na escola onde as normas de gênero e sexualidade são impostas e reforçadas pelos colegas. Isso demonstra como o ambiente escolar, como parte do microsistema, influencia a percepção e a expressão de gênero.</p>
<p>"Inclusive, até hoje tem muita coisa, tipo, na minha escola, tipo, tem um monte de meninos e meninas hoje da comunidade LGBT e que, tipo, a pessoa lá na escola corta o cabelo super curtinho, diz que tá igual de homem. A pessoa na escola, tipo, não se identifica com o nome e acaba tendo essa questão de pedir pro professor pedir para poder chamar de outro tipo de nome e acabar até sendo desrespeitado porque o professor acaba não querendo chamar ou a diretora acaba não aceitando e é isso que acontece bastante." (Mulan, 13 anos)</p>	<p>Aborda os desafios enfrentados por colegas LGBTQIAP+ na escola, destacando a resistência dos educadores em reconhecer identidades diversas. Isso evidencia como o ambiente escolar pode ser tanto um fator de risco quanto de proteção na socialização de gênero.</p>
<p>"[...] também tem na escola que a gente vê muito em relação a isso. Em filosofia vê muito, em história também, a gente já viu muito em relação a evolução [das questões de gênero]". (Mulan, 13 anos)</p>	<p>Menciona como as disciplinas escolares, como filosofia e história, contribuem para a discussão e percepção da evolução das questões de gênero. Isso mostra a importância do ambiente educacional na formação da identidade de gênero.</p>

Subtema 2.2 - Reino Encantado: Exossistema

O subtema *Reino Encantado: Exossistema* aborda os ambientes ou sistemas que, embora não envolvam diretamente as participantes, exercem influência significativa na socialização de gênero. Esses contextos incluem o trabalho de familiares, a escola²², as mídias de massa e as políticas públicas, moldando as normas e expectativas de gênero que afetam a socialização das adolescentes em seus microsistemas.

O ambiente escolar desempenha um papel crucial na formação das normas de gênero e na socialização dos adolescentes, conforme ilustrado pelas experiências compartilhadas pelas participantes. Mulan (13 anos), por exemplo, destaca as restrições impostas às meninas em

²² A escola aqui mencionada, refere-se à instituição escolar que se distingue da sala de aula referenciada anteriormente como microsistema.

relação à vestimenta na escola, evidenciando como as normas de gênero são reforçadas no microsistema escolar. Segundo ela:

Na minha escola mesmo, menina não pode ir de short, tem que todo dia ir de calça ou com short da escola e não poder tipo ir com um short comportado, sabe? Não pode porque 'ah, sei lá o quê, vai atijar os meninos'. Uma coisa que, tipo, eles deveriam brigar com os meninos por ter feito tal coisa e não com as meninas por estarem vestindo uma roupa, entendeu? Uma coisa que acontece muito, que me deixa com muita raiva, é quando em vários filmes e séries, acontece da diretora tipo defender, não as meninas, mas os meninos por estarem olhando a menina de forma errada, isso me deixava com muita raiva porque tipo, eu não tenho culpa da roupa que eu uso, é uma roupa normal como a dos os meninos, tipo, os meninos podem andar sem camisa, agora menina não pode usar roupa mostrando a barriga, entendeu?" (Mulan, 13 anos)

A fala de Mulan (13 anos) destaca a importância de considerar o microsistema como um agente influente no desenvolvimento e na internalização de estereótipos de gênero (Bronfenbrenner, 1979/1996, 2005/2011; Leaper & Brown, 2014; Blasco & Grau-Alberola, 2019). Além disso, esse exemplo amplia a discussão ao abordar a culpabilização das meninas pela atenção inadequada dos meninos, propondo uma abordagem que responsabilize os meninos por suas ações e destaque a necessidade de educação sobre respeito e igualdade de gênero (Butler, 1990/2022).

Por outro lado, Cinderela (14 anos) destaca as normas sociais subjacentes à segregação por gênero em atividades extracurriculares escolares, observando como algumas atividades são designadas exclusivamente para meninos ou meninas. Essa observação evidencia a interseção complexa entre normas sociais, segregação de gênero e o ambiente escolar, enfatizando a importância de questionar e desafiar essas práticas para promover ambientes escolares mais

inclusivos e igualitários (Bronfenbrenner, 1979/1996, 2005/2011; Collins, W. A. & Laursen, 2004; Eccles, 2004; Berenbaum et al., 2008; Leaper & Brown, 2014).

Bela (17 anos), por sua vez, oferece insights úteis sobre a importância de permitir e encorajar a participação feminina em atividades esportivas escolares. Em sua escola, "se as meninas queriam jogar futebol, era tranquilo [...] todo mundo misturava [...] era difícil achar algumas meninas para completar o time, porque eram pouquíssimas meninas que jogavam" (Bela, 17 anos). Sua experiência demonstra como políticas escolares que promovem a igualdade de oportunidades contribuem para desafiar normas de gênero e para a formação de uma identidade de gênero mais inclusiva e diversificada entre os adolescentes (Bronfenbrenner, 1979/1996, 2005/2011; Brown, B. B. 2004; Eccles, 2004; Galambos, 2004; Blasco & Grau-Alberola, 2019). Ao permitir que as meninas participem igualmente em atividades esportivas, as escolas podem criar um ambiente que promove o desenvolvimento saudável e a autoestima das adolescentes, ao mesmo tempo em que desafia estereótipos de gênero arraigados.

Merida (14 anos) e Bela (17 anos) ressaltam a relevância da internet como componente na formação de suas perspectivas sobre questões de gênero. As mídias de massa e a internet também são destacadas como influentes no exossistema. A pesquisa de L. Monique Ward e Petal Grower (2020) sobre a mídia e o desenvolvimento de estereótipos de gênero resalta como a representação de gênero na mídia pode influenciar as percepções e comportamentos das adolescentes. Merida (14 anos) resalta o papel da internet na formação de opiniões e na exposição a diferentes perspectivas sobre gênero. De acordo com ela: "hoje em dia tudo se vê na internet, então eu pego mais na internet, mas eu também debato muito com a minha mãe ou então com os meus colegas" (Merida, 14 anos).

Bela também usa a internet com essa finalidade, mas enfatiza a importância da internet, com cautela, devido à presença de notícias falsas. Essas perspectivas ilustram como a internet, como fonte de informação, desempenha um papel significativo na construção das visões

individuais sobre questões de gênero (Bronfenbrenner, 1979/1996, 2005/2011), além de, como mídia de massa, possuir um papel relevante na formação de estereótipos de gênero (Ward, L. M. & Grower, 2020). Adicionalmente, é importante salientar que a preocupação de Bela em verificar a veracidade das informações antes de aceitá-las destaca a importância da alfabetização midiática na era digital.

Outras experiências compartilhadas por Bela (17 anos), mesmo que indiretamente, demonstram como a perspectiva interseccional complexifica as experiências relacionadas à socialização de gênero. Em suas palavras:

Eu tenho bastante amigos e [...] onde a gente anda tem muitos policiais e eles sempre ficam doidos pra enquadrar alguém e [...] são sempre meus amigos que têm a cor mais escura [...] chegou alguns policiais e mandaram as pessoas ficarem na parede com a mão na cabeça [...] eu fui fazer a própria policial falou 'ah, você não precisa' e falou assim 'só essas três aqui' e eram meninas que tinham a cor de pele mais escura que a minha, eram minhas amigas [...] só tinha uns dois meninos da minha cor [...] o resto era tudo de cor escura, eram negros, pretos, e os policiais botaram pra lascar neles [...] mesmo sem encontrar nada [...]. (Bela, 17 anos)

Esse relato exemplifica como fatores externos, como instituições sociais, podem impactar significativamente o desenvolvimento individual (Bronfenbrenner, 1979/1996, 2005/2011). Essa narrativa não apenas ilustra a influência da raça nas interações com o sistema policial, mas também ressalta as complexidades das identidades sociais múltiplas, alinhando-se à perspectiva interseccional. A interação de múltiplas identidades sociais, como raça e gênero, molda as experiências individuais (Crenshaw, 1989, 2016; Collins, P. H. & Bilge, 2021).

Essa interseção de teorias ressalta como as disparidades raciais estão intrinsecamente ligadas a sistemas sociais mais amplos que moldam a vivência de Bela (17 anos) e de outros

jovens. Essa compreensão enriquece a discussão, fornecendo uma visão mais completa das influências no desenvolvimento dos adolescentes, considerando não apenas fatores individuais, mas também estruturais e sociais.

Além disso, a experiência de discriminação vivenciada pela tia de Bela (17 anos) ressalta outra dimensão das interseções entre identidade, oportunidades e discriminação. A situação ilustra como a capacidade física pode influenciar as oportunidades profissionais e interações sociais (Bronfenbrenner, 1979/1996, 2005/2011) e ainda demonstra que uma situação experienciada por um familiar pode impactar uma jovem em desenvolvimento, mesmo que de maneira indireta. Nas palavras da participante:

Eu tenho uma tia que ela é deficiente e ela é psicóloga também. Teve uma vez que ela ia dar uma palestra. Tavam escolhendo algumas pessoas para dar palestra numa escola, que era uma escola bem assim de gente que tem um nível alto de dinheiro. E quando tavam fazendo as escolhas de quem iria apresentar em tal escola, teve uma moça que falou assim "ah, eu quero essa psicóloga aqui para falar lá na escola". E a minha tia falou assim "ah, eu sou parceira dela, a gente conversa, a gente sempre faz junto, se quiser, também posso fazer junto, sem problema". Aí ela "eu acho melhor não, acho melhor deixar só ela mesmo". Aí minha tia ficou meio que sem entender, né, ela falou "é por conta das pessoas que frequentam a escola, dos pais, eu acho melhor levar ela mesmo, só". Aí minha tia "eu não entendi direito o que a senhora tá querendo falar, a senhora tá dizendo que é por conta da minha deficiência?" Aí ela, a mulher, falou diretamente: "Também é isso". Aí eu fiquei "meu Deus..." (Bela, 17 anos)

A análise integrativa dessa perspectiva fornece uma visão mais completa das interseções entre gênero, raça, deficiência e oportunidades profissionais, além de destacar a importância de uma abordagem interseccional no estudo do desenvolvimento humano, reconhecendo e explorando as diversas formas pelas quais as identidades e sistemas sociais se entrelaçam para

moldar as trajetórias de vida das pessoas. As produções culturais, como os contos de fadas, acabam por reproduzir esses estereótipos, como observado por Leduc (2020). A experiência de discriminação vivenciada pela tia de Bela (17 anos) ressoa as reflexões de Leduc sobre como as representações culturais podem influenciar as percepções e atitudes em relação à deficiência. Portanto, as produções culturais, como os contos de fadas, acabam por reproduzir esses estereótipos, ampliando ainda mais a complexidade das interseções entre gênero, raça, deficiência e outros aspectos da identidade humana.

A análise das experiências compartilhadas pelas participantes, apresentadas na íntegra na Tabela 8, revela a complexidade das influências externas na socialização de gênero das adolescentes. Ao explorar os intrincados sistemas que permeiam suas vidas, desde a escola até a comunidade religiosa, passando pelas mídias de massa, torna-se evidente a urgente necessidade de uma abordagem interseccional no estudo do desenvolvimento humano. Este enfoque permite uma compreensão mais abrangente das interseções complexas entre gênero, raça, deficiência e oportunidades profissionais, ressaltando a intrínseca relação entre identidades individuais e sistemas sociais. Por outro lado, cabe reconhecer que, apesar do desejo de explorar mais essas questões do ponto de vista das participantes, não foi possível devido à forma como as entrevistas foram concebidas e conduzidas.

Tabela 8 Citações ilustrativas do subtema *Reino Encantado: Exossistema*

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
"Na minha escola mesmo, menina não pode ir de short, tem que todo dia ir de calça ou com short da escola e não poder tipo ir com um short comportado, sabe? Não pode porque 'ah, sei lá o quê, vai atçar os meninos'. Uma coisa que, tipo, eles deveriam brigar com os meninos por ter feito tal coisa e não com as meninas por estarem vestindo uma roupa, entendeu? Uma coisa que acontece muito, que me deixa com muita raiva, é quando em vários filmes e séries, acontece da diretora tipo defender, não as meninas, mas os meninos por estarem olhando a menina de forma errada, isso me deixava com muita raiva porque tipo, eu não tenho culpa da roupa que eu uso, é uma roupa normal como a dos os meninos, tipo, os meninos podem	Ilustra como as normas de gênero são reforçadas no ambiente escolar, impondo restrições desiguais às meninas e culpabilizando-as pelo comportamento dos meninos. Isso revela a perpetuação de estereótipos de gênero que responsabilizam as meninas pela atenção inadequada que recebem, destacando a necessidade de uma abordagem educativa que promova a igualdade de gênero e res-

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
<p>andar sem camisa, agora menina não pode usar roupa mostrando a barriga, entendeu?" (Mulan, 13 anos)</p>	<p>ponsabilize os meninos por suas ações.</p>
<p>"Ah, eu acho que na escola, tipo, a questão da educação física, às vezes, né, que tem duas atividades, daí uma só pros meninos e uma só pras meninas ou atividades extracurriculares que às vezes, tipo, na [nome da escola] pra qualquer um, mas às vezes, muitas é tipo, ah, esses são os pros meninos, esses são pras meninas." (Cinderela, 14 anos)</p>	<p>Evidencia a segregação de gênero em atividades escolares, onde certas atividades são designadas exclusivamente para meninos ou meninas. Isso demonstra como as normas sociais são reproduzidas no ambiente escolar, perpetuando estereótipos de gênero e limitando as oportunidades para uma socialização mais inclusiva e igualitária.</p>
<p>"Nessa escola que eu terminei o ensino médio, não, não teve nada dessas coisas, sempre misturavam. Se as meninas queriam jogar futebol, era tranquilo, na educação física também, e vários outros jogos também, todo mundo misturava, assim, brincava. Era até um pouco difícil, o próprio diretor deixava as meninas jogarem futebol, mas era difícil achar algumas meninas para completar o time, porque eram pouquíssimas meninas que jogavam. Inclusive, as meninas que jogavam, elas jogam até hoje, né? Elas levam bem a sério, é uma coisa que elas querem bastante, e a gente dava apoio, só que para jogar futebol feminino tinha que ter aquela quantidade de pessoas, e não tinha, que tinha um pouquíssimos, e acabava tendo que misturar. Aí, tinham algumas regrinhas assim, pros meninos tomarem cuidado, mas nada de que não podia porque é uma coisa de menino ou é uma coisa de menina." (Bela, 17 anos)</p>	<p>Destaca uma abordagem mais inclusiva em sua escola, onde a participação feminina em atividades esportivas é encorajada. Isso demonstra como políticas escolares que promovem a igualdade de oportunidades podem desafiar normas de gênero e contribuir para um ambiente mais inclusivos e diversificados entre os adolescentes.</p>
<p>"Hoje em dia tudo se vê na internet, então eu pego mais na internet, mas eu também debato muito com a minha mãe ou então com os meus colegas aqueles que estão por dentro dos assuntos, então a gente sempre tá antenado para saber o que que se passa e como que o mundo tá melhorando a partir de todas as questões. Então a internet e a minha mãe e debater com os meus colegas, amigos é a minha principal fonte. Então eu sempre procuro saber mais alguma coisa. Eu normalmente leio artigos, eu leio artigos ou então vejo notícias e de acordo com essas notícias eu conto para alguém e vou falando a respeito, ou então eu procuro a saber mais e a ler mais, a estudar mais sobre o assunto, é mais isso que eu faço." (Merida, 14 anos)</p>	<p>Ilustra como a internet e os debates com familiares e amigos são fundamentais na formação de suas opiniões sobre questões de gênero. Isso destaca a importância das mídias de massa e das interações sociais no exossistema na construção das perspectivas individuais sobre gênero, mostrando como esses recursos podem ampliar o conhecimento e a compreensão das adolescentes sobre o mundo ao seu redor.</p>
<p>"Tem a internet, a TV eu raramente assisto, mas quando eu assisto, eu vejo bastante notícias também. Assim, tem minha avó, ela não é formada em nada assim, mas ela sempre conversa comigo sobre as coisas que eram, como eram antigamente, no tempo dela, e como é agora. Mas é mais pela internet. Mas eu sempre tomo cuidado, obviamente, né, porque a internet tá cheia de notícias falsas, até quando leio uma notícia que eu queria muito ler ou ouvir, né, eu fico primeiro, eu vou ver se isso é verdade ou não, e saio catando pra ver se</p>	<p>Destaca a importância da internet como fonte de informação, mas também ressalta a necessidade de cautela devido à presença de notícias falsas. Isso enfatiza a relevância da alfabetização midiática na era digital, onde a verificação da veracidade das informações é essencial para a formação de opiniões críticas.</p>

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
<p>é verdade se não é, porque mesmo que eu queira muito, eu tenho que saber se realmente é verdade ou não. Eu quero que seja verdade mesmo."(Bela, 17 anos)</p>	
<p>"Eu tenho bastante amigos e a gente sempre sai juntos e assim, onde a gente anda tem muitos policiais e eles sempre ficam doidos pra enquadrar alguém e sempre que enquadram alguém, são sempre meus amigos que têm a cor mais escura, nunca é eu ou os meus amigos que têm a mesma cor de pele que eu, e realmente isso é uma coisa muito, muito real, muito, bastante. [...] Eu lembro até que teve uma vez que tava todo o meu grupo de amigos, nem estávamos fazendo nada chamando atenção nem nada, mas chegou alguns policiais e mandaram as pessoas ficarem na parede com a mão na cabeça, né, e assim, quando eu fui fazer a própria policial falou 'ah, você não precisa' e falou assim 'só essas três aqui' e eram meninas que tinham a cor de pele mais escura que a minha, eram minhas amigas, e os meninos só tinha uns dois meninos da minha cor de pele também e o resto era tudo de cor escura, eram negros, pretos, e os policiais botaram pra lascar neles, até bateram neles mesmo sem encontrar nada, sem ter nada e a gente só ficou lá olhando e eu desesperada, porque até o meu namorado tava nesse meio." (Bela, 17 anos)</p>	<p>Destaca a discriminação racial nas interações com a polícia, ilustrando como fatores externos, como instituições sociais, impactam significativamente o desenvolvimento individual. Isso ressalta a necessidade de uma abordagem interseccional que considere as múltiplas identidades sociais, como raça e gênero, na análise das experiências das adolescentes.</p>
<p>"Eu tenho uma tia que ela é deficiente e ela é psicóloga também. Teve uma vez que ela ia dar uma palestra. Tavam escolhendo algumas pessoas para dar palestra numa escola, que era uma escola bem assim de gente que tem um nível alto de dinheiro. E quando tavam fazendo as escolhas de quem iria apresentar em tal escola, teve uma moça que falou assim 'ah, eu quero essa psicóloga aqui para falar lá na escola'. E a minha tia falou assim 'ah, eu sou parceira dela, a gente conversa, a gente sempre faz junto, se quiser, também posso fazer junto, sem problema.' Aí ela 'eu acho melhor não, acho melhor deixar só ela mesmo'. Aí minha tia ficou meio que sem entender, né, ela falou 'é por conta das pessoas que frequentam a escola, dos pais, eu acho melhor levar ela mesmo, só.' Aí minha tia 'eu não entendi direito o que a senhora tá querendo falar, a senhora tá dizendo que é por conta da minha deficiência?' Aí ela, a mulher, falou diretamente: 'Também é isso'. Aí eu fiquei 'meu Deus...'" (Bela, 17 anos)</p>	<p>Ilustra como fatores de identidade, como deficiência, podem influenciar as oportunidades profissionais e interações sociais. Isso destaca a importância de uma abordagem interseccional no estudo do desenvolvimento humano, reconhecendo as diversas formas pelas quais as identidades e sistemas sociais se entrelaçam para moldar as trajetórias de vida das pessoas.</p>

Subtema 2.3 - Além da Floresta: Macrossistema

O subtema *Além da Floresta: Macrossistema* desdobra-se em uma análise profunda sobre como o contexto cultural e social mais amplo influencia a construção das expectativas e normas de gênero, afetando diretamente os microssistemas e exossistemas das adolescentes. As reflexões compartilhadas pelas participantes convergem para o entendimento de que os papéis

de gênero não estão intrinsecamente ligados à biologia, mas são, de fato, moldados por uma complexa teia de fatores sociais, históricos e culturais. Este consenso inicial serve como alicerce para a discussão subsequente, na qual cada participante, com suas experiências e percepções únicas, contribui para um entendimento mais rico do macrosistema. Este engloba desde políticas governamentais e valores culturais até condições sociais e padrões econômicos, desempenhando um papel crucial na formação das percepções individuais e na internalização dos papéis de gênero.

Mulan (13 anos) reflete sobre a evolução das expectativas sociais em relação à maternidade e ao casamento, dizendo:

[...] antigamente, tipo assim, se a mulher não casava e engravidava era puta, solteira não podia, tinha que ser casada, se tivesse esse filho pior ainda. E tipo já hoje eu acho que isso é menos, sabe? Mas mesmo assim tem aquela cobrança, sabe? Para mãe solo e também por a pessoa não querer casar. (Mulan, 13 anos)

Esta fala expõe como o machismo e a misoginia, como parte do macrosistema, impactam as normas de gênero e o julgamento social, moldando as normas sociais que limitam as escolhas e liberdades das mulheres, promovendo estigmas contra mães solteiras e mulheres que optam por não seguir o padrão tradicional de casamento e maternidade. Esses valores tradicionais de gênero perpetuam desigualdades e pressões sociais, restringindo a autonomia das mulheres e mantendo a estrutura patriarcal que subordina as mulheres em diferentes esferas da sociedade. Essa perspectiva está alinhada com a visão sobre a influência dos valores culturais e sociais no desenvolvimento humano, destacando como as normas de gênero são internalizadas e reproduzidas em diferentes contextos sociais (Bronfenbrenner, 1979/1996, 2005/2011).

Além disso, ainda que haja uma diminuição na pressão comparada ao passado, persiste uma cobrança social em relação ao papel das mulheres na maternidade e no casamento. Ao mencionar também uma expectativa masculina nos dias de hoje, "vou querer uma mulher para

poder me dar comida, limpar a minha casa, ficar me esperando de braços abertos" (Mulan, 13 anos), a jovem ressoa a pesquisa de Blasco e Grau-Alberola (2019), que indica uma evolução diferencial na presença de estereótipos de gênero por sexo, tendendo a diminuir nas mulheres e aumentar nos homens.

A perpetuação de estereótipos encontra força na representação de gênero nas mídias, que, conforme percebido por Bela (17 anos),

Tem até novela que eu assisto [...], tem uns personagens que estão mais conservadores e tem alguns que já são mais atualizados, vamos dizer assim. E tem muito disso, de "ah, uma mulher tem de casar com um homem", não só nessa novela, mas em várias outras, em situações reais também principalmente de que a mulher tem que casar com um homem, ter filhos com ele. (Bela, 17 anos)

Sua observação destaca a influência do macrosistema cultural na transmissão dessas expectativas através da mídia e está em consonância com as discussões sobre como a indústria do entretenimento contribui para o desenvolvimento de estereótipos de gênero, destacando a importância dos contextos culturais na formação das percepções e expectativas de gênero (Ward, L. M. & Grower, 2020).

Mulan (13 anos) traz à tona a mudança de perspectiva entre gerações, indicando uma evolução nas concepções de gênero ao longo do tempo:

Sempre que bisa fala isso, minha avó sempre acaba falando "mãe, hoje em dia as coisas são diferentes, as coisas são mais atualizadas, ninguém mais quer um homem que banque você. Todo mundo quer ser independente. Hoje em dia as coisas são diferentes", minha mãe até fala "vó, não existe isso mais, não existe um homem tá bancando sua casa sozinho, entendeu? Não existe". Minha avó já é bem atualizada, minha tia também, minha mãe também, tudo atualizado. (Mulan, 13 anos)

Essa ideia reflete a noção da dinâmica intergeracional na transmissão de valores e normas culturais, destacando como as mudanças sociais podem moldar as percepções e comportamentos em relação ao gênero (Bronfenbrenner, 1979/1996, 2005/2011).

Bela também discute como as normas de gênero são transmitidas entre gerações, sugerindo uma mudança gradual nas expectativas ao longo do tempo. Ao comentar sobre a semelhança entre sua mãe e a Rainha Elinor, mãe de Merida, Bela (17 anos) reconhece:

[...] eu compreendo minha mãe, ela foi criada assim, então, eu tenho para mim, que a mãe da Merida, ela foi criada de um jeito e acabou se transformando desse jeito porque talvez ela não tinha nenhum outro espelho do que era ser princesa, sabe? Então acho que ela passa isso de mãe pra filha e ela vai querer que siga adiante, mas, como a gente sabe, não é bem assim, não é bem desse jeito, são diversas gerações. (Bela, 17 anos)

A transmissão de normas de gênero dentro de uma perspectiva de mudança gradual nas expectativas ao longo do tempo também é apoiada pelo conceito de cronossistema, além de ser um exemplo de como o macrossistema cultural pode moldar as interações dentro dos microsistemas familiares (Bronfenbrenner, 1979/1996, 2005/2011).

Além disso, Bela (17 anos) menciona como as normas de vestimenta são ensinadas, destacando a influência do macrossistema nas expectativas relacionadas à imagem corporal: "[...] as pessoas não podem usar roupas curtas ou transparentes ou que mostrem o corpo porque é uma forma de 'denegrir' a imagem" (Bela, 17 anos, aspas incluídas manualmente pela participante). Essa observação se alinha com estudos sobre desenvolvimento de gênero que exploram a internalização de normas de gênero durante a adolescência (Berenbaum et al., 2008).

Mulan (13 anos) discute o estigma associado à expressão emocional masculina: "[Alguns homens têm maior dificuldade para expressar os sentimentos] Porque assim, eu acho que isso tem muito a ver com 'ah, para de fazer isso, tá parecendo mulher, mulherzinha' ou 'ah,

um homem fez isso, humm, tá com cara de que é alguma coisa" (Mulan, 13 anos). A dificuldade que alguns homens têm para expressar sentimentos é um reflexo das expectativas de gênero que desencorajam a vulnerabilidade masculina e se relaciona com a análise sobre os processos de construção de identidade de gênero e como eles são influenciados por normas sociais (Butler, 1990/2022).

A reflexão de Bela (17 anos) sobre a evolução das normas ao longo das gerações indica a influência do macrossistema na transformação das perspectivas sobre gênero: "Eu acho que [se eu tiver uma criança] vai ser bem diferente [a forma como ela verá os filmes das Princesas]" (Bela, 17 anos). Sua fala ressoa a ideia de evolução das normas sociais além da interação entre sistemas, evidenciando como as mudanças nas normas culturais ao longo do tempo podem influenciar as perspectivas individuais (Blasco & Grau-Alberola, 2019). Bela (17 anos), ao discutir a possível evolução das perspectivas sobre gênero ao longo do tempo, ilustra um fenômeno que sugere que mudanças no macrossistema, como evoluções sociais e culturais, influenciam a dinâmica dos sistemas internos (Bronfenbrenner, 1979/1996, 2005/2011). Além disso, a citação da adolescente dialoga com as análises que discutem a evolução das expectativas de gênero durante o desenvolvimento (Berenbaum et al., 2008).

Nesse exercício de futurologia, Cinderela (14 anos) destaca como a evolução tecnológica no macrossistema, como a conectividade à internet, poderá moldar a percepção das gerações futuras em relação às animações e às normas de gênero:

[Se um(a) filho(a) quiser assistir essas animações] acho que eles vão ver muito diferente do que eu via, por eles não vão ser da mesma geração, eles não vão ter os mesmos brinquedos, as mesmas coisas que eu. [...] Eles vão ser muito mais conectados à internet, então eles vão saber muito mais coisas antes, às vezes não ter aquele olhar que a gente tinha. (Cinderela, 14 anos).

A maneira como as crianças interagem com a mídia e absorvem informações é profundamente influenciada pelo macrosistema em constante mudança. Apesar da perspectiva otimista de Cinderela (14 anos), é crucial reconhecer que, embora a internet forneça acesso a uma ampla gama de informações, também pode ser um veículo para disseminação de conteúdos prejudiciais, como discursos de ódio, ideologias extremistas e misoginia. A propagação de informações falsas é uma preocupação crescente, visto que a internet oferece espaço para a disseminação de notícias distorcidas e desinformação (Brito & Vieira, 2023).

O crescimento da extrema direita e dos grupos misóginos radicais é uma realidade preocupante que não pode ser ignorada. Fatores de risco para a radicalização, como a exposição a ideologias extremistas, têm sido identificados em diversas pesquisas (Rolim, 2023). Além disso, estudos como o de Weber, Vandebosch, Poels e Pabian (2024) mapeiam as perspectivas de especialistas sobre os impulsionadores da perpetração do discurso de ódio online, evidenciando a complexidade e a gravidade desse fenômeno. Muitos jovens têm sido influenciados por essas ideologias, seja por meio das redes sociais, de comunidades online ou de influenciadores digitais. Castaño-Pulgarín, Suárez-Betancur, Vega e López (2021) realizaram uma revisão sistemática sobre a relação entre internet, mídias sociais e discurso de ódio online, evidenciando a influência desses canais na disseminação de mensagens intolerantes e prejudiciais.

A facilidade de acesso a conteúdos polarizados e a falta de discernimento crítico podem levar jovens a adotar posturas conservadoras e intolerantes. A polarização política é alimentada pela disseminação seletiva de informações através das mídias sociais, contribuindo para a fragmentação da sociedade e o fortalecimento de visões extremistas (Kubin e von Sikorski, 2021). Portanto, embora a internet proporcione acesso a uma vasta quantidade de informações, é essencial reconhecer os riscos associados ao seu uso, especialmente entre os jovens, e trabalhar para promover uma cultura digital mais responsável e crítica.

Merida (14 anos), por sua vez, critica a visão tradicional que relega às mulheres o papel de fragilidade e limitação em atividades mais pesadas, enquanto os homens são vistos como provedores dominantes. Ela afirma que "a sociedade normalmente espera que nós, mulheres, sejamos o papel mais frágil... esse é o papel que a sociedade meio que vem nos empurrando até hoje" (Merida, 14 anos). A luta por uma sociedade mais igualitária é um reflexo do desejo de mudança e, conseqüentemente, sobre como o macrossistema influencia a evolução das normas e valores culturais de uma sociedade patriarcal, que historicamente submeteu as mulheres a papéis domésticos e as mantinha dentro de casa (Bronfenbrenner, 2005/2011; Blasco & Grau-Alberola, 2019).

Merida (14 anos) também aborda as diferenças na segurança nas ruas e na remuneração no trabalho, evidenciando as disparidades de gênero na sociedade já que

O homem consegue sair na rua sem perigo nenhum já a mulher não. A sociedade já vem dando esse medo na gente, né? Tipo também, quando uma mulher vai trabalhar, ela tá no mesmo cargo que um homem, normalmente ela não recebe o mesmo que o homem. Tem essa distinção de importância entre os gêneros que a sociedade coloca. (Merida, 14 anos)

Esta diferença nas experiências cotidianas entre homens e mulheres manifesta as estruturas sociais mais amplas que perpetuam a desigualdade de gênero, uma discussão que pode ser enriquecida pelas ideias de Cerqueira-Santos (2021) sobre como políticas governamentais e estruturas sociais contribuem para essas desigualdades. Além disso, as diferenças na segurança nas ruas e na remuneração no trabalho são exemplos de como o macrossistema pode perpetuar a desigualdade de gênero.

A pressão para se conformar aos padrões estéticos é criticada por Mulan (13 anos), que condena a busca incessante pela perfeição. Segundo ela, essa preocupação acaba recaindo mais sobre mulheres, diante do preconceito que podem sofrer. Em suas palavras:

Tipo, “ah, mulher não pode ser peluda, nem gorda”, acontece muito. Agora homem pode ter pelo em tudo quanto é lugar, mulher não pode, homem pode ter barriga, mulher também não pode, tem que ser chapada, do peito duro, das bundonas e das pernas. [...] Eu acho horrível. Eu vou te falar a verdade, eu acho péssimo isso tanto para a autoestima das mulheres, né? Eu odeio esse padrão de beleza que os homens instalam para as mulheres tanto os homens, a sociedade toda bota esses padrões de beleza, e a mulher acaba indo atrás da perfeição, perfeição, perfeição que pode prejudicar ela mais ainda, tanto a saúde mental dela quanto o corpo dela, a saúde dela mesmo, o bem-estar dela. (Mulan, 13 anos)

Esta busca, ditada por padrões estabelecidos pela sociedade e pela mídia, demonstra como o macrossistema influencia diretamente as normas de beleza, afetando negativamente a saúde mental e física das mulheres. Esta observação ressoa as discussões de Martinez (2015) sobre como a moda e a publicidade funcionam como tecnologias de gênero do macrossistema, moldando percepções e escolhas individuais, além de se relacionar diretamente com as repercussões provocadas pelos dispositivos de gênero à saúde mental (Zanello, 2018, 2022).

Apesar de todos os exemplos compartilhados pelas participantes com relação à influência do contexto cultural e social na construção das expectativas e normas de gênero e perpetuação dos estereótipos relacionados, as adolescentes percebem algumas transformações visando a diminuição das desigualdades não apenas relacionadas ao gênero, mas à raça/etnia, sexualidade, classe social e demais marcadores sociais.

No universo das adolescentes, emerge a percepção de Mulan (13 anos) sobre a transformação nos papéis de gênero na mídia. Ela observa uma mudança notável, expressando como filmes e séries contemporâneos estão cada vez mais distantes dos tradicionais estereótipos de gênero. Essa observação de Mulan (13 anos) ilustra a influência direta do macrossistema cultural na construção de narrativas de gênero na mídia. Como apontado por L. Monique Ward

e Petal Grower (2020), a mídia desempenha um papel crucial no desenvolvimento de estereótipos de gênero, refletindo e moldando as expectativas sociais. Portanto, a percepção de Mulan (13 anos) ressoa a ideia de que a evolução cultural afeta diretamente a representação de gênero na mídia, contribuindo para a desconstrução de papéis tradicionais.

A fala de Merida (14 anos) adiciona uma camada à discussão, ao discutir como o macrossistema influencia a inclusão de pessoas com deficiência no trabalho, evidenciando a interseccionalidade entre gênero, deficiência e classe social:

O Brasil hoje é um país que tá lutando por muitas coisas, por questão da comunidade LGBT, questão racial, de classe social. Esses tempos de pandemia mesmo o pessoal discutiu e debateu muito esses temas. Então eu acho que deficiência é um negócio que mais pesa porque empresas, elas não escolhem aquelas pessoas que podem dificultar [faz aspas com as mãos] de alguma forma o rendimento da empresa. (Merida, 14 anos)

Ela destaca as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência no ambiente de trabalho, enfatizando como o macrossistema influencia a inclusão e oportunidades para esses indivíduos. A interseccionalidade reconhece a sobreposição de identidades e sistemas de opressão, destacando que as experiências de discriminação são moldadas por uma interação complexa de fatores (Crenshaw, 1989, 2016; Collins, P. H. & Bilge, 2021). Dessa forma, a fala de Merida (14 anos) destaca como as normas e expectativas do macrossistema podem afetar diferentes grupos de maneiras distintas, destacando a importância de uma abordagem interseccional nas discussões sobre gênero.

Além disso, Merida (14 anos) expande a discussão ao abordar a evolução gradual das discussões sobre discriminação e preconceito: "Evoluíram, mas ainda tem muita coisa a evoluir ainda porque a gente ainda tá debatendo, ainda tá criando discussões sobre esses casos" (Merida, 14 anos). Sua observação destaca a complexidade do macrossistema na evolução de questões relacionadas a gênero, raça e outras formas de discriminação. Isso está alinhado com

a perspectiva de Mistry e Dutta (2015), que enfatiza a dinâmica entre desenvolvimento humano e cultura, indicando que as mudanças sociais são processos em andamento. O reconhecimento de Merida (14 anos) de que as discussões ainda estão em curso enfatiza a necessidade contínua de reflexão e engajamento com essas questões para promover uma sociedade mais inclusiva.

Em suma, as falas das adolescentes, mostradas integralmente na Tabela 9, ilustram a complexa dinâmica entre o macrossistema e a construção das expectativas e normas de gênero. As mudanças culturais e sociais, refletidas em diferentes meios e interações sociais, afetam diretamente os microssistemas e exossistemas das adolescentes, moldando suas experiências e percepções de gênero. A análise do subtema *Além da Floresta: Macrossistema* destaca a importância de abordagens inclusivas e igualitárias em relação ao gênero, bem como a necessidade de considerar a interseccionalidade e a evolução cultural ao analisar a construção da identidade de gênero e as expectativas associadas a ela.

Tabela 9 Citações ilustrativas do subtema *Além da Floresta: Macrossistema*

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
"[...] antigamente, tipo assim, se a mulher não casava e engravidava era puta, solteira não podia, tinha que ser casada, se tivesse esse filho pior ainda. E tipo já hoje eu acho que isso é menos, sabe? Mas mesmo assim tem aquela cobrança, sabe? Para mãe solo e também por a pessoa não querer casar." (Mulan, 13 anos)	Destaca a persistência de estigmas e pressões sociais sobre as mulheres que não seguem os padrões tradicionais de casamento e maternidade. Embora reconheça que esses estigmas diminuíram ao longo do tempo, ela ressalta que ainda existem cobranças significativas, refletindo a influência contínua do macrossistema na perpetuação de normas de gênero restritivas.
"Antigamente, como você viu em Mulan, né? Mulher não tinha muita voz para poder falar. Infelizmente até hoje tem 'vou querer uma mulher para poder me dar comida, limpar a minha casa, ficar me esperando de braços abertos.'" (Mulan, 13 anos)	Evidencia a persistência de expectativas tradicionais de gênero, onde a mulher é vista como responsável pelas tarefas domésticas e pelo cuidado do lar. Essa visão reflete o impacto duradouro do patriarcado no macrossistema, mostrando como essas normas continuam a influenciar as relações de gênero.

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
<p>"Tem até novela que eu assisto [...], tem uns personagens que estão mais conservadores e tem alguns que já são mais atualizados, vamos dizer assim. E tem muito disso, de 'ah, uma mulher tem de casar com um homem', não só nessa novela, mas em várias outras, em situações reais também principalmente de que a mulher tem que casar com um homem, ter filhos com ele." (Bela, 17 anos)</p>	<p>Observa a perpetuação de estereótipos de gênero através da mídia, destacando como as novelas e outras formas de entretenimento reforçam a ideia de que o papel da mulher é casar e ter filhos. Isso ilustra a influência do macrosistema cultural na formação das expectativas de gênero.</p>
<p>"Sempre que bisa fala isso, minha avó sempre acaba falando 'mãe, hoje em dia as coisas são diferentes, as coisas são mais atualizadas, ninguém mais quer um homem que banque você. Todo mundo quer ser independente. Hoje em dia as coisas são diferentes', minha mãe até fala 'vó, não existe isso mais, não existe um homem tá bancando sua casa sozinho, entendeu? Não existe'. Minha avó já é bem atualizada, minha tia também, minha mãe também, tudo atualizado." (Mulan, 13 anos)</p>	<p>Destaca a evolução das percepções de gênero entre gerações, com sua avó, mãe e tia adotando visões mais progressistas. Isso reflete como o macrosistema pode mudar ao longo do tempo, influenciando as normas de gênero e promovendo maior independência e igualdade.</p>
<p>"Minha mãe tinha muito essa questão de o que a gente tem que passar para outras pessoas, que a gente tem que se manter respeito e esse tipo de comentário. De que a gente não podia fazer as coisas sem pensar no que as outras pessoas vão falar, porque ser princesa, né? Como em Valente, uma princesa não usa armas, uma princesa não dá risada, gargalhadas de qualquer jeito. Foi uma coisa que eu me identifiquei porque assim, eu compreendo minha mãe, ela foi criada assim, então, eu tenho para mim, que a mãe da Merida, ela foi criada de um jeito e acabou se transformando desse jeito porque talvez ela não tinha nenhum outro espelho do que era ser princesa, sabe? Então acho que ela passa isso de mãe pra filha e ela vai querer que siga adiante, mas, como a gente sabe, não é bem assim, não é bem desse jeito, são diversas gerações." (Bela, 17 anos)</p>	<p>Reconhece a transmissão intergeracional de normas de gênero, onde valores e expectativas são passados de mãe para filha. Essa dinâmica ilustra como o macrosistema cultural pode influenciar profundamente os microsistemas familiares, moldando comportamentos e percepções de gênero.</p>
<p>"[...] no nosso dia a dia a gente aprende muito [como a mãe de Merida fala] 'ah, uma princesa não se veste desse jeito, se comporta desse jeito' e [...] as pessoas não podem usar roupas curtas ou transparentes ou que mostrem o corpo porque é uma forma de denegrir [faz aspas com as mãos] a imagem." (Bela, 17 anos)</p>	<p>Discute como normas de vestimenta são usadas para controlar e julgar o comportamento das mulheres, refletindo expectativas culturais de gênero. Essa observação demonstra a influência do macrosistema nas percepções de imagem corporal e comportamento adequado para mulheres.</p>
<p>"[Alguns homens têm maior dificuldade para expressar os sentimentos] Porque assim, eu acho que isso tem muito a ver com 'ah, para de fazer isso, tá parecendo mulher, mulherzinha' ou 'ah, um homem fez isso, humm, tá com cara de que é alguma coisa'. Mas na verdade não, ele é uma pessoa normal. Eu acho que é mais ou menos isso porque o preconceito está aí em todo lugar, entendeu? Acho que tem bastante isso no mundo." (Mulan, 13 anos)</p>	<p>Destaca como os estereótipos de gênero afetam a expressão emocional dos homens, desencorajando a vulnerabilidade e reforçando normas prejudiciais. Essa dificuldade reflete o impacto do macrosistema cultural na construção de masculinidades restritivas.</p>

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
<p>"Eu acho que [se eu tiver uma criança] vai ser bem diferente [a forma como ela verá os filmes das Princesas]. Eu acho que ela vai olhar as produções de, assim, não de hoje exatamente, mas de quando eu era pequenininha, eu acho que vão olhar, assim, pensar 'caramba, era totalmente diferente'. Eu acho que sim, porque apesar de, como eu falei, ter muita coisa pra evoluir ainda, a gente acaba evoluindo sempre um pouquinho mais, então acho que daqui uns 10, 20 anos, eu acho que vai ter evoluído alguma coisa, não é possível que não teria, então eu tenho certeza sim, espero muito que meus filhos daqui para frente eles vejam que o que eles estão vivendo é totalmente diferente e melhor do que o que tô vivendo agora ou de quando vivi quando era pequena." (Bela, 17 anos)</p>	<p>Expressa otimismo sobre a evolução das normas de gênero, esperando que as futuras gerações vejam as produções culturais de maneira diferente e mais progressista. Essa visão reflete a esperança de que o macrosistema continuará a evoluir, promovendo mudanças positivas nas percepções de gênero.</p>
<p>"[Se um(a) filho(a) quiser assistir essas animações] acho que eles vão ver muito diferente do que eu via, por eles não vão ser da mesma geração, eles não vão ter os mesmos brinquedos, as mesmas coisas que eu. [...] Eles vão ser muito mais conectados à internet, então eles vão saber muito mais coisas antes, às vezes não ter aquele olhar que a gente tinha." (Cinderela, 14 anos)</p>	<p>Destaca como a evolução tecnológica e o acesso à internet moldarão a percepção das futuras gerações sobre normas de gênero nas animações. Isso mostra como o macrosistema em constante mudança, especialmente através da tecnologia, influencia a formação de percepções e expectativas de gênero.</p>
<p>"Eu acho que a maioria [dos filmes das princesas Disney podem contribuir para reforçar essas ideias dos papéis de gênero na sociedade] sim. Tem muito que eles lutam pelo reino assim, a menina só fica lá ou que a menina vai cozinhar e eles ficam lá." (Cinderela, 14 anos)</p>	<p>Observa que os filmes das princesas Disney muitas vezes reforçam estereótipos de gênero, onde os homens são ativos e as mulheres são passivas. Essa crítica reflete a influência do macrosistema cultural na perpetuação de papéis de gênero tradicionais através da mídia.</p>
<p>"Bom, pelo que eu vejo, né, na internet e na convivência, a sociedade normalmente espera que nós, nós mulheres, meninas sejamos o papel mais frágil, tipo, a gente não consegue pegar peso, nem fazer essas coisas mais pesadas e elas esperam que o homem seja aquele homem forte, que manda na casa, entre outras. E esse é o papel que a sociedade meio que vem nos empurrando até hoje. Porque hoje já, a gente já tá tentando ter uma sociedade mais igualitária, né, de homem e mulher mais igual. Antigamente não, onde a mulher era submetida ao casamento, ela só ficava dentro de casa, essas coisas. Então eu acho que a sociedade influencia muito nisso, principalmente as mulheres porque hoje as mulheres querem ser mais livres, são mais livres, e a sociedade patriarcal e machista, quer que as mulheres se rebaixem a eles." (Merida, 14 anos)</p>	<p>Critica as expectativas sociais de que as mulheres sejam fracas e submissas, enquanto os homens são vistos como fortes e dominantes. Reconhece ainda a luta por igualdade de gênero e a resistência da sociedade patriarcal, destacando a influência do macrosistema nas normas de gênero.</p>
<p>"Na questão de sair na rua. O homem consegue sair na rua sem perigo nenhum já a mulher não. A sociedade já vem dando esse medo na gente, né? Tipo também, quando uma mulher vai trabalhar, ela tá no mesmo cargo que um homem, normalmente ela não recebe o mesmo que o homem. Tem essa distinção de</p>	<p>Aponta as disparidades de gênero em termos de segurança e remuneração no trabalho, evidenciando como a sociedade impõe medos e desigualdades às mulheres.</p>

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
<p>importância entre os gêneros que a sociedade coloca." (Merida, 14 anos)</p>	
<p>"Acho que é uma coisa que preocupa bastante as mulheres isso 'ah, isso tá me deixando mais gordo do que eu tô? Isso tá me deixando muito gorda? Esse vestido me engorda?' Eu acho que é uma das frases mais usadas pelas mulheres é essa. [...] Pelo preconceito. Tipo, 'ah, mulher não pode ser peluda, nem gorda', acontece muito. Agora homem pode ter pelo em tudo quanto é lugar, mulher não pode, homem pode ter barriga, mulher também não pode, tem que ser chapada, do peito duro, das bundonas e das pernas. [...] Eu acho horrível. Eu vou te falar a verdade, eu acho péssimo isso tanto para a autoestima das mulheres, né? Eu odeio esse padrão de beleza que os homens instalam para as mulheres tanto os homens, a sociedade toda bota esses padrões de beleza, e a mulher acaba indo atrás da perfeição, perfeição, perfeição que pode prejudicar ela mais ainda, tanto a saúde mental dela quanto o corpo dela, a saúde dela mesmo, o bem-estar dela. Acaba atrapalhando muito. [...] Eu vejo muito pessoas da internet. Acho que a maioria das pessoas que fazem isso são blogueiras, artistas, são mais assim, eles fazem mais por conta dos haters, eles querem ficar mais bonitinho, mais magrinho e acaba prejudicando muito eles." (Mulan, 13 anos)</p>	<p>Critica os padrões de beleza impostos pela sociedade e pela mídia, que afetam negativamente a autoestima e a saúde das mulheres. Destaca ainda a pressão para alcançar a perfeição física e o impacto prejudicial desses padrões, refletindo a influência do macrosistema nas normas de beleza e imagem corporal.</p>
<p>"Muita gente hoje já não segue muitos papéis. Inclusive, em filmes e séries não tem muito mais esses papéis, sabe? Já tem coisas mais avançadas, sabe?" (Mulan, 13 anos)</p>	<p>Observa uma mudança nas representações de gênero na mídia, com filmes e séries contemporâneos começando a desafiar os papéis de gênero tradicionais. Isso ilustra a evolução do macrosistema cultural em direção a narrativas mais inclusivas e igualitárias.</p>
<p>"O Brasil hoje é um país que tá lutando por muitas coisas, por questão da comunidade LGBT, questão racial, de classe social. Esses tempos de pandemia mesmo o pessoal discutiu e debateu muito esses temas. Então eu acho que deficiência é um negócio que mais pesa porque empresas, elas não escolhem aquelas pessoas que podem dificultar [faz aspas com as mãos] de alguma forma o rendimento da empresa. Então é muito raro você ver uma pessoa deficiente trabalhando como uma pessoa que não tem deficiência." (Merida, 14 anos)</p>	<p>Aborda a inclusão de pessoas com deficiência no trabalho, destacando as barreiras e preconceitos enfrentados. Sua fala ilustra como o macrosistema influencia as oportunidades de trabalho e a inclusão social, enfatizando a importância de uma abordagem interseccional para compreender essas dinâmicas.</p>
<p>"Evoluíram, mas ainda tem muita coisa a evoluir ainda porque a gente ainda tá debatendo, ainda tá criando discussões sobre esses casos. Se a gente tivesse evoluído muito nem discutir a gente discutiria mais, a gente já estaria todo mundo vivendo sua vida tranquila. Mas hoje é muito difícil você não ver um caso de injúria racial, um caso de homofobia, um caso de alguém com preconceito com deficiente, até a questão religiosa é uma questão que apega muito até hoje. Evoluiu e tá bem melhor do que antes, bem, o povo já tá garantindo e</p>	<p>Reconhece o progresso nas discussões sobre discriminação e preconceito, mas ressalta que ainda há muito a ser feito. Sua observação reflete a complexidade do macrosistema na evolução das questões relacionadas a gênero, raça e outras formas de discriminação, destacando a necessidade contínua de engaja-</p>

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
conseguindo seus direitos, mas bem pouquinho, bem no processo, bem devagar." (Merida, 14 anos)	mento e reflexão para promover uma sociedade mais inclusiva.

O tema *Em um reino não tão distante: Contextos de socialização* revelou a complexidade da socialização de gênero, destacando a influência de diversos contextos e sistemas no desenvolvimento e na formação da identidade de gênero das adolescentes. Através das vozes das participantes, foi possível compreender como a família, a escola, os amigos e a sociedade em geral contribuem para a construção e internalização das normas de gênero. Essas interações moldam não apenas a percepção de gênero das adolescentes, mas também suas atitudes e comportamentos.

O próximo tema, *E Viveram Felizes para Sempre?: Sobre as Princesas Disney*, explora, sob a ótica das participantes, o mundo das narrativas e personagens que permeiam a infância e a adolescência de muitas meninas. Este tema permitirá investigar como as representações de gênero nas animações das Princesas Disney influenciam as expectativas, sonhos e a própria percepção de gênero das jovens, servindo como uma ponte para compreender ainda mais profundamente a interação entre produções culturais de massa e a socialização de gênero.

Tema 3 - *E Viveram Felizes para Sempre?: Sobre as Princesas Disney*

O tema *E Viveram Felizes para Sempre?: Sobre as Princesas Disney* aborda a complexa relação entre as narrativas das Princesas Disney e a construção da identidade de gênero, percepções sobre relacionamentos e a própria identidade das participantes ao longo do tempo. As participantes reconhecem que as representações das Princesas Disney desempenham um papel significativo na construção das identidades femininas, refletindo e influenciando as percepções sociais sobre gênero.

De modo geral, a análise dos achados da pesquisa revela uma evolução nas percepções das participantes em relação às Princesas Disney. Inicialmente, essas percepções são influenciadas por visões idealizadas e estereotipadas de gênero e relacionamentos. Com o

passar do tempo, as participantes desenvolvem uma perspectiva mais crítica e reflexiva, moldada por fatores como o diálogo intergeracional e uma análise crítica das mensagens transmitidas pelos filmes. Pode-se dizer que as histórias das Princesas Disney atuam como espelhos, refletindo as vidas, valores e identidades das participantes, revelando tanto a magia quanto os feitiços contidos nessas narrativas encantadas.

Este tema é desdobrado em cinco subtemas que exploram diferentes aspectos dessa relação: *Heranças Encantadas: Legado Geracional*, *Vórtice do Tempo: Opiniões Transformadas*, *Espelho, Espelho Meu: Identificação Pessoal*, *Poções de Sabedoria: Interpretações Possíveis* e *Revelando o Feitiço: Críticas às Narrativas*. Os subtemas, ilustrados na Figura 6 e detalhados na sequência, oferecem perspectivas únicas sobre como as histórias das Princesas Disney são interpretadas e internalizadas pelas participantes.

Além disso, esses subtemas não apenas destacam a influência dessas narrativas em suas vidas, mas também evidenciam como essas perspectivas se entrelaçam, formando um panorama profundo e interconectado que contribui para o conceito mais amplo de narrativas de contos de fadas e sua influência na formação cultural e social. As participantes, ao se depararem com essas histórias, passam por um processo de reconhecimento e crítica das representações de gênero, refletindo uma mudança de perspectiva que vai além da infância, alcançando uma visão mais madura e consciente na adolescência e, provavelmente, na vida adulta.

Figura 6 Ilustração das conexões entre o tema *E Viveram Felizes para Sempre?: Sobre as Princesas Disney* e seus subtemas



Subtema 3.1 - Heranças Encantadas: Legado Geracional

O subtema *Heranças Encantadas: Legado Geracional* busca explorar a transmissão de valores e percepções sobre as histórias das Princesas Disney entre diferentes gerações dentro de uma família, utilizando o conceito de cronossistema de Bronfenbrenner para construir uma linha do tempo que conecta o passado, presente e futuro. A análise das experiências das participantes revela uma riqueza de percepções intergeracionais sobre as Princesas Disney, fornecendo um retrato abrangente que incorpora as nuances do passado, a dinâmica do presente e as expectativas para o futuro.

Mulan (13 anos), ao compartilhar a experiência de assistir "Moana" com sua avó, ilustra o impacto emocional profundo das animações. Seu relato, "[...] eu chorei com minha avó na parte que a vó dela morria e que ela virava aquela arraia. Foi perfeito assistir, então a gente gosta muito de filme das princesas, eu assisto muito com as duas" (Mulan, 13 anos), destaca como as narrativas Disney atuam como meios de construir a continuidade do eu através de várias esferas de experiência (Zittoun & Grossen, 2013). Neste contexto, a conexão emocional gerada por meio das animações não apenas reflete a habilidade das histórias em evocar memórias pessoais, mas também destaca a construção contínua do self ao conectar o passado representado na tela com o presente emocional das espectadoras.

Outra reflexão de Bela sobre a evolução das representações de gênero nos filmes da Disney, expressando esperança de que futuras gerações tenham modelos mais diversificados e empoderados, ilustra a influência do macrotempo no cronossistema (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Ela destaca:

[...] apesar de, como eu falei, ter muita coisa pra evoluir ainda, a gente acaba evoluindo sempre um pouquinho mais, então acho que daqui uns 10, 20 anos, eu acho que vai ter evoluído alguma coisa [...] espero muito que meus filhos [...] vejam que o que eles estão vivendo é totalmente diferente e melhor do que o que tô vivendo agora ou de quando vivi quando era pequena. (Bela, 17 anos).

Esta perspectiva reflete o trabalho de Nastasha Primera Anindita (2022), que examina a evolução das princesas Disney, destacando uma tendência para personagens femininas mais autônomas e complexas, refletindo uma mudança nas representações de gênero ao longo do tempo.

Cinderela (14 anos), ao considerar o papel da conectividade à internet nas futuras interpretações das narrativas Disney, toca em um ponto crucial que ecoa tanto a *Disneyzação* da sociedade (Bryman, 2004) quanto o potencial para o desenvolvimento do senso crítico entre jovens. Enquanto a internet pode ampliar o alcance das representações idealizadas da Disney, também oferece um espaço para o questionamento e a análise crítica dessas representações, permitindo que crianças e adolescentes se engajem com as narrativas de maneira mais informada e reflexiva.

Merida (14 anos), ao discutir a importância de equilibrar a inspiração das narrativas Disney com uma compreensão realista das experiências de vida, oferece uma visão pragmática para as futuras gerações:

Se eles forem criancinha, eu vou deixar meus filhos, tipo, sonhar e ter aqueles sonhos de princesa que nem eu tive, mas eu espero que eles pensem de uma forma melhor do

que eu pensava e também não esperem que a vida seja como nos filmes. Quero que eles assistam, mas que não achem que vai ser daquele jeito. (Merida, 14 anos)

A posição de Merida (14 anos) sugere uma compreensão crítica da representação da vida nas histórias de princesas e destaca a importância de equilibrar a fantasia com uma compreensão realista. Sua abordagem pragmática alinha-se com as preocupações sobre estereótipos de gênero e expectativas irreais discutidas por diversos pesquisadores (e.g. England et al., 2011; Coyne, Linder & Rasmussen et al., 2016; Ward, L. M. & Grower, 2020; Coyne, Linder & Booth et al., 2021).

A análise das falas das participantes sobre este subtema, mostradas na íntegra na Tabela 10, revela uma compreensão das Princesas Disney que transcende o entretenimento para se tornar um campo de reflexão profunda sobre identidade, valores familiares e evolução cultural. Isso corrobora com a importância de entender as histórias da Disney não apenas como entretenimento, mas como parte integrante da cultura familiar e da construção da identidade ao longo das gerações.

Tabela 10 Citações ilustrativas do subtema *Heranças Encantadas: Legado Geracional*

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
"Eu já assisti com minha avó, já assisti com minha mãe. Inclusive, a gente já foi no cinema. Assim, que eu lembro, a gente já assistiu no cinema Moana e Frozen 2, que a gente é muito apaixonado, Moana também foi maravilhoso, assistimos, amamos. Inclusive, eu chorei com minha avó na parte que a vó dela morria e que ela virava aquela arraia. Foi perfeito assistir, então a gente gosta muito de filme das princesas, eu assisto muito com as duas." (Mulan, 13 anos)	Destaca a forte conexão emocional e intergeracional criada pelas animações da Disney. Assistir a esses filmes com sua avó e mãe não apenas fortalece os laços familiares, mas também cria memórias compartilhadas e afetivas que transcendem gerações.
Minha mãe tinha muito essa questão de o que a gente tem que passar para outras pessoas, que a gente tem que se manter respeito e esse tipo de comentário. De que a gente não podia fazer as coisas sem pensar no que as outras pessoas vão falar, porque ser princesa, né? Como em <i>Valente</i> , uma princesa não usa armas, uma princesa não dá risada, gargalhadas de qualquer jeito. Foi uma coisa que eu me identifiquei porque assim, eu compreendo minha mãe, ela foi criada assim, então, eu tenho para mim, que a mãe da Merida, ela foi criada de um jeito e acabou se transformando desse jeito porque talvez ela	Reflete sobre a transmissão de normas de comportamento e expectativas de gênero através das gerações. A influência da mãe e a identificação com a personagem da Rainha Elinor em <i>Valente</i> revelam como essas normas são perpetuadas e questionadas ao longo do tempo. Além disso, embora essas normas sejam passadas de mãe para filha, há uma

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
<p>não tinha nenhum outro espelho do que era ser princesa, sabe? Então acho que ela passa isso de mãe pra filha e ela vai querer que siga adiante, mas, como a gente sabe, não é bem assim, não é bem desse jeito, são diversas gerações. (Bela, 17 anos)</p>	<p>crecente conscientização sobre a necessidade de desafiar e reavaliar essas expectativas tradicionais.</p>
<p>Eu acho que [se eu tiver uma criança] vai ser bem diferente [a forma como ela verá os filmes das Princesas]. Eu acho que ela vai olhar as produções de, assim, não de hoje exatamente, mas de quando eu era pequenininha, eu acho que vão olhar, assim, pensar 'caramba, era totalmente diferente'. Eu acho que sim, porque apesar de, como eu falei, ter muita coisa pra evoluir ainda, a gente acaba evoluindo sempre um pouquinho mais, então acho que daqui uns 10, 20 anos, eu acho que vai ter evoluído alguma coisa, não é possível que não teria, então eu tenho certeza sim, espero muito que meus filhos daqui para frente eles vejam que o que eles estão vivendo é totalmente diferente e melhor do que o que tô vivendo agora ou de quando vivi quando era pequena. (Bela, 17 anos)</p>	<p>Expressa otimismo por acreditar que futuras gerações terão uma visão mais crítica sobre essas histórias, refletindo mudanças positivas na sociedade.</p>
<p>[Se um(a) filho(a) ou uma filha quiser assistir essas animações] acho que eles vão ver muito diferente do que eu via, por eles não vão ser da mesma geração, eles não vão ter os mesmos brinquedos, as mesmas coisas que eu. [...] Eles vão ser muito mais conectados à internet, então eles vão saber muito mais coisas antes, às vezes não ter aquele olhar que a gente tinha. (Cinderela, 14 anos)</p>	<p>Reflete sobre como a conectividade e a tecnologia influenciarão a percepção das futuras gerações sobre as animações das Princesas Disney. Destaca ainda que, devido à maior acessibilidade à informação e à internet, as crianças terão um entendimento diferente e possivelmente mais crítico dessas narrativas. Isso indica uma mudança no modo como as histórias são recebidas e interpretadas, levando em conta a evolução tecnológica e cultural.</p>
<p>Se eles forem criancinha, eu vou deixar meus filhos, tipo, sonhar e ter aqueles sonhos de princesa que nem eu tive, mas eu espero que eles pensem de uma forma melhor do que eu pensava e também não esperem que a vida seja como nos filmes. Quero que eles assistam, mas que não achem que vai ser daquele jeito. (Merida, 14 anos)</p>	<p>Enfatiza a importância de permitir que as crianças sonhem e se encantem com as histórias das Princesas Disney, ao mesmo tempo em que promove uma compreensão crítica e realista da vida. Ressalta ainda a necessidade de equilibrar a fantasia com a realidade, ajudando futuras gerações a apreciar essas narrativas sem desenvolver expectativas irreais. Esta visão pragmática destaca a importância de uma abordagem equilibrada na educação das crianças sobre as mensagens contidas nas histórias.</p>

Subtema 3.2 - Vórtice do Tempo: Opiniões Transformadas

O subtema *Vórtice do Tempo: Opiniões Transformadas* aborda a evolução da percepção das participantes sobre as narrativas, valores e representações de gênero nos filmes das Princesas Disney. As citações das participantes revelam uma mudança de perspectiva que ocorre com o amadurecimento, passando de uma visão inocente e desprovida de crítica para uma compreensão mais complexa e questionadora das mensagens subjacentes nos filmes.

A citação de Bela (17 anos) reflete a transição da infância para a adolescência, marcada por um aumento da curiosidade e da capacidade crítica:

Quando eu era pequena, pequena, eu não via maldade nenhuma [nos filmes de princesas], nem nada, não tinha nem opinião, não sabia nem o que era certo, o que era errado [...] Mas hoje em dia, desde o começo da adolescência, é bem diferente. [...] quando a gente é pequena a gente não reflete sobre isso, né? Por talvez não ter tanta maturidade para começar a pensar nesse tipo de coisa. (Bela, 17 anos)

Merida (14 anos) e Cinderela (14 anos) também compartilham reflexões sobre expectativas futuras de como suas percepções podem continuar a evoluir, destacando uma consciência emergente sobre as mensagens subjacentes e os valores transmitidos por essas narrativas. Merida (14 anos) expressa uma mudança de aspirações, desejando não mais viver em um filme da Disney, mas sim aprender com as mensagens transmitidas por eles:

[quando era mais nova] pensava bastante diferente. Antes eu queria viver em um dos filmes da Disney, hoje já não quero mais porque eu sei que não é daquele jeito [...] [No futuro] Eu acho que vou pensar bastante diferente [...] não ver um filme apenas como animação e tal, mas ver como se fosse algum tipo de lição e mensagem e tirar alguma coisa dali para debater, observar, aprender, essas coisas. (Merida, 14 anos)

Cinderela (14 anos), por sua vez, compartilha que "acho que quando eu for ficar adulta, eu vou ver com outros olhos [as animações], outras coisas, pensar em outras coisas que eu não penso agora, por já ter também vivido mais e saber mais coisas" (Cinderela, 14 anos).

A posição crítica das participantes em relação às narrativas das Princesas Disney está intrinsecamente ligada às teorias do desenvolvimento que enfatizam a influência do contexto e das interações sociais na formação da identidade e perspectiva das crianças e adolescentes (Bronfenbrenner, 1979/1996, 2005/2011). Essa interação dinâmica entre o indivíduo e o ambiente ao longo do tempo é fundamental para compreender como as interações sociais e o contexto moldam a identidade e o comportamento humano. Ao questionarem as representações de gênero nos filmes da Disney, as participantes demonstram uma crescente conscientização sobre como essas narrativas podem influenciar suas visões de mundo e identidades, evidenciando que o desenvolvimento humano é um processo dinâmico e interativo, no qual os indivíduos não apenas recebem influências externas, mas também interpretam e respondem ativamente ao ambiente ao seu redor. Esse processo também reflete o amadurecimento das adolescentes, que desenvolvem habilidades de pensamento crítico e reflexivo, questionando informações e formando suas próprias opiniões e perspectivas sobre o mundo.

Ademais, a análise crítica de Begum (2022) sobre a linguagem sexista em filmes da Disney como *A Pequena Sereia* e *Mulan* ressalta como essas narrativas podem perpetuar estereótipos de gênero e subjugação feminina através do uso da linguagem. Isso ecoa nas preocupações expressas pelas participantes sobre os *lados obscuros* das histórias que antes admiravam. Assim, a curiosidade de Bela pode ser vista como parte de um processo mais amplo de desenvolvimento pessoal e cognitivo, no qual sua curiosidade não é apenas um traço individual, mas sim uma expressão de sua capacidade de se engajar ativamente com o mundo ao seu redor, contribuindo para seu crescimento e compreensão pessoal. Em outras palavras,

sua disposição para questionar e explorar as narrativas das princesas reflete uma busca ativa por compreender o mundo à sua volta.

Isso sugere uma evolução na maneira como as novas gerações interpretam as mensagens dos filmes. Uma questão importante a ser considerada é se essa mudança na interpretação se deve a uma alteração nas próprias animações, em resposta às pressões sociais sobre a indústria do entretenimento, ou se é resultado de uma transformação na percepção do público. Appolinário e Gonçalves (2020) discutem como as representações das princesas Disney têm evoluído em paralelo com o movimento feminista, indicando uma progressiva desconstrução de estereótipos de gênero e uma promoção de modelos femininos mais diversificados e empoderados. Esta reflexão pode ser associada também ao conceito de *empoderamento feminino* discutido por Lemos e Barth (2020), que aponta para a introdução de personagens femininas mais autônomas e complexas nos filmes mais recentes da Disney.

A pesquisa de Coyne e colegas (2016, 2021) sobre o impacto da cultura das princesas Disney no desenvolvimento de estereótipos de gênero, autoestima corporal e comportamento em crianças também fornece um contexto empírico para entender as reflexões das participantes. Esses estudos sugerem que a identificação com as princesas Disney pode reforçar noções tradicionais de feminilidade e comportamento de gênero estereotipado, o que as participantes começam a questionar e reavaliar à medida que amadurecem.

Já a interseção entre a teoria feminista e a crítica cultural, conforme explorado por autores como Butler (2022) e de Lauretis (1987), oferece uma lente adicional para compreender a evolução das opiniões das participantes. A desconstrução das representações de gênero nos filmes da Disney pode ser vista como um ato de resistência contra normas de gênero restritivas e a busca por identidades de gênero mais fluidas e empoderadas.

A evolução na percepção das participantes sobre as narrativas das Princesas Disney reflete um processo de amadurecimento intelectual e crítico, influenciado por uma interação

complexa de fatores culturais, sociais e individuais. Isso possibilita entender que as participantes estão reconhecendo e questionando os estereótipos de gênero e as representações de feminilidade tradicionalmente associadas às princesas Disney. A evolução das personagens femininas nos filmes, de figuras passivas a protagonistas ativas e complexas, reflete uma mudança cultural mais ampla em relação ao papel da mulher na sociedade (Ferreira, V. C. de M. & Gonçalves, 2018; Wilke, 2020; Benhamou, 2023).

Ao sintetizar as análises das citações, disponíveis na Tabela 11, torna-se evidente que as percepções das participantes são dinâmicas, influenciadas por diversos fatores como a curiosidade, o amadurecimento, as experiências vividas e a exposição a diferentes perspectivas críticas. Este processo é apoiado e enriquecido pela aplicação de teorias do desenvolvimento humano, crítica feminista e análises culturais, que juntas fornecem um quadro compreensivo para entender como as jovens reavaliam e reinterpretam as mensagens de gênero transmitidas por essas histórias icônicas. Isso permite uma compreensão das nuances envolvidas na relação das jovens com as narrativas das Princesas Disney ao longo do tempo, indo de uma visão ingênua na infância para uma abordagem mais crítica e reflexiva na adolescência.

Tabela 11 *Citações ilustrativas do subtema Vórtice do Tempo: Opiniões Transformadas*

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
"Quando eu era pequena, pequena, eu não via maldade nenhuma [nos filmes de princesas], nem nada, não tinha nem opinião, não sabia nem o que era certo, o que era errado [...] Mas hoje em dia, desde o começo da adolescência, é bem diferente. [...] quando a gente é pequena a gente não reflete sobre isso, né? Por talvez não ter tanta maturidade para começar a pensar nesse tipo de coisa. Daí, como eu sou muito curiosa, quando eu gosto muito, começo a me aprofundar muito nas histórias, começo a ver visões de pessoas, a ler teorias sobre o filme ou desenho ou a série, eu comecei a ver os lados obscuros, entre aspas, dos desenhos e de teorias de onde se basearam a história." (Bela, 17 anos)	ilustra a transição da infância para a adolescência, marcada pelo desenvolvimento de uma capacidade crítica mais apurada. Essa evolução reflete a dinâmica interativa do desenvolvimento humano, onde o ambiente e as experiências contribuem para o crescimento intelectual e a formação de uma visão crítica das narrativas idealizadas que antes eram aceitas sem questionamentos.
"[Quando era mais nova] pensava bastante diferente. Antes eu queria viver em um dos filmes da Disney, hoje já não quero mais porque eu sei que não é daquele jeito." (Merida, 14 anos)	Destaca uma mudança significativa em sua percepção das narrativas Disney ao longo do tempo. Essa

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
<p>"Eu acho que vou pensar bastante diferente do que eu penso hoje, talvez eu até mude um pouco de opinião com o que eu penso hoje, mas, no futuro, espero que eu possa tipo, aprender e ver mais as mensagens que esses filmes da Disney quer passar. Tipo, não ver um filme apenas como animação e tal, mas ver como se fosse algum tipo de lição e mensagem e tirar alguma coisa dali para debater, observar, aprender, essas coisas. Então eu acho que, no futuro, eu vou pensar de um jeito bastante diferente, mas eu não vou mudar essa opinião de não querer ser mais princesa." (Merida, 14 anos)</p>	<p>transformação demonstra como a maturidade traz uma compreensão mais realista das narrativas, permitindo que as jovens distingam entre a fantasia e a realidade.</p> <p>Antecipa que sua percepção continuará a evoluir no futuro, refletindo um desejo de entender melhor as mensagens e lições dos filmes Disney. Sugere uma abertura para o crescimento contínuo e uma disposição para reconsiderar suas perspectivas à medida que ganha mais experiência e conhecimento.</p>
<p>"Acho que quando eu for ficar adulta, eu vou ver com outros olhos [as animações], outras coisas, pensar em outras coisas que eu não penso agora, por já ter também vivido mais e saber mais coisas." (Cinderela, 14 anos)</p>	<p>Reconhece que suas interpretações das animações Disney mudarão conforme ela envelhece e adquire mais experiências de vida, refletindo uma consciência de que a maturidade e a experiência podem transformar significativamente a maneira como se interpreta e se relaciona com as narrativas culturais.</p>

Subtema 3.3 - Espelho, Espelho Meu: Identificação Pessoal

O subtema *Espelho, Espelho Meu: Identificação Pessoal* destaca a forte identificação das participantes com as personagens das Princesas Disney, revelando uma conexão profunda entre as narrativas dessas personagens e as experiências vividas pelas jovens. Essa conexão se manifesta em diversos níveis, desde aspectos físicos e dinâmicas familiares até valores pessoais e desafios sociais enfrentados. As citações das participantes ilustram como as histórias das Princesas Disney servem como espelhos nos quais elas podem se ver refletidas, reconhecendo suas próprias lutas, aspirações e relações familiares nas personagens.

A identificação inicial de Bela (17 anos) com Merida de *Valente* por ser a filha mais velha indica como a posição dentro da família influencia a percepção de si e dos outros, destacando a importância do microsistema no desenvolvimento da identidade (Bronfenbrenner, 1979/1996, 2005/2011). A identificação de Bela (17 anos) com Merida vai

além da estrutura familiar compartilhada, como ela relata ao perceber semelhanças entre a relação de Merida com sua mãe no filme e a relação dela com sua própria mãe:

Quando a gente assistiu, a gente ficou tipo, "mãe, caramba, [...] ele é muito parecido com a história da gente". [...] ela sempre fala "tu é igualzinha Merida", aí eu falei "a senhora é igualzinha a mãe dela". [...] a gente se identificou muito [...] porque a minha mãe ela tem uma forma de pensar, de como eu deveria agir, como eu não deveria agir. E depois de ter acontecido um monte de coisa ruim assim, foi que a gente olhou uma para outra e falou "é, não é assim... Acho que não é desse jeito que tem que ser. Vamos sentar, conversar e ver como que eu vou entender a senhora e a senhora vai me entender". (Bela, 17 anos)

Isso ressalta não apenas a relação mãe-filha representada nas histórias das princesas, mas também as dinâmicas familiares reais e a busca por compreensão mútua (Aguiar & Barros, 2015; Souza & de Mello, 2021). Além disso, Bela (17 anos) destaca como as histórias das princesas podem inspirar mudanças nas relações familiares, como evidenciado na cena em que a mãe de Merida começa a entender e apreciar as atividades preferidas de sua filha.

A resistência contra normas de gênero também é abordada por Bela ao comentar que: [...] no nosso dia a dia a gente aprende muito [como a mãe de Merida fala] "ah, uma princesa não se veste desse jeito, se comporta desse jeito" e [...] as pessoas não podem usar roupas curtas ou transparentes ou que mostrem o corpo porque é uma forma de de 'denegrir' a imagem." (Bela, 17 anos, aspas incluídas manualmente pela participante)

Essa resistência reflete a busca das jovens por autenticidade e liberdade de expressão, confrontando normas de gênero restritivas. Isso evidencia uma consciência crítica e uma busca por autenticidade, conectando-se com os argumentos sobre as representações de gênero nas animações Disney e a resistência das personagens femininas e pela rejeição das expectativas

tradicionais impostas pela sociedade e pela família (Anjirbag, 2018; Tasmin, 2020; Begum, 2022).

A relação intrínseca entre as jovens e as Princesas Disney emerge de suas próprias experiências, moldando suas identidades desde a infância. A fala de Mulan (13 anos) ressalta essa conexão precoce ao afirmar: "Eu adoro as princesas, eu amo. E minha história começou desde quando eu nasci. Eu nasci super branquinha, com os cabelos, tipo assim, escuro, diziam que eu parecia muito com a Branca de Neve, eu acho que foi por aí que começou esse relacionamento meu com as princesas" (Mulan, 13 anos). O relato da participante ilustra a influência poderosa das características físicas das princesas na construção da autoimagem desde a infância. Aguiar e Barros (2015) destacam que a representação feminina nos contos de fadas da Disney ressignifica o papel social da mulher. A identificação precoce com uma princesa específica pode moldar as percepções de beleza e aceitação.

Além da construção individual, as histórias das princesas também se tornam ferramentas de fortalecimento de laços familiares, como exemplificado por Mulan (13 anos) ao compartilhar: "Eu já assisti com minha avó, já assisti com minha mãe. Inclusive, a gente já foi no cinema. Assim, que eu lembro, a gente já assistiu no cinema Moana e Frozen 2, que a gente é muito apaixonado, Moana também foi maravilhoso, assistimos, amamos" (Mulan, 13 anos). Nesse contexto, a relação com as narrativas das princesas não é apenas individual, mas também coletiva, influenciando as dinâmicas familiares. Essa dimensão coletiva ressalta o potencial educativo das histórias das princesas (Cechin, 2014). Os laços familiares estreitados por meio dessas narrativas podem contribuir para a construção de valores compartilhados e, ao mesmo tempo, influenciar a percepção sobre relações interpessoais e identidade (Anindita, 2022).

A busca por modelos femininos fortes e independentes emerge na fala sobre o amor por filmes como Mulan (13 anos):

Eu adoro filmes das princesas. Tem muitas princesas que, como a Mulan, que mostra que não precisa ter um príncipe encantado do lado para você poder ser forte. O que eu achei bem legal esse filme e eu adoro filmes das princesas tanto que foi super difícil eu decidir qual foi o meu filme favorito, sabe? Eu escolhi Mulan por conta disso, sabe? Dela ser muito forte, dela ser uma guerreira, eu gostei bastante disso no filme dela. (Mulan, 13 anos)

Essa conexão transcende o entretenimento e se torna um veículo poderoso na moldagem das percepções e valores das novas gerações. A busca por representatividade e modelos femininos empoderados é um tema central na discussão acadêmica sobre a representação do papel da mulher nas princesas, destacando a necessidade de uma abordagem feminista (e.g. Ferreira, V. C. de M. & Gonçalves, 2018; Appolinário & Gonçalves, 2020; Lemos & Barth, 2020; Wilke, 2020; Machida & Mendonça, 2020; Souza & Mello, 2021; Begum, 2023; Merdeka, 2023). A valorização de personagens femininas independentes, como Mulan (13 anos), reflete não apenas as aspirações individuais das adolescentes, mas também uma demanda social por uma representação mais inclusiva e diversa.

Bela (17 anos) também ressalta a importância de modelos femininos que encorajam a independência intelectual, citando a estranheza que Bela enfrenta na vila por sua paixão pela leitura e por ser diferente do padrão esperado para mulheres na época do conto:

[Bela] nessa Vila, é considerada a estranha, né? Por todo mundo ser igual e ela ser diferente do igual. E, umas das coisas, que hoje em dia até acontece, eu sei que já aconteceu comigo algumas vezes, que é essa questão de gostar de leitura, que nesse tempo, né? Nesse desenho, do tempo dela, mulher não deveria ler livros, ter ideias... E isso já aconteceu comigo, não diretamente de falarem que mulheres não podem, né? Ler livros, ter ideias e pensar. [...] Eu já ouvi um pessoal falando que eu era diferente assim

do normal das pessoas daqui. [...] E eu me identifiquei muito com isso, por conta disso, dela ser mais diferente, né? (Bela, 17 anos)

Essa reflexão de Bela (17 anos) ecoa as discussões sobre a resignificação do papel social da mulher nas animações da Disney, destacando como as princesas Disney representam uma mudança na representação feminina, desafiando estereótipos e promovendo a independência e a busca pelo conhecimento (e.g. Aguiar & Barros, 2015; Appolinário & Gonçalves, 2020). Além disso, Bela (17 anos) destaca a cena em que a personagem principal busca o apoio do pai, revelando como se identifica com o apoio familiar e a aceitação das diferenças individuais:

Eu me identifico muito com essa cena do pai da Bela, que ela apoia muito ele, [...] porque a minha avó paterna é assim comigo [...] Pode tá todo mundo falando que eu não vou conseguir tal coisa e eu quero conseguir, minha avó tá lá "não, você vai conseguir sim, você é melhor nisso'." (Bela, 17 anos)

Essa conexão emocional entre a ficção e a realidade reflete o poder das narrativas, destacando a influência das representações midiáticas na construção da identidade feminina (e.g. Wilke, 2020; Seybold, 2021) bem como a importância do apoio familiar na formação da identidade, que destacam como os relacionamentos familiares influenciam na autoestima e na construção da identidade das jovens, especialmente quando há aceitação e encorajamento por parte dos pais (e.g. Bronfenbrenner, 1979/1996, 2005/2011; Berenbaum et al., 2008; Aguiar & Barros, 2015; Mistry & Dutta, 2015; Moreira & Portela, 2018; Bezerra et al., 2020; Machado & Zimmermann, 2022).

Por fim, a fala de Merida (14 anos) ressalta o impacto da representatividade e da quebra de estereótipos de gênero:

Todos são filmes legais, bons de assistir, mas acho que *A Princesa e o Sapo* eu gostei bastante também por causa do vilão, ele me cativou assim, não pelo fato dele ser mal,

mas o jeito dele. Gostei de Tiana por causa que ela é independente, ela, tipo assim, ela tenta reverter a situação dela virar uma princesa de novo, eu gostei disso. Ela busca. Também pelo fato, eu acho que é uma das únicas princesas negras da Disney. (Merida, 14 anos)

A personagem Tiana é apreciada por sua independência e esforço para mudar sua própria situação, o que é um desvio significativo dos papéis tradicionais de gênero frequentemente associados às princesas. Além disso, a menção de Tiana como uma das únicas princesas negras da Disney destaca a importância da representatividade étnica nas narrativas de mídia. Este aspecto é apoiado por estudos que discutem a ressignificação do papel social da mulher nos contos de fadas e como a representação de mulheres fortes e independentes pode influenciar positivamente a autoimagem e a identidade de gênero das jovens, especificamente Tiana, a primeira princesa negra da Disney (Aguiar & Barros, 2015; Baliscei et al., 2017; Bezerra et al., 2020).

A identificação pessoal com personagens como Tiana não apenas reflete a busca por modelos positivos de empoderamento feminino, mas também destaca a importância da diversidade e da representatividade na mídia na formação da identidade das jovens. A interseccionalidade é crucial para entender como identidades de gênero e raça se entrelaçam nas experiências das jovens em relação às princesas da Disney (Crenshaw, 1989, 2016; Collins, P. H. & Bilge, 2021). Dessa forma, a citação de Merida (14 anos) se desdobra em uma discussão abrangente que perpassa a representatividade racial, a quebra de estereótipos de gênero e os efeitos na construção da identidade das jovens.

Em síntese, a identificação pessoal com as Princesas Disney, como visto nas citações disponibilizadas na Tabela 12, revela a complexidade da influência dessas narrativas na construção da identidade de gênero das jovens. As histórias das princesas oferecem pontos de identificação e modelos de comportamento, mas também refletem e perpetuam normas de

gênero. A evolução das personagens ao longo do tempo indica uma tentativa de oferecer representações mais inclusivas e empoderadoras, embora ainda haja espaço para uma maior diversidade e complexidade nas histórias contadas.

Tabela 12 Citações ilustrativas do subtema *Espelho, Espelho Meu: Identificação Pessoal*

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
"Quando eu assisti esse filme [Valente] pela primeira vez, desde o começo assim, que eu vi o trailer, eu já me identifiquei de primeira porque eu soube que ela era filha mais velha e depois ela tinha mais 3 irmãos e é o que acontece comigo também, eu tive três irmãos e eu sou a mais velha. Aí já comecei a identificação com ela por aí." (Bela, 17 anos)	Revela como a posição de filha mais velha cria um paralelo que facilita a conexão pessoal e emocional com a personagem.
"Lembro [de como foi assistir Valente pela primeira vez] por ele ser mais recente. A gente assistiu em casa mesmo [...]. Quando a gente assistiu, a gente ficou tipo, 'mãe, caramba, [...]' ele é muito parecido com a história da gente'. [...] ela sempre fala 'tu é igualzinha Merida', aí eu falei 'a senhora é igualzinha a mãe dela'. [...] a gente se identificou muito [...] porque a minha mãe ela tem uma forma de pensar, de como eu deveria agir, como eu não deveria agir. E depois de ter acontecido um monte de coisa ruim assim, foi que a gente olhou uma para outra e falou 'é, não é assim... Acho que não é desse jeito que tem que ser. Vamos sentar, conversar e ver como que eu vou entender a senhora e a senhora vai me entender'." (Bela, 17 anos)	Destaca a conexão emocional com a relação mãe-filha em Valente e a busca por compreensão mútua. A narrativa do filme serve como um catalisador para a reflexão e a transformação das dinâmicas familiares, reforçando a importância do diálogo e da empatia.
"[...] é uma coisa que eu fico bem assim emocionada nessa parte [de Valente] porque elas começam a viver juntas e a mãe dela começa ver que é uma coisa até divertida, que é legal e que ela começou a entender o porquê a filha dela gostava de viver esses momentos assim. [...] às vezes a gente nem precisa só se colocar no lugar da filha ou da mãe, mas a gente pode até viver isso, esse momento juntas, essa experiência, sabe?" (Bela, 17 anos)	Ilustra como as histórias das princesas podem inspirar e refletir mudanças nas relações familiares.
"[...] no nosso dia a dia a gente aprende muito [como a mãe de Merida fala] 'ah, uma princesa não se veste desse jeito, se comporta desse jeito' e [...] as pessoas não podem usar roupas curtas ou transparentes ou que mostrem o corpo porque é uma forma de denegrir [faz aspas com as mãos] a imagem." (Bela, 17 anos)	Evidencia a resistência das jovens às normas de gênero impostas pela sociedade. A crítica às expectativas tradicionais de comportamento feminino reflete uma busca por autenticidade e liberdade de expressão, confrontando as limitações impostas pelos estereótipos de gênero.
"Eu adoro as princesas, eu amo. E minha história começou desde quando eu nasci. Eu nasci super branquinha, com os cabelos, tipo assim, escuro, diziam que eu parecia muito com	Ilustra como as características físicas das princesas podem influenciar a autoimagem desde a infância. Esta conexão inicial revela o impacto

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
<p>a Branca de Neve, eu acho que foi por aí que começou esse relacionamento meu com as princesas." (Mulan, 13 anos)</p>	<p>duradouro das representações de beleza e identidade nas narrativas das Princesas Disney.</p>
<p>"Eu já assisti com minha avó, já assisti com minha mãe. Inclusive, a gente já foi no cinema. Assim, que eu lembro, a gente já assistiu no cinema Moana e Frozen 2, que a gente é muito apaixonado, Moana também foi maravilhoso, assistimos, amamos. Inclusive, eu chorei com minha avó na parte que a vó dela morria e que ela virava aquela arraia. Foi perfeito assistir, então a gente gosta muito de filme das princesas, eu assisto muito com as duas." (Mulan, 13 anos)</p>	<p>Destaca a dimensão coletiva das narrativas das Princesas Disney, mostrando como essas histórias podem estreitar os laços familiares e criar memórias compartilhadas.</p>
<p>"Eu adoro filmes das princesas. Tem muitas princesas que, como a Mulan, que mostra que não precisa ter um príncipe encantado do lado para você poder ser forte. O que eu achei bem legal esse filme e eu adoro filmes das princesas tanto que foi super difícil eu decidir qual foi o meu filme favorito, sabe? Eu escolhi Mulan por conta disso, sabe? Dela ser muito forte, dela ser uma guerreira, eu gostei bastante disso no filme dela." (Mulan, 13 anos)</p>	<p>Reflete uma demanda por representatividade e modelos femininos empoderados. A valorização dessas características nas princesas Disney indica uma busca por identidades que desafiam os papéis tradicionais de gênero.</p>
<p>"[Bela] nessa Vila, é considerada a estranha, né? Por todo mundo ser igual e ela ser diferente do igual. E, umas das coisas, que hoje em dia até acontece, eu sei que já aconteceu comigo algumas vezes, que é essa questão de gostar de leitura, que nesse tempo, né? Nesse desenho, do tempo dela, mulher não deveria ler livros, ter ideias... E isso já aconteceu comigo, não diretamente de falarem que mulheres não podem, né? Ler livros, ter ideias e pensar. [...] Eu já ouvi um pessoal falando que eu era diferente assim do normal das pessoas daqui. [...] E eu me identifiquei muito com isso, por conta disso, dela ser mais diferente, né?" (Bela, 17 anos)</p>	<p>Ressalta a importância da diversidade nas representações femininas. Evidencia ainda a luta contra os estereótipos de gênero e a valorização da individualidade e do conhecimento.</p>
<p>"Eu me identifico muito com essa cena do pai da Bela, que ela apoia muito ele, né? Fala que confia muito nele e daí ela pergunta se o pai dela acha que ela é estranha, diferente das outras pessoas. Aí eu me identifiquei porque a minha avó paterna é assim comigo, minha mãe fala que ela é bem bobona de mim, mas eu me identifico muito porque a minha avó é assim. Pode tá todo mundo falando que eu não vou conseguir tal coisa e eu quero conseguir, minha avó tá lá 'não, você vai conseguir sim, você é melhor nisso'. Posso até nem ser, mas ela fala. [...] Então eu me identifiquei muito com essa parte do pai da Bela, falar que ela não é estranha, que gosta dela." (Bela, 17 anos)</p>	<p>Reflete a importância do encorajamento e aceitação na formação da identidade. Esta relação fortalece a autoestima e a confiança das jovens, mostrando como o apoio familiar é crucial no desenvolvimento pessoal.</p>
<p>"Todos são filmes legais, bons de assistir, mas acho que A Princesa e o Sapo eu gostei bastante também por causa do vilão, ele me cativou assim, não pelo fato dele ser mal, mas o jeito dele. Gostei de Tiana por causa que ela é independente, ela, tipo assim, ela tenta reverter a situação dela virar uma princesa de novo, eu gostei disso. Ela busca. Também pelo</p>	<p>Destaca a importância da representatividade étnica e da independência feminina. A identificação com uma princesa negra reflete a necessidade de diversidade nas narrativas midiáticas, mostrando como personagens</p>

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
fato, eu acho que é uma das únicas princesas negras da Disney." (Merida, 14 anos)	como Tiana podem influenciar positivamente a autoimagem e a identidade de jovens de diferentes etnias.

Subtema 3.4 - Poções de Sabedoria: Interpretações Possíveis

O subtema *Poções de Sabedoria: Interpretações Possíveis* explora os comentários críticos feitos pelas participantes sobre as histórias das Princesas Disney. A partir das citações, é possível construir uma discussão abrangente sobre como as narrativas das Princesas Disney impactam a percepção de gênero das jovens e como essas histórias podem tanto desafiar quanto reforçar estereótipos tradicionais. A análise crítica das participantes revela a diversidade de suas interpretações, incorporando elementos como independência, representação racial, evolução de perspectiva e reconhecimento de aspectos problemáticos nas histórias.

Neste contexto, emerge uma ponderação intrigante de Bela (17 anos). Ela desafia a interpretação convencional do relacionamento retratado em *A Bela e a Fera*, levantando a hipótese de que a situação não é exatamente um sequestro, mas uma escolha da protagonista para substituir seu pai:

Apesar que tem muitas teorias sobre, né? O filme da Bela e a Fera de que era um relacionamento um pouco abusivo porque ele sequestrou ela, mas, na minha visão, é meio que... não foi que ele sequestrou ela, ele sequestrou o pai dela e ela pediu para Fera que ele colocasse ela no lugar do pai. (Bela, 17 anos)

Essa observação sugere uma visão mais complexa do enredo. A menção ao pedido de Bela para substituir o pai no cativeiro aponta para uma interpretação da situação como um ato de altruísmo e consentimento por parte da protagonista. Esta perspectiva é apoiada por Salgado e de Carvalho (2021), que exploram nuances feministas na mesma história.

A interpretação de Bela (17 anos) pode ser contrastada com a perspectiva de Butler (1990/2022), que discute a construção de gênero e a subversão de identidades. Sua visão pode

ser entendida como uma forma de resistência à narrativa tradicional de gênero, onde a mulher é frequentemente retratada como vítima passiva. Ao reconsiderar o papel de Bela no contexto de seu próprio pedido para assumir o lugar do pai, Bela (17 anos) sugere uma reinterpretação que destaca a proatividade da personagem, podendo ilustrar como as jovens estão reavaliando as mensagens transmitidas por essas histórias.

A conexão com a teoria feminista também é evidente em outra fala de Bela (17 anos) sobre a personagem principal: "Eu acho que a mensagem dela [Bela] foi de mostrar o empoderamento porque, desde o começo, ela falava pro Gaston 'não, não quero' e continuou com essa ideia desde o começo até o final" (Bela, 17 anos). A participante destaca como Bela não apenas verbaliza sua recusa aos avanços de Gaston, mas demonstra ativamente seu desejo de autonomia. Essa leitura sublinha a importância de não apenas resistir a expectativas, mas também de moldar ativamente a própria narrativa (Appolinário & Gonçalves, 2020).

Por outro lado, a análise crítica de Begum (2022) adiciona outra dimensão à discussão, ao revelar que, embora os filmes das Princesas Disney apresentem personagens femininas aparentemente fortes e empoderadas, a presença de linguagem sexista pode transmitir mensagens contraditórias e perpetuar estereótipos de gênero. Isso pode levar a uma falsa sensação de empoderamento, pois, apesar das ações assertivas das personagens, esse tipo de linguagem ainda reforça ideias limitadas sobre o papel das mulheres na sociedade. Essa incongruência destaca a importância de uma análise crítica e atenta desses filmes, reconhecendo não apenas seus aspectos positivos, mas também suas falhas e limitações.

Outra reflexão interessante surge a partir do comentário de Merida (14 anos) sobre *A Princesa e o Sapo*, apontando para uma compreensão profunda das narrativas contemporâneas da Disney, que vão além das tradicionais histórias de bem contra o mal. Ela expressa uma apreciação particular pelo vilão, não por suas ações, mas pelo seu caráter intrigante: "Todos são filmes legais, bons de assistir, mas acho que *A Princesa e o Sapo* eu gostei bastante também

por causa do vilão, ele me cativou assim, não pelo fato dele ser mal, mas o jeito dele" (Merida, 14 anos). Esta observação sugere uma valorização da complexidade dos personagens, que é uma evolução notável nas animações da Disney, onde os vilões são apresentados com nuances que desafiam a percepção binária de moralidade (Santos, C. de C. 2015).

Conforme já referido anteriormente, Merida (14 anos) também destaca a independência de Tiana, uma característica que a diferencia de muitas princesas anteriores da Disney. Ela admira Tiana por "tentar reverter a situação dela virar uma princesa de novo" (Merida, 14 anos), evidenciando a agência e determinação da personagem em alcançar seus objetivos. Este aspecto ressoa estudos que discutem a evolução das princesas Disney em direção a uma maior autonomia e complexidade, refletindo mudanças nas representações de gênero dentro da sociedade (Seybold, 2021; Sakaguchi, 2023).

Além disso, a menção de Tiana como "uma das únicas princesas negras da Disney" (Merida, 14 anos) aborda a questão crítica da representatividade e diversidade racial nas mídias. A importância de personagens de diferentes etnias em posições de destaque é crucial para a construção de identidades inclusivas e positivas, especialmente para o público infantil. A representação de Tiana contribui para a discussão sobre a necessidade de diversidade nas narrativas midiáticas, promovendo a inclusão e o reconhecimento de diferentes grupos étnicos (Roberts, Henriksen, & Foehr, 2004; Aguiar & Barros, 2015; Baliscei et al., 2017).

Outra citação de Merida (14 anos) traz à tona uma perspectiva crítica sobre a história de Cinderela:

Eu entendo que a Cinderela é gentil e bondosa, mas não tem ser humano que aguente não. A situação que ela tá, é tipo, ela tava fazendo trabalho escravo, ela não tá sendo paga por pessoas que ela não pode nem considerar da família. Então eu imporia a minha presença tipo, não deixaria que a madrasta me mandasse. (Merida, 14 anos)

Ao reconhecer a gentileza e a bondade da personagem, Merida (14 anos) também questiona a situação em que Cinderela se encontra, comparando-a a um trabalho escravo no qual ela não é remunerada e é tratada injustamente pela madrasta. Essa reflexão aponta para uma interpretação contemporânea das narrativas das Princesas Disney, ressaltando questões relacionadas ao trabalho não remunerado, à exploração e à necessidade de resistência contra situações de abuso de poder. Essa abordagem crítica sugere a importância de se considerar as histórias das Princesas Disney sob uma nova luz, questionando os valores tradicionais e destacando temas relevantes para a sociedade atual, como a justiça social e a equidade de gênero (Ferguson, 2016; Zanello, 2018; Federici, 2019). Essas reflexões são consistentes com estudos acadêmicos recentes que têm explorado as representações de gênero, poder e identidade nas narrativas das Princesas Disney, contribuindo para uma discussão mais ampla sobre o papel da mídia na formação de valores e comportamentos sociais (Aguiar & Barros, 2015; Anjirbag, 2018; Midkiff & Austin, 2021).

Por fim, a citação de Mulan (13 anos) ilustra uma apreciação pela força e independência da personagem Mulan, reconhecendo-a como um modelo de desafio aos estereótipos tradicionais de gênero e relacionamentos: "o que eu achei bem legal nesse filme [...] [é o fato] dela ser muito forte, dela ser uma guerreira, eu gostei bastante disso no filme dela" (Mulan, 13 anos).

A celebração da protagonista por desafiar normas de gênero é evidente, conforme destacado por Verônica Caroline de Matos Ferreira e Josiane Peres Gonçalves (2018), que ressaltam a representação revolucionária de *Mulan* em comparação com as princesas clássicas. Por outro lado, embora a fala de Mulan (13 anos) enfatize a força e a coragem que a personagem representa, conforme preocupações levantadas por Begum (2022) retomada de discussão anteriormente apresentada, é crucial analisar como essa narrativa pode ser interpretada em um contexto mais amplo. Isso implica não apenas considerar os aspectos superficiais da história,

mas também explorar os significados subjacentes e as mensagens mais amplas que ela transmite, relacionando-a a questões sociais, culturais e políticas mais abrangentes e avaliando seu impacto em diferentes grupos de pessoas. Por exemplo, ao mostrar como a personagem desafia normas de gênero ao se disfarçar de homem para lutar no exército no lugar de seu pai, essa narrativa vai além de uma simples história de coragem individual, abordando questões profundas de igualdade de gênero, empoderamento feminino e resistência a normas sociais restritivas. Além disso, é possível compreender como ela aborda temas universais de identidade, autenticidade e liberdade, oferecendo insights valiosos sobre as experiências e conquistas das mulheres em diferentes contextos culturais e históricos.

As reflexões apresentadas no subtema *Poções de Sabedoria: Interpretações Possíveis*, a partir das citações apresentadas na Tabela 13, oferecem uma janela das histórias das Princesas Disney, vistas através das perspectivas críticas das participantes. Através das citações, foi possível explorar uma gama de interpretações que vão desde o reconhecimento do empoderamento e da independência das personagens até a problematização de temas como consentimento, representatividade racial e justiça social. Ao desafiar os estereótipos tradicionais e questionar valores arraigados, as participantes contribuem para uma discussão mais ampla sobre a representação de gênero, poder e identidade nas produções culturais de massa, promovendo um olhar mais reflexivo e inclusivo sobre as narrativas das Princesas Disney e seu impacto na percepção das jovens sobre si mesmas e o mundo ao seu redor.

Tabela 13 Citações ilustrativas do subtema *Poções de Sabedoria: Interpretações Possíveis*

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
"Apesar que tem muitas teorias sobre, né? O filme da Bela e a Fera de que era um relacionamento um pouco abusivo porque ele sequestrou ela, mas, na minha visão, é meio que... não foi que ele sequestrou ela, ele sequestrou o pai dela e ela pediu para Fera que ele colocasse ela no lugar do pai." (Bela, 17 anos)	Oferece uma perspectiva que enfatiza a agência e o altruísmo da personagem, contratando com a crítica feminista que aponta o sequestro e o cativoiro como elementos problemáticos, sugerindo que as jovens podem reinterpretar narrativas tradicionais

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
<p>"Eu acho que a mensagem dela [Bela] foi de mostrar o empoderamento porque, desde o começo, ela falava pro Gaston 'não, não quero' e continuou com essa ideia desde o começo até o final. E ela falava isso, ela colocava isso em prática, demonstrava para ele, mostrava para ele." (Bela, 17 anos)</p>	<p>de maneiras que ressaltam a força e o sacrifício das protagonistas.</p> <p>Destaca a consistência e a firmeza da personagem Bela em recusar os avanços de Gaston, vendo nisso um exemplo de empoderamento, refletindo um exercício de autonomia e resistência contra as pressões sociais e expectativas de gênero, alinhando-se com discussões sobre a importância de personagens femininas que afirmam seus desejos e limites de forma clara e decidida.</p>
<p>"Todos são filmes legais, bons de assistir, mas acho que A Princesa e o Sapo eu gostei bastante também por causa do vilão, ele me cativou assim, não pelo fato dele ser mal, mas o jeito dele. Gostei de Tiana por causa que ela é independente, ela, tipo assim, ela tenta reverter a situação dela virar uma princesa de novo, eu gostei disso. Ela busca. Também pelo fato, eu acho que é uma das únicas princesas negras da Disney." (Merida, 14 anos)</p>	<p>Expressa uma apreciação pela complexidade do vilão em <i>A Princesa e o Sapo</i> e admiração pela independência de Tiana, reconhecendo a agência da personagem e sua capacidade de buscar seus objetivos, além de ressaltar a importância da representatividade racial na mídia.</p>
<p>"Eu entendo que a Cinderela é gentil e bondosa, mas não tem ser humano que aguente não. A situação que ela tá, é tipo, ela tava fazendo trabalho escravo, ela não tá sendo paga por pessoas que ela não pode nem considerar da família. Então eu imporia a minha presença tipo, não deixaria que a madrasta me mandasse." (Merida, 14 anos)</p>	<p>Enfatiza a necessidade de resistência e autoafirmação, sugerindo que as jovens podem reinterpretar as narrativas das Princesas Disney à luz de questões contemporâneas de justiça social e equidade de gênero. Essa perspectiva crítica sugere que é importante considerar as histórias das princesas sob novas lentes.</p>
<p>"Eu adoro filmes das princesas. Tem muitas princesas que, como a Mulan, que mostra que não precisa ter um príncipe encantado do lado para você poder ser forte. O que eu achei bem legal nesse filme e eu adoro filmes das princesas tanto que foi super difícil eu decidir qual foi o meu filme favorito, sabe? Eu escolhi Mulan por conta disso, sabe? Dela ser muito forte, dela ser uma guerreira, eu gostei bastante disso no filme dela." (Mulan, 13 anos)</p>	<p>Destaca a importância de modelos femininos que desafiam os estereótipos tradicionais de gênero, valorizando a autonomia e a capacidade de luta das personagens. Reflete ainda uma busca por representações de mulheres fortes e guerreiras, que servem como inspiração para desafiar as normas sociais restritivas.</p>

Subtema 3.5 - Revelando o Feitiço: Críticas às Narrativas

O subtema *Revelando o Feitiço: Críticas às Narrativas* explora como as interações das participantes com o conteúdo das Princesas Disney moldam suas concepções de gênero. As

citações oferecem uma visão crítica sobre as mensagens subjacentes nas histórias das Princesas Disney e seu potencial para influenciar expectativas e comportamentos relacionados ao gênero.

Ao desvelar o feitiço embutido nas narrativas, críticas emergem, como a de Merida (14 anos), que questiona a trama de Cinderela, destacando uma problemática subjacente:

[...] eu não gosto da animação de Cinderela por causa que ela traz a sensação de que os problemas de Cinderela só melhoraram por causa de um príncipe. Por causa que uma fada madrinha que chegou e entregou para ela a chance conhecer um príncipe, como se ela não pudesse reverter a situação sozinha. Precisaria de uma segunda pessoa, um príncipe encantado para poder ajudar. (Merida, 14 anos)

A preocupação de Merida (14 anos) abre caminho para uma discussão mais ampla sobre o impacto dessas histórias na percepção das meninas sobre seus próprios papéis e capacidades em relação aos homens. Essa crítica encontra ressonância no trabalho de Coyne e colaboradores (2016, 2021), que investigaram como o engajamento com a cultura das princesas Disney pode afetar estereótipos de gênero, autoestima corporal e comportamento pró-social em crianças. Seus estudos indicam que, apesar dos potenciais benefícios, como o aumento do comportamento pró-social, a exposição a essas narrativas também pode reforçar estereótipos de gênero prejudiciais.

Zanello (2018, 2022), por sua vez, oferece uma perspectiva valiosa sobre os efeitos dessas narrativas nos processos de subjetivação e nas relações de gênero, destacando como as histórias das Princesas Disney podem impactar a saúde mental e a construção da identidade de gênero. A análise de Zanello enfatiza a necessidade de uma abordagem crítica aos impactos dessas narrativas no bem-estar das jovens.

Aguiar e Barros (2015) contribuem para essa discussão ao examinar como as animações mais antigas da Disney tendem a reforçar a ideia de que a mulher é dependente do homem para alcançar a felicidade. Essa representação limitada perpetua uma visão de mundo onde as

capacidades femininas são subestimadas. Por outro lado, Valéria Cristina Lopes Wilke (2020) destaca a transformação das princesas ao longo do tempo, sugerindo uma redefinição dos papéis femininos e masculinos nas narrativas Disney. Algo corroborado por Zimmermann e Machado (2021), que observam uma tendência em direção a personagens femininas mais autônomas e relações mais equitativas, refletindo um esforço consciente em desafiar os papéis tradicionalmente atribuídos a elas. Essa mudança nas representações femininas sugere uma resposta às críticas sobre estereótipos de gênero.

Neste contexto, cabe ressaltar a influência significativa da mídia no desenvolvimento de estereótipos de gênero, sublinhando a importância de questionar criticamente o conteúdo das histórias das Princesas Disney (Ward, L. M. & Grower, 2020). A mídia, ao moldar as percepções sociais, desempenha um papel crucial na transmissão de mensagens às jovens audiências.

A crítica de Merida (14 anos) à Cinderela proporciona uma discussão mais abrangente sobre o papel das narrativas das Princesas Disney na construção de gênero. Apesar dos estudos mostrarem uma evolução nas histórias que busca apresentar personagens femininas mais autônomas e relações mais equitativas, a necessidade de uma reflexão crítica sobre o impacto dessas narrativas nas concepções de gênero das jovens espectadoras persiste, destacando a importância de promover narrativas que valorizem a igualdade e a diversidade de gênero.

Merida (14 anos) também reflete uma percepção sensível sobre as dinâmicas familiares apresentadas no filme *Valente*:

Acho que essa distinção [de tratamento dado pela mãe a Merida e aos irmãos] é tipo, como se ela achasse que ela é desfavorecida por causa que os irmãos dela podem fazer tudo e ela não. Acho que causa um sentimento de que você não é amada e você não tem aquela liberdade que você quer, do jeito que ela quer. (Merida, 14 anos)

Essa observação ilustra como o conteúdo das Princesas Disney pode inspirar jovens a refletir sobre as desigualdades de gênero e a buscar maior autonomia e igualdade em suas próprias vidas. A experiência da adolescente ao assistir ao filme e identificar-se com Merida ressalta a importância de representações femininas fortes e independentes na mídia, que podem inspirar jovens a questionar e redefinir normas de gênero. Nesse sentido, percebe-se como *Valente* representa uma quebra nos padrões tradicionais das princesas Disney, ao apresentar uma princesa que desafia as expectativas de gênero e busca seu próprio destino (Silva, D. G. G. & Martini, 2015; Vitorelo & Pelegrini, 2018; Souza & Mello, 2021; Merdeka, 2023).

A perspectiva crítica de Bela (17 anos) amplifica a discussão ao abordar temas sensíveis como consentimento e autonomia. Ao desmistificar os contos de fadas, ela questiona a romantização de gestos problemáticos, como o beijo em *A Bela Adormecida*. Segundo ela:

A Bela Adormecida foi umas das que eu mais fiquei assim... Tem umas coisas que acontecem, principalmente atualmente, infelizmente, mas acontece muito que é o assédio, né? O abuso de uma pessoa vulnerável ou inconsciente. O príncipe foi lá beijar uma princesa dormindo, ele não teve uma resposta dela falando que não queria ou se queria, ou seja, não dando opção para ela escolher se queriam ou não aquilo. (Bela, 17 anos)

A percepção de Bela (17 anos) sobre o beijo não consensual na princesa Aurora repercute a preocupação feminista sobre a naturalização de comportamentos inadequados, ressaltando como tais narrativas podem perpetuar concepções problemáticas de relações de gênero, impactando negativamente a concepção de consentimento e autonomia feminina (Apolinário & Gonçalves, 2020; Bezerra et al., 2020; Begum, 2022).

Através de outra fala da participante é possível entender que as relações entre gênero e narrativas Disney não são simplistas. Ela afirma:

[...] apesar da Fera ser bem tóxico, [...] ele percebia que ela era doce, que ela não gostava desse tipo de coisa e ela até ensinava para ele algumas coisas, né? Tanto sentimentalmente, emocionalmente, quanto as coisas da casa também. [...] eu acho que foi aí que eu comecei a gostar muito da Bela e a Fera porque, além de tudo, tem uma categoria ali que eu gosto, que é o romance, que a Fera percebeu que ela era uma pessoa muito boa já que ela gostava tanto do pai que pediu para ficar no lugar dele. (Bela, 17 anos)

Esta citação evidencia como as representações midiáticas podem moldar percepções de gênero e relacionamentos de maneiras complexas e, por vezes, nocivas, destacando uma contradição ao reconhecer comportamentos tóxicos na Fera de *A Bela e a Fera* enquanto valoriza o romance e a redenção do personagem. A contradição na fala de Bela (17 anos) aponta para a ambiguidade das mensagens transmitidas, onde comportamentos tóxicos podem ser redimidos por meio de elementos românticos, revelando como as jovens podem internalizar mensagens conflitantes sobre o que é aceitável em um relacionamento e como essas narrativas podem impactar suas percepções sobre relacionamentos saudáveis (Lemos & Barth, 2020; Benhamou, 2023). Importante sublinhar que isso tem o potencial de influenciar negativamente as meninas e mulheres, levando-as a permanecer em relacionamentos abusivos na esperança de redenção do parceiro, em vez de priorizar relações saudáveis e respeitadas.

Em contrapartida, Cinderela (14 anos) e Merida (14 anos) fornecem pensamentos inestimáveis sobre como os filmes das Princesas Disney podem moldar as concepções de gênero das participantes. Cinderela (14 anos) destaca como os filmes reforçam estereótipos de gênero, evidenciando a perpetuação de ideias sobre o papel tradicional das mulheres na sociedade. Para Cinderela (14 anos), "a maioria [dos filmes das princesas Disney podem contribuir para reforçar essas ideias dos papéis de gênero na sociedade] sim. Tem muito que eles lutam pelo reino assim, a menina só fica lá ou que a menina vai cozinhar e eles ficam lá"

(Cinderela, 14 anos). Esta fala destaca a perpetuação de papéis de gênero tradicionais, onde as personagens femininas são frequentemente retratadas em papéis passivos ou domésticos. Este aspecto é corroborado por Appolinário e Gonçalves (2020), que discutem como as Princesas Disney historicamente enfatizaram a beleza, a passividade e a dependência masculina como qualidades desejáveis. A análise de Cechin (2014) também reforça essa visão, argumentando que as histórias das princesas frequentemente ensinam às meninas que seu valor está na aparência física e na capacidade de atrair um parceiro masculino.

Merida (14 anos), por sua vez, menciona como essas narrativas podem influenciar expectativas irreais em relação a relacionamentos e príncipes encantados, especialmente em crianças mais jovens.

Sim [os filmes das princesas Disney podem contribuir para reforçar essas ideias dos papéis de gênero], principalmente crianças de 8, 7 anos que têm esses sonhos de querer um príncipe e tal. Eu acho muito possível pessoas da minha idade também, se você tem esse sonho irreal de querer um príncipe, de que vai ser tudo lindo e belo e vai vir uma fada madrinha e dar um vestido. (Merida, 14 anos)

Este ponto é explorado tanto por Beloso e Fullana (2019), que criticam a idealização do amor romântico nas histórias das Princesas Disney, quanto por Bezerra e colaboradores (2020), que investigam a influência das princesas na construção da imagem do feminino, considerando tanto a história original quanto as representações nos filmes da Disney. A perspectiva de Merida (14 anos) evidencia como essas representações podem moldar as aspirações e expectativas de crianças e adolescentes, alinhando-se à crítica da criação de expectativas irreais sobre relacionamentos e contos de fadas. Além disso, o desejo irreal de um príncipe e uma vida perfeita, como mencionado por Merida (14 anos), ressalta a influência dessas narrativas na formação de ideias distorcidas sobre relacionamentos e romance, corroborando as

preocupações teóricas sobre a representação problemática nos filmes da Disney (Benhamou, 2023).

Ao considerar as reflexões de Cinderela (14 anos) e Merida (14 anos), torna-se claro que as Princesas Disney desempenham um papel significativo na formação das concepções de gênero das jovens. A abordagem crítica de Lemos e Barth (2020) sobre o empoderamento feminino nas Princesas Disney também pode ser aplicada a essas citações. A visão de Cinderela (14 anos) destaca a falta de diversidade de papéis femininos, enquanto a perspectiva de Merida (14 anos) ilustra como as histórias podem alimentar sonhos irrealistas, possivelmente limitando o empoderamento das meninas ao perpetuar ideais inatingíveis de romance e relacionamentos. Essa perspectiva ecoa os estudos de L. Monique Ward e Petal Grower (2020) sobre o desenvolvimento de estereótipos de gênero através da mídia, destacando como essas narrativas podem moldar as expectativas das crianças em relação aos papéis de gênero e aos relacionamentos românticos.

Essas análises são fundamentais para compreender como as Princesas Disney exercem uma influência poderosa nas percepções de gênero, especialmente entre as jovens. A discussão entre as citações e os referenciais teóricos revela uma convergência de ideias, onde as observações das participantes corroboram e exemplificam as preocupações levantadas pelos teóricos, solidificando a compreensão de como essas narrativas podem impactar a construção das identidades de gênero das jovens. Além disso, evidencia a necessidade de uma abordagem crítica à mídia infantil, visando promover representações mais diversificadas e inclusivas de gênero que possam ajudar a desafiar e transformar as normas de gênero estabelecidas.

A mais jovem das participantes, por outro lado, destaca que os filmes das princesas desafiam estereótipos de gênero. Em sua visão:

Eu acho que tipo Mulan e Tiana e Merida também [...] mostra que não é porque você é uma mulher que você é fraca, que você não pode conseguir tudo que você quer,

entendeu? Merida mesmo mostra que ela não precisa de homem nenhum para enfrentar um urso, sabe? E tipo, Tiana, mostra que ela não precisou dele para poder estar comprando e lutando, trabalhando dia e noite para poder ter o restaurante dela. Mulan mostra que ela pode seguir para guerra e tipo, são filmes que mostram que você é uma mulher e você pode ser o que você quiser, entendeu? Você pode ser forte, um monte de coisa. [...] Cinderela, sem precisar estar um homem do lado, enfrentou a madrasta dela. [...] Branca de Neve eu não sei. Deixa eu ver o que mais... Quais são os outros filmes? Moana também nem teve príncipe. [...] Enrolados também achei muito massa ela ser forte e tipo ela enfrentar, sabe? Aqueles caras lá com a frigideira, cara, achei muito massa. Quando eles vão para aquele barzinho lá, é tipo um bar sabe do quê lá. E tipo ela entrar lá super forte, sem ter medo de ninguém, com a frigideira dela, sendo que com um peteleco ela voaria deles. Eu achei muito massa. [...] Pocahontas é uma princesa muito forte, né? Pocahontas é muito forte, eu não tenho nem o que falar dela. Bela Adormecida, eu acho, teve o live-action dela, eu acho muito massa porque, no live-action, né, tipo, o beijo de amor dela não foi o príncipe, foi a madrinha dela, Malévola, tipo, perfeito. [...] Ariel enfrentou o pai dela para realizar seus sonhos, cara, tipo, não tem nem o que falar. [...] Ela também enfrentou a Úrsula, teve um monte de coisa além de enfrentar a família, ela foi forte, enfrentou a Úrsula, um monte de coisa. (Mulan, 13 anos)

A citação de Mulan (13 anos) destaca uma série de filmes da Disney que apresentam princesas em papéis ativos e empoderados, desafiando estereótipos de gênero tradicionais. Esta visão é corroborada por parte do referencial teórico (e.g. Aguiar & Barros, 2015; Lemos & Barth, 2020; Anindita, 2022; Begum, 2022), mas também contrasta com outros achados que apontam para a persistência de padrões de gênero problemáticos nas narrativas Disney (e.g. Leduc, 2020; Méndez & Sevilla-Vallejo, 2022; Aun & Rodrigues, 2023).

Ao confrontar essa perspectiva com o trabalho de Appolinário e Gonçalves (2020), por exemplo, verifica-se nuances que merecem ser analisadas. As autoras abordam a representação do papel da mulher nas Princesas Disney sob a ótica feminista, ressaltando que, apesar dos avanços na construção de personagens mais independentes, ainda persistem elementos patriarcais que limitam a verdadeira desconstrução dos estereótipos de gênero. Beloso e Fullana (2019) complementam essa visão ao discutir o amor nas narrativas das Princesas Disney. Enquanto a citação de *Mulan* (13 anos) destaca a independência das personagens, o referencial aponta para a presença de narrativas que, muitas vezes, ainda priorizam a relação romântica como elemento central. Essa dicotomia entre independência e romance pode gerar interpretações contraditórias sobre a real capacidade de desconstrução dos estereótipos de gênero nas histórias da Disney.

Benhamou (2023) examina a animação contemporânea da Disney, apontando para a necessidade de uma análise crítica sobre como essas atualizações impactam efetivamente a representação de gênero, questionando se as mudanças são substanciais ou apenas cosméticas. Nesse sentido, os estudos de Coyne e colaboradores (2016, 2021) destacam as associações longitudinais entre o engajamento com a cultura das princesas e comportamentos estereotipados de gênero. Embora a citação de *Mulan* (13 anos) realce personagens fortes, é importante considerar como as mensagens específicas podem influenciar percepções mais amplas de gênero, conforme abordado pelos pesquisadores.

Enquanto a citação enfatiza uma tendência positiva em direção ao empoderamento feminino e à diversidade nas representações de gênero, o referencial teórico reconhece tanto a evolução quanto a persistência de estereótipos de gênero nas histórias Disney. Isso sugere que, embora tenha havido progresso significativo (e.g. Vitorelo & Pelegrini, 2018; Souza & Mello, 2021; Zimmermann & Machado, 2021), ainda há espaço para crítica e reflexão sobre como as narrativas Disney influenciam as concepções de gênero.

Por fim, outro comentário de Mulan (13 anos) revela a forte conexão emocional que ela estabeleceu com os personagens masculinos Naveen e Flynn, de *A Princesa e o Sapo* e *Enrolados*, respectivamente.

Eu vou falar de dois que tipo assim foram os melhores para mim, perfeitos. Acho que também foi o mais que teve nos filmes todos esses filmes foi esses dois para mim que eu mais me apaixonei, que é o Naveen e o Flynn, né, de *Enrolados*? Cara, esses dois são perfeitos, velho, tipo, ele [Naveen] ficou com ela mesmo ela não sendo uma princesa, mesmo sem saber o rosto dela e ela estando como se fosse... não, ele sabe, é mesmo, tipo assim, ele soube. Mas tipo assim, mesmo ela sendo um sapo, ele se apaixonou por ela e tipo já o Flynn, ele enfrentou muita coisa por ela, cara, tipo até se arriscar de morrer, ele enfrentou. E são dois tipo assim personagens da Disney que tem o meu coração, tem muito meu coração, que eu amo de paixão, são esses dois, são os meus favoritos. [...]

Eu espero que a mensagem para eles [meninos] seja que tipo, não importa como a mulher seja, não importa o jeito que ela é, o importante é ser cavalheiro com elas. O importante é, tipo, gostar de verdade, não usar a mulher como se fosse brinquedo.

(Mulan, 13 anos)

Ela aprecia que esses personagens masculinos valorizam as protagonistas femininas por suas qualidades internas e não apenas por sua aparência ou status social. A citação sugere que essas representações podem servir como modelos positivos para os espectadores masculinos, incentivando-os a respeitar as mulheres e a valorizar relacionamentos genuínos. Isso destaca a diversidade de interpretações e experiências individuais em relação ao conteúdo da Disney, sugerindo que as mensagens positivas também têm o potencial de impactar a percepção dos espectadores (Machado & Zimmermann, 2022). Esse relato evidencia também uma tendência de elogiar personagens masculinos por atos relativamente simples, da mesma forma como é observado na vida real.

Neste sentido, a discussão proposta por Mulan (13 anos) dialoga com o argumento sobre a desconstrução das questões de gênero no universo Disney, sugerindo que há uma evolução em curso nas narrativas (Souza & Mello, 2021; Benhamou, 2023). Isso pode indicar que personagens masculinos, como Naveen e Flynn, podem servir como modelos positivos para os espectadores, ao demonstrarem coragem, sacrifício e respeito pelas suas parceiras. Além disso, a citação de Mulan (13 anos) converge com a perspectiva sobre a representação masculina nos filmes de Princesas da Disney, que, embora os filmes muitas vezes se concentrem nas protagonistas femininas, personagens masculinos também desempenham papéis significativos na narrativa na narrativa (Lucas & Puhl, 2016).

Por outro lado, o comentário de Mulan (13 anos) contradiz as preocupações levantadas, que associam o engajamento com a cultura das Princesas Disney a comportamentos estereotipados de gênero e hegemonia masculina na adolescência (Coyne, Linder & Rasmussen et al., 2016; Coyne, Linder & Booth et al., 2021). Além disso, a citação também contrapõe as análises que questionam as representações de masculinidade nos filmes da Disney e que discutem a construção de masculinidades rivais além dos problemas associados à masculinidade dos vilões da Disney (Baliscei, 2020a, 2020b). Flynn, por exemplo, ao contrário dos vilões analisados, é apresentado como um exemplo positivo de masculinidade, desafiando a noção de que a masculinidade nos filmes Disney está intrinsecamente ligada a traços negativos. Ao destacar personagens masculinos que demonstram respeito e amor verdadeiro pelas mulheres, Mulan sugere que há espaço para representações positivas de masculinidade na mídia infantil.

Assim, a discussão, a partir das citações apresentadas na Tabela 14, revela uma variedade de perspectivas sobre a influência das Princesas Disney na formação de ideias sobre gênero. Desde o olhar crítico sobre estereótipos de gênero e análises mais aprofundadas sobre consentimento e autonomia até visões mais positivas sobre as personagens, as participantes

desvelam camadas complexas que permeiam essas narrativas. Este diálogo a partir das vozes das jovens propicia uma compreensão mais holística de como as Princesas Disney moldam e influenciam suas concepções de gênero. Em resumo, as críticas às narrativas das Princesas Disney revelam uma crítica consciente às narrativas tradicionais das Princesas Disney e uma apreciação pelas representações que promovem a igualdade de gênero, autonomia feminina e relações saudáveis. Isso evidencia a importância de uma análise crítica das representações de gênero nos filmes, destacando a complexidade dessas histórias e a necessidade de promover representações mais diversas e equitativas.

Tabela 14 Citações ilustrativas do subtema *Revelando o Feitiço: Críticas às Narrativas*

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
"[...] eu não gosto da animação de Cinderela por causa que ela traz a sensação de que os problemas de Cinderela só melhoraram por causa de um príncipe. Por causa que uma fada madrinha que chegou e entregou para ela a chance conhecer um príncipe, como se ela não pudesse reverter a situação sozinha. Precisaria de uma segunda pessoa, um príncipe encantado para poder ajudar." (Merida, 14 anos)	Critica a narrativa de Cinderela por perpetuar a ideia de que a solução para os problemas de uma mulher depende da intervenção de um homem, refletindo a crítica feminista sobre a dependência feminina e a falta de agência das personagens.
"Acho que essa distinção [de tratamento dado pela mãe a Merida e aos irmãos] é tipo, como se ela achasse que ela é desfavorecida por causa que os irmãos dela podem fazer tudo e ela não. Acho que causa um sentimento de que você não é amada e você não tem aquela liberdade que você quer, do jeito que ela quer." (Merida, 14 anos)	Aborda o tratamento desigual que as meninas recebem em comparação aos meninos, destacando como isso pode gerar sentimentos de inferioridade e falta de liberdade. Reflete ainda as preocupações com a internalização de papéis de gênero tradicionais e as limitações impostas às mulheres desde cedo.
"Depois que eu comecei a ler o lado sombrio, entre aspas, de Cinderela, eu comecei a pensar 'ah, se de Cinderela tem, eu acho que de outras princesas também devem ter'. [...] A Bela Adormecida foi umas das que eu mais fiquei assim... Tem umas coisas que acontecem, principalmente atualmente, infelizmente, mas acontece muito que é o assédio, né? O abuso de uma pessoa vulnerável ou inconsciente. O príncipe foi lá beijar uma princesa dormindo, ele não teve uma resposta dela falando que não queria ou se queria, ou seja, não dando opção para ela escolher se queriam ou não aquilo." (Bela, 17 anos)	Critica a narrativa de <i>A Bela Adormecida</i> pelo tema do consentimento, ressaltando como o beijo não consentido do príncipe representa um abuso. Essa perspectiva é consistente com análises feministas sobre o problema do consentimento em contos de fadas e reflete uma conscientização crítica sobre temas de assédio e abuso.
"[...] apesar da Fera ser bem tóxico, [...] ele percebia que ela era doce, que ela não gostava desse tipo de coisa e ela até ensinava para ele algumas coisas, né? Tanto sentimentalmente,	A contradição ao reconhecer características tóxicas e românticas de <i>A Bela e a Fera</i> , ilustra o perigo de

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
<p>emocionalmente, quanto as coisas da casa também. [...] eu acho que foi aí que eu comecei a gostar muito da Bela e a Fera porque, além de tudo, tem uma categoria ali que eu gosto, que é o romance, que a Fera percebeu que ela era uma pessoa muito boa já que ela gostava tanto do pai que pediu para ficar no lugar dele." (Bela, 17 anos)</p>	<p>mensagens ambíguas nos contos de fadas, onde relacionamentos tóxicos são romantizados e justificados pela perspectiva do amor verdadeiro.</p>
<p>"Eu acho que a maioria [dos filmes das princesas Disney podem contribuir para reforçar essas ideias dos papéis de gênero na sociedade] sim. Tem muito que eles lutam pelo reino assim, a menina só fica lá ou que a menina vai cozinhar e eles ficam lá." (Cinderela, 14 anos)</p>	<p>Critica os filmes da Disney por reforçarem papéis de gênero tradicionais, onde as princesas são frequentemente relegadas a papéis passivos ou domésticos.</p>
<p>"Sim [os filmes das princesas Disney podem contribuir para reforçar essas ideias dos papéis de gênero], principalmente crianças de 8, 7 anos que têm esses sonhos de querer um príncipe e tal. Eu acho muito possível pessoas da minha idade também, se você tem esse sonho irreal de querer um príncipe, de que vai ser tudo lindo e belo e vai vir uma fada madrinha e dar um vestido." (Merida, 14 anos)</p>	<p>Destaca como os filmes da Disney podem criar expectativas irreais sobre relacionamentos e papéis de gênero, influenciando crianças e adolescentes a acreditarem em ideais de romance fantasiosos e inatingíveis.</p>
<p>"Eu acho que tipo Mulan e Tiana e Merida também, agora o novo filme da Raya que já tem um tempinho, já. Eu acho que são filmes que, tipo assim, mostra que não é porque você é uma mulher que você é fraca, que você não pode conseguir tudo que você quer, entendeu? Merida mesmo mostra que ela não precisa de homem nenhum para enfrentar um urso, sabe? E tipo, Tiana, mostra que ela não precisou dele para poder estar comprando e lutando, trabalhando dia e noite para poder ter o restaurante dela. Mulan mostra que ela pode seguir para guerra e tipo, são filmes que mostram que você é uma mulher e você pode ser o que você quiser, entendeu? Você pode ser forte, um monte de coisa. [...] Cinderela, sem precisar estar um homem do lado, enfrentou a madrasta dela. [...] Branca de Neve eu não sei. Deixa eu ver o que mais... Quais são os outros filmes? Moana também nem teve príncipe. [...] Enrolados também achei muito massa ela ser forte e tipo ela enfrentar, sabe? Aqueles caras lá com a frigideira, cara, achei muito massa. Quando eles vão para aquele barzinho lá, é tipo um bar sabe do quê lá. E tipo ela entrar lá super forte, sem ter medo de ninguém, com a frigideira dela, sendo que com um peteleco ela voaria deles. Eu achei muito massa. [...] Pocahontas é uma princesa muito forte, né? Pocahontas é muito forte, eu não tenho nem o que falar dela. Bela Adormecida, eu acho, teve o live-action dela, eu acho muito massa porque, no live-action, né, tipo, o beijo de amor dela não foi o príncipe, foi a madrinha dela, Malévola, tipo, perfeito. [...] Ariel enfrentou o pai dela para realizar seus sonhos, cara, tipo, não tem nem o que falar. [...] Ela também enfrentou a Úrsula, teve um monte de coisa além de enfrentar a família, ela foi forte, enfrentou a Úrsula, um monte de coisa." (Mulan, 13 anos)</p>	<p>Destaca uma evolução positiva na representação das princesas, refletindo mudanças culturais em direção ao empoderamento feminino e à diversidade de papéis de gênero.</p>

Trechos retirados das transcrições das entrevistas	Análise Sucinta
<p>"Eu vou falar de dois que tipo assim foram os melhores para mim, perfeitos. Acho que também foi o mais que teve nos filmes todos esses filmes foi esses dois para mim que eu mais me apaixonei, que é o Naveen e o Flynn, né, de Enrolados? Cara, esses dois são perfeitos, velho, tipo, ele [Naveen] ficou com ela mesmo ela não sendo uma princesa, mesmo sem saber o rosto dela e ela estando como se fosse... não, ele sabe, é mesmo, tipo assim, ele soube. Mas tipo assim, mesmo ela sendo um sapo, ele se apaixonou por ela e tipo já o Flynn, ele enfrentou muita coisa por ela, cara, tipo até se arriscar de morrer, ele enfrentou. E são dois tipo assim personagens da Disney que tem o meu coração, tem muito meu coração, que eu amo de paixão, são esses dois, são os meus favoritos. [...] Eu espero que a mensagem para eles [meninos] seja que tipo, não importa como a mulher seja, não importa o jeito que ela é, o importante é ser cavalheiro com elas. O importante é, tipo, gostar de verdade, não usar a mulher como se fosse brinquedo." (Mulan, 13 anos)</p>	<p>Sugere que as narrativas da Disney têm o potencial de influenciar positivamente as atitudes dos jovens em relação ao gênero e aos relacionamentos, destacando a importância de representações positivas de masculinidade.</p>

Com base nos resultados e na discussão proposta, é possível afirmar que a análise temática dos dados coletados revelou uma compreensão profunda e multifacetada sobre as concepções de gênero, os contextos de socialização e as representações das Princesas Disney na construção da identidade de gênero das adolescentes. Os três temas principais identificados, juntamente com seus subtemas, demonstram a complexidade das interações entre as jovens e as influências sociais, culturais e familiares na formação das percepções de gênero.

O primeiro tema, *Era Uma Vez...: Concepções de Gênero*, destacou como as expectativas de gênero são impostas pela sociedade e como as adolescentes desafiam essas normas, reconhecendo a influência de fatores sociais, familiares e interpessoais. As participantes criticam a imposição de padrões de beleza e comportamento, refletindo sobre a persistência de estereótipos de gênero e suas consequências para a saúde mental e o bem-estar, principalmente de meninas e mulheres.

O segundo tema, *Em um Reino não tão Distante...: Contextos de Socialização*, abordou os microssistemas, exossistemas e macrossistemas que moldam as experiências de socialização das adolescentes. Este tema ressaltou a importância de considerar os diversos contextos nos

quais as jovens estão inseridas e como esses ambientes influenciam suas percepções e comportamentos relacionados ao gênero.

O terceiro tema, *E Viveram Felizes para Sempre?: Sobre as Princesas Disney*, refletiu sobre a influência das narrativas das Princesas Disney na identidade de gênero das adolescentes. Os subtemas abordam a identificação pessoal com as personagens, as interpretações possíveis das histórias e as críticas às narrativas, evidenciando a relevância dessas animações na vida das participantes e na sociedade em geral.

A análise detalhada dos subtemas, enriquecida pelas vozes das participantes, proporcionou *insights* valiosos sobre os desafios associados aos papéis de gênero e as pressões sociais enfrentadas pelas adolescentes. As conexões entre os subtemas e temas, ilustradas no mapa temático, reforçam a inter-relação entre as diversas dimensões analisadas.

Em suma, este capítulo oferece uma contribuição significativa para a compreensão das dinâmicas de gênero e suas implicações na vida das adolescentes. A discussão, fundamentada em teorias relevantes e na análise das falas das participantes, destaca a necessidade de abordagens críticas e reflexivas sobre as normas sociais, expectativas culturais e desigualdades de gênero. A pesquisa reforça a importância de promover representações de relacionamentos saudáveis e respeitosos, contrapondo-se a estereótipos prejudiciais, e de incentivar uma visão mais inclusiva e equitativa de gênero na sociedade.

Capítulo 5. Refletindo sobre a Jornada em Direção ao Reino da Igualdade

A presente dissertação, desenvolvida a partir de um estudo qualitativo, teve como objetivo analisar as concepções de gênero entre adolescentes autodeclaradas mulheres cisgênero, tendo como foco os filmes das Princesas Disney. Os resultados revelaram que as participantes não apenas reconhecem, mas também são afetadas negativamente pelas expectativas, estereótipos, violências e desigualdades de gênero presentes em seus cotidianos. Essas influências adversas são evidenciadas pelas experiências de discriminação e pela pressão para se conformarem a papéis de gênero tradicionais, refletindo as limitações impostas pela sociedade com base no gênero.

Também foi observada uma dinâmica importante de resistência, enfrentamento e identificação por parte das jovens, especialmente diante das representações mais atuais das princesas. Elas não apenas reconheceram, mas também expressaram formas de resistência e adaptação às normas de gênero impostas, encontrando inspiração nas princesas contemporâneas que transmitem mensagens de autonomia, coragem e determinação. Assim, em contraponto às limitações sociais, as adolescentes veem nas princesas modernas uma fonte de empoderamento e um modelo de como desafiar os padrões tradicionais de gênero.

Além disso, foi constatado que a família, a escola e a mídia desempenham papéis cruciais na perpetuação desses papéis de gênero, reforçando estereótipos e expectativas que contribuem para a manutenção das desigualdades e violências relacionadas ao gênero. As adolescentes demonstraram uma compreensão crítica sobre como a socialização de gênero é influenciada por diversos fatores externos, indicando uma percepção aguçada sobre o tema.

Os filmes das Princesas Disney, em particular, foram identificados como um meio significativo de transmissão de normas de gênero, influenciando as concepções das participantes sobre feminilidade, masculinidade e relações de gênero. Essa influência destaca o

papel dessas animações como tecnologias de gênero, que favorecem a perpetuação de papéis, estereótipos, violências e desigualdades de gênero.

É importante reconhecer, entretanto, que a pesquisa enfrentou algumas limitações, incluindo mudanças de orientação e referencial teórico, que apresentaram desafios metodológicos e possivelmente afetaram a profundidade das análises. A metodologia inicialmente escolhida provavelmente limitou a participação de adolescentes tímidas e menos expressivas, o que pode ter restringido a diversidade de perspectivas e experiências relatadas. Além disso, o número reduzido de participantes impossibilita trazer dimensões interseccionais na discussão proposta, evidenciando a necessidade de futuras investigações que abordem uma gama mais ampla de participantes.

Considerando a abrangência das análises, a inclusão das vozes das adolescentes, a contextualização teórica e a reflexão crítica sobre os resultados, é possível afirmar que os objetivos propostos foram alcançados de forma satisfatória. O trabalho demonstrou ter alcançado sua proposta de ir *Para além dos contos de fada*, conforme anunciado em seu título, ao contribuir para a compreensão das interações entre gênero, desenvolvimento humano e mídia, e fornecer inspirações valiosas para a promoção de representações mais diversificadas e equitativas de gênero na sociedade contemporânea.

As implicações da pesquisa são amplas, sugerindo a necessidade de questionar e desafiar as normas sociais de gênero impostas desde a infância. A análise dos dados revelou que as adolescentes vivenciam e compreendem o ser homem ou mulher na sociedade de maneira complexa, sendo profundamente influenciadas por fatores sociais, familiares e interpessoais. Isso ressalta a importância de uma reflexão crítica sobre as mensagens transmitidas pela mídia e seu papel na construção da identidade de gênero.

No contexto educacional, os resultados podem incentivar a promoção de discussões sobre igualdade de gênero e a desconstrução de estereótipos, contribuindo para a formação de

jovens mais críticos e conscientes. A pesquisa também pode influenciar políticas públicas voltadas para a igualdade de gênero, evidenciando como as representações de gênero na mídia e nos contextos sociais afetam a construção da identidade de gênero das adolescentes.

Para futuras investigações, recomenda-se a adoção de metodologias que permitam a inclusão de uma gama mais ampla de participantes e a expansão do número de participantes para fortalecer a representatividade dos resultados. Além disso, estudos futuros poderiam explorar a influência de outros meios de comunicação e contextos sociais na construção da identidade de gênero, bem como as formas de resistência e crítica desenvolvidas pelas adolescentes em relação aos estereótipos de gênero.

Em suma, esta dissertação contribui para uma compreensão mais ampla de como as representações de gênero nos filmes das Princesas Disney influenciam as concepções e identidades de gênero das adolescentes participantes desta pesquisa. Ao destacar não apenas os efeitos negativos, mas também as formas de resistência e empoderamento encontradas pelas jovens, a pesquisa ressalta a importância de uma mídia mais consciente e inclusiva, que promova a igualdade de gênero e inspire as adolescentes a desafiar normas e estereótipos limitantes.

Referências

- Abadi, A., & Lobo, N. (2018). Juventude, gênero e sexualidade: reflexões sobre a inserção da psicologia neste campo. In: J. P. da Silva, A. Faro, & E. Cerqueira-Santos (Orgs.). *Psicologia e Adolescência: gênero, violência e saúde* (1a ed.) [recurso eletrônico]. CRV. <https://doi.org/10.24824/978854442984.6>
- Adichie, C. N. (2009, Julho). *The danger of a single story* [Video]. TED Conferences. https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt-br
- Aguiar, E. L. de C., & Barros, M. K. (2015). *A Representação Feminina nos Contos de Fadas das Animações de Walt Disney: a Ressignificação do Papel Social da Mulher*. XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. InterCom. Recuperado de <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-1959-1.pdf>
- Almeida, R. M. V. de (2020). *O mito Pocahontas na Disney renaissance: das narrativas de um mito fundador aos dilemas identitários dos Estados Unidos na década de 1990* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/T.8.2020.tde-07082020-195745>
- Andrade, A. A., Peixoto, J. V. S., & Dantas, S. G. (2022). De Princesa a Sultana: A reapresentação da personagem Jasmine da animação Aladdin (1992) para o live-action (2019) como instrumento de posicionamento de marca Disney. *Revista Intercom*, 11(1). Recuperado de <https://revistas.intercom.org.br/index.php/iniciacom/article/view/4065/2723>
- Andrews, M., & Chapman, B. (Diretores). (2012). *Valente*. Pixar Animation Studios. Recuperado de <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/valente/ovUp92sPbaSW>
- Anindita, N. P. (2022). A Comparison Between Disney Earlier and Recent Princess of The Third Generation of Disney Animated Films as Seen in Rapunzel in Tangled and Moana in Moana. *Kata Kita*, 10(1), 51-57. <https://doi.org/10.9744/katakita.10.1.51-57>
- Anjirbag, M. A. (2018). Mulan and Moana: Embedded Coloniality and the Search for Authenticity in Disney Animated Film. *Social Sciences*, 7(11). <https://doi.org/10.3390/socsci7110230>
- Appolinário, F. A. de, & Gonçalves, F. C. N. I. (2020). A Representação do Papel da Mulher nas Princesas da Disney: uma análise sob a ótica feminista. *Boletim Historiar*, 7(03). Recuperado de <https://periodicos.ufs.br/historiar/article/view/15014>
- Armstrong, R. (2018). Time to Face the Music: Musical Colonization and Appropriation in Disney's Moana. *Social Sciences*, 7(7), 113. <https://doi.org/10.3390/socsci7070113>
- Associação Brasileira de Intersexos [ABRAI] (s.d.). *O que é ser Intersexo*. Recuperado em 14 de agosto de 2023, de <https://abrai.org.br/informacoes-e-recursos/definicao-de-intersexo/>

- Aun, N., & Rodrigues, A. (2023). *Histórias para quem dormir? Expondo os contos de fadas para despertar*. Editora Claraboia
- Baliscei, J. P., Calsa, G. C., & Stein, V. (2017). Tiana, a primeira princesa negra da Disney: olhares analíticos construídos juntos à cultura visual. *Visualidades*, 15(2), 137–162. <https://doi.org/10.5216/vis.v15i2.44123>
- Baliscei, J. P. (2020a). O Vilão Suspeito: O que há de errado com a masculinidade dos vilões da Disney?. *Diversidade e Educação*, 7(2), 45–70. <https://doi.org/10.14295/de.v7i2.9422>
- Baliscei, J. P. (2020b). Quem é mais homem? A construção de masculinidades rivais na animação A Bela e a Fera (1991) da Disney. *Comunicação & Sociedade*, 42(2), 283–316. <https://doi.org/10.15603/2175-7755/cs.v42n2p283-316>
- Bancroft, T., & Cook, B. (Diretores). (1998). *Mulan*. Walt Disney Pictures. Recuperado de <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/mulan/85wmj4hahA0B>
- Barker, J.L. (2010). Hollywood, Black Animation, and the Problem of Representation in Little Ol' Bosko and The Princess and the Frog. *Journal of African American Studie*, 14(4), 482–498. <https://doi.org/10.1007/s12111-010-9136-z>
- Beaupré, O. M. (Editor) (1920). *Through Fairy Halls of My Bookhouse*. The Bookhouse for Children Publisher. Recuperado de <https://www.loc.gov/item/20018672/>
- Beauvoir, S. de. (2009). *O segundo sexo* (2ª ed.). Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1949)
- Begum, S. (2022). He Said, She Said: A Critical Content Analysis of Sexist language used in Disney's The Little Mermaid (1989) and Mulan (1998). *Journal of International Women's Studies*, 23(1). Recuperado de <https://vc.bridgew.edu/jiws/vol23/iss1/18/>
- Beloso, L., & Fullana, M. (2019). El amor en los tiempos de las Princesas de Disney. *Ética y Cine Journal*, 9(3), 17–20. Recuperado de <https://www.redalyc.org/journal/5644/564463186004/html/>
- Beltrán, I. G. (2017). Princesas y príncipes en las películas Disney (1937-2013). Análisis de la modulación de la feminidad y la masculinidad. *Filanderas*, (2), 53–74. https://doi.org/10.26754/ojs_filanderas/fil.201722309
- Benites, P. R. (2018). Ritos simbólicos: uma análise dos traços do período paleolítico presentes nos contos maravilhosos e nas produções cinematográficas "Frozen, uma aventura congelante" e "Moana, um mar de aventuras". *Entrelinhas*, 12(2), 219–245. <https://doi.org/10.4013/entr.2018.12.2.06>
- Benhamou, E. (2023). *Contemporary Disney Animation: Genre, Gender and Hollywood*. Edinburgh University Press. Recuperado de <https://www.jstor.org/stable/10.3366/j.ctv32vqhj9>

- Berenbaum, S. A., Martin, C. L.; & Ruble, D. N. (2008). Gender Development. In: Damon, W., & Lerner, R. M. (Eds). *Child and Adolescent Development: An Advanced Course*, 647–695. John Wiley & Sons, Inc.
- Bezerra, M. G., Miranda, A. P. C. de, & Pepece, O. M. C. (2020). A influência das Princesas na Construção da Imagem do Feminino: Branca de Neve, sua Estória Original, suas Representações nos Filmes da Disney e no Cinema Contemporâneo. *Revista ADM.MADE*, 24(2), 40–52. <http://dx.doi.org/10.21784/2237-51392020v24n2p040052>
- Blasco, V. J. V., & Grau-Alberola, E. (2019). Diferencias por sexo y edad en la interiorización de los estereotipos de género en la adolescencia temprana y media. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology*, 17(47), 106–128. <https://doi.org/10.25115/ejrep.v17i47.2184>
- Blumlo. D. (2017). Pocahontas, Uleleh, and Hononegah: The Archetype of the American Indian Princess. *Journal of the Illinois State Historical Society*, 110(2), 129–153. <https://doi.org/10.5406/jillistathistsoc.110.2.0129>
- Botelho, J. (2022, 11 de fevereiro). *Vertentes do feminismo: conheça as principais ondas e correntes!*. Politize!. Recuperado em 27 de junho de 2023, de <https://www.politize.com.br/feminismo/>
- Bourenane, A. (2020) Authenticity and discourses in Aladdin (1992). *Journal of Arab & Muslim Media Research*, 13 (2), 235–250. https://doi.org/10.1386/jammr_00021_1
- Brandão, M. (2023, 8 de março). *Cinco fatos sobre as formas de consumo das mulheres. Consumidor Moderno*. Recuperado em 17 de julho de 2023, de <https://consumidormoderno.com.br/mulheres-consumo-america-latina/>
- Brasil. (2012). Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. *Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*. Recuperado de <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>
- Brasil. (2016). Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. *Normas aplicáveis a pesquisas em ciências humanas e sociais*. Recuperado de <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>
- Brasil. (2021). Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Ofício Circular nº 2, de 24 de fevereiro de 2021. *Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual*. Recuperado de https://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2_24fev2021.pdf
- Brasil. (1990). Presidência da República. Casa Civil. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Recuperado de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm
- Brasil. (2018). Presidência da República. Secretaria-Geral. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. *Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD)*. Recuperado de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm

- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Braun, V., & Clarke, V. (2013). *Successful qualitative research: A practical guide for beginners*. Sage.
- Braun, V., Clarke, V., Hayfield, N., & Terry, G. (2019). Thematic Analysis. In: Liamputtong, P. (Eds) *Handbook of Research Methods in Health Social Sciences*. Springer. https://doi.org/10.1007/978-981-10-5251-4_103
- Breaux, R.M. (2010). After 75 Years of Magic: Disney Answers Its Critics, Rewrites African American History, and Cashes In on Its Racist Past. *Journal of African American Studies*, 14(4), 398–416. Recuperado de <https://www.jstor.org/stable/41819263>
- Breen, M., & Jordahl, J. (2019). *Mulheres na luta: 150 anos em busca de liberdade, igualdade e sororidade*. Seguinte.
- Brito, R. F., & Vieira, C. E. C. (Orgs.). (2023). *Leitura(s), de fake news* [recurso eletrônico]. Editora Bordô-Grená.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1979)
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos*. Artmed. (Trabalho original publicado em 2005)
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (1998). The ecology of developmental processes. In: W. Damon & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development*, 993–1028. John Wiley & Sons Inc.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (2006). The Bioecological Model of Human Development. In: R. M. Lerner & W. Damon (Eds.), *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development*, 793–828. John Wiley & Sons. <https://doi.org/10.1002/9780470147658.chpsy0114>
- Brown, B. B. (2004). Adolescents' Relationships with Peers. In: Lerner, R. M., & Steinberg, L. (Eds.). *Handbook of adolescent psychology* (2ª ed.), 363–394. John Wiley & Sons, Inc.
- Brown, C. (2008). *Developmental Psychology*. SAGE.
- Bruns, M. A. de T., & Zerbinati, J. P. (2018). Adolescência, gênero e violência. In: J. Silva, A. Faro, & E. Cerqueira-Santos (Orgs.). *Psicologia e Adolescência: gênero, violência e saúde* (1a ed.) [recurso eletrônico]. CRV. <https://doi.org/10.24824/978854442984.6>
- Bryman, A. (2004). *The Disneyization of Society*. SAGE Publishers
- Bueno, M. E. (2012). *Girando entre Princesas: performances e contornos de gênero em uma etnografia com crianças*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/D.8.2012.tde-08012013-124856>

- Buescher, D. T., & Ono, K. A. (1996) Civilized Colonialism: Pocahontas as Neocolonial Rhetoric, *Women's Studies in Communication*, 19(2), 127–153, <http://dx.doi.org/10.1080/07491409.1996.11089810>
- Butler, J. P. (2022). Sujeitos do sexo/gênero/desejo. In: _____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (22ª ed.), 17–70. Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 1990)
- Campos, R. (2019, Novembro 5). Carregando bolsa da esposa, homem é confundido com gay e apanha. *Metrópoles*. Recuperado de <https://www.metropoles.com/mundo/carregando-bolsa-da-esposa-homem-e-confundido-com-gay-e-apanha>
- Cardilli, J. (2011, Julho 19). 'Não pode nem abraçar o filho', diz homem que teve orelha cortada. *G1*. Recuperado de <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/07/nao-pode-nem-abracar-o-filho-diz-homem-que-teve-orelha-cortada.html>
- Cardoso, C. P. (2019). Apresentação. In: hooks, b. (Autora). *Teoria Feminista: da Margem ao Centro*, 9–11. Perspectiva.
- Cardoso, R. M., & Dutra, V. da S. (2016). A Desconstrução do mal: A relação entre “A Bela Adormecida” e “Malévola”. *Linguagem: Estudos e Pesquisas*, 19(1), 163–177. <https://periodicos.ufcat.edu.br/lep/article/view/39898>
- Carvalho, R. (2020, Agosto 11). Cabeleireiro hétero é agredido por vizinhos homofóbicos. *Observatório G*. Recuperado de <https://observatoriog.com.br/noticias/cabeleireiro-hetero-e-agredido-por-vizinhos-homofobicos>
- Castaño-Pulgarín, S. A., Suárez-Betancur, N., Vega, L. M. T., & López, H. M. H. (2021). Internet, social media and online hate speech. Systematic review. *Aggression and Violent Behavior*, 58. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2021.101608>
- Cechin, M. (2014). O que se aprende com as princesas da Disney? *Zero-a-seis*, 16(29), 131–147. <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2014n29p131>
- Cerqueira-Santos, E. (2021). Sexualidade humana: uma leitura a partir da psicologia do desenvolvimento. In: Ramos, M. de M. & Cerqueira-Santos, E. (Orgs.). *Psicologia & Sexualidade: Diversidade Sexual*, 19–34. Dialética.
- Cerqueira-Santos, E., Melo Neto, O. C. de, & Koller, S. H. (2014). Adolescentes e Adolescências. In: Habigzang, L. F., Diniz, E., & Koller, S. H. (Orgs.). *Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica* (1a ed.) [recurso eletrônico]. Artmed.
- Cerqueira-Santos, E., & Ramos, M. de M. (2018). A socialização da sexualidade e as juventudes. In: J. Silva, A. Faro, & E. Cerqueira-Santos (Orgs.). *Psicologia e Adolescência: gênero, violência e saúde* (1a ed.) [recurso eletrônico]. CRV. <https://doi.org/10.24824/978854442984.6>

- Chulvi, C. R. (2020). Raíces mitológicas en la iconografía de La Bella Durmiente. El caso de La Bella Durmiente de Walt Disney. *Revista Eterna*, (7), 167–183. <https://doi.org/10.24310/Eviternare.v0i7.8390>
- Coll, C. G., Bearer, E. L., & Lerner, R. M. (2012). *Nature and nurture: The complex interplay of genetic and environmental influences on human behavior and development*. Psychology Press.
- Colling, L. (2018). *Gênero e sexualidade na atualidade*. Universidade Federal da Bahia [UFBA]. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Superintendência de Educação a Distância. Recuperado de https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/430946/2/eBook_%20Genero_e_Sexualidade_na_Atualidade_UFBA.pdf
- Collins, P. H., & Bilge, S. (2021). *Interseccionalidade* (1ª ed.). Boitempo.
- Collins, W. A., & Laursen, B. (2004). Parent-Adolescent Relationships and Influences. In: Lerner, R. M., & Steinberg, L. (Eds.). *Handbook of adolescent psychology* (2ª ed.), 363–394. John Wiley & Sons, Inc.
- Collins, W. A., & Steinberg, L. (2008). Adolescent Development in Interpersonal Context. In: Damon, W., & Lerner, R. M. (Eds.). *Child and Adolescent Development: An Advanced Course*, 551–590. John Wiley & Sons, Inc.
- Correia, C. M., & Porto Junior, F. G. R. (2020). Cultura e televisão: notas sobre a influência da mídia televisiva. *Aturá - Revista Pan-Amazônica de Comunicação*, 4(2), 80–101. <https://doi.org/10.20873/uft.2526-8031.2020v4n2p80>
- Correio Braziliense (2023, Junho 22). Turista português fica 19 dias preso na Turquia por "aparentar ser gay". *Correio Braziliense*. Recuperado de <https://www.correio braziliense.com.br/mundo/2023/07/5110929-turista-portugues-fica-19-dias-presos-na-turquia-por-aparentar-ser-gay.html>
- Cortes, A. (2022, Agosto 8). Como fazer um vídeo de react? Aprenda a fazer seu react no YouTube. *Remessa Online*. Recuperado de <https://www.remessaonline.com.br/blog/video-de-react/#:~:text=V%C3%ADdeos%20de%20react,%20ou%20v%C3%ADdeos,m%C3%ADdia%20social,%20incluindo%20o%20YouTube.>
- Coyne, S. M., Linder, J. R., Booth, M., Keenan-Kroff, S., Shawcroft, J. E., & Yang, C. (2021). Princess Power: Longitudinal Associations Between Engagement With Princess Culture in Preschool and Gender Stereotypical Behavior, Body Esteem, and Hegemonic Masculinity in Early Adolescence. *Child Development*, 92(6), 2413–2430. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34287828/>
- Coyne, S. M., Linder, J. R., Rasmussen, E. E., Nelson, D. A., & Birkbeck, V. (2016). Pretty as a Princess: Longitudinal Effects of Engagement With Disney Princesses on Gender Stereotypes, Body Esteem, and Prosocial Behavior in Children. *Child Development*, 87(6), 1909–1925. <https://doi.org/10.1111/cdev.12569>

- Craven, A. (2002). Beauty and the Belles: Discourses of Feminism and Femininity in Disneyland. *European Journal of Women's Studies*, 9(2), 123–142. <https://doi.org/10.1177/1350682002009002806>
- Crenshaw, K. (1989). Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. *University of Chicago Legal Forum*, 1(8), 139–167. <https://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8/>
- Crenshaw, K. (2016, Outubro). *A urgência da interseccionalidade* [Video]. TED Conferences. https://www.ted.com/talks/kimberle_crenshaw_the_urgency_of_intersectionality?language=pt
- Cruzeiro, A. L. S., Souza, L. D. de M., Silva, R. A. da ., Pinheiro, R. T., Rocha, C. L. A. da ., & Horta, B. L.. (2010). Comportamento sexual de risco: fatores associados ao número de parceiros sexuais e ao uso de preservativo em adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15, 1149–1158. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000700023>
- de Lauretis, T. (1987). *Technologies of Gender: Essays on Theory, Film and Fiction*. Indiana University Press.
- Dewi, A. H. (2016). The Use Of Teens React Video To Improve Students' Speaking Ability. *RETAIN: Journal of Research in English Language Teaching*, 1(1). Recuperado de <https://ejournal.unesa.ac.id/index.php/retain/article/view/13922>
- Domingues, P. (2007). Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, 12(23), 100–122. <https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007>
- Doyle, A. (2022). Educação midiática a serviço da desconstrução de estereótipos de gênero: Práticas de ensino críticas. *Revista FAMECOS*, 29(1). <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2022.1.40880>
- Dundes, L. (2020). The Upshot on Princess Merida in Disney/Pixar's Brave: Why the Tomboy Trajectory Is Off Target. *Humanities*, 9(3). <https://doi.org/10.3390/h9030083>
- Dundes, L., & Streiff, M. (2016). Reel Royal Diversity? The Glass Ceiling in Disney's Mulan and Princess and the Frog. *Societies*, 6(4). <https://doi.org/10.3390/soc6040035>
- Eccles, J. S. (2004). Schools, Academic Motivation, and Stage-Environment Fit. In: Lerner, R. M., & Steinberg, L. (Eds). *Handbook of adolescent psychology* (2^a ed.), 125–153. John Wiley & Sons, Inc.
- Efrain, A. (2022, Novembro 22). Agressão no Qatar: bandeira de Pernambuco é confundida com arco-íris LGBT. *Universa Uol*. Recuperado de <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/11/22/brasileiro-e-agredido-no-qatar-apos-briga-por-bandeira-de-pe-e-simbolo-gay.htm>

- England, D. E., Descartes, L. & Collier-Meek, M. A. (2011). Gender Role Portrayal and the Disney Princesses. *Sex Roles*, 64, 555–567. <https://doi.org/10.1007/s11199-011-9930-7>
- Estadão (2017, Outubro 2). Mãe e filha são agredidas em shopping por serem confundidas com casal gay. *Estadão*. Recuperado de <https://www.estadao.com.br/emails/comportamento/mae-e-filha-sao-agredidas-em-shopping-por-serem-confundidas-com-casal-gay/>
- Federici, S. (2019). O que eles chamam de amor, nós chamamos de trabalho não pago, diz Silvia Federici / Entrevistada por Úrsula Passos. *Folha de S.Paulo*. Recuperado em 31 de agosto de 2023, de <https://www.geledes.org.br/o-que-eles-chamam-de-amor-nos-chamamos-de-trabalho-nao-pago-diz-silvia-federici/>
- Ferguson, J.-W. (2016), “Traded it off for that Voodoo Thing”: Cultural Capital and Vernacular Debt in Disney's Representation of New Orleans. *J Pop Cult*, 49, 1224-1240. <https://doi.org/10.1111/jpcu.12486>
- Ferreira, V. C. de M., & Gonçalves, J. P. (2018). Mudanças nas representações femininas filmicas do estúdio Walt Disney do século XX: A princesa clássica Branca de Neve (1937) e a revolucionária Mulan (1998). *Caderno de Gênero e Tecnologia*, 11(38), 5–19. <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/view/7531>
- Ferreira, V. C. de M., & Gonçalves, J. P. (2019). Princesas Disney e cinema: representações do gênero feminino. *Comunicações*, 26(2), 99–121. <https://doi.org/10.15600/2238-121X/comunicacoes.v26n2p99-121>
- Ferreira, C. C., Conceição, V. L. da, Silveira, A., Santana, A. C. O. de, Trigo, A., Freitas, L. B.A., & Maruyama, U. (2021). ‘Being a Woman’ and ‘Being a Scientist’: Contributions to Women Participation in Science. In: *2nd South American International Conference on Industrial Engineering and Operations Management*, <https://doi.org/10.46254/SA02.20210498>.
- Foucault, M. (1998). *Microfísica do poder*. Edições Graal. (Trabalho original publicado em 1979).
- Franchini, B. S. (2018, 8 de março). *O que são as ondas do feminismo?*. Revista QG Feminista. Recuperado em 27 de junho de 2023, de <https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a>
- Gabler, N. (2016). *Walt Disney: O triunfo da imaginação americana* (3ª ed.). Novo Século Editora. (Trabalho original publicado em 2006)
- Gabriel, M., & Goldberg, E. (Diretores). (1995). *Pocahontas*. Walt Disney Pictures. Recuperado de <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/pocahontas/2WjLTJt9dM5C>
- Galambos, N. L. (2004). Gender and Gender Role Development in Adolescence. In: Lerner, R. M., & Steinberg, L. (Eds.). *Handbook of adolescent psychology* (2ª ed.), 233–262. John Wiley & Sons, Inc.

- Garrido, C. V. B. (2017). *Design de personagens: estereótipos gráficos de personagens com deficiência em produções de animação*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia]. Recuperado de <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/35244/1/Design%20de%20Personagens%20-%20DISSERTACAO%20-%20Carolina%20Garrido%20-%20DIGITAL.pdf>
- Gaskell, G (2008). Entrevista individuais e grupais. In: Bauer, M. W. & Gaskell, G. (Eds.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (7a. ed), 64–89. Ed. Vozes. (Trabalho original publicado em 2000)
- Gehlawat, A. (2010). The Strange Case of “The Princess and the Frog”: Passing and the Elision of Race. *Journal of African American Studies*, 14(4), 417–431. Recuperado de <https://www.jstor.org/stable/41819264>
- Geronimi, C. (Diretor). (1959). *A Bela Adormecida*. Walt Disney Pictures. Recuperado de <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/a-bela-adormecida/1rc2EavpNV7U>
- Gomes, L. S., & Silva, C. Y. G. da. (2019). Da fantasia à realidade: os contos de fadas no contexto escolar. *Psicologia da Educação*, (49), 99-115. <https://dx.doi.org/10.5935/2175-3520.20190023>
- Gregory, S. M. (2010). Disney’s Second Line: New Orleans, Racial Masquerade, and the Reproduction of Whiteness in ‘The Princess and the Frog.’ *Journal of African American Studies*, 14(4), 432–49. Recuperado de <http://www.jstor.org/stable/41819265>
- Greno, N., & Howard, B. (Diretores). (2010). *Enrolados*. Walt Disney Pictures. Recuperado de <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/enrolados/3V3ALy4SHStq>
- Guinta, J. V. (2018). “A Girl Worth Fighting For”: Transculturation, Remediation, and Cultural Authenticity in Adaptations of the “Ballad of Mulan”. *SARE*, 55(2), 154–172. Recuperado de <https://sare.um.edu.my/index.php/SARE/article/view/15191/9100>
- Gutiérrez, J. C. H. (2020). Moana (Vaiana): el empoderamiento femenino en Disney. *Analéctica*, 6(38). <https://doi.org/10.5281/zenodo.4091483>
- Hand, D. (Diretor). (1937). *Branca de Neve e os Sete Anões*. Walt Disney Pictures. Recuperado de <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/branca-de-neve-e-os-sete-anoes/7X592hsrOB4X>
- Hine, B., Ivanovic, K., & England, D. (2018). From the Sleeping Princess to the World-Saving Daughter of the Chief: Examining Young Children’s Perceptions of ‘Old’ versus ‘New’ Disney Princess Characters. *Social Sciences*, 7(9). <https://doi.org/10.3390/socsci709016>
- Hine, B., England, D., Loppreore, K., Horgan, E. S., & Hartwell, L. (2018). The Rise of the Androgynous Princess: Examining Representations of Gender in Prince and Princess Characters of Disney Movies Released 2009–2016. *Social Sciences*, 7(12). <https://doi.org/10.3390/socsci7120245>

- Hollowell, A. (2020). Chief Tui Makes Way: Moana, Misogyny, and the Possibility of a Profeminist Ethic. *Men and Masculinities*, 24(5), 760–779. <https://doi.org/10.1177/1097184X20954265>
- Hood, K. E., Halpern, C. T., Greenberg, G., & Lerner, R. M. (2010). *Handbook of developmental science, behavior, and genetics*. Wiley-Blackwell.
- Howard, B., & Bush, J. (Diretores). (2021). Encanto. Walt Disney Pictures. Recuperado de <https://www.disneyplus.com/pt-br/browse/entity-328b0ec7-6e50-4ead-aa7f-c8bb92e6f08a>
- Hurley, D. L. (2005). Seeing White: Children of Color and the Disney Fairy Tale Princess. *The Journal of Negro Education*, 74(3), 221–232. Recuperado de <https://www.jstor.org/stable/40027429>
- Hyland, N. (2020). “I am not a princess”: Navigating Mana Wahine in Disney’s Moana. *Performance Paradigm*, 15, 7–22. Recuperado de <http://www.performanceparadigm.net/index.php/journal/article/view/225>
- Iger, R. A., McCarthy, C. M., Woodford, B. A., Arnold, S. E., Barra, M. T., Catz, S. A., Chang, A. L., de Souza, F. A., Everson, C. N., Froman, M. B. G., Lagomasino, M. E., McDonald, C. R., Parker, M. G., & Rice, D. W. (2023). *Fiscal Year 2022 Annual Financial Report*. Recuperado em 12 de maio de 2023, de <https://thewaltdisneycompany.com/app/uploads/2023/02/2022-Annual-Report.pdf>
- Ilmonen, K. (2020). Feminist Storytelling and Narratives of Intersectionality. *Journal of Women in Culture and Society*, 45(2), 347–371. <https://doi.org/10.1086/704989>
- Internet Movie Database [IMDB]. (s.d.). Report. *Box Office Mojo*. Recuperado em 12 de maio de 2023, de <https://www.boxofficemojo.com/>
- Jernigan, E. (2022, August 19). World Princess Week Returns to Disney Parks Next Week. *Disney Parks Blog*. Recuperado em 15 de maio de 2023, de <https://disney Parks.disney.go.com/blog/2022/08/world-princess-week-returns-next-week/>
- Jackson, W., Luske, H., & Geronimi, C. (Diretores). (1950). *Cinderela*. Walt Disney Pictures. Recuperado de <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/cinderela/VJPw3bEy9iHj>
- Kalmakurki, M. (2018). Snow White and the Seven Dwarfs, Cinderella and Sleeping Beauty: The Components of Costume Design in Disney’s Early Hand-Drawn Animated Feature Films. *Animation*, 13(1), 7–19. <https://doi.org/10.1177/1746847718754758>
- Kasto, N. I., & Saptanto, D. D. (2022). Comparative Scenes and Issues of The 1992 Aladdin Film and Aladdin 2019 Produced by Walt Disney. *The Virtual International Conference on Economics, Law and Humanities*, 1(1), 25–31. Recuperado de <https://callforpaper.unw.ac.id/index.php/ICOELH/article/view/143>
- Kerr, M., Stattin, H., Biesecker, G., & Ferrer-Wreder, L. (2003). Relationships with Parents and Peers in Adolescence. In: Lerner, R. M., Easterbrooks, M. A., & Mistry, J. (Eds.).

Handbook of psychology: Developmental psychology (Vol. 6), 395–419. John Wiley & Sons, Inc.

- Khalid, M. (2015). A Feminist Study of Tangled. *European Academic Research*, 3(2), 1833-1845. Recuperado de <https://citeseerx.ist.psu.edu/document?repid=rep1&type=pdf&doi=91ad521a6b354a63a923ff32fb34b9b5803b6f9f>
- Kiyomi, K. (2000). Disney's Pocahontas: Reproduction of Gender, Orientalism, and the Strategic Construction of Racial Harmony in the Disney Empire. *Asian Journal of Women's Studies*, 6(4), 39–65. <http://dx.doi.org/10.1080/12259276.2000.11665893>
- Kubin, E., & von Sikorski, C. (2021). The role of (social) media in political polarization: a systematic review. *Annals of the International Communication Association*, 45(3), 188–206. <https://doi.org/10.1080/23808985.2021.1976070>
- Kuczynski, L., & De Mol, J. (2015). Dialectical Models of Socialization. Overton, W. F., & Molenaar, P. C. M. (Eds.). In: *Handbook of child psychology and developmental science: Theory and Method* (Vol. 1, 7^a ed.), 323–368. John Wiley & Sons, Inc.
- Lang, B. (2021, 11 de fevereiro). Disney Earnings Beat Expectations Thanks to Streaming Growth. *Variety*. Recuperado em 13 de maio de 2023, de <https://variety.com/2021/biz/news/disney-earnings-disney-plus-streaming-1234906441>
- Leeper, C., & Brown, C. S. (2014). Chapter six - Sexism in Schools. In: Liben, L. S., & Bigler, R. S. (Eds.). *The Role of Gender in Educational Contexts and Outcomes. Advances in Child Development and Behavior*. (47), 189–223. <https://doi.org/10.1016/bs.acdb.2014.04.001>
- Leduc, A. (2020). *Disfigured: On Fairy Tales, Disability, and Making Space*. Coach House Books.
- Lee, L. (2009). Young American immigrant children's interpretations of popular culture: a case study of Korean girls' perspectives on royalty in Disney films. *Journal of Early Childhood Research*, 7(2), 200–215. <https://doi.org/10.1177/1476718X08098357>
- Lehmiller, J. J. (2018). *The Psychology of Human Sexuality* (2^a ed.) [recurso eletrônico]. John Wiley & Sons.
- Lemos, J. F. B., & Barth, M. (2020). Donas do castelo: a introdução do empoderamento feminino no comportamento das Princesas Disney e a proposição de um instrumento de análise. *Revista UNINTER de Comunicação*, 8(15), 60–78. <https://doi.org/10.21882/ruc.v8i15.844>
- Lerner, R. M. (2018). *Concepts and theories of human development* (4^a ed.). Routledge.
- Lerner, R. M., Easterbrooks, M. A., & Mistry, J. (2003). *Handbook of psychology: Developmental psychology* (Vol. 6). John Wiley & Sons, Inc.

- Lester, N.A. (2010), Disney's *The Princess and the Frog*: The Pride, the Pressure, and the Politics of Being a First. *The Journal of American Culture*, 33, 294–308.
<https://doi.org/10.1111/j.1542-734X.2010.00753.x>
- Lucas, A. R., & Puhl, P. R. (2016). A Representação Masculina nos Filmes de Princesas das Disney. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. InterCom. Recuperado de <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1626-1.pdf>
- Machado, A. A., & Zimmermann, T. R. (2022). Considerações sobre Pedagogias Fílmicas Infantis da Disney: Representando Princesas em Subjetividades Femininas Outras. *Zanzalá*, 9(1). Recuperado de <https://periodicos.ufjf.br/index.php/zanzala/article/view/38206/25328>
- Machida, A. N., & Mendonça, C. M. C. (2020). A Construção das Princesas Disney: Uma análise das performances, narrativas e Identidades femininas. *Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura*, 9(2). Recuperado de <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/3850>
- Maia, A. C. B., Venturin, A. B., Longhitano, B., Leite, M. G. R., & Gravalos, N. M. (2020). Padrões de beleza, feminilidade e conjugalidade em princesas da Disney: uma análise de contingências. *Diversidade e Educação*, 8(Especial), 123–142.
<https://doi.org/10.14295/de.v8iEspeciam.9812>
- Manaworapong, P., & Bowen, N.E.J.A. (2022). Language, gender, and patriarchy in *Mulan*: a diachronic analysis of a Disney Princess movie. *Humanit Soc Sci Commun*, 9(224).
<https://doi.org/10.1057/s41599-022-01244-y>
- Martinez, F. J. (2015). Educadas para o consumo: moda e publicidade como “tecnologias de gênero” no início do século XX. *Emblemas*, 12(2), 52–66.
- Martins, A. (2018, 12 de novembro). *Receita de Beignets, um clássico de New Orleans*. Inglês Gourmet. Recuperado em 20 de maio de 2023, de <https://inglesgourmet.com/2018/11/12/receita-de-beignets-um-classico-de-new-orleans/>
- Martins, L. C., & Branco, A. U. (2001). Desenvolvimento moral: considerações teóricas a partir de uma abordagem sociocultural construtivista. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17(2), 169–176. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722001000200009>
- Matos, M. (2020). Evolução das princesas da Disney diante do feminismo. *Jus Navigandi*. Recuperado de <https://jus.com.br/artigos/81923/evolucao-das-princesas-da-disney-diante-do-feminismo>
- Meharg, S. S., & Woltersdorf, M. A. (1990). Therapeutic use of videotape self-modeling: A review. *Advances in Behaviour Research and Therapy*, 12(2), 85–99.
<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/014664029090008E>.

- Mello, J., & Marques, D. (2019). Elementos para uma tipologia de gênero da atuação estatal: visões do estado sobre as mulheres e políticas públicas no Brasil. Ipea. Recuperado de https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8938/1/Td_2441.pdf
- Méndez, S., & Sevilla-Vallejo, S. (2022). Los estereotipos y los roles de género en las películas Disney: Análisis psicocrítico de Blancanieves, Mulan y Frozen. *Revista 2i: Estudos de Identidade e Intermedialidade*, 4(6), 81–97. <https://doi.org/10.21814/2i.4095>
- Merdeka, P. H. (2023). Representation of Feminism In Disney Brave Film. *JLLANS*, 2(1). <https://doi.org/10.56855/jllans.v2i1.279>
- Midkiff, E., & Austin, S. (2021). The Disneyfication of Climate Crisis: Negotiating Responsibility and Climate Action in Frozen, Moana, and Frozen 2. *The Lion and the Unicorn*, 45(2), 154–171. <https://doi.org/10.1353/uni.2021.0013>
- Mistry, J., & Dutta, R. (2015). Human Development and Culture. Overton, W. F., & Molenaar, P. C. M. (Eds.). In: *Handbook of child psychology and developmental science: Theory and Method* (Vol. 1, 7ª ed.), 369–406. John Wiley & Sons, Inc.
- Moioli, M. (2018). *Ye Xian and her sisters: the role of a tang story in the Cinderella cycle*. [Tese de doutorado, Universitat Autònoma de Barcelona]. Recuperado de <https://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/462102/mimo1de1.pdf?sequence=1>
- Molenaar, P. C. M., Lerner, R. M., & Newell, K. M. (2014). *Handbook of developmental systems theory and methodology*. The Guilford Press.
- Mollet, T. (2013). “With a smile and a song...”: Walt Disney and the Birth of the American Fairy Tale. *Marvels & Tales*, 27(1), 109–124. <https://doi.org/10.13110/marveltales.27.1.0109>
- Morais, G. A. L. F. de (2018). De princesa a heroína — a transformação da personagem feminina em herói no filme Moana: um mar de aventuras. *Olho d’água*, 10(1), 1–259. Recuperado de <http://200.145.201.15/index.php/Olhodagua/article/view/476>
- Moreira, P. V., & Portela, J. C. (2018). A figura feminina nos filmes Disney: prática de representação identitária. *PERcursos Linguísticos*, 8(18), 262–271. Recuperado de <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/19215>
- Mortensen, F. H. (2008). The Little Mermaid: Icon and Disneyfication. *Scandinavian Studies*, 80(4), 437–454. Recuperado de <https://www.jstor.org/stable/40920822>
- Mota, I. de O., Silva, M. N. L. S., & Araujo, J. A. (2019). Branca de Neve e os sete anões: uma análise discursiva do filme de Walt Disney. *Revista DisSoL - Discurso, Sociedade e Linguagem*, (9), 5–23. <https://doi.org/10.35501/dissol.v0i9.410>
- Monteiro, C., & Zanello, V. (2015). Tecnologias de Gênero e Dispositivo Amoroso nos filmes de animação da Disney. *Revista Feminismos*, 3(1). Recuperado de <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30066>

- Motion Picture Association [MPAA]. (s.d.). *Film Ratings*. Recuperado em 13 de maio de 2023, de <https://www.motionpictures.org/film-ratings/>
- Musker, J., & Clements, R. (Diretores). (1989). *A Pequena Sereia*. Walt Disney Pictures. Recuperado de <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/a-pequena-sereia/5MpPFhS8FTXh>
- Musker, J., & Clements, R. (Diretores). (1992). *Aladdin*. Walt Disney Pictures. Recuperado de <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/aladdin/2SngByljXESE>
- Musker, J., & Clements, R. (Diretores). (2009). *A Princesa e o Sapo*. Walt Disney Pictures. Recuperado de <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/a-princesa-e-o-sapo/7TPAcC8QPGpm>
- Musker, J., & Clements, R. (Diretores). (2016). *Moana: Um mar de Aventuras*. Walt Disney Pictures. Recuperado de <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/moana-um-mar-de-aventuras/70GoJHflgHH9>
- Nunes, C., Martins, A. T., Almeida, A. S., & Martins, C. (2009). Os contextos de socialização dos adolescentes. In: C. Nunes, S. Jesus (Coords.) *Temas Actuais em psicologia*. Cap. 3. pp. 61–88. Faro.
- Nurmi, J-E. (2004). Socialization and Self-development: Channeling, Selection, Adjustment, And Reflection. In: Lerner, R. M., & Steinberg, L. (Eds.). *Handbook of adolescent psychology* (2ª ed.), 85–124. John Wiley & Sons, Inc.
- O'Brien, P. C. (2015). The Happiest Films on Earth: A Textual and Contextual Analysis of Walt Disney's Cinderella and The Little Mermaid. *Women's Studies in Communication*, 19(2), 155–183. <http://dx.doi.org/10.1080/07491409.1996.11089811>
- Oliveira, M. C. S. L. de. (2016). Desenvolvimento do self e processos de hiperindividualização: interrogações à Psicologia Dialógica. *Psicologia USP*, 27(2), 201–211. <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20160004>
- Pallant, C. (2010). Disney-Formalism: Rethinking ‘Classic Disney.’ *Animation*, 5(3), 341–352. <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1746847710377567>
- Papalia, D. E., & Martorell, G. (2024). *Experience Human Development* [recurso eletrônico] (15ª ed.). McGraw Hill.
- Paschoal, G. R., & Marta, T. N. (2012). O papel da família na formação social de crianças e adolescentes. *Confluências | Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito*, 12(1), 219–239. <https://doi.org/10.22409/conflu12i1.p91>
- Penn, H. (2008). *Understanding early childhood: Issues and controversies* (2ª ed.). Open University Press.
- Pérez, E. (2021). “I Got Voodoo, I Got Hoodoo”: Ethnography and Its Objects in Disney’s the Princess and the Frog. *Material Religion*, 17(1), 56–80. <https://doi.org/10.1080/17432200.2021.1877954>

- Pinheiro, Y. T., Pereira, N. H., & Freiras, G. D. de M. (2019). Fatores associados à gravidez em adolescentes de um município do nordeste do Brasil. *Cadernos Saúde Coletiva*, 27(4), 363–367. <https://doi.org/10.1590/1414-462X201900040364>
- Piscitelli, A. (2009). Gênero: a história de um conceito. In: Almeida, H. B. de, & Szwako, J. E. (Orgs.). *Diferenças, igualdade*. Berlendis & Vertecchia, 116-148.
- Potgieter, L., & Potgieter, z. (2016). Deconstructing Disney’s divas: a critique of the singing princess as filmic trope. *Acta Academica: Critical views on society, culture and politics*, 48(2), 48–75. <https://doi.org/10.18820/24150479/aa48i2.2>
- Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. de. (2013). *Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico* (2a ed). Feevale. Recuperado de <https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>
- Querino, R. (2018, Novembro 27). Mulher cis em tratamento contra câncer sofre agressão ao ser confundida com trans. *Observatório G*. Recuperado de <https://observatoriog.com.br/noticias/mulher-cis-sofre-agressao-ao-ser-confundida-com-trans>
- R7 (2015, Maio 6). Amigos são brutalmente espancados após serem confundidos com casal gay no Rio. *Notícias R7*. Recuperado de <https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/fotos/amigos-sao-brutalmente-espancados-apos-serem-confundidos-com-casal-gay-no-rio-06052015>
- Ramalho, F. de C. (2020). *A representação do diverso no cinema de animação*. [Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais]. Recuperado de <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/40164>
- Ramos, A. G. (1995). Patologia social do “branco” brasileiro. In A. G. Ramos (Autor), *Introdução Crítica à Sociologia Brasileira*. 215–240. UFRJ.
- Rahayu, M., Abdullah, I., & Udasmoro, W. (2015). “Aladdin” from Arabian Nights to Disney: The change of discourse and ideology. *LiNGUA*, 10(1), 24–34. <https://doi.org/10.18860/ling.v10i1.3030>
- Reilly, C. (2016). CHAPTER FOUR: An Encouraging Evolution Among the Disney Princesses? A Critical Feminist Analysis. *Counterpoints*, 477, 51–63. Recuperado de <http://www.jstor.org/stable/45157186>
- Renjith, S. (2022). Critiquing Mouse House: An Analysis of Body, Gender and Culture in Select Disney Movies. *Akshara*, 14, 82–91. Recuperado de <https://www.waoar.org/wp-content/uploads/2022/09/Paper-9-Sreelakhshmi-Renjith.pdf>
- Reis, L. F. (2021). *Comportamento sexual de risco e fatores associados entre adolescentes brasileiros: avaliação de efeitos secundários de uma intervenção*. [Tese de doutorado, Universidade Federal de São Paulo]. Recuperado de <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/61045>

- Ritchie, G. (Diretor). (2019). *Aladdin*. Walt Disney Pictures. Recuperado de <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/aladdin/57QdIBthImk6>
- Rivera, N. S. (2022). Presencia y evolución de los arquetipos masculinos en el cine de Disney. *Ambigua: Revista De Investigaciones Sobre Género Y Estudios Culturales*, (9), 22–38. <https://doi.org/10.46661/ambigua.7110>
- Roberts, D. F., Henriksen, L., & Foehr, U. G. (2004). Adolescents and Media. In: Lerner, R. M., & Steinberg, L. (Eds.). *Handbook of adolescent psychology* (2ª ed.), 487–521. John Wiley & Sons, Inc.
- Rocha, P. M., & Woitowicz, K. J. (2013, setembro). Representações de gênero na mídia: um estudo sobre a imagem de homens e mulheres em jornais e revistas segmentadas. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos). Recuperado de https://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1382121210_ARQUIVO_REPRESENTACOES_DE_GENERO_NA_MIDIA.pdf
- Rolim, M. (2023). Fatores de risco para a radicalização. Estudo de revisão sobre as evidências internacionais. *Revista Sociedade e Estado*, 38(2). <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-e47232>
- Rosa, E. M., & Tudge, J. (2013). Urie Bronfenbrenner's Theory of Human Development: Its Evolution From Ecology to Bioecology. *Journal of Family Theory and Review*, 5(4), 243–258. <https://doi.org/10.1111/jftr.12022>
- Rosa Junior, P. A. F. da, & Thies, V. G. (2021). Em busca dos contos de fadas na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*, 26. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782021260083>
- Rosenzweig, P. Q. (2021). *Princesa, pra quê? Princesas, pra quem? Reflexos e reflexividades da disneyzação*. [Tese de doutorado, Universidade Federal de Goiás]. Recuperado de <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/217afa87-7d3b-4da1-af11-a6bed8bfbb99>
- Salgado, T. B. P., & de Carvalho, T. M. S. C. (2021). Princesas ressignificadas: nuances feministas em A Bela e a Fera. *Animus Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, 20(44). <https://doi.org/10.5902/2175497744305>
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, M. del P. B. (2013). *Metodologia de pesquisa [recurso eletrônico]* (5ª. ed.). Penso.
- Santos, C. de C. (2015). *O Vilão Desviante: Ideologia e Heteronormatividade em Filmes de Animação Longa-Metragem dos Estúdios Disney*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/D.100.2015.tde-09092015-190418>
- Santos, K. B. dos, & Murta, S. G. (2016). Influência dos Pares e Educação por Pares na Prevenção à Violência no Namoro. *Psicologia Ciência e Profissão*, 36(4), 787–800. Recuperado de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282048758002>

- Santos, R. da S., Cid, A. M. E. F., & Rocha, F. de L. (2019). “Sou princesa, sou real”: os impactos da Disney na construção do sujeito. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, 18(54), 87–96. Recuperado de http://www.cchla.ufpb.br/rbse/RBSEv18n54dez2019_completo.pdf
- Sarmento, M. J. (2003). Imaginário e culturas da infância. *Cadernos de Educação*, (21). <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/1467/19438>
- Sarmento, M. J. (2021). Culturas Infantis / Children’s Cultures. In: Tomás, C., Trevisan, G., de Carvalho, M. J. L., & Fernandes, N. (Coords.). *Conceitos-chave em Sociologia da Infância. Perspetivas Globais / Key concepts on Sociology of Childhood. Global Perspectives*. UMinho Editora. <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.36.22>
- Sakaguchi, H. (2023). Changing Gender Roles and Disney Princess Movies. *Chukyo Literatura Chinesa*, 43, 76–93. Recuperado de <http://id.nii.ac.jp/1217/00018950/>
- Savin-Williams, R. C. & Diamond, L. M. (2004). Sex. In: Lerner, R. M., & Steinberg, L. (Eds.). *Handbook of adolescent psychology* (2ª ed.), 189–231. John Wiley & Sons, Inc.
- Senna, S. R. C. M., & Dessen, M. A. (2012). Contribuições das Teorias do Desenvolvimento Humano para a Concepção Contemporânea da Adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(1), 101–108. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000100013>
- Seybold, S.L. (2021). “It’s Called a Hustle, Sweetheart”: Zootopia, Moana, and Disney’s (Dis) empowered Postfeminist Heroines. *Int J Polit Cult Soc*, 34, 69–84. <https://doi.org/10.1007/s10767-019-09347-2>
- Shelton, L. G. (2019). *The Bronfenbrenner primer: a guide to develecology*. Routledge.
- Silva, D. G. G., & Martini, V. (2015). “Você é uma princesa, e eu espero que você aja como tal”: gênero, corpo e espaço em Brave. *Veredas da História*, 8(1), 140–155. Recuperado de <https://periodicos.ufba.br/index.php/rvh/article/view/48278/27259>
- Silva, T. de O., & Silva, L. T. G. (2017). Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. *Revista Psicopedagogia*, 34(103), 87–97. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000100009&lng=pt&tlng=pt
- Simionato, G. D. F. (2022). A Bela e a Fera: representações coloniais de gênero em três versões do conto. *Epígrafe*, 11(1), 23–48. <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8855.v11i1p23-48>
- Simmons, M., Ward, K., Yosumi, H., Leo, H., & Zhao, X. (2011). Directing hair motion on Tangled. *SIGGRAPH ’11*. <https://doi.org/10.1145/2037826.2037880>
- Souza, V. E. B. de, & Mello, R. M. A. V. de (2021). Por que ser princesa quando se pode ser valente? Reflexões e desconstruções das questões de gênero no universo Disney.

- Revista Gênero*, 21(2). Recuperado de <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/49990/29319>
- Streiff, M., & Dundes, L. (2017). From Shapeshifter to Lava Monster: Gender Stereotypes in Disney's Moana. *Social Sciences*, 6(3). <https://doi.org/10.3390/socsci6030091>
- Sumarsono, I., Kusumawati, E., Amalo, E., Agusalim, I., & Nurisma, R. (2023). Gender Roles in Giambattista Basile's Sun, Moon, and Talia, and Walt Disney's Sleeping Beauty. *World Journal of English Language*, 13(1), 195–199. <http://dx.doi.org/10.5430/wjel.v13n1p195>
- Susman, E. J., Dorn, L. D., & Schiefelbein, V. L. (2003) Puberty, Sexuality, And Health. In: Lerner, R. M., Easterbrooks, M. A., & Mistry, J. (Eds.). *Handbook of psychology: Developmental psychology* (Vol. 6), 295–324. John Wiley & Sons, Inc.
- Susman, E. J., & Rogol, A. (2004). Puberty and Psychological Development. In: Lerner, R. M., & Steinberg, L. (Eds). *Handbook of adolescent psychology* (2^a ed.), 15–44. John Wiley & Sons, Inc.
- Tamaira, A M K, & Fonoti, D. (2018). Beyond Paradise? Retelling Pacific Stories in Disney's Moana. *The Contemporary Pacific*, 30 (2), 297–327. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10125/64956>
- Tasmin, T. (2020). You Only Have to be Brave Enough to See it: Evaluation of Gender Role Portrayal in Disney Princess Movies in View of Waves of Feminism. *Communication*. Recuperado de <https://ir.library.illinoisstate.edu/urscom/1/>
- Tavares, O. P. (2019, Agosto). Representações de feminilidades negras em produções da Disney: o protagonismo de Tiana e os atravessamentos de gênero, raça e classe. In: *Anais do XV ENECULT*. Salvador, BA. <https://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/112338.pdf>
- Tavares, O. P. (2021, Julho). Trabalhar e obedecer para merecer: as representações de feminilidades negras em A Princesa e o Sapo. In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero 12 (Anais Eletrônicos)*. Florianópolis, SC. https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/fg2020/1611525354_ARQ_UIVO_de057902d8ebafa90432b495f9c7e7fb.pdf
- Thompson, D., Hogan, J. D., & Clark, P. M. (2012). *Developmental Psychology in Historical Perspective*. Wiley-Blackwell.
- Trousdale, G., & Wise, K. (Diretores). (1991). *A Bela e a Fera*. Walt Disney Pictures. Recuperado de <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/a-bela-e-a-fera/3oEh78YRc9VN>
- Uberto, K., & Behling, H. P. (2023). Disney: O fan art como estratégia de Branding no lançamento de produtos assertivos. *Revista Foco*, 16(9), 01–57. <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v16n9-195>

- Valsiner, J. (2012). *Fundamentos da psicologia cultural: mundos da mente, mundos da vida*. Artmed.
- Vitorelo, R., & Pelegrini, C. (2018). Valente: a desconstrução dos estereótipos femininos em uma princesa Disney. *Revista Entreideias: Educação, Cultura e Sociedade*, 7(1). <https://doi.org/10.9771/re.v7i1.21480>
- Ward, L. M., & Grower, P. (2020). Media and the Development of Gender Role Stereotypes. *Annual Review of Developmental Psychology*, 2(1), 177–199. <https://doi.org/10.1146/annurev-devpsych-051120-010630>
- Ward, K., Simmons, M., Milne, A., Yosumi, H., & Zhao, X. (2010). Simulating Rapunzel's hair in Disney's Tangled. *SIGGRAPH '10*. <https://doi.org/10.1145/1837026.1837055>
- Weber, I., Vandebosch, H., Poels, K., & Pabian, S. (2024). The ecology of online hate speech: Mapping expert perspectives on the drivers for online hate perpetration with the Delphi method. *Aggressive Behavior*, 50(2). <https://doi.org/10.1002/ab.22136>
- Wieczorkiewicz, A. K., & Baade, J. H. (2020). Família e escola como instituições sociais fundamentais no processo de socialização e preparação para a vivência em sociedade. *Revista Educação Pública*, 20(20). Recuperado de: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/19/familia-e-escola-como-instituicoes-sociais-fundamentais-no-processo-de-socializacao-e-preparacao-para-a-vivencia-em-sociedade>
- Wilke, V. C. L. (2020). Princesas em pleno século xxi? – Histórias para meninas e mulheres empoderadas. *Aprender Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*, (24), 42–60. <https://doi.org/10.22481/aprender.i24.7746>
- Wohlwend, K. E. (2012a). 'Are You Guys Girls?': Boys, Identity Texts, and Disney Princess Play. *Journal of Early Childhood Literacy*, 12(1), 3–23. <https://doi.org/10.1177/1468798411416787>
- Wohlwend, K. E. (2012b). The boys who would be princesses: playing with gender identity intertexts in Disney Princess transmedia. *Gender and Education*, 24(6), 593–610. <https://doi.org/10.1080/09540253.2012.674495>
- Wood, G. W. (2021). *A psicologia do gênero*. Blucher.
- World Health Organization [WHO]. (s.d.). *Gender and health*. Recuperado em 13 de julho de 2023, de https://www.who.int/health-topics/gender#tab=tab_1
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: planejamento e método*. Porto Alegre: Bookman.
- Yoshinaga, I. (2019). Disney's Moana, the Colonial Screenplay, and Indigenous Labor Extraction in Hollywood Fantasy Films. *Narrative Culture*, 6(2), 188–215. <https://doi.org/10.13110/narrcult.6.2.0188>
- Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: Cultura e processos de subjetivação*. Appris.

Zanello, V. (2022). *A prateleira do Amor: Sobre mulheres, homens e relações*. Appris.

Zimmermann, T. R., & Machado, A. A. (2021). Construção de princesas em filmes de animação da Disney. *Diversidade e Educação*, 9(1), 662–688.
<https://doi.org/10.14295/de.v9i1.12273>

Zipes, J. D. (2001). *The Great fairy tale tradition: From Straparola and Basile to the Brothers Grimm*. A Norton Critical Edition.

Zirbel, I. (2021). Ondas do Feminismo. *Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia*, 7(2), 10–31. Recuperado de
<https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/wp-content/uploads/sites/178/2021/03/Ondas-do-Feminismo.pdf>

Zittoun, T., & Grossen, M. (2013). Cultural elements as means of constructing the continuity of the self across various spheres of experience. In Ligorio, B., & Cesar M. *Interplays between dialogical learning and dialogical self*. Information Age.

Apêndices

Apêndice A - Roteiro Entrevista Semi-Estruturada (Piloto)

Para a realização do primeiro encontro, que posteriormente foi considerado como entrevista piloto, adotou-se a estratégia de selecionar algumas cenas para assistir junto com a participante e, por meio de algumas perguntas, discutir o seu conteúdo. Abaixo apenas indicação das cenas que foram debatidas e suas respectivas perguntas norteadoras.

Roteiro da Entrevista-Semi Estruturada utilizada no primeiro encontro com a participante

1. Começar falando sobre as escolhas das princesas favoritas e das que menos gosta.
2. Explicar que o encontro será baseado na exibição de algumas cenas dos filmes selecionados para que possamos conversar sobre o que é mostrado.
3. No caso de A Bela e A Fera foram escolhidas as cenas:
 - a. Início em 8:21 e término em 9:25
 - i. O que você achou desse comportamento de Gaston?
 - ii. Ele fala “você não tem que se interessar por livros, tem que se interessar por mim”, você acha que esse comportamento dele é compatível com alguém que diz que se interessa por alguém?
 - iii. Por que você acha que as meninas, as trigêmeas, chamaram Bela de louca?
 - iv. O que você achou do comportamento de Bela diante dessa investida dele? Você se comportaria dessa mesma forma ou você se comportaria diferente?
 - b. Início em 10:17 e término em 10:38
 - i. Qual que você acha que foi a intenção do pai ao sugerir o Gaston e associar a questão da beleza dele como alguém que poderia conversar com ela?
 - ii. O fato de Bela se interessar por algo que supostamente ninguém se interessa, seria suficiente para colocar esse rótulo de estranha nela?
 - iii. O filme não fala da mãe de Bela, você acha que tem alguma diferença de alguém que mora só com pai ou que mora só com a mãe de alguém que mora com os dois?
 - c. Início em 17:34 e término em 19:49
 - i. O que você achou dessa atitude de Gaston de planejamento de um noivado sem nem ter um mínimo de retribuição, de interesse de Bela?

- ii. Diante dessa investida dela, o que você achou da atitude de Bela?

Apêndice B - Roteiro Entrevista Final

1. Já faz um tempo que realizamos nosso último encontro, então, para relembrar, nós assistimos a animações das Princesas Disney que você marcou lá naquele formulário e fizemos um react com foco nos objetivos de minha pesquisa de mestrado que é analisar os filmes das Princesas Disney na perspectiva de adolescentes com foco em questões de gênero. Você lembra sobre o que conversamos?
 - a. Poderia comentar o que mais lembra ou achou de mais interessante ou relevante de nossos encontros?
2. Iniciando nossa conversa de hoje, eu falei sobre gênero estar presente no meu objetivo de pesquisa, gostaria de saber se você já ouviu falar sobre isso?
 - a. Quando você escuta o termo gênero, o que você pensa? O que você sabe sobre isso?
 - b. Com qual gênero você se identifica?
 - c. O que você acha que faz com que cada pessoa defina seu gênero? Você acha que existe alguma coisa que ajuda nessa definição?
3. Eu gostaria de falar agora sobre os papéis de gênero... Papéis de gênero se referem a um conjunto de padrões e expectativas de comportamentos aprendidos em sociedade, baseados numa ideia de masculinidade ou na feminilidade e que se espera que meninas, meninos, mulheres e homens sigam, o que você pensa sobre isso que acabei de falar?
 - a. Como você percebe isso?
4. Quais papéis você acredita que são atribuídos para homens e mulheres?
 - a. Você concorda com essas atribuições?
5. Como você acha que as pessoas passam a adotar esses papéis?
 - a. Você acha que pode haver alguma influência externa para isso?
 - b. Quais são as fontes de influência para a construção desses papéis? (Explorar a partir da resposta dela pensando em como a sociedade pode influenciar esse processo)
6. Você acha que a vida das pessoas é determinada por coisas que cada um deve ou não fazer? Poderia dar exemplos disso?
7. Você acha que existem comportamentos ou coisas que só meninas devem fazer e que só meninos devem fazer?
 - a. (Se sim) Poderia me dar exemplos?
 - b. Você acha que essa ideia é algo natural? Já pensou sobre isso?
8. Você acha que existem outras coisas que podem interferir nessa experiência dos papéis de gênero, como por exemplo classe social, a cor da pele, a condição física?
 - a. Poderia me dar exemplos?
9. Você acha que essas ideias e conceitos evoluíram ao longo do tempo?
 - a. (Se sim) Onde ou de quem você ouviu sobre isso? Tem alguém com quem conversa sobre essas coisas?
 - b. O que pensava sobre esse tema quando era mais nova?
 - c. (Caso tenha mudado de ideia ao longo do tempo) O que acha que contribuiu para você mudar de opinião sobre isso?
10. Voltando a falar das Princesas, com quem você já assistiu aos filmes?
11. Você já assistiu ou conversou sobre esses filmes com suas avós e com sua mãe?
 - a. O que elas acharam?

- b. Existe alguma diferença na forma como vocês vêm as histórias?
- 12. A forma como você pensa sobre esses temas é a mesma de quando você era mais nova?
 - a. (Se não) Como você pensava?
 - b. (Se sim) Como você pensa?
- 13. Como você acha que será quando for mais velha?
- 14. Por falar em quando for mais velha... Como você gostaria que fosse a sua vida quando você for adulta, quais são os seus planos?
- 15. Se você tivesse uma filha ou um filho e ela ou ele assistisse a esses filmes, o que você acha que ela ou ele pensaria?
- 16. Qual é o papel da família nessa constituição dos papéis de gênero?
 - a. Poderia dar exemplo da sua própria família?
- 17. Quais outros grupos podem influenciar essa construção dos papéis de gênero?
 - a. Exemplificar, caso tenha dificuldade) Escola, igreja, algum curso, grupo ou clube, essas coisas.
 - b. Como você chega até essas informações? Como você reage ou o que você faz quando o que ouve é diferente ou conflitante com o que você acredita?
- 18. Para finalizar, qual papel você acha que esses filmes das Princesas Disney desempenham na compreensão dos papéis de gênero para as pessoas em nossa sociedade?

Apêndice C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Reprodução do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) disponibilizado através de formulário criado no Google Forms.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Neste formulário consta o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) para a pesquisa do mestrado intitulada "Entre príncipes e liberdade: o dever a ser mulher de adolescentes à luz da Psicologia Cultural e das representações semióticas presentes nos filmes de Princesas Disney", cujo perfil das participantes é: garota, entre 12 e 18 anos, que se interessa ou se interessou por Princesas Disney, que já tenha assistido a alguma(s) das produções e que possui acesso à internet para a realização da pesquisa. Para mais informações e entender como funcionará, preencher as informações conforme o seu caso.

E-mail _____

Gentileza marcar uma das opções abaixo²³

Sou responsável por uma garota entre 12 e 17 anos e gostaria de ler o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) para avaliar a participação dela na pesquisa.

Tenho 18 anos e gostaria de ler o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) para avaliar minha participação na pesquisa.

Sessão 1

Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)

Prezado(a) participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa "Entre príncipes e liberdade: o dever a ser mulher de adolescentes à luz da Psicologia Cultural e das representações semióticas presentes nos filmes de Princesas Disney", desenvolvida por Carla Magalhães Mikulski discente do Mestrado em Psicologia da Universidade Federal da Bahia, sob orientação do Professor Dr. Luca Tateo.

O objetivo central do estudo é compreender como a identidade de gênero de meninas adolescentes se desenvolve a partir dos repertórios semióticos elaborados ao longo da vida e como isso influencia a leitura que fazem do que é apresentado nas produções de Princesas Disney. Esta pesquisa se justifica pelo seu potencial em agregar à Psicologia do Desenvolvimento questões relacionadas à compreensão dos processos de construção identitária através de produções voltadas ao público infanto-juvenil e poderá beneficiar profissionais de saúde, educação, arte e comunicação promovendo reflexões, novas formas de intervenção e criação de políticas norteadoras para essas produções.

O convite à sua participação se deve ao fato de ser responsável por uma potencial participante da pesquisa (garota, entre 12 e 17 anos, que se interessa ou se interessou por Princesas Disney, que já tenha assistido a alguma(s) das produções e que possui acesso à internet para a realização da pesquisa). A participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e a garota tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como suspender a sua participação a qualquer momento. Nem você nem a garota será penalizado(a) de nenhuma maneira caso decida não consentir a participação dela na pesquisa, ou se ela desistir de participar em momento posterior, conforme Art. 4º da Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016 (<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>).

Qualquer dado que possa identificá-la será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro. A qualquer momento, durante a pesquisa, ou

²³ A depender da escolha do formulário continuará conforme sessão 1 ou 2.

posteriormente, você ou ela poderá solicitar da pesquisadora informações sobre a participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados ao final desse Termo.

A participação da garota consistirá em 3 entrevistas, gravadas para coleta de dados com duração entre 1h30min e 2h horas. Será solicitado que a garota apresente algumas fotos de festas de aniversários temáticas ou fotos importantes de momentos/locais da infância para subsidiar a discussão de um dos encontros. As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso a elas a pesquisadora e seu orientador. Ao final da pesquisa, todo material será armazenado durante o período de 5 anos, sob a responsabilidade da pesquisadora no Núcleo de Estudos sobre Desenvolvimento e Contextos Culturais (CNPq). Além disso, em consonância com o item 3.2 do OFÍCIO CIRCULAR Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS, “uma vez concluída a coleta de dados, é recomendado ao pesquisador responsável fazer o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou 'nuvem'”.

Toda pesquisa possui riscos potenciais. No caso desta pesquisa, um possível risco é um desconforto emocional ao lembrar de algum evento ou lembranças associadas à temática da pesquisa. Caso esse risco se concretize e seja impossível a continuação da entrevista, a menina será acolhida pela pesquisadora que é psicóloga com experiência e atuação clínica e poderá, como já mencionado anteriormente, interromper a sua participação na pesquisa sem nenhum tipo de penalização. Caso ela ou você julgue algum prejuízo por parte de sua participação na pesquisa, você poderá solicitar à pesquisadora tanto atendimento quanto encaminhamento a algum serviço de assistência psicológica. Tal encaminhamento poderá acontecer em qualquer momento da pesquisa, inclusive depois de concluída ou encerrada a participação. Vocês ainda poderão pleitear alguma indenização em caso de danos decorrentes de sua participação na pesquisa.

Além dos riscos emocionais previstos, a pesquisa em ambiente virtual envolve riscos próprios como invasão de salas, ataque *hacker*, vazamentos etc., mas para evitá-los a pesquisadora seguirá as orientações do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) tanto para realização das entrevistas, quanto no cuidado com o armazenamento de dados que não permanecerão armazenado em "nuvem". Apesar de todos os cuidados, não há como assegurar total controle sobre eventuais violações que possam comprometer a confidencialidade e o sigilo dos dados.

Apesar dos riscos mencionados, é importante salientar que falar sobre experiências passadas ou atuais pode trazer benefícios através de ressignificações de experiências ligadas às questões trabalhadas nesta pesquisa. Além disso, há o benefício social associado à pesquisa que, a médio e longo prazo, pode favorecer a ampliação das discussões da temática em diversas esferas (acadêmicas, escolares, de saúde etc.) que podem influenciar políticas públicas, por exemplo.

Não haverá nenhum tipo de pagamento ou gratificação financeira pela participação visto que essa pesquisa acontecerá de forma virtual não havendo dispêndio com deslocamento e alimentação, por exemplo.

Os resultados serão divulgados artigos científicos, em apresentações em eventos científicos, na dissertação que será disponibilizada no Repositório da Instituição, havendo a possibilidade do envio de relatório individuais às participantes que solicitarem.

Ao preencher os campos abaixo, você receberá em seu e-mail cópia deste Termo. O "aceite" digital está de acordo com o Ofício Circular Nº 2/2021 do Conselho Nacional de Saúde (http://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2_24fev2021.pdf) e enfatizamos a importância de que você guarde em seus arquivos uma cópia do documento eletrônico.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia – CEP-IPS. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

Contatos Importantes

Pesquisadora responsável – Carla Magalhães Mikulski

Telefone: (71) 99338-1264
E-mail: carlamikulski@ufba.br

Orientador – Prof. Dr. Luca Tateo
Telefone: +39 392 517 8418
E-mail: lucatateo@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia (CEP/IPS) da UFBA
Rua Aristides Novis, Campus São Lázaro, 197, Federação, CEP 40.170-055, Salvador – BA
Telefone: (71) 3283-6457
E-mail: cepips@ufba.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP):
Telefone: (61) 3315-5878 / (61) 3315-5879
E-mail: conep@saude.gov.br

Declaração de Consentimento

Li, estou ciente do conteúdo do TCLE, autorizo a participação da menina a qual sou responsável e o contato da pesquisadora para apresentação do Termo de Assentimento Informado Livre e Esclarecido (Criança e Adolescente).

Informações do(a) Responsável

Em atendimento à Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), Lei nº 13.709/2018 (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2018/lei/113709.htm), informo que as informações coletadas têm como objetivo a identificação do responsável e sua relação com a menina, bem como a melhor forma de contato a ser utilizado pela pesquisadora.

E-mail: _____

Nome completo do(a) Responsável: _____

Relação com a Participante

Mãe

Pai

Outro: _____

Informar a melhor forma de contato entre a pesquisadora e você (gentileza escrever e-mail e/ou telefone/WhatsApp): _____

Informações da Participante

Em atendimento à Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), Lei nº 13.709/2018 (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2018/lei/113709.htm), informo que as informações coletadas têm como objetivo a identificação da menina, a melhor forma para enviar do Termo de Assentimento Informado Livre e Esclarecido (Criança e Adolescente), bem como os links das salas virtuais onde acontecerão os encontros.

Nome completo da Participante: _____

Informar a melhor forma de contato com a Participante para o envio do link para o Termo de Assentimento Informado Livre e Esclarecido (Criança e Adolescente): _____

Informações Familiares

Em atendimento à Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), Lei nº 13.709/2018 (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2018/lei/113709.htm), informo que as informações coletadas têm como objetivo registro de dados sociodemográficos da família podendo ou não ser respondido.

Qual raça/etnia melhor descreveria a sua família?

- Negra
- Branca
- Asiática
- Indígena
- Prefiro não dizer
- Outra: _____

Quantas pessoas moram em sua residência?

- 1 a 2
- 3 a 4
- 5 a 6
- Mais de 6
- Prefiro não dizer

Qual é a sua renda familiar?

- Até 2 salários-mínimos
- De 2 a 4 salários-mínimos
- De 4 a 10 salários-mínimos
- De 10 a 20 salários-mínimos
- Mais de 20 salários-mínimos
- Prefiro não dizer

Sessão 2

Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)

Olá, participante!

Você está sendo convidada a participar da pesquisa "Entre príncipes e liberdade: o dever a ser mulher de adolescentes à luz da Psicologia Cultural e das representações semióticas presentes nos filmes de Princesas Disney", desenvolvida por Carla Magalhães Mikulski discente do Mestrado em Psicologia da Universidade Federal da Bahia, sob orientação do Professor Dr. Luca Tateo.

O objetivo central do estudo é compreender como a identidade de gênero de meninas adolescentes se desenvolve a partir dos repertórios semióticos elaborados ao longo da vida e como isso influencia a leitura que fazem do que é apresentado nas produções de Princesas Disney. Esta pesquisa se justifica pelo seu potencial em agregar à Psicologia do Desenvolvimento questões relacionadas à compreensão dos processos de construção identitária através de produções voltadas ao público infanto-juvenil e poderá beneficiar profissionais de saúde, educação, arte e comunicação promovendo reflexões, novas formas de intervenção e criação de políticas norteadoras para essas produções.

O convite à sua participação se deve ao fato de ter 18 anos e ser uma potencial participante da pesquisa (garota, entre 12 e 18 anos, que se interessa ou se interessou por Princesas Disney, que já tenha assistido a alguma(s) das produções e que possui acesso à internet para a realização da pesquisa). Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como suspender a sua participação a qualquer momento. Você não será penalizada de nenhuma maneira caso decida não consentir sua a participação na pesquisa ou desistir de participar

em momento posterior, conforme Art. 4º da Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016 (<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>).

Qualquer dado que possa identificá-la será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro. A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar da pesquisadora informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados ao final desse Termo.

Sua participação consistirá em 3 entrevistas, gravadas para coleta de dados com duração entre 1h30min e 2h horas. Será solicitado que você apresente algumas fotos de festas de aniversários temáticas ou fotos importantes de momentos/locais da infância para subsidiar a discussão de um dos encontros. As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso a elas a pesquisadora e seu orientador. Ao final da pesquisa, todo material será armazenado durante o período de 5 anos, sob a responsabilidade da pesquisadora no Núcleo de Estudos sobre Desenvolvimento e Contextos Culturais (CNPq). Além disso, em consonância com o item 3.2 do OFÍCIO CIRCULAR Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS, “uma vez concluída a coleta de dados, é recomendado ao pesquisador responsável fazer o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou 'nuvem'”.

Toda pesquisa possui riscos potenciais. No caso desta pesquisa, um possível risco é um desconforto emocional ao lembrar de algum evento ou lembranças associadas à temática da pesquisa. Caso esse risco se concretize e seja impossível a continuação da entrevista, você será acolhida pela pesquisadora que é psicóloga com experiência e atuação clínica e poderá, como já mencionado anteriormente, interromper sua participação na pesquisa sem nenhum tipo de penalização. Caso você julgue algum prejuízo por parte de sua participação na pesquisa, você poderá solicitar à pesquisadora tanto atendimento quanto encaminhamento a algum serviço de assistência psicológica. Tal encaminhamento poderá acontecer em qualquer momento da pesquisa, inclusive depois de concluída ou encerrada a participação. Você ainda poderá pleitear alguma indenização em caso de danos decorrentes de sua participação na pesquisa.

Além dos riscos emocionais previstos, a pesquisa em ambiente virtual envolve riscos próprios como invasão de salas, ataque *hacker*, vazamentos etc., mas para evitá-los a pesquisadora seguirá as orientações do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) tanto para realização das entrevistas, quanto no cuidado com o armazenamento de dados que não permanecerão armazenado em "nuvem". Apesar de todos os cuidados, não há como assegurar total controle sobre eventuais violações que possam comprometer a confidencialidade e o sigilo dos dados.

Apesar dos riscos mencionados, é importante salientar que falar sobre experiências passadas ou atuais pode trazer benefícios através de ressignificações de experiências ligadas às questões trabalhadas nesta pesquisa. Além disso, há o benefício social associado à pesquisa que, a médio e longo prazo, pode favorecer a ampliação das discussões da temática em diversas esferas (acadêmicas, escolares, de saúde etc.) que podem influenciar políticas públicas, por exemplo.

Não haverá nenhum tipo de pagamento ou gratificação financeira pela participação visto que essa pesquisa acontecerá de forma virtual não havendo dispêndio com deslocamento e alimentação, por exemplo.

Os resultados serão divulgados artigos científicos, em apresentações em eventos científicos, na dissertação que será disponibilizada no Repositório da Instituição, havendo a possibilidade do envio de relatório individuais às participantes que solicitarem.

Ao preencher os campos abaixo, você receberá em seu e-mail cópia deste Termo. O "aceite" digital está de acordo com o Ofício Circular Nº 2/2021 do Conselho Nacional de Saúde (http://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2_24fev_2021.pdf) e enfatizamos a importância de que você guarde em seus arquivos uma cópia do documento eletrônico.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia – CEP-IPS. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

Contatos Importantes

Pesquisadora responsável – Carla Magalhães Mikulski
 Telefone: (71) 99338-1264
 E-mail: carlamikulski@ufba.br

Orientador – Prof. Dr. Luca Tateo
 Telefone: +39 392 517 8418
 E-mail: lucatateo@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia (CEP/IPS) da UFBA
 Rua Aristides Novis, Campus São Lázaro, 197, Federação, CEP 40.170-055, Salvador – BA
 Telefone: (71) 3283-6457
 E-mail: cepips@ufba.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP):
 Telefone: (61) 3315-5878 / (61) 3315-5879
 E-mail: conep@saude.gov.br

Declaração de Consentimento

Li, estou ciente do conteúdo do TCLE, entendi os objetivos e aceito participar da pesquisa.

Para começar...

Quais desses filmes você já assistiu?

- Branca de Neve e os sete anões (1937)
- Cinderela (1950)
- A Bela Adormecida (1959)
- A Pequena Sereia (1989)
- A Bela e a Fera (1991)
- Aladdin (1992)
- Pocahontas (1995)
- Mulan (1998)
- A princesa e o sapo (2009)
- Enrolados (2010)
- Valente (2012)
- Moana (2019)

Dos filmes mencionados na lista anterior, qual o que mais gosta? _____

Do filme que mais gosta, qual sua(seu) personagem favorita(o)? _____

Dos filmes mencionados na lista anterior, qual o que menos gosta? _____

Informações

Em atendimento à Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), Lei nº 13.709/2018 (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm), informo que as informações coletadas têm como objetivo a identificação da menina, a melhor forma para enviar do Termo de Assentimento Informado Livre e Esclarecido (Criança e Adolescente), bem como os links das salas virtuais onde acontecerão os encontros.

Qual seu nome completo? _____

Qual tipo de escola você estuda? Caso já tenha concluído, considere onde cursou a maior parte.

- Particular
- Particular com bolsa parcial
- Particular com bolsa total
- Pública - Municipal
- Pública - Estadual
- Prefiro não dizer
- Outra: _____

Quais dessas atividades você gosta de fazer?

Marque todas as alternativas que se identificar e use o espaço do "Outros" para incluir algo que não esteja listado

- Desenhar
- Escrever histórias
- Escrever poesia
- Criar histórias em quadrinhos
- Fazer colagem
- Não costumo fazer nada artístico, mas poderia tentar.
- Não gosto de fazer nada artístico e nem quero tentar.
- Outro: _____

Fale um pouco mais de você...

Perguntas não obrigatórias, deixe em branco se não quiser responder, mas, sendo possível responda, por favor.

Como você se descreveria quando era criança? _____

Como se descreve hoje? _____

Como acredita ou espera que seja quando estiver adulta? _____

Informações Familiares

Em atendimento à Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), Lei nº 13.709/2018 (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm), informo que as informações coletadas têm como objetivo registro de dados sociodemográficos da família podendo ou não ser respondido.

Qual raça/etnia melhor descreveria a sua família?

- Negra
- Branca
- Asiática
- Indígena
- Prefiro não dizer
- Outra: _____

Quantas pessoas moram em sua residência?

- 1 a 2
- 3 a 4
- 5 a 6
- Mais de 6

Prefiro não dizer

Qual é a sua renda familiar?

- Até 2 salários-mínimos
- De 2 a 4 salários-mínimos
- De 4 a 10 salários-mínimos
- De 10 a 20 salários-mínimos
- Mais de 20 salários-mínimos
- Prefiro não dizer

Contato

Qual a melhor forma para a pesquisadora entrar em contato com você e enviar os links de acesso às salas virtuais onde os encontros acontecerão? (gentileza escrever e-mail e/ou telefone/Whatsapp)?

Apêndice D - Termo de Assentimento Informado Livre e Esclarecido (Criança e Adolescente)

Reprodução do Termo de Assentimento Informado Livre e Esclarecido (Criança e Adolescente) disponibilizado através de formulário criado no Google Forms.

Termo de Assentimento Informado Livre e Esclarecido (Criança e Adolescente)

Olá, participante!

Você está sendo convidada para participar da pesquisa "Entre príncipes e liberdade: o devir a ser mulher de adolescentes à luz da Psicologia Cultural e das representações semióticas presentes nos filmes de Princesas Disney", de responsabilidade da pesquisadora Carla Magalhães Mikulski, mestranda em Psicologia, da Universidade Federal da Bahia. O nome da pesquisa é grande, cheio de termos da universidade, mas o que queremos saber é como e se os conteúdos que você assistiu nos filmes de Princesas da Disney te ajudaram ou ajudam a compreender o mundo à sua volta e como isso pode estar relacionado com a forma como você se percebe e se relaciona com seus familiares, amigos, colegas e outras pessoas com quem se convive. Sua(seu) responsável permitiu que você participasse, certo?

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se não aceitar ou se, mesmo aceitando agora, resolver desistir depois, é só falar com a pesquisadora e pronto, não precisa explicar nem nada. Caso aceite, você será entrevistada através de uma plataforma como Google Meet, Skype ou Zoom, por exemplo, com gravação dos encontros. Pode ser desagradável ser gravada, mas não gostaríamos de perder nada de nossa conversa e a pesquisadora também vai querer te ouvir com atenção sem se preocupar em anotar tudo na hora. É possível que se sinta um pouco preocupada ou ansiosa durante a entrevista, estas são reações normais. Caso isto ocorra, você pode mudar de assunto, interromper a entrevista ou até desistir de sua participação na pesquisa, sem qualquer prejuízo, como já comentado antes. Se você quiser, poderá conversar com a pesquisadora sobre essas reações e emoções, ela é psicóloga com experiência nesse tipo de coisa, ou poderá também ser encaminhada a algum serviço de assistência psicológica.

Esta pesquisa pode contribuir para as discussões sobre a infância e adolescência e auxiliar as instâncias responsáveis e outras pessoas da comunidade a conhecer as demandas dessa população. Além disso, ao participar e poder falar de forma segura com a pesquisadora, você pode rever seus pensamentos e sentimentos sobre suas vivências, experiências e percepções. A pesquisadora se compromete a prestar esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Quaisquer dúvidas que você tiver poderão ser esclarecidas pela pesquisadora por meio do contato telefônico ou Whatsapp (71) 99338-1264 ou através do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia, localizado na Rua Professor Aristides Novis, 197, Estrada de São Lázaro, telefone (71) 3283-6442.

Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Caso você queira, poderá desistir e a pesquisadora irá respeitar sua vontade. Há coisas boas que podem acontecer com a realização desta pesquisa, pois poderá vir a melhorar o entendimento dos adultos sobre como acontece o processo de desenvolvimento de crianças e adolescentes e com isso, mudar até o entendimento e a forma de lidar com essa população e os conteúdos de filmes, séries, programas, etc. consomem.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Mas eu preciso alertá-la que, por se tratar de uma pesquisa em ambiente virtual, existem riscos próprios como invasão de salas, ataque *hacker*, vazamentos etc., mas, para evitá-los, a pesquisadora seguirá as orientações do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) tanto para realização das entrevistas, quanto no cuidado com o armazenamento de dados que não

permanecerão armazenado em "nuvem". Apesar de todos os cuidados, não há como assegurar total controle sobre eventuais violações que possam comprometer a confidencialidade e o sigilo dos dados.

Suas informações serão guardadas durante o estudo sob a responsabilidade da pesquisadora e só ela e seu orientador terão acesso. Quando terminarmos, todo material será armazenado durante o período de 5 anos, sob a responsabilidade da pesquisadora, no Núcleo de Estudos sobre Desenvolvimento e Contextos Culturais (CNPq), de acordo com o item 3.2 do OFÍCIO CIRCULAR Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS, que diz que "uma vez concluída a coleta de dados, é recomendado ao pesquisador responsável fazer o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou 'nuvem'".

Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as jovens que participarem da pesquisa. Quando terminarmos a pesquisa, os resultados serão publicados em jornais e revistas científicas e você também poderá ter acesso a eles.

Ao preencher os campos abaixo, você receberá em seu e-mail cópia deste Termo. Enfatizamos a importância de que você guarde em seus arquivos uma cópia do documento eletrônico.

Declaração de Assentimento

Eu aceito participar da pesquisa “Entre príncipes e liberdade: o dever a ser mulher de adolescentes à luz da Psicologia Cultural e das representações semióticas presentes nos filmes de Princesas Disney”. Entendi os objetivos e as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Li e concordo em participar da pesquisa.

Para começar...

Quais desses filmes você já assistiu?

- Branca de Neve e os sete anões (1937)
- Cinderela (1950)
- A Bela Adormecida (1959)
- A Pequena Sereia (1989)
- A Bela e a Fera (1991)
- Aladdin (1992)
- Pocahontas (1995)
- Mulan (1998)
- A princesa e o sapo (2009)
- Enrolados (2010)
- Valente (2012)
- Moana (2019)

Dos filmes mencionados na lista anterior, qual o que mais gosta? _____

Do filme que mais gosta, qual sua(seu) personagem favorita(o)? _____

Dos filmes mencionados na lista anterior, qual o que menos gosta? _____

Informações

Em atendimento à Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), Lei nº 13.709/2018 (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l1370_9.htm), informo que as informações coletadas têm como objetivo a identificação da menina, a melhor forma para enviar do Termo de Assentimento Informado Livre e Esclarecido (Criança e Adolescente), bem como os links das salas virtuais onde acontecerão os encontros.

Qual seu nome completo? _____

Qual o nome de sua(seu) responsável? _____

Qual tipo de escola você estuda?

- Particular
- Particular com bolsa parcial
- Particular com bolsa total
- Pública - Municipal
- Pública - Estadual
- Prefiro não dizer
- Outra: _____

Quais dessas atividades você gosta de fazer?

Marque todas as alternativas que se identificar e use o espaço do "Outros" para incluir algo que não esteja listado

- Desenhar
- Escrever histórias
- Escrever poesia
- Criar histórias em quadrinhos
- Fazer colagem
- Não costumo fazer nada artístico, mas poderia tentar.
- Não gosto de fazer nada artístico e nem quero tentar.
- Outro: _____

Fale um pouco mais de você...

Perguntas não obrigatórias, deixe em branco se não quiser responder, mas, sendo possível responda, por favor.

Como você se descreveria quando era criança? _____

Como se descreve hoje? _____

Como acredita ou espera que seja quando estiver adulta? _____

Contato

Qual a melhor forma para a pesquisadora entrar em contato com você e enviar os links de acesso às salas virtuais onde os encontros acontecerão? (gentileza escrever e-mail e/ou telefone/Whatsapp)? _____

Apêndice E - Convite

Imagem do convite disponibilizado, em formato de vídeo, em minhas redes sociais, Instagram e Facebook, e divulgado entre os meus contatos e grupos no Whatsapp juntamente com o link de acesso ao TCLE.



Convite
para participar de pesquisa
CAAE - nº 533026211.0000.5686

Se você é responsável por uma garota com idade entre 12 e 17 anos, que gosta(ou) das Princesas da Disney, permita que ela participe da pesquisa de mestrado intitulada "Entre príncipes e liberdade: o tronar-se mulher de adolescentes à luz da Psicologia Cultural e das representações simbólicas presentes nos filmes de Princesas Disney".

Se tiver interesse ou quiser saber mais, acesse o link <https://bit.ly/Convite-Pesquisa> ou aponte a câmera de seu celular para o QR Code abaixo.

Você poderá ainda enviar suas dúvidas diretamente para a pesquisadora através do Whatsapp (71) 99338-1264.



Apêndice F – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

UFBA - INSTITUTO DE
PSICOLOGIA (IPS) DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA
BAHIA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Entre príncipes e liberdade: o dever a ser mulher de adolescentes à luz da Psicologia Cultural e das representações semióticas presentes nos filmes de Princesas Disney

Pesquisador: CARLA MAGALHAES MIKULSKI

Área Temática:

Versão: 5

CAAE: 53302621.1.0000.5686

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFBA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.425.420

Apresentação do Projeto:

Esta versão 5 do protocolo se refere à pesquisa de mestrado em psicologia, com financiamento próprio, que busca compreender como se desenvolve a identidade de gênero "de meninas adolescentes a partir dos repertórios semióticos elaborados ao longo da vida e como isso influencia a leitura que fazem do que é apresentado nas produções de Princesas Disney". Trata-se de um projeto que já foi apreciado e aprovado pelo CEP na versão 2 do protocolo. Entretanto, foi apresentada uma proposta de emenda com alterações significativas em relação à proposta original, a saber: título, perfil (faixa etária) do público, objetivos, instrumentos, além disso, a proposta passou a assumir a abordagem teórica metodológica pautada na perspectiva das relações de gênero. O projeto está completo e é exequível. Foram apresentados instrumentos e cronograma adequados à proposta de estudo. Foi apresentado documento elucidando e justificando as mudanças no projeto original que foram atribuídas às recomendações da banca de qualificação do projeto.

Público a ser pesquisado: 4 adolescentes entre 12 e 18 anos de idade;

Crítérios de inclusão : "(1) se interessar/ter se interessado pelas Princesas Disney; (2) se interessar ou estar disposta a realizar alguma representação artística; (3) possuir fotografias de festas de aniversários temáticos; (4) participar dos encontros individuais onde serão realizadas as coletas das informações; e (5) em virtude do caráter virtual da pesquisa motivada pelo contexto

Endereço: Rua Aristides Novis, 197

Bairro: FEDERAÇÃO

CEP: 40.210-730

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3283-6437

E-mail: cepips@ufba.br

UFBA - INSTITUTO DE
PSICOLOGIA (IPS) DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA
BAHIA



Continuação do Parecer: 5.425.420

pandêmico da covid-19, ter acesso a internet e recursos que possibilitem os encontros através da plataforma Google Meet onde as entrevistas serão realizadas. Critério de classificação: "selecionar-se-á aquelas que: (1) tiverem assistido o maior número de produções; e (2) sejam de raças/etnias e classes sociais distintas".

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Compreender como a identidade de gênero de meninas adolescentes se desenvolve a partir dos repertórios semióticos elaborados ao longo da vida e como isso influencia a leitura que fazem do que é apresentado nas produções de Princesas Disney. **Objetivo Secundário:** - Identificar e analisar os sentidos criados a partir da mediação semiótica através das Princesas Disney; - Investigar se e como esses signos ganham forma nas experiências cotidianas; e - Explorar se e de que forma essa significação com base nas Princesas Disney contribui para a construção da identidade de gênero participantes.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos no Formulário de informações básicas do projeto: "Tendo em vista que toda pesquisa pode possuir riscos potenciais, apesar de considerar um risco mínimo para esta pesquisa, caso se concretize e seja impossível a continuação da entrevista, a menina contará com o acolhimento profissional da pesquisadora que é psicóloga com experiência e atuação clínica. Além disso, a participante poderá interromper a sua participação na pesquisa sem nenhum tipo de penalização em qualquer momento que expressar desejo em não continuar. Caso seu/sua responsável ou ela julgue algum prejuízo por parte da participação na pesquisa, poderá solicitar à pesquisadora tanto atendimento quanto encaminhamento a algum serviço de assistência psicológica. Tal encaminhamento poderá acontecer em qualquer momento da pesquisa, inclusive depois de concluída ou encerrada a participação."

No TALE os riscos foram detalhados e descritos como: desconforto com a gravação ou "um pouco" de preocupação e ansiedade com a realização da entrevista. Foram, também, informados os riscos em ambiente virtual. Foram previstas formas de assistência referentes ao atendimento da pesquisadora que é psicóloga e para encaminhamento a serviços de saúde em caso de necessidade. Além disso, a pesquisadora informa a possibilidade da participante pleitear indenização em caso de algum dano provocado por sua participação na pesquisa.

Endereço: Rua Aristides Novis, 197

Bairro: FEDERAÇÃO

UF: BA

Município: SALVADOR

CEP: 40.210-730

Telefone: (71)3283-6437

E-mail: cepips@ufba.br



Continuação do Parecer: 5.425.420

Benefícios: "Apesar dos riscos mencionados, é importante salientar que falar sobre experiências passadas ou atuais pode trazer benefícios através de ressignificações de experiências ligadas às questões trabalhadas nesta pesquisa. Além disso, há o benefício sociais associado a pesquisa que, a médio e longo prazo, pode favorecer a ampliação das discussões da temática em diversas esferas (acadêmicas, escolares, de saúde etc.) que pode influenciar políticas públicas, por exemplo."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de pesquisa a ser desenvolvida em espaço virtual, descrita como qualitativa idiográfica, cujo "objetivo é construir 'generalizações com base na evidência de casos sistêmicos individuais' (Valsiner, 2012, p. 321)". O método de estudo de casos múltiplos a ser desenvolvido por meio de entrevista narrativa definida como "uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas". A amostra: 4 meninas, de 12 até 18 anos, "com perfis sociodemográficos distintos, com o intuito de tornar a discussão mais rica levando em consideração questões interseccionais".

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados para revisão da proposta original do protocolo todos documentos necessários para o tipo de pesquisa:

1. Projeto completo reformulado, com novo instrumental;
2. Cronograma;
3. Folha de Rosto;
4. Formulário de Informações Básicas do Projeto ;
5. Declaração de Concordância com o Desenvolvimento do Projeto de Pesquisa;
6. Termo de Confidencialidade;
7. Termo de Compromisso do Pesquisador;
8. Termo de autorização da instituição proponente;
9. Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) para participantes de 18 anos (anexo 1);
10. Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) para responsáveis (anexo 1);
11. Termo de Assentimento Livre esclarecido (TALE) para adolescentes entre 12 e 17 anos (anexo 2);
- 12- Justificativa para emenda apresentada referente às alterações no projeto original.

Endereço: Rua Aristides Novis, 197

Bairro: FEDERAÇÃO

CEP: 40.210-730

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3283-6437

E-mail: cepips@ufba.br

**UFBA - INSTITUTO DE
PSICOLOGIA (IPS) DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA
BAHIA**



Continuação do Parecer: 5.425.420

Recomendações:

Revisão gramatical nos TCLE e TALE

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O protocolo, versão 5, refere-se à emenda de proposta aprovada anteriormente pelo CEP. Constatam na proposta alterações significativas em relação ao projeto original, a saber: título, perfil (faixa etária) do público, objetivos, instrumental, o estudo passou a assumir a abordagem teórica metodológica pautada na perspectiva das relações de gênero. Como houve alteração da idade das participantes, foi acrescentado TCLE direcionado às meninas de 18 anos. Assim, o protocolo foi reavaliado, pendências foram identificadas e nesta nova versão foram respondidas satisfatoriamente.

- 1- Os termos TCLE e TALE foram corrigidos e inseridos os riscos de pesquisa em espaço virtual.
 - 2- No TALE foi retificada a informação sobre a guarda dos dados da pesquisa, conforme o termo de confidencialidade, assim foi retirado o nome do Profº Neander;
 - 3- Por fim, o cronograma foi ajustado com data para a coleta de dados posterior à aprovação do CEP.
- Trata-se de proposta de pesquisa considerada com risco moderado por envolver a participação de adolescentes no espaço virtual, entretanto os benefícios previstos tendem a superar os riscos. Assim, como as pendências foram respondidas satisfatoriamente, recomenda-se aprovação do protocolo.

Considerações Finais a critério do CEP:

Eventuais modificações ou emendas realizadas nesse protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas.

O pesquisador deverá apresentar relatório a este CEP após a conclusão da pesquisa. Solicitar modelo ao CEP quando de sua elaboração.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_1886667_E1.pdf	06/05/2022 13:10:23		Aceito

Endereço: Rua Aristides Novis, 197

Bairro: FEDERAÇÃO

CEP: 40.210-730

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3283-6437

E-mail: cepips@ufba.br

UFBA - INSTITUTO DE
PSICOLOGIA (IPS) DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA
BAHIA



Continuação do Parecer: 5.425.420

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	06/05/2022 13:08:21	CARLA MAGALHAES MIKULSKI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	06/05/2022 13:07:58	CARLA MAGALHAES MIKULSKI	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	06/05/2022 13:07:46	CARLA MAGALHAES	Aceito
Declaração de concordância	Termo_de_Concordancia.pdf	21/03/2022 21:03:41	CARLA MAGALHAES	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_de_Confidencialidade.pdf	21/03/2022 21:02:57	CARLA MAGALHAES	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Termo_de_Autorizacao.pdf	21/03/2022 21:00:56	CARLA MAGALHAES MIKULSKI	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	21/03/2022 20:56:23	CARLA MAGALHAES	Aceito
Outros	Termo_Compromisso.pdf	12/03/2022 10:41:45	CARLA MAGALHAES	Aceito
Outros	Carta_Justificativa.pdf	12/03/2022 10:40:20	CARLA MAGALHAES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_CarlaMikulski_v2.pdf	19/01/2022 10:14:19	CARLA MAGALHAES MIKULSKI	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 23 de Maio de 2022

Assinado por:
Mauro de Oliveira Magalhães
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Aristides Novis, 197

Bairro: FEDERAÇÃO

UF: BA

Município: SALVADOR

CEP: 40.210-730

Telefone: (71)3283-6437

E-mail: cepips@ufba.br